



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Faculdade de Letras
Comissão de Pós-Graduação e Pesquisa

Entre redes de discursos e de pesca:
performances narrativas de mulheres pescadoras em Arraial do Cabo

Maria Aparecida Gomes Ferreira

Rio de Janeiro

Abril de 2016

Maria Aparecida Gomes Ferreira

**Entre redes de discursos e de pesca:
performances narrativas de mulheres pescadoras em Arraial do Cabo**

Tese de doutorado apresentada ao Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada na Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para obtenção do Título de Doutor em Linguística Aplicada.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Paulo da Moita Lopes

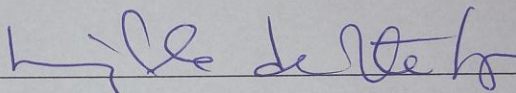
Rio de Janeiro
Abril de 2016

Maria Aparecida Gomes Ferreira

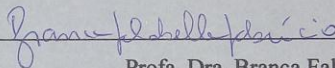
**Entre redes de discursos e de pesca: performances
narrativas de mulheres pescadoras em Arraial do
Cabo.**

Tese de doutorado apresentada ao Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada na Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para obtenção do Título de Doutor em Linguística Aplicada.

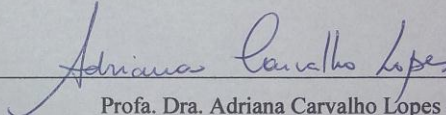
Aprovada em



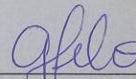
Presidente, Prof. Dr. Luiz Paulo da Moita Lopes - UFRJ



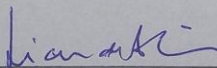
Profª. Dra. Branca Falabella Fabricio – UFRJ



Profª. Dra. Adriana Carvalho Lopes – UFRJ



Profª. Dra. Glenda Cristina Valim de Melo – UNIRIO



Profª. Dra. Liana de Andrade Biar – PUC-Rio

Prof. Dr. Rodrigo Borba – UFRJ (suplente)

Profª. Dra. Liliana Cabral Bastos – PUC-Rio (suplente)

Rio de Janeiro

Abril de 2016

CIP - Catalogação na Publicação

F383e Ferreira, Maria Aparecida Gomes
 Entre redes de discursos e de pesca:
performances narrativas de mulheres pescadoras em
Arraial do Cabo / Maria Aparecida Gomes Ferreira.
-- Rio de Janeiro, 2016.
 199 f.

 Orientador: Luiz Paulo da Moita Lopes.
 Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio
de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa
Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística
Aplicada, 2016.

 1. Performances de gênero. 2. Micronarrativas.
3. Pescadoras. 4. Ordens de indexicalidade. 5.
Escalas Tempo-Espaço. I. Moita Lopes, Luiz Paulo
da, orient. II. Título.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a três grandes exemplos de mulheres em minha vida...

À minha mãe Maria D'Arc,

Que sempre me estimulou aos estudos e me ensinou o ténue equilíbrio entre doçura e coragem, entre delicadeza e firmeza.

À minha Madrinha Cice,

Que sempre me ensinou a viver segundo aquilo em que acreditamos e a dizer-fazer o que pensamos.

À minha Tia Lina,

Que desde cedo me estimulou ao mundo mágico da leitura e sempre incentivou meus voos.

AGRADECIMENTOS

Para que eu chegasse a esse momento, muitas pessoas e influências foram essenciais ao longo do percurso. Citar essas pessoas e influências pode ser perigoso, porque, por vezes, podemos esquecer algum/a. Ainda assim, muito emocionada por me lembrar de cada passo dado até aqui, lanço-me a esse risco.

Primeiramente, agradeço a Deus, à Nossa Senhora de Aparecida (minha madrinha), e aos Espíritos Superiores que me inspiraram e fortaleceram em momentos de cansaço, de insegurança e de dúvida. Assim como essa tese é permeada por paradoxos, embora encene performances de pesquisadora pós-estruturalista, também sou atravessada por paradoxos, porque confio na presença e no apoio de Espíritos de Luz que nos acompanham em nossas trajetórias.

Aos meus queridos pais Hélio Ferreira e Maria D'Arc Gomes Ferreira que me ofertaram gratuita e incondicionalmente, desde meu nascimento, todo amor, todo cuidado e os alicerces de tudo que sou e de tudo que consegui alcançar e conquistar até aqui. Nesses quatro anos em particular, também compreenderam as manhãs e tardes em que me isolava no quarto para estudar e, nos momentos de cansaço ou de insegurança, trouxeram-me palavras de confiança e de apoio, além do preparo, por minha mãe, dos inúmeros sanduíches para os dias em que ficava estudando direto no fundão e dos momentos de descontração e risos, com meu pai, quando relíamos juntos os nomes de alguns conceitos do meu texto e eu tentava explicá-los. Obrigada por tudo, papi e mommy. Vocês são meus tesouros!

Ao meu querido orientador, Professor Luiz Paulo da Moita Lopes, pela confiança, pelo incentivo, pelas inúmeras leituras do meu texto, pelas sugestões de leitura e reflexões sempre ofertados, não somente nos quatro anos de doutorado, mas nos 18 anos de convivência que temos. Quando o conheci, em 1998, no auditório da Letras, apresentado pela minha então orientadora de Iniciação Científica, Profa. Alice Freire, senti uma emoção muito grande, ao apertar sua mão. À época, não soube compreender aquela emoção, que foi sendo explicada, ao longo dos anos, na admiração e no respeito pelo professor e pela pessoa humana que conheci, frutos do convívio e do trabalho diário. A você, minha total gratidão pelos novos mundos e novas narrativas apresentadas. E, principalmente, por sempre me incentivar a continuar

estudando e por sempre me perguntar “você está feliz?”. Aprendi com você que essa é a pergunta que mais importa. Obrigada, Luiz Paulo.

À professora Branca Falabella Fabrício, pelo também constante apoio, carinho e incentivo. Pelos preciosos ensinamentos e postura reflexiva, durante as aulas, nos fazendo perceber como os conceitos, aparentemente tão abstratos, eram igualmente tão tangíveis e concretos nas nossas relações humanas e cotidianas. Obrigada pelos sorrisos, pela leitura minuciosa do meu texto e pelas orientações quando solicitadas e pela sábia citação feita no meu primeiro dia de aula – “it’s interaction that makes the thinking process” – porque foi no Tempo-Espaço por mim percorrido e no debruçar solitário sobre textos e dados que esta narrativa emergiu.

À professora Adriana Carvalho Lopes, por aceitar participar da minha banca de qualificação e pelas valiosas contribuições oferecidas naquela ocasião e, por hoje, compor também minha banca de defesa de doutorado.

À professora Glenda Cristina Valim de Melo, por todas as palavras de apoio e de incentivo ao longo do percurso e por todos os aprendizados compartilhados não somente sobre as teorias estudadas, mas também, e principalmente, sobre as relações humanas. Obrigada por me ajudar a encontrar modos de me reinventar, nessas relações, sempre que necessário, e pela força de suas palavras e pela sabedoria dos seus conselhos.

À professora Liana de Andrade Biar, por prontamente aceitar participar da minha banca de defesa de doutorado e hoje compartilhar esse momento de minha formação.

Aos professores Rodrigo Borba e Liliana Cabral Bastos por também generosamente aceitarem ser os examinadores suplentes da banca de minha defesa.

À querida Dri, minha amiga e irmã preta, que desde o dia da prova de ingresso no doutorado esteve por perto com palavras de carinho, compreensão e encorajamento, que soube respeitar e compreender meus momentos de solidão, silêncio e recolhimento, assim como algumas crises e transformações, mas que também me mostrou que, muitas vezes, é necessário ir à piscina, dançar e se divertir. Ah, e não esquece: amo você!

Ao Ronaldo Fialho, amigo que me apresentou aos pescadores cabistas e ciceroneou meus primeiros passos e aprendizados no universo da pesca, sempre disposto a colaborar com minhas reflexões, aprendizados sobre a cultura local, se mostrando um grande parceiro de trabalho. Obrigada pelos ensinamentos, pelas belas fotos, pelo livro em parceria e pela constante disponibilidade em me ajudar.

Ao colega Paulo Sérgio Barreto que, em diferentes momentos, trouxe importantes esclarecimentos sobre a cultura da pesca de Arraial, que muito ajudaram na compreensão dos dados, sugeriu reflexões e textos a serem lidos e acrescentados, sempre incentivando e aprofundando minhas considerações sobre o universo da pesca cabista. Além, é claro, de generosamente me ceder imagens de sua pesquisa para ilustrar o presente trabalho.

Aos colegas do Instituto Federal do Rio de Janeiro, *campus* Arraial do Cabo, JG, Omar, Japiassu, Botelho, Rizzo, Bruno, Margarete e Giovania, que foram, alguns mais de perto, outros mais de longe, professores que acompanharam minha travessia pelos mares da cultura cabista, assim como me fortaleceram com sugestões de textos e reflexões, conselhos e palavras de encorajamento em diversos momentos.

Ainda entre os colegas do Instituto Federal do Rio de Janeiro, trago especial destaque ao Fernando Teixeira, meu querido (sempre!) vizinho, que acompanhou meus estudos, desde 2010, para entrar no curso de doutorado e sempre me disse que eu conseguiria. Obrigada pelas prosas e pelos cafés da tarde! E à querida Pri, que, apesar de ter chegado mais no finalzinho da jornada, esteve sempre disponível para me ajudar, me salvar no trabalho, me acalmar e, principalmente, me fazer rir, com sua alegria e seu bom-humor sempre marcantes. Ah, e obrigada por ouvir (pacientemente!) meus áudios com mais 4 minutos no zap!

À querida Thagata e ao querido Lenon que, igualmente, sempre se mostraram preocupados e atentos ao andamento do meu curso de doutorado, ouvindo alguns dos meus desabafos, medos e angústias, mas, principalmente, atuando de forma impecável e colaborativa nas atividades profissionais, quando eu, sobrecarregada, não conseguia enviar os materiais das aulas com a devida antecedência, preencher diários ou formulários administrativos. Ambos sempre se disponibilizaram a me ajudar e suprir prontamente em tudo que eu precisava. Obrigada pela compreensão, pelo apoio e pela escuta amiga.

Ainda no IFRJ - CAC, recebi muito carinho e apoio de outros amigos queridos, que também acompanharam parte da minha caminhada e ternamente me acolheram quando, exaurida, precisei sair um pouco da solidão dos estudos e ter alguma vida social. Aos queridos Tutito, Kaladão, Stefy, Laíssa (*in memoriam*), Heberton, Paulo, Auan, Jander e Bruno, agradeço sinceramente os crepes, as pizzas, as idas à praia, ao parque, as partidas de buraco, as paródias e risadas incessantes e por terem me acolhido e sido parte das transformações em mim ocorridas! Em especial, gostaria de agradecer à Stefy por ser “minha irmã mais nova” e companheira nas lutas por respeito diante das desigualdades de gênero e pela linda fantasia de carnaval que fez para mim. À Laíssa (*in memoriam*) por ser uma grande questionadora e problematizadora e me ensinar o valor da Vida, que, às vezes, escapa rapidamente entre os dedos. Ao Auan, por ser meu “caxias favorito” e “fiel escudeiro”, e me mostrar que é possível, sim!, estudar e se divertir, sem que uma coisa impeça a outra. Ao Bruno Nigro, que me mostrou que devemos lutar pelo que desejamos, não importa quão desafiador isso possa ser! Ao Jander, por me ensinar o que é viver plenamente, viver a felicidade do momento presente e viver a plena entrega a tal felicidade. Hoje, vocês já não estão tão próximos de mim, mas, mesmo de longe, vocês estão (e estarão!) sempre comigo!

À querida Hellem que vem acompanhando parte do meu percurso e compartilhando emoções e solidões peculiares ao processo de doutoramento. A você, minha flor, minha gratidão, por nossas conversas e por seus conselhos, minha admiração por sua luz e alegria e o desejo de que sua caminhada seja florida e iluminada, como você é.

À querida Luciana Leitão, que também dividiu parte da sua caminhada de doutoranda comigo e, mesmo depois de doutora, continuou sempre atenta às minhas dúvidas e necessidades, oferecendo palavras amigas e de apoio. Obrigada por sempre tirar minhas dúvidas, flor.

Aos queridos amigos das aulas de doutorado e de reuniões do Projeto: Dudu e José Yo, obrigada pelos abraços cheios de axé e energia! Rick, obrigada pelo carinho e pela alegria de sempre e por me chamar de “super Cida”! Clarissa, obrigada pela sua alegria, sua constante generosidade e seu sorriso lindo, sempre! Mábia, por lutar brava e incessantemente comigo, até o último momento, para conseguirmos uma foto com Butler na Bahia!!! Daniel, por sempre nos trazer dicas de textos importantes e esclarecer dúvidas conceituais pelo zap! Murilo, pelas reflexões bem articuladas nas aulas! Joecy, pelas conversas no corredor, pelos papos no zap, pela doce amizade, pelos bons e sábios conselhos e pelos shows de Jazz!

À Daniela, que acompanhou a fase final dos meus estudos, pelos olhos e ouvidos atentos a todas as palavras que eu oferecia e pela oportunidade de diálogo e reflexão sobre as performances de gênero na minha vida.

À querida Leomar, pelos belos quadros esculpidos para alegrar o ambiente da minha casa e por ter se tornado uma boa amiga de conversas no zap, ainda que no finalzinho do percurso, me ajudando a enfrentar, mesmo sem saber, alguns desafios finais dessa jornada, com constante alegria, serenidade e confiança.

Aos queridos Zé Luiz e Marciano que me ouviam e faziam rir nas horas em que, cansada, eu saía da mesa de estudos para espairecer um pouco.

Aos queridxs alunxs do IFRJ-CAC que compreenderam minha ausência nos seis meses em que fiquei de licença para estudos. E outras companheiras de caminhada como Laura Pires, Luciana Rocha, Thayse e Raquel Oliveira, por dividirem parte da caminhada.

À Rafaela (RESEX-MAR) por ter me cedido prontamente as fotos de ilustrações de barcos que também ilustram a presente pesquisa.

Aos pescadores e às pescadoras de Arraial do Cabo, sem os quais meus aprendizados não seriam possíveis, nem tampouco as reflexões alcançadas neste trabalho.

Aos(às) funcionários(as) da secretaria da Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFRJ, pelas informações fornecidas e ajudas prestadas ao longo do processo.

A todos(as) que, de alguma forma, colaboraram para a feitura desta tese!

“O fato de que minha agência está dividida com um paradoxo não significa que ela é impossível. Significa, apenas, que o paradoxo é a condição da sua possibilidade”.

(BUTLER, 2004, p. 3)

RESUMO

FERREIRA, Maria Aparecida Gomes. Entre redes de discursos e de pesca: Performances narrativas de mulheres pescadoras em Arraial do Cabo. Rio de Janeiro, 2016. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

A presente tese tem por objetivo analisar diferentes modos de encenação e legitimação de performances narrativas de mulheres pescadoras em Arraial do Cabo, considerando os performativos de gênero existentes no município e na literatura sobre as atividades de pesca profissional (FONTENELLE, 1960; MARENDINO; CARVALHO, 2013). Esse objetivo é desdobrado na seguinte pergunta de pesquisa: como diferentes mulheres negociam relações de gênero, encenando e legitimando performances narrativas de pescadoras profissionais em Arraial do Cabo? Para desenvolver estas reflexões, destaco a perspectiva indexical de linguagem e discuto as sociabilidades de pescadorxs como performances narrativas (MISHLER, 1999). Na análise, meu olhar se volta para as micronarrativas (GEORGAKOPOULOU, 2007b) de pescadoras que costumam performances de gênero (BUTLER, 1990) com performances culturais (BAUMAN, 1986) do *ethos* da pesca. Desse modo, esta tese é um estudo de narrativas, geradas a partir de entrevistas (MISHLER, 1986; GUBRIUM; HOLSTEIN, 2003) realizadas com quatro pescadoras, das quais três ganham destaque. O instrumental teórico-analítico adotado abarca o registro da pesca e pistas de contextualização (GUMPERZ, 1972/2002; AGHA, 2005), *footing* (GOFFMAN, 1979/2002), assim como escalas Tempo-Espaço e ordens de indexicalidade (BLOMMAERT, 2010; no prelo). A análise ilustra como as pescadoras se localizam em ordens de indexicalidade e escalas Tempo-Espaço muitas vezes paradoxais e outras vezes liminares e subversivas (MINH-HÁ, 1992; SCOTT, 2000). Essa reflexão é discutida e compreendida à luz da teoria da performatividade (BUTLER, 1993), que explica a convivência de indexicalidades pressupostas e emergentes (SILVERSTEIN, 1998) nas performances analisadas, mas igualmente aponta para desestabilizações de performances de gênero/pescadrx e para transformações sociais em andamento nas culturas de pesca cabista.

PALAVRAS-CHAVE: pescadoras; micronarrativas; performance de gênero; ordens de indexicalidade ; escalas Tempo-Espaço.

ABSTRACT

FERREIRA, Maria Aparecida Gomes. Between fishing and discursive nets: fisherwomen narrative performances in Arraial do Cabo. Rio de Janeiro, 2016. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

This dissertation aims to analyze different ways of performing and legitimating fisherwomen's narrative performances in Arraial do Cabo, having in mind existing gender performatives in the city and in the literature in what concerns professional fishing activities (FONTENELLE, 1960; MARENDINO; CARVALHO, 2013). This objective unfolds into the following research question: how different women negotiate gender relations, when performing and legitimating narrative performances of professional fisherwomen in Arraial do Cabo? With this aim in mind, I rely on the indexical perspective of language and discuss fisherpeople's sociabilities as narrative performances (MISHLER, 1999). In the analysis, I focus on the fisherwomen's small narratives (GEORGAKOPOULOU, 2007b) that sew gender performances (BUTLER, 1990) and cultural performances (BAUMAN, 1986) of a fishing *ethos*. Thus, this dissertation is a study of narratives generated from interviews (MISHLER, 1986; GUBRIUM; HOLSTEIN, 2003) conducted with four fisherwomen, three of which are highlighted. The theoretical and analytical tools adopted include the fishing register and contextualization cues (GUMPERZ, 1972/2002; AGHA, 2005), *footing* (GOFFMAN, 1979/2002), as well as time-space scales and orders of indexicality (BLOMMAERT, 2010; in press). The analysis illustrates how fisherwomen are located in often paradoxical and sometimes subversive and ambiguous (MINH-HA, 1992; SCOTT, 2000) orders of indexicality and time-space scales. This reflection is discussed and understood in the light of the theory of performativity (BUTLER, 1993), which explains the coexistence of presupposed and entailed indexicalities (SILVERSTEIN, 1998) in the analyzed performances. However, it also points to the destabilization of gender/fishing performances and to the social transformations underway in the fishing culture in Arraial do Cabo.

KEYWORDS: fisherwomen; small narratives; gender performance; orders of indexicality; time-space scales.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1 – Pescadora de Arraial do Cabo	p. 34
Foto 2 – Pescadora de Arraial do Cabo	p. 51
Foto 3 – Pescadora de Arraial do Cabo	p. 72
Foto 4 – Pescadora de Arraial do Cabo	p. 89
Foto 5 – Pescadora de Arraial do Cabo	p. 102
Foto 6 – Pescadoras de Arraial do Cabo	p. 165
Foto 7 – Pescadoras de Arraial do Cabo	p. 175

LISTA DE SIGLAS

CNA	Companhia Nacional de Álcalis
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
IFRJ - AC	Instituto Federal do Rio de Janeiro – <i>campus</i> Arraial do Cabo
PIBICT	Programa Institucional de Iniciação Científica e Tecnológica
RESEXMAR - AC	Reserva Extrativista Marinha – Arraial do Cabo

LISTA DE SÍMBOLOS E CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

As seguintes pistas de contextualização foram utilizadas para a transcrição:

[texto] Falas sobrepostas	Colchete esquerdo indica o início da sobreposição de vozes. Colchete direito indica o final.
= Fala engatada	Indica que não há espaço entre a fala de um interlocutor e a fala do outro.
(.) Micropausa	Equivale a menos de 0.2 segundos de ausência de fala ou vocalização.
(0.2) Indica tempo de pausa	A pausa é medida em segundos, indicando ausência de fala ou vocalização.
, Entonação contínua	Indica entonação contínua como a que ocorre ao listar itens.
::	Indica alongamento de vogal ou consoante
-	Autointerrupção da fala em curso.
TEXTO	Em maiúsculas, indica tom de voz mais alto em relação ao contexto anterior e posterior de fala.
(texto)	Comentários, explicação ou inserção de informação implícita ou não evidente no excerto.
(inaud)	Trecho de áudio não compreendido.
?	Indica entonação da voz em tom interrogativo.
↓↑	Indica entonação descendente ↓ ou ascendente ↑ da voz.
(...)	Sequência de interação não transcrita ou recortada da transcrição.

Adaptado de Schnack, Pisoni e Osterman (2005).

SUMÁRIO

Introdução	p. 19
1. A produção epistêmico-narrativa na contemporaneidade	p. 35
1.1. A modernidade e suas “inter(in)venções” binárias	p. 38
1.2. A invenção/repetição das sociabilidades generificadas nos discursos	p. 41
1.3. Performances instáveis/liminares na contemporaneidade	p. 46
2. Linguagem como performance e prática iterável	p. 52
2.1. Sobre alguns efeitos da visão modernista de linguagem	p. 52
2.2. Sobre indexicalidades e significados (trans)locais	p. 54
2.3. Sobre a visão performativa de linguagem	p. 66
3. Sociabilidades como performances narrativas	p. 73
3.1. Sobre performances e performatividade	p. 74
3.2. Performativos de gênero	p. 81
3.3. Performances narrativas	p. 85
4. Contextualizando performances narrativas de pescadoras e pesquisadora: reflexões metodológicas.....	p. 90
4.1. Entrevistas como práticas narrativas	p. 90
4.2. Pescadoras e pesquisadora: tramas narrativas e discursivas	p. 95
4.3. Sobre o processo de geração de dados	p. 99
4.4. Considerações acerca da transcrição dos dados	p. 101
5. Redes discursivas no mar e na lagoa: pescadoras em ação	p. 103
6. Algumas considerações	p. 166
Referências Bibliográficas	p. 176

Anexo I	p. 190
Anexo II	p. 192
Anexo III	p. 193
Anexo IV	p. 194
Anexo V	p. 197
Anexo VI	p. 198
Anexo VII	p. 199

Introdução

“Ninguém [apenas] conta uma estória, mas organiza um espaço[-tempo]”.

(Klepper, 2013, p. 20)

É corrente nas sociedades o entendimento de que uma fronteira atuaria como linha divisória entre duas partes distintas. A função dessa linha seria limitar territorialidades, temporalidades, modos de organização social e pertencimento, entendidos como claramente definidos. O projeto da modernidade nos mostrou que mais do que servir a propósitos geográficos, as fronteiras podiam também definir temporalidades, disciplinaridades, práticas sociais/culturais, línguas e sociabilidades (VENN, 2000; BAUMAN; BRIGGS, 2003). Nesse sentido, o sociólogo Zygmunt Bauman (1992/2007, p. xvi) afirma que “a modernidade lutou contra o verdadeiro inimigo: a área cinzenta da ambivalência, indeterminação e indecisão”, posto que seu objetivo era distinguir, classificar e hierarquizar sociabilidades e práticas culturais, tendo como base o que ficou definido como pensamento europeu, então, reconhecido como o modelo de civilização a ser seguido, na conquista do chamado “novo mundo”.

Essas fronteiras, nomeações e estabilidades, no entanto, não passavam de ficções sociais que supunham ser possível controlar a vida social, limitar as diversidades e evitar contingências e imprevisibilidades sempre tão presentes (BAUMAN, 1992/2007; LATOUR, 1994). Se os fluxos que caracterizam toda vida social “não fixam o espaço, nem prendem o tempo” (BAUMAN, 2001, p. 8), eles precisariam ser eliminados ou deslegitimados em prol da certeza, do universal e da verdade. O que Bauman (2001) vem destacar, contudo, é que a invenção das fronteiras não garantiu, de modo algum, a estagnação e a imutabilidade da vida social, porque esses limites eram apenas ficcionais. Partindo da premissa de que as práticas discursivas são (trans)locais, situadas e provisórias, ainda que existentes, ressalto que essas fronteiras nunca impediram a fluidez dos textos e das sociabilidades, assim como a pluralidade dos significados.

Frente a isso, o presente estudo se alinha aos estudos conhecidos como pós-estruturalistas (ver capítulo 2), destacando não somente a transgressão de fronteiras (JENKS, 2003; SULLIVAN, 2003; LOURO, 2008) como também, e principalmente, o ato de estar na fronteira ou nos entre-lugares (MINH-HÁ, 1992; BHABHA, 1998; MIGNOLO, 2000/2003; MOITA LOPES; BASTOS, 2010). Ao discutirem questões para além da identidade,

estudiosos/as como Moita Lopes e Bastos (2010) e Louro (2008; 2010) criticam análises dicotomizadas por fronteiras que, embora denunciem práticas de desigualdade ou violência social, acabam por reforçar limites identitários.

Em diálogo com essa perspectiva e apontando para os múltiplos trânsitos no tempo e no espaço, Bhabha (1998) chama atenção para as práticas liminares dos entre-lugares. Para esse autor, os “‘entre-lugares’ fornecem o terreno para elaboração de estratégias de subjetivação (...) que dão início a novos signos de identidade [sic] e postos inovadores de colaboração e contestação” (BHABHA, 1998, p. 20). Localizar-se nesse tempo-espaço intersticial significa mais do que transgredir uma fronteira, visto que no atravessamento das fronteiras ainda mantemos visões dicotômicas, por simplesmente sair de um lado para adentrar outro (JENKS, 2003). A visão pós-identitária exalta, então, o caráter provisório, instável, dinâmico e paradoxal da transfronteira (FABRÍCIO, 2006/2014).

Em outras palavras, tal postura implica não assumir nenhum dos lados de uma fronteira, mas ambos de uma só vez de forma ambígua, contraditória, instável e opaca, podendo, ainda, contestá-los e ratificá-los ao mesmo tempo (BHABHA, 1998). A transfronteira, por conseguinte, clama por novas nomeações e maneiras mais móveis de conceber a vida social (MOITA LOPES, 2006; PENNYCOOK, 2006), pelo inimaginável e irrepresentável (BHABHA, 1998), destacando o que é contingencial e transitório, ao invés daquilo que é regular e estável. Desse modo, compreendo os “‘entre-lugares’” como uma ressignificação das fronteiras, uma vez que elas passam a ser vistas como “‘estratégicas e contingentes’” (MINH-HÁ, 1992, p. 138).

As sociabilidades intersticiais ora em tela são de pescadoras¹ da cidade de Arraial do Cabo, cujas histórias² são aqui analisadas. Tanto o senso comum quanto a tradição de estudos

¹ Ao longo do texto, realizarei a marcação do gênero feminino sempre que me referir às pescadoras, para trazer visibilidade a essa sociabilidade generificada. Reconheço que essa marcação pode ser lida como um reforço dos binarismos de gênero aqui criticados (Rocha, 2013). No entanto, em virtude da pouca discussão acadêmica sobre a sociabilidade de pescadora (Woortmann, 1992; Motta-Maues, 1999), adoto a escrita generificada no feminino – pescadoras – como posicionamento político e epistemológico. Não obstante, também faço a dupla marcação de gênero no singular e no plural, semelhante a Rocha (2013), em diversos outros momentos. E, por fim, ressalto que ao discutir as performances de gênero na cultura da pesca, adoto a escrita pescadorxs como forma de trazer visibilidade aos entre-lugares e às transfronteiras, assim como ao caráter interdependente dos gêneros nas práticas ora analisadas, pois entendo que o x, nessa escrita, colabore na instauração do caráter ambíguo, incógnito e opaco que desejo trazer para as reflexões apresentadas nesta tese.

² É comum na literatura vermos autores oscilando entre os termos estória e história para se referir aos estudos sobre/de narrativas. Por esse motivo, ao longo do meu texto, coexistirão as duas formas, dependendo dos autores citados. Conquanto possam existir usos diferentes para esses termos, destaco que não faço distinção entre eles,

culturais nos mostram que as histórias de pescador são geralmente associadas a feitos grandes, heróicos e perigosos (COLAÇO; VOGEL; VALPASSOS, 2007), narrados de forma estilizada como aponta o antropólogo da linguagem Bauman (1986), o que leva seus interlocutores a crer que haveria inverdades nas narrativas. Apesar de comporem as culturas de pesca, os possíveis exageros nas “histórias de pescador” não são o foco da presente discussão.

Meu objetivo é analisar os efeitos materiais, corpóreos e discursivos, das narrativas investigadas, sem, contudo, ratificar ficções performativas de gêneros (ver capítulo 3). Assim, busco trazer visibilidade a performances de pescadoras, geralmente pouco valorizadas nos estudos acadêmicos e nas comunidades pesqueiras (WOORTMANN, 1991; MOTTA-MAUES, 1999), e que, no presente estudo, são marcadas por ambiguidades e paradoxos. Assim, alerto que não pretendo responder à pergunta “quem são as narradoras-pescadoras?”, muito comum aos estudos narrativos. Ao contrário, procuro mostrar como tais narrativas localizam os/as narradores/as em espaços e temporalidades ambíguos. De antemão, gostaria de destacar que, embora a noção de localização seja muito associada à dimensão espacial, pretendo tratar as noções de Espaço e Tempo de forma irremediavelmente interconectada e inseparada (WALLERSTEIN, 1998; BLOMMAERT, 2010; no prelo), de modo análogo ao já proposto por Bakhtin (1981), com a discussão sobre cronótopos.

Bakhtin (1981) nomeia cronótopos a inseparabilidade das noções de tempo e espaço nos processos de contextualização de toda obra literária. Para Bakhtin, toda linguagem é cronotópica (*op. cit.*, p. 251) e, portanto, toda prática discursiva também o é³. Dialogando com tal ideia, Blommaert (no prelo) sugere que adotar a noção de Tempo-Espaço na contextualização dos dados implica trazer outro olhar aos estudos da linguagem. Fruto dos estudos da Antropologia Linguística (e outras áreas do conhecimento), essa nova visada complexifica as análises discursivas, trazendo ênfase à instabilidade dos seus significados e efeitos, porque compreende qualquer evento sócio-discursivo como sendo multi-escalar.

Tempo-Espaço (BLOMMAERT, no prelo) é uma outra maneira de se referir ao conceito de cronótopos de Bakhtin (1981) e envolveria dois lados de uma mesma moeda, pois

por entender que tanto “estória” quanto “história” são invenções sociais e, da perspectiva que assumo, nenhum desses termos evocaria o ideal de verdade.

³ Bakhtin (1981) propõe uma série de reflexões sobre obras literárias. No entanto, em diversos momentos, esse autor também sugere que essas mesmas reflexões podem ser observadas na linguagem ordinária e cotidiana. Assim, embora Bakhtin (1981, p. 84) proponha que cronótopos seria “uma categoria constitutiva formalmente da literatura, [advertindo, ainda que] não pretende lidar com [o conceito] cronótopos em outras áreas da cultura”, esse conceito se tornou cada vez mais conhecido nos estudos mais recentes no campo da linguagem (Blommaert, no prelo).

não seria possível pensarmos em uma temporalidade sem definir uma espacialidade e vice-versa. Desse modo, Tempo e Espaço, além de invenções humanas, seriam os “parâmetros mais elementares da nossa existência” (WALLERSTEIN, 1998, p. 71), podendo, ainda, ser associados à discussão sobre fronteiras e transfronteiras, já que a História e a Geografia tradicionalmente costumam delimitar espaços e temporalidades. No caso da presente tese, adotar o conceito de Tempo-Espaço, de modo inseparável, para a contextualização da pesquisa e discussão dos dados não somente complexifica a análise proposta, como também permite uma compreensão mais dinâmica e fluida dos fenômenos investigados, além de envolver a convergência das esferas local e não-local nos processos de contextualização (ver seção 2.2).

Além de repensar os modos de contextualização de uma pesquisa, ao longo da presente discussão, outros conceitos serão revisitados e entrelaçados uns nos outros. Cito brevemente alguns, nesse momento, para ilustrar o Tempo-Espaço de minha enunciação, que, conforme sugerido por Mishler (2002), envolve um processo narrativo de construção de sentidos acerca da prática investigativa. Para esse psicólogo social, “a prática científica é uma forma de vida que não está isenta do processo de tempo narrativo” (*op. cit.*, p. 117), uma vez que, para compreensão tanto de narrativas quanto da produção epistêmica, deveríamos partir do seu sentido final em direção aos eventos passados na projeção de uma coerência narrativa (MISHLER, 1999; GUBRIUM; HOLSTEIN, 2003).

Chamando atenção para a “mão dupla do tempo”, Mishler (2002, p. 105) nos diz que “o passado não está gravado em pedra e os significados dos eventos e experiências estão constantemente sendo reenquadrados dentro dos contextos de nossas vidas correntes e em curso”, sendo, ainda, continuamente rehistóriados dependendo de como posicionamos nós mesmos e os outros nas redes de relações sociais. Ou seja, da mesma maneira que “um narrador seleciona e organiza experiências e eventos de forma que contribuam coletivamente para o propósito pretendido da história” (MISHLER, 2002, p. 106), meu trabalho como pesquisadora também envolve a seleção de construtos teórico-metodológicos e excertos das entrevistas que contribuam para ilustrar as reflexões ora apresentadas.

Assim, por entender toda produção epistêmica como uma prática narrativa, destaco, acompanhando Mishler (2002, p. 116), “as limitações inescapáveis dos nossos achados e das nossas teorias de pesquisa” e lembro que as reflexões aqui apresentadas estão imbricadas nas visões teórico-metodológicas que sustentam minha compreensão da vida social e nas

múltiplas dimensões Tempo-Espaço que compõem os processos de contextualização dos dados. Feitas essas considerações, apresento, a seguir, breves considerações sobre o Tempo-Espaço de minha enunciação e sobre a emergência do meu interesse de pesquisa.

Terra e mar: territorialidades generificadas em Arraial do Cabo

“tem mulher metida (...) é mulher que quer ser homem (.) eu vou dizer uma coisa pra você (.) eu discordo da mulher na função do homem (...) o homem é o homem (.) é o cabeça da mulher”
(Trecho de entrevista com Bonifácio)

Colling e Tedeschi (2015, p. 644) apontam que “nossa cultura cristã ocidental construiu para as mulheres e homens diferentes papéis [sic] para que desenvolvessem tarefas e ocupassem posições em nossa sociedade, (...) [por serem] produzidos por construções sociais diversas”. Essa divisão de esferas de atuação era geralmente marcada por uma hierarquização e localizava os homens em atividades produtivas (ou de maior agência) e as mulheres naquelas reprodutivas. Por atividades reprodutivas, Colling e Tedeschi (2015, p. 647) se referem ao “cuidado dos filhos, da casa, dos doentes, além das demais tarefas domésticas”. Não podemos, contudo, deixar de atentar para a ambiguidade do signo “reproduzir” que pode também significar “produzir novamente”, “imitar” ou, até mesmo, “perpetuar ou manter”.

Assim, esses autores lembram que as profissões tradicionalmente relacionadas às mulheres seriam as de secretária, professora, enfermeira, decoradora, costureira, cabeleireira, que apontariam para práticas que envolvem o cuidado (lembrando a experiência da maternidade), a vida doméstica ou a preocupação exacerbada com a beleza – características tipicamente atribuídas às performances de feminilidade (ver capítulo 3). Ao falarem sobre um passado mais remoto e sobre a vida de escravas, forras ou mulheres brancas pobres, Colling e Tedeschi (2015) citam também as atividades de rendeiras, passadeiras e vendedoras de doces e salgados, que, de algum modo, lembram bastante algumas práticas culturais de Arraial do Cabo.

Como discuto com maior aprofundamento no capítulo 4, “o papel [sic] da mulher no passado de Arraial era definido apenas como dona de casa, mãe, rendeira (de bilro) e salgadeira de peixe” (FONSECA-KRUEL; PEIXOTO, 2004, p. 181). Não obstante, a mulher também cortava lenha e trazia água potável para dentro de casa (FERREIRA; FIALHO, 2013). Todas essas práticas fazem parte da cultura e das tradições de Arraial do Cabo que,

historicamente, é conhecida como uma aldeia, ou um arraial, de pescadores (BRITTO, 1999) e que exalta a figura masculina (FONTENELLE, 1960) e coloca a feminina em segundo plano de agência.

Quando cheguei à cidade de Arraial, em agosto de 2010, fui me deparando com vários desses discursos e crenças sobre os moradores e pescadores locais. Tinha sido aprovada em um concurso público para docentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro de Arraial do Cabo (IFRJ-AC, doravante) e passaria a fazer parte daquela comunidade, a partir de então. Gostaria de destacar que, antes de começar a trabalhar no IFRJ – AC, eu nunca tinha estado em Arraial. Desse modo, tudo era uma grande novidade para mim e, aos poucos, comecei a despertar interesse pelas relações sociais estabelecidas entre/com os pescadores daquela localidade, de forma hierarquizada.

Foi nesse Tempo-Espaço que meu interesse por estudar pescadores emergiu. Porém, uma vez que não tinha conhecimento algum sobre qualquer prática de pesca ou sobre os costumes locais, precisei mergulhar nesse universo para começar a entender valores e dilemas envolvidos na(s) cultura(s) de pesca de Arraial do Cabo e suas sociabilidades. Assim, pude conhecer um pouco da cultura e da história dos sujeitos com os quais escreveria minha/nossa narrativa (VENN, 2000; BRIGGS, 2007b; PENNYCOOK, 2010; BLOMMAERT, no prelo).

Em 2011, propus ao IFRJ um projeto de pesquisa de Iniciação Científica PIBITI intitulado “Histórias de vidas de pescadores: memórias, identidade social e patrimônio cultural”, no qual pude contar com a participação de um aluno bolsista – Robson⁴. Robson não foi escolhido aleatoriamente, pois, quando soube que ele era morador local desde nascença e que estava muito engajado nas atividades culturais relacionadas à pesca local, percebi que ele seria de grande ajuda nesse meu aprendizado. Com a colaboração de Robson, pude entrevistar quatro pescadores artesanais (dentre os quais destaco Bonifácio⁵) da mais antiga geração de pescadores locais.

⁴ Robson é um nome fictício dado ao meu orientando-bolsista, assim como o serão os nomes atribuídos aos pescadorxs, por questões de ética de pesquisa (ver capítulo 4). Robson me apresentou a alguns/mas pescadorxs da região, considerados/as como os/as socialmente mais reconhecidos/as e valorizados/as. Em nossas reuniões de orientação, aprendi muito com suas observações sobre as relações culturais da cidade e, inclusive, sobre possíveis assuntos a serem tematizados nas entrevistas. Cabe destacar também que Robson participou de diversas entrevistas durante a geração de dados e por isso aparece em algumas sequências analisadas.

⁵ Bonifácio foi um dos pescadores que entrevistei em 2011, quando propus o Projeto de Pesquisa PIBITI. Ele passou a ser um importante contato para mim no que diz respeito aos aprendizados sobre a pesca local. No capítulo 4, apresento maiores informações sobre a cultura local e sobre minha constituição como pesquisadora de pescadorxs.

Ao longo daquele ano de pesquisa, envolvi-me na aprendizagem das culturas daquela região. Desse aprendizado, destaco que os sistemas produtivos de pesca não são apenas procedimentos técnicos, mas “táticas de vida” (BRITTO, 1999, p. 41) e que a organização social dos pescadores ou a cultura da comunidade de pesca seriam “formas de existência social” (*id.*) e uma “prática através da qual os pescadores traçam sua identidade social” (BRITTO, 1999, p. 20). Ou seja, a cultura de pesca em Arraial do Cabo desenha contornos para existência (ou não) de sociabilidades que, como veremos, estão entrelaçadas em performances de gênero, organizadas e hierarquizadas socialmente. Com o passar do tempo, novas reflexões foram emergindo em meu aprendizado, como o conhecimento de que haveria mulheres que também pescavam em embarcações⁶.

Ratificando a divisão laboral citada no início dessa seção, a literatura sobre pesca sugere que “homens e mulheres têm papéis [sic] bem delimitados na divisão sexual [sic] do trabalho [na pesca] (...). Aos homens fica reservado o dever de garantir o sustento da casa indo ao mar” (CAVALCANTI, 2008, p. 3), enquanto que “às mulheres fica reservado o espaço da coleta de mariscos, moluscos, algas, camarão e coisas que se pode pegar na beira de praias, lagos e rios, ou seja, o extrativismo em geral” (*id.*). Em outras palavras, percebemos que a mulher é parte das culturas de pesca, mas que esse Tempo-Espaço costuma ser associado às atividades na terra ou descrito como complementar (salgando, escalando, filetando ou vendendo peixe), secundário e menos visível do que o do pescador (MARENDINO; CARVALHO, 2013), muitas vezes em função de ficções tradicionais sobre masculinidade.

No caso específico de Arraial do Cabo, é comum a existência de mulheres que pescam de linha nas pedras, outras que são marisqueiras (catadoras de mariscos) (Ministério do Meio Ambiente / ICMBIO, no prelo) e aquelas que atuam de modo complementar na pesca, como salgadeira, fileteira e rendeira (FONTENELLE, 1960; FONSECA-KRUEL; PEIXOTO, 2004). Desse modo, saber da existência de mulheres pescadoras em embarcações foi um dado fundamental no processo de constituição da presente pesquisa, porque essas mulheres estavam transgredindo “um limite histórico de gênero, o mar. (...) [porque] historicamente, as mulheres sempre estiveram ligadas às atividades de suporte à pesca” (MARENDINO; CARVALHO, 2013, p. 60).

⁶ Conforme discuto ao longo dos capítulos, mulheres não estariam autorizadas (ou legitimadas) a pescar em embarcações (Linsker; Tassara, 2005), em virtude de crenças e performativos de gênero, salvo algumas exceções que serão apresentadas ao longo da presente narrativa.

Essa informação chegou a mim em uma conversa informal na secretaria escolar do *campus*. Fiquei surpresa com essa notícia, pois até então só ouvira falar em homens pescadores e imaginava que o universo da pesca em barcos era exclusivamente masculino. Com esse novo dado, passei a ficar intrigada por que essas mulheres pescadoras não eram citadas nas performances narrativas dos pescadores, nem nas outras interações das quais eu participava. Entusiasmada com as questões de gênero surgidas nas práticas discursivas que estudava, elaborei nova proposta de pesquisa PIBITI – “Redes de discursos e redes de pescadoras: uma reflexão sobre saberes e histórias de vida em Arraial do Cabo” – agora com ênfase em reflexões sobre as performances narrativas das mulheres pescadoras.

Ao longo desse segundo ano de pesquisa PIBITI, com novas reflexões e aprendizados, pude entrevistar quatro pescadoras (Sandra, Helena, Vanda e Antonia), de diferentes gerações, naturalidades, estados civis e modalidades de pescaria. Nas entrevistas, pude aguçar minha curiosidade para compreender as relações de gênero presentes na pesca local, os recursos adotados para legitimar suas performances de pescadoras e como essas performances eram hierarquizadas.

Acerca das relações generificadas nas culturas pesqueiras, Maldonado (1986; 1993), Cascudo (2002), Linsker e Tassara (2005), Colaço, Vogel e Valpassos (2007) são alguns/mas dos/as antropólogos/as que ratificam ficções do performativo de masculinidade na pesca, exaltando características como força, resistência física, coragem e heroísmo, atribuídos aos homens, especialmente quando se trata da pesca em embarcações. Para os autores de “O mar é outra terra”, “ir mar adentro é tarefa masculina. As mulheres pescadoras são, no máximo, marisqueiras – coletam os mariscos, as ostras, os siris e os caranguejos. Só isso. (...). Ou seja, pesca não é serviço de mulher” (LINSKER; TASSARA, 2005, p. 66).

Vale destacar que, dessa perspectiva, a mariscagem, por exemplo, não é considerada atividade de pesca, porque acontece à beira de rios ou praias e não necessita de embarcações. Ou seja, as mulheres podem ser marisqueiras (ou catadeiras) porque tal prática não é reconhecida como atividade de pesca. Ainda segundo esses autores,

costuma-se justificar essas interdições pela fragilidade física natural feminina e pela necessidade de a mulher cuidar da casa, dos filhos, do marido e das tarefas domésticas. Seu universo é o ‘de dentro’, delimitado pelo interior da habitação, em oposição ao mundo dos homens, que é o ‘de fora’. Os homens são o lado mais forte da sociedade, porque deles depende o sustento da família, obtido do lado de fora e que, em sua atividade, significa essencialmente ter coragem para enfrentar os ventos, as ondas e os mistérios do mar (LINSKER; TASSARA, 2005, p. 67).

Nessa citação, fica ainda mais evidente a divisão generificada de Tempos-Espaços para as possibilidades de atuação no universo da pesca. Os performativos de fragilidade e maternidade são naturalizados como sendo femininos, em oposição à força e à coragem, associadas aos homens. Em contrapartida a essa visão, Woortmann (1992), Motta-Maues (1999), Cavalcanti (2008), Marendino e Carvalho (2013) são alguns/mas dos/as autores/as que ilustram diferentes formas de participação feminina na pesca e discutem as relações de gênero nas comunidades pesqueiras, assim como a constante invisibilidade das pescadoras.

Para Woortmann (1992) e Motta-Maues (1999), a responsabilidade por essa invisibilidade é dividida entre os pescadores e os pesquisadores que concentram suas reflexões nas performances masculinas. Por se posicionar contra essa invisibilidade feminina no universo da pesca, a presente tese põe em evidência performances de mulheres que saem para pescar em embarcações em Arraial do Cabo, que seriam Tempos-Espaços normalmente associados à figura masculina (FONTENELLE, 1960; MARENDINO; CARVALHO, 2013). Convém citar, ainda, que o não reconhecimento da mulher pescadora, ou sua ininteligibilidade, vem sendo enfrentado de diferentes modos de organização entre as mulheres e de movimentos sociais.

Uma dessas formas de enfrentamento é, por exemplo, a fundação da Articulação Nacional das Pescadoras (ANP, doravante), que, segundo o Conselho Pastoral dos Pescadores,

representa uma vertente dos movimentos sociais na qual as mulheres começam a inserir junto às questões de seus grupos pontos no âmbito do gênero. Indo de encontro à lógica patriarcal vigente na sociedade, as pescadoras do Brasil perceberam a necessidade em se organizarem coletivamente a fim de garantir direitos que sempre lhes foram negados. Antes vistas só como “ajudantes” de seus maridos, as mulheres do mundo da pesca querem não só o reconhecimento como atoras importantes para a produção pesqueira nacional, mas também como agentes essenciais para a luta das comunidades pesqueiras.

(Disponível em <<http://www.cppnac.org.br/articulacao-nacional-das-pescadoras-a-contribuicao-das-mulheres-para-a-luta-das-comunidades-pesqueiras-do-brasil/>>).

Acesso em nov de 2015.

Tive conhecimento da ANP no dia 18 de abril de 2015, quando ocorreu, no IFRJ-AC, o Encontro das Mulheres do Plano de Compensação de Atividades Pesqueira PCAP-OCEANGEO. Nesse dia, também tive acesso à Carta do IV Encontro da Articulação Nacional das Pescadoras, ocorrido em 2014 (ver anexo 1), da qual destaco o trecho a seguir, em que

encontramos críticas à resposta indiferente apresentada pelo governo frente às atividades e demandas da ANP, citando, ainda, alguns significados cristalizados no tangente a performances de feminilidade:

o cúmulo deste descaso foi o fato do representante do MPA (Ministério de Pesca e Aquicultura), que desconhecendo a nossa organização e o assunto a ser abordado, chegou ao ponto de trazer de brinde aventais e bíblias, como se isto fosse de nosso interesse ou necessidade (Carta Final do IV Encontro da Articulação Nacional das Pescadoras, agosto de 2014)⁷.

Ora, o avental e a bíblia entregues como brindes às mulheres pescadoras são índices da vida doméstica e religiosa, sugerindo, ainda, uma escala Tempo-Espaço da ordem privada e a prática de submissão, como características das performances de feminilidades. Esses dados anedotais ilustram algumas das ficções generificadas nas culturas pesqueiras e das lutas por reconhecimento e legitimidade que as pescadoras enfrentam em seu cotidiano de trabalho.

Outro exemplo dessa divisão generificada de Tempos-Espaços é a performance de Bonifácio, na epígrafe desta seção, onde encontramos a demarcação de uma relação hierárquica do poder do masculino sobre o feminino, tipicamente do pensamento Ocidental/Moderno a partir do século XVI (ver capítulos 1 e 2). Ou seja, para Bonifácio, assim como para outros moradores locais, as corporeidades masculinas e femininas deveriam ocupar escalas Tempos-Espaços ainda tradicionais e, na pesca, a “mulher que quer ser homem” estaria desrespeitando essa fronteira temporal-espacial.

Transgredir esses limites implica uma desobediência a certos padrões culturais ou uma resignificação das performances de gênero na localidade. No bojo dessas resignificações, percebi, durante as entrevistas, que as pescadoras encenavam performances que ora ratificavam a performance de masculinidade, como centro normativo, ora a refutavam. Assim, se por um lado, essas pescadoras repetem e recontextualizam performances estabilizadas de masculinidade, por outro, suas performances também desestabilizam e contestam as sociabilidades de pescador, ilustrando, ainda, formas paradoxais e liminares de conceber tais sociabilidades.

Desse modo, a inovação do presente estudo implica a visibilidade dada às mulheres pescadoras que atuam em Tempos-Espaços antes frequentados exclusivamente por homens, as novas narrativas que compõem esses cenários e as performances intersticiais que hibridizam

⁷ Os grifos da citação são meus e a referida carta está disponível em <<http://www.cppnac.org.br/wp-content/uploads/2014/09/clique-aqui.pdf>>. Acesso em novembro de 2015.

crenças ontológicas existentes acerca das performances de gênero/pescadorxs. O objetivo do presente trabalho é, portanto, analisar diferentes modos de encenação e legitimação de performances de gênero/pescadorxs. Para tanto, apresento como pergunta de pesquisa a seguinte questão:

Como diferentes mulheres negociam relações de gênero, encenando e legitimando performances narrativas de pescadoras profissionais em Arraial do Cabo?

Para responder essa pergunta, proponho outras três questões orientadas por objetivos e categorias analíticas mais específicas, a saber:

- 1. Como as performances narrativas de gênero/pescadorxs são hierarquizadas em diferentes ordens de indexicalidade entre as pescadoras?*
- 2. Como performativos de gênero/pescadorxs são ratificados ou desestabilizados nessas diferentes ordens de indexicalidade?*
- 3. Como as ordens de indexicalidade percebidas nas performances de gênero/pescadorxs localizam as pescadoras em distintas escalas Tempo-Espaço?*

Uma vez apresentados os objetivos e a pergunta de pesquisa, trato, a seguir, de algumas justificativas para esta investigação.

Por que estudar performances narrativas de gênero/pescadorxs?

“Nunca fomos na ponta do focinho (.) la é mar bravo (.) a gente quer enfrentar (.) mas eles não levam (.) é mar alto. (...). Eles não levam porque é mar pra homens de coragem”
(Trecho de entrevista com Sandra)

Conforme citado, Linsker e Tassara (2005) apontam algumas restrições à participação das mulheres na pesca, sustentadas em ficções de performativos de gênero. Por esse motivo, adoto a escrita performances de gênero/pescadorxs, evidenciando o entrelaçamento dessas questões, na presente narrativa. No que diz respeito aos estudos de gênero, gostaria de ressaltar minha compreensão relacional de gênero (ver capítulo 3). Isto é, embora minha

análise recaia sobre mulheres pescadoras, a discussão ora proposta entrecruzará reflexões sobre masculinidades e feminilidades de modo interdependente.

Desse modo, partindo da premissa de que “o desvio de uma pessoa das normas põe a identidade de outra pessoa em risco” (KILIAN, 2013, p. 171), compreendemos por que a figura feminina ameaçaria o ideal de masculinidade na pesca e por que o policiamento e a vigilância das “identidades dos outros tem um papel importante na estabilização da sua própria identidade” (*id.*). Frente a isso, entendo a relevância dos estudos de gênero nas comunidades de pesca, porque visam desestabilizar ontologias acerca dos pescadores. Um exemplo dessas ontologias propõe que os ideais de força, dominação, coragem, sagacidade e resistência física são essenciais à pesca em embarcações e características do performativo de masculinidade, o que, como ficção em si (ver seção 3.2), sustenta outra ficção: a de que a pesca seria uma atividade exclusivamente masculina (WOORTMANN, 1992; MOTTA-MAUES, 1999; LINSKER; TASSARA, 2005).

Desestabilizar ontologias de gênero implica, então, demonstrar que esses ideais de feminilidade e masculinidade são invenções mutuamente dependentes e características de um momento sócio-histórico específico, que ganham estabilidade porque são continuamente citadas (SCOTT, 1986; 1988/1994; BUTLER, 1990; 1993; 1999; LOURO, 1997/2011; CHANTER, 2011). Assim, mais do que afrouxar limites divisórios entre o binarismo de gêneros, a desestabilização que proponho dessas categorias traz visibilidade para o “estar nas fronteiras” ou ao pensamento liminar (MIGNOLO, 2000)⁸.

Tal postura nos permite valorizar aquilo que ocorre nos “entre-lugares” (BHABHA, 1998; MOITA LOPES; BASTOS, 2010), ou ainda, nos não-lugares e nas transfronteiras (FABRÍCIO, 2006/2014), porque imprevisíveis, instáveis e ainda não conhecidos, nem demarcados. Uma vez que esse caráter liminar também é presente nas minhas performances como pesquisadora e na perspectiva teórico-analítica aqui adotada, saliento que a presente pesquisa tem um caráter INdisciplinar (MOITA LOPES, 2006/2014; 2009), porque visa “atravessar/violar fronteiras (...) [e] tentar ‘pensar nos limites’ ou ‘para além dos limites’ que se apresentam nas tradições epistemológicas” (MOITA LOPES, 2009, p. 34).

⁸ Apesar de usarem termos semelhantes ao se referirem às sociabilidades liminares, Bhabha (1998) e Mignolo (2000) trazem contornos específicos para suas respectivas discussões. Bhabha (1998) propõe uma análise de ordem mais cultural, enquanto Mignolo (2000) traz ênfase a questões de territorialidade, produção do conhecimento, poder e hegemonia, em escala global.

Conforme discuto no capítulo 1, acredito que uma das formas de romper com tradições epistemológicas da Linguística Aplicada seria não somente reconhecer o caráter narrativo, da presente produção epistêmica (MISHLER, 1999; 2002), já citado, como também a compreensão que adoto para narrativas e o uso que faço desse construto teórico-metodológico-analítico (GUBRIUM; HOLSTEIN, 2003; MOITA LOPES, mimeo).

Embora reconheça a imprecisão do construto de narrativa (GEORGAKOPOULOU, 2007), em diálogo com De Fina e Georgakopoulou (2008b, p. 275) entendo narrativa como “prática dentro da interação social” ou como prática discursiva⁹. A compreensão de narrativa como prática é parte das transformações pelas quais esse construto, assim como o de identidade, vem passando, como consequência dos processos de globalização, do aumento da mobilidade e do esmaecimento das tradições e compromissos comunais (FABRÍCIO, 2006). A crise conceitual, que se abateu sobre as noções de narrativa e identidade e sua utilidade epistêmica, é discutida nos capítulos 2 e 3, nos quais reflito, com base no conceito de performance, sobre questões relativas à estabilidade, mobilidade, repetição e inovação (BUTLER, 1990; 1994; PENNYCOOK, 2010).

Ainda acerca do conceito de “identidade”, destaco que a tradição de estudos linguísticos vem utilizando esse termo para se referir aos processos de constituição de sociabilidades. Minh-há (1992) e Butler (2001) propõem que, embora tal conceito tenha sua utilidade na esfera política, nós não deveríamos nos limitar a ele. Ciente, portanto, de que o conceito “identidade” implica a noção de mesmidade e de que essa não é a perspectiva aqui adotada, faço a opção pelo construto de “sociabilidade”¹⁰ (MOITA LOPES; BASTOS, 2010).

Desse modo, chamo atenção para as práticas liminares (BHABHA, 1998) e para a urgência de “reconhecer a necessidade de se falar de um lugar híbrido, [e], portanto, de dizer pelo menos, duas, três coisas ao mesmo tempo” (MINH-HÁ, 1992, p. 140), já que os significados não são monolíticos. Em outras palavras, alinho-me a Minh-há e Parmar (1990, p. 72), de modo que

a questão reflexiva [a ser] perguntada, (...), não é mais: *quem* sou eu? mas *quando*, *onde*, *como* eu sou? (...) não existe um verdadeiro “eu” para o qual voltar, (...); existem, na verdade, diversos reconhecimentos de si mesmo através de diferença e

⁹ Maior aprofundamento sobre esse construto será apresentado nos capítulos 3 e 4.

¹⁰ Não obstante esse posicionamento, por conta das citações de outros/as autores/as que faço, o termo identidade poderá coexistir com o de sociabilidade ao longo da presente narrativa.

pontos de intercessão inacabados, contingentes e arbitrários que possibilitam tanto a política quanto a identidade¹¹.

Da citação acima, vale destacar a ideia de “diversos reconhecimentos”, uma vez que o reconhecimento e a legitimação de uma performance (BUTLER, 2004; 2010) são um fio analítico que perpassa a presente discussão. Todavia, o reconhecimento ou a legitimação são aqui pluralizados, porque, além de provisórios, são entendidos como híbridos, descentrados e múltiplos. Assim, as performances narrativas de pescadoras aqui analisadas trazem luz às instabilidades e ambiguidades inerentes a toda sociabilidade, o que vai de encontro à clássica legitimação do sujeito universal da modernidade (VENN, 2000; BAUMAN; BRIGGS, 2003; KLEPPER, 2013) e à busca pela “verdade” nas narrativas ou pelas “certezas” nas produções epistêmicas (GUBRIUM; HOLSTEIN, 2003).

Destaco essas ambiguidades nas performances de gênero/pescadorxs aqui analisadas no jogo que proponho entre as fotos com que adorno a abertura de cada capítulo e as citações que faço da famosa obra “O velho e o mar” de Ernest Hemingway (1952/2011). Em outras palavras, essa obra literária narra uma história de pescador, marcada por performances masculinas e pelos performativos de masculinidade, como força e resistência física, coragem e heroísmo. Por perceber, nessa obra literária, performances que considero sexistas¹², além da exaltação do universo masculinizado da pesca, optei por emoldurar, propositadamente, cada capítulo com uma citação dessa obra, provocando ambivalências com imagens femininas de mulheres pescadoras atuando em embarcações. Com esse jogo de ambivalências, visio destacar o que pode ser considerado a linha mestra deste trabalho, a saber: a compreensão de gênero como paródia (ver seções 3.1 e 3.2).

Frente a tais pontos, espero contribuir para o aprofundamento das reflexões sobre os processos de legitimação de performances narrativas de gênero/pescadorxs, por meio da teoria da performatividade (BUTLER, 1990; 1993), assim como salientar o caráter histórico e contingente inerente às mesmas. Desta forma, esta tese está organizada do seguinte modo. No capítulo 1, apresento algumas reflexões sobre a produção epistêmica na contemporaneidade, entendida como prática narrativa, provisória e híbrida, em contraposição aos ideais da modernidade. No capítulo 2, discuto a visão de linguagem adotada no presente estudo citando

¹¹ Grifos no original.

¹² A meu ver, a primeira citação, que recorro para emoldurar o primeiro capítulo teórico, seria um exemplo dessas performances sexistas.

algumas implicações políticas e éticas dessa escolha. Em outras palavras, por compreender a linguagem como performativa, destaco o caráter socioconstitutivo da linguagem, sua historicidade/iterabilidade, assim como a convivência paradoxal de múltiplas indexicalidades, escalas e significados em todo enunciado.

Dada a centralidade das performances narrativas de gênero na presente pesquisa, no capítulo 3, debruço-me sobre o conceito de narrativa, assim como sobre aquele de performances de gênero, à luz da teoria da performatividade. Dessa perspectiva teórica, articulo a discussão sobre performances narrativas e performances de gênero, como um processo marcado por contínuos devires. No capítulo 4, reflito sobre a metodologia de pesquisa adotada e discuto dados da contextualização dessa pesquisa em Arraial do Cabo, como suas tradições e relações de gênero. No capítulo 5, analiso algumas performances narrativas de pescadoras da referida localidade e, por fim, no capítulo 6, trago algumas considerações provisórias da presente investigação.

“O velho [A velha] pensava sempre no mar como sendo ‘la mar’, que é como lhe chamam em espanhol quando verdadeiramente o querem bem. Às vezes aqueles que o amam lhe dão nomes vulgares, mas sempre como se fosse uma mulher. Alguns dos pescadores mais novos, (...) ao falarem do mar dizem ‘el mar’, que é masculino. Falam do mar como de um adversário, de um lugar ou mesmo de um inimigo. Entretanto, o velho pescador [a velha pescadora] pensava sempre no mar no feminino [masculino], como se fosse uma coisa que concedesse ou negasse grandes favores”
(Hemingway, 1952/2011, p. 32)



(Foto 1 – Pescadora de Arraial do Cabo – Foto de Paulo Barreto)¹³

¹³ No anexo VI, encontra-se a autorização do referido pesquisador para o uso que faço de suas imagens. Além disso, encontra-se, em meu poder, as autorizações das pescadoras fotografadas para utilização de suas fotos neste trabalho.

1. A produção epistêmico-narrativa na contemporaneidade

“Toda experiência social produz e reproduz conhecimento e, ao fazê-lo, pressupõe uma ou várias epistemologias. Epistemologia é toda a noção ou ideia, reflectida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido. (...) Não há, pois, conhecimento sem práticas e atores sociais. E como umas e outros não existem senão no interior de relações sociais, diferentes tipos de relações sociais podem dar origem a diferentes epistemologias”.
(Santos e Meneses, 2009, p. 9)

Conforme apontado na Introdução, a compreensão da produção epistêmica como uma prática narrativa vai um pouco além do que se conhece como pesquisas sobre narrativas e histórias de vida (LINDE, 1998; MISHLER, 1999; WORTHAM, 2001; THORNBORROW; COATES, 2005). Esse posicionamento chama atenção tanto para a responsabilidade ética e política do/a pesquisador/a (e narrador/a) no processo de seleção de construtos teóricos e de dados ilustrativos para seu argumento, quanto para o perspectivismo da análise proposta.

No caso da presente pesquisa, temos uma produção epistêmico-narrativa sobre performances narrativas de pescadoras. Ou seja, em contraposição ao que Santos (1987/2010) chama de paradigma dominante ou à lógica positivista que legitimou os modos de produção de conhecimento na modernidade (VENN, 2000; BAUMAN; BRIGGS, 2003), a noção de narrativa é aqui tomada como construto teórico, metodológico e analítico, de tal modo que o próprio processo de pesquisa e a escrita sobre ele sejam vistos como processos narrativos (MISHLER, 2002).

A centralidade da narrativa está atrelada ao movimento conhecido como virada narrativa, quando o discurso, as narrativas e o conhecimento local passam a ter lugar de destaque nos estudos sociais e linguísticos (ver seção 3.3). Ou seja, se na modernidade (ver seção 1.1), a racionalidade objetiva era considerada o cerne da vida humana e da produção epistemológica (SANTOS, 1987/2010), com a virada narrativa, o cerne passa a ser as práticas discursivas e narrativas (MOITA LOPES, mimeo; KLEPPER, 2013). Em outras palavras, nossas *sociabilidades*, assim como a organização da vida social e a episteme, passaram a ser entendidas como *efeitos discursivos* (FOUCAULT, 1971/2003; BUTLER, 1990) ou *construções narrativas* (VENN, 2000; MISHLER, 2002).

Entender a produção epistêmica como narrativa é uma mudança paradigmática característica da modernidade reflexiva (ver adiante). Para Moita Lopes (2006/2014), essa mudança é responsiva aos fenômenos contemporâneos, que caracterizam a vida social em fluxos, instabilidades e liquidez, clamando por transgressões metodológicas e por novo

instrumental teórico e analítico para nossas análises linguísticas (SANTOS, 1987/2010; BAUMAN, 1987/2010; 1992/2007; 2001). Nesse sentido, Klepper (2013, p. 2) afirma que, na contemporaneidade, a narrativa promete “criar e sustentar formas de conhecimento outras que o modo lógico científico”. Essa nova forma de produção de conhecimento também é sustentada por Santos (1987/2010) com a proposição do “paradigma emergente” e sua vocação transdisciplinar na produção epistemológica. Para Santos (1987/2010), são quatro as teses que alicerçam esse paradigma, a saber:

1) todo conhecimento científico-natural é científico-social. Em outras palavras, a distinção entre natureza e cultura deixa de existir¹⁴, uma vez que não seria possível encontrar um ponto de argumentação fora de qualquer prática discursiva;

2) todo conhecimento é local e total, posto que a distinção entre esferas locais e translocais também deixa de vigorar (ver seção 2.2). Dessa perspectiva, o local passa a ser visto de modo relacional e interpolado no translocal e, com isso, todas as práticas discursivas são entendidas como (trans)locais¹⁵ e sócio-históricas (PENNYCOOK, 2010; BLOMMAERT, 2010);

3) todo conhecimento é autoconhecimento, porque, conforme discuto, “conhecer e ser não são [processos] tão nitidamente separáveis” (VENN, 2000, p. 9), mas compreendidos de modo unívoco. Assim, porque somos seres narrativos, todo conhecimento que produzimos é, de algum modo, uma narrativa especular, onde não há espaço para a ficção de neutralidade científica;

4) “todo conhecimento científico visa constituir-se em senso comum” (SANTOS, 1987/2010, p. 88). De outro modo, dessa perspectiva buscamos extinguir com a hierarquia de ser/saber entre expert e leigos (BAUMAN; BRIGGS, 2003), valorizando o conhecimento tido como vulgar e prático pelo paradigma dominante, uma vez que se entende que “nenhuma forma de conhecimento é, em si mesma, racional; só a configuração de todas elas é racional” (SANTOS, 1987/2010, P. 88).

¹⁴ Conforme discuto ao longo do texto, essa distinção muitas vezes foi associada à ficção na distinção entre sexo e gênero, sendo o primeiro tido como natural e o segundo, cultural. Scott (1988/1994), Butler (1990) e Preciado (2014) são alguns/mas dos/as autores/as que também questionam essa distinção, propondo que sexo e gênero são invenções culturais discursivas (ver seções 3.2).

¹⁵ Adoto a escrita (trans)local para marcar a junção das esferas micro (local) e macro (translocal), de modo interpolado, em todas as práticas discursivas. Maiores explicações para essa articulação são apresentadas na seção 2.2.

Essas premissas do paradigma emergente sustentam o que Boaventura de Souza Santos nomeia de “conhecimento prudente para uma vida decente” (SANTOS, 1987/2010, p. 18). Esse conhecimento viria em resposta à impossibilidade de se escapar das ponderações sobre questões éticas em toda produção epistêmica, uma vez que toda produção de conhecimentos se encontra imbricada em redes de poder, produzindo conhecimentos e desconhecimentos (SANTOS, 1987/2010; SEDWICK, 1990), ou ainda definindo quem pode falar em nome de dado saber, quem seria o interlocutor dessas enunciações, ou mesmo sobre o que se discute (FOUCAULT, 1971/2003; 1979/2011; BLOMMAERT, 2005; 2010).

Por isso, diversos/as estudiosos/as vinculam a produção epistêmica aos processos de subjetivação, convocando-nos à reinvenção das subjetividades envolvidas nas produções epistêmicas (VENN, 2000; MOITA LOPES, 2006/2014; mimeo), assim como à redefinição das temáticas investigativas. Em outras palavras, o conhecimento prudente para uma vida decente deve considerar também que “quando determinados problemas são formulados, isso se faz com o suporte de determinada lógica que permite formulá-los e que, por outro lado, (...) deixa de fora outros problemas, outras perguntas” (LOURO, 2008, p. 68).

A compreensão autônoma sobre o que pode ser (re)conhecido (e o que não pode) deve ser extinta (SANTOS, 1987/2010; SEDWICK, 1993; LOURO, 2008), não somente porque há uma interdependência entre os constituintes de qualquer lógica binária, mas também, e principalmente, porque a narrativa desta tese aposta nas fronteiras e interseccionalidades. O argumento aqui proposto é de uma visão heterônoma de sociabilidades/saberes (VENN, 2000), na qual a dimensão ética é fulcral pelo simples fato de que estar no mundo implica uma relação alteritária e, portanto, uma responsabilidade social (VENN, 2000; FABRÍCIO, 2006/2014; BUTLER, 2010).

Destaco, ainda, a dimensão política de toda produção epistêmica, porque refletir sobre a responsabilidade ética e social de todas as pesquisas implica concebê-las como uma “possibilidade de reinvenção social ou de anunciar futuros alternativos para as nossas vidas” (MOITA LOPES, 2009, p. 34). Assim, salientar a dimensão ética e política de toda pesquisa implica reconhecer questões sobre diferença, desigualdade social e relações de poder como sendo centrais à discussão (VENN, 2000; MOITA LOPES, 2006/2014; PENNYCOOK, 2006/2014; BRIGGS, 2007; BLOMMAERT, 2010). Ciente, portanto, da provisoriedade e do perspectivismo de todas as discussões ora apresentadas, nesse capítulo, proponho-me a

discutir o contexto sócio-histórico em que a presente investigação se insere, assim como alguns ganhos éticos associados à visão de produção epistêmica ora defendida.

1.1. A modernidade e suas “inter(in)venções” binárias

Mia Couto (2009), por meio do neologismo “interinvenções”, propõe que as intervenções que fazemos no mundo podem ser sempre inventivas. Apropriando-me desse neologismo, diria, então, que toda invenção é também uma forma de intervenção no mundo social. Assim, o simples fato de estar no mundo é uma “interinvenção”, porque implica que o inventemos, façamos sentido dele e nele intervenhamos. Afinal, é impossível passar pelo mundo sem deixar nele rastros da nossa sócio-história.

Acerca das nossas invenções epistêmico-narrativas, Moita Lopes (2006/2014, p. 24) propõe que grande parte das teorias que tentam compreender a vida na contemporaneidade caracteriza-se “por uma releitura de visões modernistas, oriundas do iluminismo europeu (tradicionalmente positivista e estruturalista)”. Para que possamos melhor compreender essas releituras, acredito ser conveniente uma breve reflexão sobre o que caracterizou o projeto da modernidade e o processo de ocidentalização (BAUMAN, 1992/2007; VENN, 2000; BAUMAN; BRIGGS, 2003).

Segundo Bauman (1992/2007, p. xi), o tipo de sociedade que ficou conhecida como moderna surgiu com “a descoberta de que a ordem humana é vulnerável, contingente e tributária de fundações confiáveis”. Essa descoberta da contingência não foi, contudo, um feito de uma racionalidade preexistente. Na verdade, a contingência foi descoberta, ou melhor, nomeada, como tal junto da invenção da racionalidade moderna como princípio controlador do mundo. Com essa dupla interinvenção “controle-contingência”, o acaso ou o espontâneo deveriam ser eliminados da sociedade, assim como a ambiguidade e a incerteza, ou, no mínimo, controlados.

Dessa perspectiva, o ser humano moderno passou a enxergar antigos sólidos pré-modernos, como mitos, tradição e religião, “em estado avançado de desintegração” (BAUMAN, 2001, p. 10). Todavia, o forte desejo de derreter esses sólidos pré-modernos não implicava a busca por bases mais fluidas e líquidas (FABRÍCIO, 2006), mas a invenção de novos sólidos, mais duradouros, na ilusão de melhor prever e controlar o mundo (BAUMAN,

2001). Ou seja, a crença nos ideais da verdade, da certeza e do controle são invenções da modernidade.

Essas invenções da modernidade trouxeram para o centro da história a figura do ser humano, na lógica conhecida como antropocentrismo, que tomava o lugar dos discursos teocêntricos. Isto é, se a liberdade de ação e de criação estava antes associada à figura divina e ao discurso religioso, agora estaria relacionada ao sujeito da modernidade. Essa “entrada triunfante do Homem [sic]” (BAUMAN, 1992/2007, p. xii) na história coincidiu com “um processo de desprovincialização da Europa” (BAUMAN; BRIGGS, 2003, p. 3) e com a ocidentalização do mundo. Mais ainda, coincidiu com a instituição de práticas capitalistas e colonialistas e com a legitimação de uma sociabilidade idealizada, caracterizada como sendo masculina, branca, europeia, urbana, civilizada, racional, letrada e heterossexual¹⁶ (BAUMAN, 1992/2007; GIDDENS, 1997; VENN, 2000; BAUMAN; BRIGGS, 2003; MOITA LOPES, 2006/2014).

Assim, “modernizar” o mundo significava, então, desligar-se do seu passado obsoleto e voltar-se para o progresso e a emancipação no presente/futuro (LATOUR, 1994). Podemos dizer que essa dualidade teria sido a primeira (dentre muitas!) proposta pelo projeto da modernidade, a saber, passado *vs.* presente/futuro. Ou seja, passado e presente/futuro estariam relacionados ao conhecimento não moderno e moderno, ou à natureza e à cultura, respectivamente (LATOUR, 1994; BAUMAN; BRIGGS, 2003).

Da mesma maneira que contingência-controle foram coinventados, Giddens (1997/2005) lembra que ao instituir essa divisão temporal, a modernidade compreendida como racional, iluminada e pura inventa a tradição e a define como seu lado sombrio, híbrido e impuro. Além disso, cabe destacar que a distinção temporal passado *vs.* presente/futuro vem associada à separação das dimensões Tempo e Espaço como se essas fossem categorias distintas e independentes (WALLERSTEIN, 1998; BAUMAN, 2001).

¹⁶ É importante destacar aqui que a menção ao “Homem moderno” (sic) diz respeito a um ideal da modernidade que, como veremos a seguir, não se concretizou (Latour, 1994). Trago essa ressalva porque toda a discussão ora realizada defende visões plurais sobre os significados e as práticas, inclusive, sobre aqueles do projeto da modernidade. Desse modo, seria no mínimo contraditório afirmar que a modernidade ou o “Homem moderno” teriam significados fixos e monolíticos. Butler (2001, p. 84) chega a indagar sobre “a modernidade de quem?” estaríamos falando, ao analisarmos práticas culturais. No entanto, ela também propõe que “questionar uma categoria não significa descartá-la (...) [ou] negar sua utilidade ou até mesmo necessidade” (*id.*). Assim, alinhando a Butler (2001) na defesa de que a ideia de modernidade pode ser citada, como um ideal que norteia inúmeras práticas, já que esse ideal foi uma referência histórica que precisa ser problematizada, mas que é igualmente importante manter “uma relação crítica com a modernidade” (*op. cit.*, p. 84).

Seguindo essa visão dicotomizada, o espaço era associado ao lado “sólido e impassível, pesado e inerte” (BAUMAN, 2001, p. 16), i.e., fixo e delimitável, enquanto o tempo seria fluido e dinâmico. Ressalto, ainda, o fato de que a ênfase moderna sobre os espaços, e o conseqüente apagamento das suas temporalidades, é mais uma pista histórica do processo de essencialização dos binarismos modernistas (BLOMMAERT, 2006; 2010; LOURO, 2008), apagando a história de suas invenções, como se eles tivessem existido como tal desde sempre.

Esse binarismo temporal passado *vs.* presente/futuro foi acompanhado de muitos outros, como a distinção entre “rural (ou aborígine), classe baixa, ignorante, à moda antiga, indígena – em uma palavra, provinciano – contra o urbano, a elite, o educado, o cosmopolita, isto é, o moderno” (BAUMAN; BRIGGS, 2003, p. 2). Essas oposições também podem ser pensadas junto do processo de ocidentalização, que igualmente propôs binarismos que hierarquizam e organizam seus constituintes de modo que um termo é definido como central e o outro como derivativo (SCOTT, 1988/1994; SEDWICK, 1990; VENN, 2000; SULLIVAN, 2003; LOURO, 2008; CHANTER, 2011).

Pensar os binarismos da modernidade de forma mutuamente dependente implica refletir sobre dimensões éticas e políticas do estar no mundo. O exercício de distinguir sujeitos superiores (modernos) de inferiores (não modernos) tem reflexos nas nossas sociabilidades, relegando, historicamente, negros, colonizados, pobres e mulheres à condição de inferiores (GONÇALVES, 2006). Conforme discuto na seção 2.1, essa distinção é alinhavada em uma visão de linguagem (BAUMAN; BRIGGS, 2003), que define sociedade, ciência e discurso como áreas autônomas (LATOUR, 1994).

Latour (1994) chega a questionar a realização dos ideais modernistas, apontando duas críticas principais. Na primeira delas, esse antropólogo afirma que a separação entre “os conhecimentos exatos e o exercício do poder, digamos a natureza e a cultura” (LATOUR, 1994, p. 9) seria ilusória. Em um segundo momento, ele critica a divisão temporal passado *vs.* presente/futuro, ou mesmo a dicotomia histórica entre vencidos e vencedores, propondo que ela não seria tão clara e definível quanto pretende (LATOUR, 1994). Essas duas divisões são sustentadas por uma terceira dicotomia modernista, envolvendo puros *vs.* híbridos (ver seção 2.1), que, novamente, não constituem modos de vida independentes, mas, como ocorre com todos os dualismos modernos, são interconstituíntes.

Corroborando esses argumentos, Santos (1987/2010) também se posiciona contrário aos conhecimentos dualistas, aos purismos modernistas e à simplificação das complexidades dos

eventos sócio-discursivos, típica do paradigma dominante. Ao discutir a crise no paradigma dominante de produção de conhecimentos, Santos (1987/2010) chama atenção para a transdisciplinaridade¹⁷ e para a redefinição do que seria “conhecimento científico” e para algumas de suas crenças principais, como quantificação, determinismo, causalidade e separação entre sujeito-objeto de pesquisa. Nesse sentido, Santos (1987/2010) corrobora o argumento de que nunca fomos puros e/ou modernos, mas sim híbridos constantemente, e que a imprevisibilidade, a provisoriedade, o autoconhecimento e a espontaneidade deveriam ser as novas palavras de ordem quando se pensa em produção acadêmica.

Propus essa breve reflexão sócio-histórica, porque acredito que “todo ‘eu’ é suturado na história” (VENN, 2000, p. 43) e porque associo essas reflexões às relações desiguais entre os gêneros e aos processos histórico-discursivos na invenção dos gêneros (SCOTT, 1988/1994; MONTROSE, 1991). Essa perspectiva permite que olhemos as sociabilidades generificadas como invenções narrativas sócio-históricas híbridas e mutuamente dependentes (ver seção 3.3), que são fruto de contínuos processos de repetição (ver seção 2.3 e 3.1). São sobre essas reflexões que volto meu olhar na próxima seção.

1. 2. A invenção/repetição das sociabilidades generificadas nos discursos

Toda sociabilidade é uma teia intersubjetiva de múltiplas narrativas sobre si mesmo e sobre os outros, cuja costura é a linguagem (VENN, 2000; BAUMAN; BRIGGS, 2003; FABRÍCIO, 2006/2014). No próximo capítulo, discuto como uma determinada visão de linguagem atuou no processo de idealização da modernidade. No momento, destaco, apenas, que Venn (2000) critica o modo como o sujeito da modernidade é construído discursivamente, i.e., um sujeito autônomo, ahistórico, descorporificado, logocêntrico que seria “um sujeito ideal imaginado, à espera de sua realização” (*op. cit.*, p. 42).

Dessa citação, resalto a crença em um sujeito logocêntrico e descorporificado, “cuja constituição é entendida em relação ao privilégio do logos ou a dimensão cognitiva e a autonomia do sujeito” (VENN, 2000, p. 18). A ficção desse ideal apaga a “fundamental historicidade dos seres” (*op. cit.*, p. 42) e dos signos, além de desconsiderar os efeitos materiais e simbólicos inscritos nos corpos. No caso do presente estudo, por exemplo, alguns

¹⁷ O que Santos (1987/2010) chama de conhecimento transdisciplinar pode ser associado ao que Moita Lopes (2006/2014) chama de conhecimento INdisciplinado.

desses efeitos discursivos dizem respeito às diferentes ocupações temporais-espaciais para corpos masculinos e femininos nas culturas de pesca em Arraial do Cabo.

Esse ideal de sujeito logocêntrico da modernidade remete-nos à filosofia clássica platônica-aristotélica (FABRÍCIO, 2006/2014; GONÇALVES, 2006). E, ainda que o pensamento logocêntrico tenha tido destaque na modernidade, “logos” é uma invenção do pensamento clássico platônico que propunha a separação corpo (materialidade) e mente/Logos (abstração pura), sendo o primeiro subordinado ao segundo. Segundo Chanter (2011, p. 13), “logos” pode ser traduzido como lei, palavra, razão ou lógica, ideias que associam a conceituação de “palavra” ou “linguagem” àquela de estabilidade, regulação, abstração e verdade. Assim, o *zeitgeist* da modernidade propunha que a palavra seria o lugar da “verdade” do sujeito e dos significados monolíticos e da pureza (ver seção 2.1) e o sujeito da modernidade, que encenava performances discursivas e produzia saberes considerados como universais e essencializados, era o homem europeu (ver discussão a seguir). Todavia, uma vez que a presente tese busca desessencializar ontologias sobre pescadorxs e performances de gênero/pescadorxs, chamo atenção para a importância de se refletir sobre a linguagem na presente narrativa.

Volto a dizer que essas breves reflexões não almejam encontrar “alguma origem” para as relações desiguais entre os gêneros, mas ilustrar como elas são discursiva e historicamente construídas. No que diz respeito à invenção dos gêneros e suas relações, Scott (1988/1994, p. 20), por exemplo, destaca a “importância tanto da textualidade, [quanto da] maneira como os argumentos são estruturados e apresentados” no curso da história. Refletindo sobre as transformações históricas, vale lembrar que tanto Venn (2000) quanto Bauman e Briggs (2003) associam as políticas do imperialismo e colonialismo com o projeto da modernidade e com o logocentrismo. Conforme discuto a seguir, alinho-me a esses autores nessa analogia, lembrando, ainda, que a desprovincialização da Europa envolveria “o processo europeu de se tornar o Ocidente e de se tornar moderno” (VENN, 2000, p. 8), ao se deparar com e se distinguir da alteridade corporificada nas colônias Americanas (MONTROSE, 1991; VENN, 2000).

Gonçalves (2006), por sua vez, aponta inúmeras discontinuidades e paradoxos históricos nas relações entre os gêneros. Com isso, quero destacar tanto o fato de que as relações generificadas são invenções históricas e descontínuas, imbricadas em paradoxos, quanto a crença de que a substancialização do gênero é fruto da repetição de performances

parodiadas de gênero (ver seção 3.2), associadas aos ideais da modernidade. Frente a isso, é importante frisar também que, embora as relações generificadas carreguem o peso histórico dos discursos do patriarcalismo e colonialismo (BUTLER, 1990; VENN, 2000; BAUMAN; BRIGGS, 2003), tratam-se sempre de relações situadas temporal-espacialmente, cujos efeitos discursivos e significados são imprevisíveis (BUTLER, 1997; BUCHEL, 2013).

Na presente narrativa, por exemplo, pude experimentar diferentes interações com *alteridades* que *alteraram* o curso das reflexões e da compreensão dos fenômenos aqui investigados. Em outras palavras, minha expectativa inicial de analisar a legitimação de performances de pescadoras em embarcações, com base em performances de masculinidade, aos poucos foi dando espaço para o reconhecimento de outras formas de legitimação e para a pluralidade e provisoriedade das performances liminares.

Todavia, por igualmente reconhecer a força dos discursos patriarcais e colonialistas, vale lembrar alguns registros históricos que apontam que “por volta de 1570, personificações alegóricas da América como um nu feminino com cocar de penas começaram a aparecer em gravuras e pinturas, em mapas e título de páginas, por toda Europa Ocidental” (MONTROSE, 1991, p. 3). Ao discutir relações de gênero como modos de reificar relações de poder no Ocidente, esse autor destaca a hierarquização entre masculino e feminino no discurso da colonização. Em outras palavras, Montrose (1991) chama atenção para “a generificação do discurso protocolonial de descoberta prevalecente na Europa Ocidental no século XVI” (*op. cit.*, p. 2), que associaria o colonizador à masculinidade e o colonizado à feminilidade, projetando, assim, uma relação de poder e superioridade entre os gêneros.

O meu propósito, com essas reflexões, não é afirmar se as relações hierárquicas de gênero são oriundas das dicotomias platônicas (GONÇALVES, 2006) ou do processo de ocidentalização (MONTROSE, 1991), mas sim salientar que elas são efeitos de repetições discursivas ao longo da história. Esse olhar histórico para as relações de gênero ganha maior vulto na contemporaneidade com o trabalho da historiadora Joan Scott (1986). Influenciada pelo pós-estruturalismo de Derrida e de Foucault, Scott passa a estudar a categoria gênero não mais com ênfase exclusiva na história da mulher, como fazia a história social que não problematizava sua perspectiva integracionista (WEED, 2011), mas como uma categoria histórica, relacional e discursiva (SCOTT, 1988/1994; 2000). Assim, para Scott (1988/1994), é fundamental questionar “como hierarquias semelhantes às de gênero são construídas e

legitimadas” (*op. cit.*, p. 16), trazendo, portanto, ênfase a “estudos de processos, não de origens; de causas múltiplas, ao invés de causas únicas” (*id.*).

Assim, conquanto pertençam a diferentes áreas de conhecimento, existem muitas semelhanças entre as discussões de Butler (filósofa) e de Scott (historiadora), no que diz respeito à categoria gênero. Tanto Butler quanto Scott farão críticas à crença de que a diferença sexual seria a base que sustenta as diferenças entre os gêneros e criticarão vertentes do movimento feminista. Desse modo, vale destacar que, se inicialmente Scott (1986) compreendia o gênero atrelando-o à diferença sexual, mais tarde ela problematiza a crença na diferença sexual como dado natural (SCOTT, 2000).

De outro modo, conforme já citado sobre a crise na dicotomia natureza/cultura, tanto para Butler quanto para Scott, a distinção entre sexo e gênero não se sustenta, porque o saber que produzimos sobre os sexos “não é ‘puro’, não pode ser isolado de suas relações numa ampla gama de contextos discursivos. A diferença sexual não é, portanto, a causa original (...) – mas sim uma organização social variada que deve ser, em si, explicada” (SCOTT, 1988/1994, p. 13).

Ou ainda, como propõe Butler (2011, p. 14), “a diferença sexual não é apenas feita ou construída, mas é em si uma matriz para articular domínios da vida (...), como cultura, história e poder”. Conforme discuto no capítulo 3, tanto o sexo quanto o gênero são aqui tomados como efeitos de repetições sócio-históricas e práticas corpóreas e discursivas¹⁸. Desse modo,

às vezes, o termo [gênero] denota as regras sociais impostas a homens e mulheres, mas raramente se refere ao conhecimento que organiza nossas percepções da ‘natureza’. Os livros que se propuseram a oferecer uma ‘análise de gênero’ são frequentemente estudos previsíveis sobre mulheres, (...) ou das diferenças de status, experiência e possibilidades abertas para mulheres e homens. Mas eles raramente examinam como os significados de ‘mulheres’ e de ‘homens’ são discursivamente estabelecidos, que contradições são inerentes a esses significados, (...). Na verdade, muitos estudiosos feministas que usam o termo ‘gênero’ o fazem rejeitando explicitamente a premissa de que ‘homens’ e ‘mulheres’ são categorias variáveis historicamente. Isso tem o efeito de negar ao ‘gênero’ sua agência política e acadêmica radical (SCOTT, 2000, p. xii).

¹⁸ Em diferentes momentos de sua trajetória como filósofa, Butler vem sendo solicitada a aprofundar sua compreensão sobre a relação entre a materialidade do corpo e o discurso (Butler, 1993; Prins e Meijer, 2002). Assim como Butler (2010, p. 57), compreendo corpo “como um fenômeno social; isto é, que ele está exposto aos demais, que é vulnerável por definição”. Se Butler (2010) discute a vulnerabilidade social e a precariedade da vida humana, em outro texto ela igualmente discute sua vulnerabilidade discursiva (Butler, 1997). Assim, quando cito efeitos corpóreos e discursivos estou me referindo à possibilidade de um corpo existir socialmente, podendo encenar performances como a das pescadoras, e ter suas performances reconhecidas e/ou legitimadas discursivamente em dada comunidade.

Nesse sentido, as categorias sociais “homens” e “mulheres” são prenes de ambiguidades, contradições, contingências e inconstâncias, o que muito se assemelha às compreensões acerca da modernidade tardia (ver adiante). Essas instabilidades complexificam os fenômenos sócio-discursivos, porque a visão heterônoma de toda sociabilidade implica a consciência de que a existência social está vinculada à possibilidade de reconhecimento. No que diz respeito aos gêneros, esse reconhecimento está estreitamente relacionado ao que Butler (1990) chama de matriz de inteligibilidade de gênero (ver seção 3.3), que pode ser associada à heteronormatividade e ao discurso falocêntrico¹⁹ (BUTLER, 1990; 1993; PRECIADO, 2014).

Conforme discuto no capítulo 3, existe histórica e socialmente uma série de expectativas sociais para comportamentos masculinos e femininos, que delimitariam esses modos de reconhecimento. No caso do presente estudo, as performances de gênero/pescadorxs também podem ser pensadas à luz dessa matriz de inteligibilidade e possibilidade de reconhecimentos, já que, conforme discuto no capítulo 4, existem Tempos-Espaços específicos para atuação de homens e mulheres na pesca em Arraial e, para terem suas performances legitimadas, as pescadoras precisam ser reconhecidas como sociabilidades possíveis. Reconhecimento de sociabilidades e processos de legitimação são, geralmente, dependentes de centros normativos múltiplos e contraditórios (ver seção 2.2) e, no presente trabalho, essas normas envolvem performances de gênero/pescadorxs.

Assim, convém dizer que, se a modernidade desejou estabelecer centros normativos estáveis e padronizados, práticas híbridas e transgressivas irrompem na vida social. No caso do presente estudo, as performances de pescadoras podem ser consideradas transgressoras por burlarem ficções generificadas sobre “ser pescador”, mas elas também ratificam alguns centros normativos, ilustrando o que nomeio de performances fronteiriças (ver a seguir). Podemos dizer, então, que a matriz de inteligibilidade de gêneros ainda é considerada uma matriz de organização social, política e histórica (ver seção 3.3) influente em Arraial do Cabo (ver capítulo 4), mas que vem igualmente sendo desestabilizada, como esta tese se propõe a discutir. Essas transgressões também estão relacionadas à fluidez e liquidez que marcam a

¹⁹ Falocentrismo é um termo cunhado por Derrida, a partir da combinação das palavras falocentrismo e logocentrismo, como uma crítica ao fato do falo ser um ponto de referência para a discussão sobre gênero. Pensadores/as que se alinham a essa crítica, como Butler (1990), foram além, problematizando as relações entre os gêneros e a produção epistêmica, questionando o (fa)logocentrismo da modernidade. Tendo em vista a reflexão que proponho sobre o projeto da modernidade e o pensamento logocêntrico, acredito ser produtiva essa breve menção ao falocentrismo, por ratificar a relação hierárquica entre os gêneros no curso da história. Maior detalhamento sobre o pensamento falocêntrico ou heteronormativo será apresentado no capítulo 3.

contemporaneidade, que serão alvo da próxima seção quando volto meu olhar para o momento histórico atual à luz de Bauman (1987/2010; 1992), Beck (1997), Sullivan (2003), Fabrício (2006/2014) e Rampton (2006/2014).

1.3. Performances instáveis/liminares na contemporaneidade

Como ocorre com a maioria dos construtos ora citados, Bauman (1992) propõe que a pós-modernidade pode significar muitas coisas para diferentes pessoas. Assim, esse mesmo autor adverte que o inconveniente da noção de pós-modernidade é que “ela nos dizia profusamente o que a realidade atual já não era, mas oferecia pouca informação sobre o que estava no lugar” (BAUMAN, 1987 / 2010, p. 11). Frente a essa indeterminação, o sociólogo destaca que se trata de um “estado de espírito daqueles que têm o hábito (ou seria uma compulsão?) para refletir sobre si mesmos, para procurar seus próprios conteúdos e relatar o que encontraram” (BAUMAN, 1992, p. vii).

Além disso, ele propõe que “a mudança perpétua seria o único aspecto permanente (...) de nossa forma de viver. A pós-modernidade, (...), era a modernidade despojada de suas ilusões” (BAUMAN, 1987/2010, p. 12). Ora, ter a mudança perpétua como condição permanente é praticamente um paradoxo, como aqueles tão valorizados por Butler e Scott. Nessa perspectiva paradoxal, fluxo, mobilidade e transformação passam a ser palavras de ordem da contemporaneidade.

Assim, inicio essa seção destacando que a pós-modernidade não é aqui entendida como um período histórico após a modernidade (BUTLER, 2001). Um dos argumentos para essa posição é o fato de que para muitos/as estudiosos/as os ideais da modernidade não se concretizaram (LATOURETTE, 1994). Ou ainda, o projeto da modernidade não deveria ser visto como um fenômeno monolítico, nem tampouco universal (BUTLER, 2001). Desse modo, o prefixo “pós” atrelado a muitos dos significados contemporâneos não tem aqui um sentido de sequencialidade (BAUMAN, 1987/2010; BHABA, 1998; BUTLER, 2001).

Em diálogo com esse argumento, Bauman (2001) discute a exacerbação da fluidez e da mobilidade, ao contrapor as noções de “sólidos” e “líquidos” como metáforas para compreensão da história da vida social. Esse sociólogo associa essas duas metáforas, respectivamente, à modernidade e à contemporaneidade, também conhecida como modernidade líquida (BAUMAN, 2001), modernidade tardia (RAMPTON, 2006/2014) ou

modernidade reflexiva (BECK, 1997). O estado de espírito dessa modernidade líquida, tardia e reflexiva implica, entre outras coisas, a ruptura com as certezas do pensamento modernista e a abertura para o risco, para a dúvida e para o imponderável.

Ciente das várias denominações apresentadas para o presente momento histórico – pós-modernidade, modernidade tardia, modernidade reflexiva, modernidade líquida e contemporaneidade – e de que se trata de um termo problemático²⁰, opto por usar a ideia de contemporaneidade, ao me referir à atualidade, caracterizada como uma época marcada não somente pela fluidez e mobilidade, como também pela desestabilização, descontrole, paradoxos e ambiguidades.

Conforme apresento adiante, essa oscilação entre continuidades e rupturas pode ser vista como a convivência de repetições e transformações, que, de forma paradoxal, perpassam a vida social e marcam as transformações históricas (SCOTT, 1986; 1988/1994; PENNYCOOK, 2010; BUTLER, 2011; WEED, 2011; FABRÍCIO, 2012). Frente a isso, proponho-me, então, a discutir as ambiguidades e os paradoxos inerentes às sociabilidades generificadas nas culturas de pesca, sem com isso ignorar o peso das regularidades e estabilidades que atuam na formação de quem somos. Essa postura implica entender que é na repetição que, paradoxalmente, o novo é inaugurado (PENNYCOOK, 2010), pois, tal qual propôs Heráclito (MARCONDES, 1997/2007), não é possível se banhar duas vezes nas mesmas águas do mesmo rio (ver capítulos 2 e 3).

Scott (1986; 1988/1994) vê com bons olhos o atrito das estabilidades com as rupturas no curso da história. Butler (2011), em diálogo com Scott, defende que o “próprio paradoxo é um modo ou mecanismo de mudança histórica” (*op. cit.*, p. 15). Desse modo, “contestação e convergência são as condições para a mudança” (*id.*), porque, tanto para Scott quanto para Butler, esse paradoxo histórico vai ocorrendo em paralelo a múltiplas contingências, que não podem ser previstas, nem vistas de forma causal ou determinista (ver capítulo 3). Assim, o paradoxo que Butler e Scott valorizam “não é apenas um modo de explicar a mudança histórica, mas uma maneira de fazer a história mudar e abrir um futuro” (BUTLER, 2011, p.

²⁰ Sobre os debates acerca desse termo, Butler (2001) reflete sobre a indefinição da ideia de modernidade e pós-modernidade, sobre a dificuldade em se alcançar algum consenso sobre tais termos, questiona alguns teóricos que se autodefinem como pós-modernos e exorta-nos a ter uma relação crítica com relação à modernidade, o que não significa ser contra ou a favor dos seus ideais. Para a autora, o mais importante é “manter uma relação crítica com os termos que formam a estrutura do pensamento” (*op. cit.*, p. 84), que, no caso da modernidade, implica buscar entender o que as pessoas querem dizer quando estabelecem a oposição entre modernidade e pós-modernidade. Por fim, ela propõe que questionar uma categoria, como o sujeito da modernidade ou a própria modernidade, não implica abandonar tal categoria ou negar sua utilidade, mas realizar um profundo escrutínio sobre a mesma.

18). Este futuro não pretende ser harmonioso ou equilibrado “em que as diferenças sejam reconciliadas, mas um [futuro] em que a contestação em curso revela e encena a historicidade dos termos em questão” (*id.*).

Por reconhecerem o caráter histórico, contingencial e cultural tanto do sexo quanto do gênero (ver seção 3.3), Butler e Scott se engajam na proposição de novas formas de ser/conhecer, uma vez que para ambas é possível inventar uma diferença fora dos binarismos propostos. Isto é, propor uma diferença em relação ao “sistema binário, ao invés de uma diferença no seu interior – uma diferença que deve ser múltipla” (BUTLER, 2011, p. 19). Acredito que essa diferença múltipla em relação ao pensamento dicotomizado possa ser o estado fronteiro e liminar (MINH-HÁ, 1990; BHABHA, 1998) ou o olhar sobre práticas para além da identidade (MOITA LOPES; BASTOS, 2010). Entendo as performances liminares como múltiplas não somente em função de suas ambiguidades, como também porque compreendo os fenômenos ora estudados como policêntricos e multiescalares (ver seção 2.2) e, portanto, envolvendo variadas formas de reconhecimento e processos de legitimação.

Compreender as performances de gênero/pescadorxs como instáveis e liminares, permite uma análise que vai além da simples inversão da relação patriarcal, segundo a qual teríamos “a noção simplista e reduzida de ‘homem dominante versus mulher dominada’ (LOURO, 1997/2001, p. 33). Em outras palavras, se a mulher deixasse sua “condição de dominada” e passasse a ocupar um espaço dominador, a mera alteração de posições ainda manteria a dualidade que se pretende extinguir.

Além disso, é preciso problematizar a unilateralidade do poder proposta nessa visão, posto que as sociabilidades de gênero não são homogêneas, nem universais, e que o exercício do poder é múltiplo, descentrado e capilar (FOUCAULT, 1979/2011). Assim, as performances de feminilidades não são aqui vistas como “dominadas” e “subjugadas”, mas como um amálgama de performances múltiplas, interseccionais e contraditórias, sustentadas em redes de poder, que podem tanto limitar sua agência quanto possibilitar desestabilizações. Desse modo, ainda que o pensamento heteronormativo e o falogocentrismo sejam duas ideias centrais na invenção e hierarquização dos gêneros, Butler (1990; 1993) adverte ser imprescindível uma análise que problematize as várias forças atuantes na constituição das performances (e paródias) de gênero.

Como discuto no capítulo 3, Butler (1990) já buscava um deslocamento desse pensamento dualista acerca do gênero, problematizando e rompendo com os modos como os gêneros são inventados e estabilizados em relação a regimes de saber/poder (BUTLER, 2001). Ou seja, conforme já brevemente apontado, o ato de atravessar fronteiras pode não ser considerado uma desestabilização suficiente, pois, como lembra Jenks (2003), todo comportamento transgressivo, ao contestar uma regra, um costume ou uma convenção, paradoxalmente, também o ratifica, porque ao desobedecê-los também os coloca em evidência e os valida como uma norma.

Nesse sentido, ao apontar para práticas liminares, as performances de gênero/pescadorxs aqui investigadas não somente complexificam a análise proposta, como ainda ilustram a provisoriedade das práticas discursivas (e das reflexões alcançadas) e a fluidez das performances nessa era pós-identitária. Essa liquidez das performances de gênero/pescadorxs nos permite desestabilizar o caráter masculino comumente associado à performance de pescador, como vemos em Cascudo (2002), Linsker e Tassara (2005), Cavalcanti (2008), e Callou (2010), assim como compreender essas performances de uma perspectiva situada, histórica e híbrida.

Frente a essas considerações, resalto, mais uma vez, o caráter INdisciplinado e transgressivo deste trabalho (MOITA LOPES, 2006/2014; 2009; PENNYCOOK, 2006/2014), primeiramente, porque busco trazer visibilidade a sociabilidades antes ignoradas na produção acadêmica sobre comunidades pesqueiras (WOORTMANN, 1992; MOTTA-MAUES, 1999). Em segundo lugar, lembro também que não estou interessada nas grandes narrativas (VENN, 2000), que sugerem generalizações e análises estatísticas (SANTOS, 1987/2010) para os fenômenos sociais. Meu olhar é situado e contextual, pondo, portanto, evidência não nas regularidades, mas naquilo que é único e espetacular (RAMPTON, 2006/2014), assim como na produção de novas narrativas sobre as comunidades de pesca. De outro modo, narrativas que não somente ressignifiquem as feminilidades nessas culturas, mas também, e principalmente, evidenciem o caráter paródico das performances de gênero e as dubiedades de algumas performances liminares.

Desse modo, finalizo esse capítulo reassinalando o caráter político e ético da presente tese, porque, assim como Butler, acredito que viver envolva sempre um exercício “em relação ao poder, em relação aos outros, no ato de assumir a responsabilidade por um futuro coletivo. Assumir a responsabilidade por um futuro não é saber sua completa direção antecipadamente”

(BUTLER, 2001, p. 27), já que o imponderável não nos permitiria essa postura determinista. Mas essa “abertura para o desconhecimento” (*id.*) sobre os efeitos futuros de nossas práticas não significa que não nos responsabilizaremos uns pelos outros nesse futuro coletivo.

Tal postura nos convoca a um exercício de desaprendizagem das nossas certezas e do que nos é conhecido em direção à possibilidade de e responsabilidade por outros futuros e pela reinvenção da vida social. Ciente de que o conceito de invenção é aqui fulcral e que a estabilidade dos significados é um efeito e ficção de reiteraões discursivas históricas, que costumam as performances de gênero/pescadorxs em múltiplas temporalidades e espacialidades, no próximo capítulo, debruço-me sobre a visão performativa de linguagem, trazendo, ainda, destaque para alguns dos ganhos éticos e políticos dessa posição.

“A velocidade da linha cortava-lhe as mãos, ferindo-o[a] bastante, mas já sabia que isso ia acontecer e procurou conservar a linha nas partes calejadas da mão, não permitindo que corresse pela palma ou pelos dedos” (Hemingway, 1952/2011, p. 83)



(Foto 2 – Pescadora de Arraial do Cabo – Foto de Paulo Barreto)

2. Linguagem como performance e prática iterável

“Ser nomeado é uma das condições pelas quais um sujeito é constituído na linguagem”
(Butler, 1997, p. 2)

Inúmeros são os/as autores/as que compreendem a língua como ficção sócio-histórica. Anderson (1983), Pennycook (2007; 2010), Makoni e Pennycook (2007), Bagno (2013), Pinto (2013) e Moita Lopes (2013) são apenas alguns dos nomes que compartilham dessa visão. Uma vez que compreendo “ser” e “conhecer” como processos imbricados um no outro (VENN, 2000) e envolvendo práticas discursivas, justifico o argumento de que línguas, epistemologias e sociabilidades são invenções sócio-históricas. Compreender ou analisar essas invenções, contudo, nem sempre é tarefa simples.

Propondo, então, reflexões semelhantes, Marcondes (2010) afirma que a linguagem é um daqueles fenômenos que nos é muito familiar, mas que raramente conseguimos explicar ou definir com facilidade. Para esse filósofo, essa imprecisão pode estar relacionada às diferentes maneiras como historicamente, a linguagem vem sendo compreendida em diferentes Tempos-Espaços e sobre a sua relação com os sujeitos sociais, com o conhecimento e com as formas de comunicação (DERRIDA, 1972; DURANTI, 1997; VENN, 2000; BAUMAN; BRIGGS, 2003).

No presente capítulo, apresento algumas reflexões sobre a visão modernista de linguagem e suas implicações políticas. Em seguida, justifico minha compreensão de linguagem como performance, ação e prática (trans)local, com destaque para o princípio da indexicalidade dos recursos linguístico-semióticos (AUSTIN, 1962; PENNYCOOK, 2004; 2006/2014; 2010; BLOMMAERT, 2006a; 2010; no prelo; MOITA LOPES, 2006/2014; 2010; 2013; PINTO, 2013). E atrelo, por fim, essa posição a conceitos centrais do pensamento foucaultiano como relações de poder e ordem do discurso (FOUCAULT, 1971/2003; 1979/2011) e da sociolinguística crítica como escala Tempo-Espaço, ordens de indexicalidade e policentricidade (BLOMMAERT, 2005; 2006a; 2006b; 2010; no prelo).

2.1. Sobre alguns efeitos da visão modernista de linguagem

Conforme discutido na Introdução e no capítulo 1, compreendo linguagem, epistemes e sociabilidades como invenções entrelaçadas e localizadas temporal e espacialmente

(WALLERSTEIN, 1998; VENN, 2000; BAUMAN; BRIGGS, 2003). Tal perspectiva sugere que nenhum dos termos acima propostos poderia ser considerado universal ou ahistórico, como defendia o projeto da modernidade (ver seção 1.1). Nesse sentido, Bauman e Briggs (2003) discutem como toda definição de linguagem é política e, como tal, organiza hierarquias e relações sociais/institucionais, produzindo, em paralelo, desigualdades sociais.

Em seu livro “Vozes da modernidade”, esses autores discutem a “construção discursiva da modernidade” (*op. cit.*, p. 2), que, como visto no capítulo anterior, propunha que a racionalidade científica, em oposição à fé e à superstição, garantiria as leis universais e o progresso para a humanidade. Como ocorre com todo dualismo moderno, a racionalidade científica se opunha aos saberes leigos (SANTOS, 1987/2010), em uma relação hierárquica, que definia a ciência e a razão como fontes da verdade e do progresso para a humanidade. Como consequência, emergia a necessidade de uma purificação epistêmica e a criação de um abismo entre ciência e sociedade ou a consciência metapragmática (ver adiante) da hierarquia entre o saber do *expert* e o do leigo (RAJAGOPALAN, 2014).

O desejo por esse purismo moderno e científico também foi exercido sobre a linguagem e Bauman e Briggs (2003) destacam, de fato, o trabalho de purificação linguística. Se a linguagem foi uma invenção que possibilitou a crença na estabilidade dos significados, por meio do pensamento logocêntrico, para garantir essa ficção de identidade, acreditava-se que ela precisava ser “purificada”. Assim, ciência, sociedade e linguagem eram entendidas como domínios autônomos entre si, sendo que à ciência e à linguagem cabiam, ainda, exercícios de purificação, como se elas pudessem “representar a verdade”.

Em outras palavras, relacionando ciência e verdade, o projeto da modernidade acreditava tanto ser possível compreender a metodologia científica de modo universal, objetivo e atemporal (GUBRIUM; HOLSTEIN, 2003) quanto ser possível encontrar uma essência linguística que fosse pura e distante das práticas discursivas cotidianas. Ora, conceber a linguagem como um domínio autônomo da sociedade e da ciência e dentro de uma perspectiva purista é característica típica dos estudos modernistas. Essa visão define língua apenas como estrutura e sistema. Ou ainda, como uma entidade nomeável, estável, contável, com fronteiras bem delimitadas, junto a projetos nacionalistas (ANDERSON, 1983; MAKONI; PENNYCOOK, 2007; MOITA LOPES, 2013; PINTO, 2013; BAGNO, 2013) e para a qual podem ser produzidos “artefatos gráficos e textuais particulares, tais como gramáticas, dicionários e manuais” (BLOMMAERT, 2014, p. 71).

Essa visão artefactual da linguagem (BLOMMAERT, 2014), contudo, é apenas uma possibilidade de compreensão e definição de língua e sua relação com as sociabilidades. Tal compreensão linguística, que privilegia regras e formas linguísticas consideradas como a norma culta e defende a existência de um significado único e verdadeiro, essencializa língua(gens) e sociabilidades, sendo, ainda, um fruto do purismo da modernidade. Essa, contudo, não é a compreensão de linguagem adotada no presente estudo. Alinhada a teóricos/as pós-estruturalistas, minha compreensão se pauta em um viés discursivo (DURANTI, 1997; GEE, 1999), que será alvo de discussão da próxima seção.

2.2. Sobre indexicalidades e significados (trans)locais

Conforme discutido na seção 1.3, a contemporaneidade é marcada pela metáfora da liquidez e pela instabilidade dos fenômenos sócio-discursivos. Como estudiosa da linguagem e porque entendo que a língua é um fenômeno social e histórico, acredito que essa contextualização Temporal-Espacial (BLOMMAERT, no prelo) nos convoque a redefinir nossa compreensão de linguagem e nossas práticas de pesquisa (MOITA LOPES, 2006/2014; PENNYCOOK, 2010).

Nesse sentido, Blommaert (2010) nos convida a definir linguagem como recursos semióticos, ou ainda, “coleções complexas e hierarquizadas de variedades de linguagem” (BLOMMAERT, 2005, p. 10). Em diálogo com essa visão, Moita Lopes (2013) propõe que uma língua envolve “recursos comunicativos multissemióticos, distribuídos desigualmente na sociedade e que as pessoas vão aprendendo aqui e ali, dependendo de suas necessidades” (*op. cit.*, p. 109) e acrescento também de suas oportunidades.

Por trazer destaque à mobilidade e à distribuição ou ao trânsito dos recursos multissemióticos, o que quero destacar, neste momento, é que o presente trabalho se pauta por uma visão de linguagem como performance e ação (AUSTIN, 1962; DERRIDA, 1972; BUTLER, 1990; BLOMMAERT, 2010; 2014) e que, portanto, resgata o que seria inseparável: a relação linguagem-sociedade-ciência (PENNYCOOK, 2010). Nessa perspectiva, a língua é entendida tanto em seu caráter histórico e coletivo, quanto naquele situado e individual (BAKHTIN, 1929/1992; 1981). Em outras palavras, linguagem é aqui

entendida como discurso, envolvendo indexicalidades estabilizadas e emergentes (ver adiante) ou significados (trans)locais²¹.

Corroborando essa visão de linguagem, Blommaert (no prelo) propõe a redefinição da ideia de contextos a partir da noção de Tempo-Espaço e análises sociodiscursivas que não mais enfatizem a cisão entre micro e macrocosmos social. Em outras palavras, compreender e discutir os contextos como Tempo-Espaço demanda reflexões sobre múltiplas escalas temporais-espaciais (ver adiante), assim como a percepção de que em cada ato local e micro de atividade pragmática estão interpolados significados translocais e macrosociais de atividades metapragmáticas (ver adiante). Ou seja, toda prática **local** é também **(trans)local**, porque os níveis micro e macrosociais encontram-se imbricados um no outro. Essa imbricação ganha visibilidade com a análise das múltiplas indexicalidades convergentes em todo fenômeno social, posto que há um elo indexical entre as esferas micro e macro, ou entre o aspecto singular e o coletivo de todo signo (BAKHTIN, 1929/1992; SILVERSTEIN, 1998; 2003; BLOMMAERT, 2006a; 2010; no prelo; PENNYCOCK, 2010).

Segundo Blommaert (2006a, p. 4) esse elo “reside nos modos pelos quais instâncias únicas de comunicação podem ser capturadas (indexicalmente) como comunicação compreensível ‘enquadrada’”, apontando para normas da ordem macrosocial e expectativas metapragmáticas. Pennycook (2010) também faz eco a essa posição, trazendo valiosas contribuições a essa perspectiva múltipla e descentrada de indexicalidades. Quando se propõe a estudar a linguagem como prática local, Pennycook (2010) propõe que “toda prática linguística é local” (*op. cit.*, p. 20), porque a localidade é sempre relacional e atravessada por outras “práticas locais em diferentes tempos e lugares” (*op. cit.*, p. 220).

Corroborando a discussão sobre o elo entre os significados locais e aqueles translocais, Blommaert (2006b, p. 512) reflete sobre a reflexividade metapragmática ao propor que “uma das funções principais da língua é o enquadramento ideológico (metapragmático e indexical) oferecendo pistas indexicais sobre quem fala, de que modo, sobre qual tópico e em quais circunstâncias”. Em outras palavras, a maneira como encenamos nossas performances,

²¹ A associação dos níveis locais e translocais é desenvolvida por diversos/as autores/as (Duranti, 1997; Gee, 1999; Pennycook, 2010; Blommaert, no prelo). Como discuto a seguir, a junção desses dois níveis é materializada indexalmente por meio do discurso. Ratificando essa visão, Gee (1999) vai propor o uso do termo **D/d**discurso, com as iniciais maiúsculas e minúsculas justapostas, onde **D**iscurso envolveria instâncias macrosociais, enquanto que o **d**iscurso implicaria aspectos microsociais (Gee, 1999). Não utilizo essa escrita no presente texto, porque a discussão que apresento sobre escalas Tempo-Espaço (ver a seguir) já implica essa junção. Assim sendo, embora utilize a escrita discurso, apenas com letra minúscula, tal opção envolve reflexões sobre significados (trans)locais.

projetando posicionamentos para nós e para nossas alteridades, produz relações sociais e localizações Temporal-Espaciais para nós e nossos interlocutores.

Podemos dizer, então, que esses enquadramentos metapragmáticos nos fornecem pistas de contextualização²² (GUMPERZ, 1982/2002) ou indexicais²³ (WORTHAM, 2001) – como, por exemplo, dêiticos e signos/índices em geral, pistas paralinguísticas e prosódicas – que sinalizam para quais significados (trans)locais estamos nos direcionando, como estamos interpretando o evento em andamento e quais relações sociais e de poder estão sendo negociadas entre as sociabilidades envolvidas.

As interpretações que fazemos rotineiramente das pistas indexicais são conhecidas como atividade (ou reflexividade) metapragmática e subjazem todas as práticas discursivas, por meio da negociação de “significados indexicais (...) social e culturalmente compartilhados” (BLOMMAERT, 2014, p. 70). Com efeito, toda atividade pragmática é ao mesmo tempo metapragmática (SILVERSTEIN, 1998; 2003; BRIGGS, 2007a; 2007b; BLOMMAERT, 2014).

Vejamos um exemplo. As performances narrativas de pescadores em embarcações, que exaltam os performativos de força e resistência física (CASCUDO, 2002; LINSKER; TASSARA, 2005), indexam uma visão generificada sobre as atividades de pesca, como se essa atividade fosse uma exclusividade masculina. Por conseguinte, nesse modelo metapragmático (BRIGGS, 2007b), as ficções de performances de masculinidade costumam ser exaltadas, invisibilizando ou subalternizando aquelas de mulheres pescadoras.

Quando Bonifácio, um dos pescadores por mim entrevistados em 2011, diz que “tem mulher muito entrona sabe? tem mulher metida sacomé (.) é mulher que quer ser homi (...) dizem mulhé-homi né? então é isso que estraga”, os itens lexicais “muito entrona” e “metida” funcionam como pistas de contextualização que indexam uma compreensão metapragmática

²² Adiante discuto minha compreensão sobre contextualização.

²³ Wortham (2001), ao discutir a ideia de posicionamento interacional e a dialética entre significados situados e outros historicamente pressupostos, propõe uma analogia entre os conceitos de pistas de contextualização (Gumperz, 1982/2002) e pistas indexicais (Silverstein, 1998). Ele afirma que a “pista de contextualização é um aspecto de um enunciado que indica como dado contexto deveria ser construído. Os ouvintes primeiro prestam atenção às (...) pistas nos enunciados, com base no que eles selecionam como aspectos relevantes do contexto, e, em seguida, aplicam regras (ou regularidades pressupostas) para determinar qual posicionamento está sendo proposto” (*op. cit.*, p. 36). Ou seja, quando afirma haver um duplo movimento interpretativo, que considera aspectos situados e outros pressupostos, Wortham (2001) estaria ecoando a visão de indexicalidade de Silverstein (1998). Wortham (2001) diz que essa relação dialética ocorre por meio de uma mediação, que pode aqui ser entendida como o elo indexical que Blommaert (2010) também discute.

sobre o universo da pesca, como sendo majoritariamente masculino e no qual a performance de pescadora seria depreciada ou desvalorizada²⁴ (LINSKER; TASSARA, 2005).

Além das performances de masculinidade, outra forma de legitimar a performance de pescadorxs profissionais²⁵ é o registro (ver adiante), que, por sua vez, pode ser associado a relações de poder e questões de acessibilidade discursiva e desigualdade social²⁶ (FERREIRA; FIALHO, 2013). Assim, esses índices podem ser vistos como pistas indexicais de modelos metapragmáticos sobre como as performances de masculinidades e feminilidades são construídas, localizadas e hierarquizadas nas culturas de pesca em Arraial. Em outras palavras, essas pistas indexicais sinalizam uma (possível) organização Temporal-Espacial das performances gênero/pescadorxs no referido município.

Embora continue sendo repetido, convém lembrar que esse modelo metapragmático não é o único existente em Arraial do Cabo. Em outras palavras, embora reconheça o peso da tradição generificada nas culturas de pesca em Arraial (FERREIRA; FIALHO, 2013),

²⁴ Embora a presente tese não seja sobre performances de masculinidades e o foco não esteja sobre o pescador Bonifácio, gosto muito da expressão “mulhé-homi”, por ele citada, porque encontro nesse termo a perspectiva híbrida e liminar que é aqui enfatizada e que pode confundir a matriz binária de inteligibilidade de gênero (ver seção 3.1 e 3.2), i.e., performances que não ratificam nem exclusivamente os discursos e as performances de masculinidade, nem de feminilidade, mas os hibridizam.

²⁵ Para o Ministério do Meio Ambiente / ICMBio (2012), pescador profissional é aquele que vive exclusivamente da pesca, não tendo nenhuma outra fonte de renda. Esse viver exclusivamente da pesca envolve não somente questões de ordem econômica, mas também aquelas de ordem cultural, a saber: o domínio das práticas e saberes de pescaria. Durante o tempo em que entrevistei pescadores tradicionais de Arraial do Cabo, tive a chance de conhecer o registro da pesca local, assim como saberes sobre os ventos, marés, espécies de peixe, uso de linhas, redes e anzóis. Ferreira e Fialho (2013, p. 82) ilustram alguns desses saberes na voz de um pescador entrevistado “eu aprendi a qualidade de marés, qualidade de vento. Nem todo pescador sabe qualidade de vento. Eles pensam assim, é norte e sul, leste e oeste, mas não sabem que dentro dos quatro ventos tem outras posições de vento. Então, dentro desses quatro ventos, tem outros quatro ventos que vem pelo meio de um e de outro e os pescadores de hoje não sabem disso. Eles vivem às cegas. Porque eles pensam que tudo que vem daqui de baixo é sudoeste. Sudoeste? Sudoeste é manso, é um carneiro, traz água boa, traz peixe. E tem outra qualidade de água também de leste que só traz sujeira lá da barra do rio, uma água amarela ruim de beber”. Conforme discuto na presente tese, algumas vezes, a performance de pescador profissional é legitimada com base em performances de masculinidade, envolvendo a força física, outras vezes, pela citação do registro, dos discursos e dos saberes da pesca. Uma vez que entre os homens/pescadores de Arraial, existem tanto os que pescam de rede (demandando maior força física) quanto os que pescam de linha (demandando menor força física), considero ser mais interessante para essa discussão as legitimações feitas com base no registro e nos saberes da pesca local. Cabe lembrar que essa opção igualmente marca uma visão menos generificada da pesca, como sendo exclusivamente masculina. Assim, por pescadorxs profissionais, compreendo homens e mulheres que conhecem e citam o registro dxs pescadorxs locais, os saberes relacionados à pesca local, aos ventos e às marés. O acesso a esse registro e saberes, contudo, é muitas vezes limitado por questões de gênero (Ferreira; Fialho, 2013).

²⁶ Ferreira e Fialho (2013) trazem algumas narrativas de pescadores de Arraial do Cabo, nas quais podemos perceber que, tradicionalmente, os aprendizados sobre a pesca são realizados no núcleo familiar, transmitidos geralmente de pais para filhos, às vezes envolvendo alguns segredos, e com ênfase na construção generificada de homens pescadores (Linsker; Tassara, 2005).

igualmente chamo atenção para outros modelos metapragmáticos, ou outras indexicalidades, disputando legitimidade na contemporaneidade. Um exemplo de outro modelo seria essa tese que envolve o reconhecimento das performances de mulheres pescadoras. Em diálogo com essa posição, Blommaert (no prelo), propõe uma visão descentrada e instável de significados, por compreender que em todo contexto encontramos múltiplas Temporalidades-Espacialidades ou, nos termos bakhtinianos, variados repertórios²⁷ culturais ou de contextualização.

Dessa maneira, compreender contexto como envolvendo múltiplas escalas Tempo-Espaço (BLOMMAERT, no prelo) e linguagem como fenômeno (trans)local vem resolver duas questões antigas dos estudos da linguagem, a saber: 1) a distinção entre as instâncias micro e macro, já desmistificada anteriormente; 2) a predominância dos significados de uma instância (micro ou macro) sobre a outra. Essa posição teórica encontra-se respaldada no princípio da indexicalidade de todo signo²⁸, que seria

a dimensão do significado, na qual características textuais ‘apontam para’, indexam significados recuperáveis contextualmente. Mais concretamente, todo enunciado carrega além do significado ‘puro’ [sic] (denotacional), uma variedade de significados socioculturais, derivados de amplas assunções sobre os significados sinalizados pelas características dos enunciados²⁹ (BLOMMAERT; WESTINEN; LEPPÄNEN, 2014, p. 4).

Ou seja, para além da existência de um significado denotacional, estável ou convencional, a presente argumentação se alinha à defesa de significados instáveis,

²⁷ Por repertório (cultural) quero dizer “a totalidade dos recursos linguísticos, o conhecimento sobre suas funções e sobre suas condições de utilização por um indivíduo ou comunidade” (Blommaert, 2005, p. 254).

²⁸ Para entendermos a noção de indexicalidade, é interessante recuar um pouco até Charles S. Peirce, fundador do pragmatismo. Em texto datado de 1894, Peirce propõe que o ponto de partida da teoria dos signos deveria ser a distinção entre ícone, índice e símbolo (Marcondes, 2010, p. 73). De acordo com Araújo (2004, p. 49), “o índice é um fragmento retirado da coisa, afetado realmente pela coisa, como o sintoma médico”. Como ocorre com as imagens, o ícone implicaria “um desengate mais nítido entre signo e coisa nomeada, significa[ndo] apenas pela qualidade da semelhança” (*id.*). Por fim, “o símbolo é um signo que se refere ao objeto que denota devido a uma ‘lei’, a uma regra de leitura, a uma associação de ideias que leva o símbolo a ser interpretado como referindo àquele objeto” (*op. cit.*, p. 50). Dentre esses três elementos, destaco o conceito índice, do qual é derivada a noção de indexicalidade, que aponta para possíveis significados (trans)locais, sem, contudo, fixá-los.

²⁹ Dessa citação, gostaria apenas de problematizar a ideia de “significado puro”, uma vez que tal noção poderia ser associada a um significado fixo ou essencializado para os signos. O significado denotacional pode ser considerado estável, mas nunca um significado puro, uma vez que parto da premissa de que todas as línguas, signos e performances são híbridos. Ou seja, não podemos esquecer que a (aparente) estabilidade de um significado é tributária da história das suas repetições e transformações sociais (ver adiante) e que, portanto, essa história hibridiza e mistura significados.

provisórios, ambíguos e paradoxais, i.e., de múltiplas indexicalidades³⁰. Essa perspectiva encontra respaldo na discussão de Silverstein (1998; 2003) que, ecoando a dialética bakhtiniana, discorre sobre indexicalidades pressupostas e emergentes.

Para esse linguista e antropólogo, alguns significados são considerados pressupostos ou entendidos como estáveis, porque regrados e cristalizados, e, portanto, conhecidos como denotacionais (SILVERSTEIN, 1998). Todavia, o significado denotacional é apenas uma possibilidade, dentre múltiplas. Assim, na mesma prática discursiva, os signos podem igualmente apontar para outros significados (conotacionais), ilustrando um hibridismo (ou dialética) indexical.

Isso ocorre porque os signos carregam consigo o movimento dialético dos significados pressupostos (denotacionais) e dos contextualmente implicados ou emergentes (conotacionais), tanto porque vinculados a novas contextualizações (DERRIDA, 1972; BAUMAN; BRIGGS, 1990), quanto porque apontam para diferentes temporalidades-espacialidades (BLOMMAERT, 2010; no prelo). Vale lembrar, ainda, que as indexicalidades pressupostas podem ser associadas à ideia de normatividade de um grupo ou comunidade (SILVERSTEIN, 2003). Não obstante, uma vez que os signos são continuamente recontextualizados, eles podem igualmente agregar novos sentidos ou indexicalidades emergentes. Essa dialética entre os significados históricos e aqueles situados já é conhecida desde Bakhtin (1929/1992). Silverstein (2003) e Blommaert (2010) simplesmente reacendem a questão, agora, sob o prisma da indexicalidade.

De acordo com Silverstein (2003), então, em toda prática discursiva existe o movimento dialético entre as indexicalidades estáveis – com suas histórias de formação (BLOMMAERT, 2006; 2010) e repetição (DERRIDA, 1972) – e as inovadoras³¹. Seja porque o elo que costura as práticas discursivas é indexical (BLOMMAERT, 2010), seja porque variadas indexicalidades são convocadas para interpretação dos fenômenos situados (SILVERSTEIN, 2003), o que gostaria de salientar é o caráter interpolado, instável e móvel que estará presente

³⁰ Vale lembrar que essa visão vai de encontro à tese representacionista, segundo a qual para cada signo deveria haver um referencial (ou significado) único ou, ainda, a visão de signo como um conduíte ou veículo de comunicação das ideias contidas na mente (Gubrium; Holstein, 2003), o que sugeriria a existência de uma “verdade” a ser alcançada e uma visão essencialista do significado, do conhecimento e, por conseguinte, da sociabilidade.

³¹ A convivência entre a repetição e a inovação será aprofundada no capítulo 3, quando discuto a teoria da performatividade. Acredito que essa discussão possa ser associada às ideias de indexicalidades pressupostas e emergentes.

na análise das performances narrativas das pescadoras, trazendo, portanto, destaque para o conflito entre as indexicalidades pressupostas e aquelas emergentes.

Vejam os exemplos da convivência entre indexicalidades pressupostas e emergentes, no presente estudo. Pereira (2010) afirma que, no final da década de 1950, foi inaugurada em Arraial do Cabo a Companhia Nacional de Álcalis (CNA), cuja instalação requereu mão de obra externa não somente para sua instalação, como também para seu posterior funcionamento. Segundo esse historiador, a partir dessa ocasião, o município começou a receber uma série de migrantes, oriundos ou do nordeste ou do Espírito Santo, que receberam a alcunha de “caringôs”. Britto (1999) lembra, ainda, que com a chegada desses novos moradores, os espaços de pesca que antes eram disputados, apenas entre os cabistas, passaram a ser disputados também pelos caringôs.

Podemos dizer, então, que os signos “cabista” e “caringô” indexam categorias sociais de pescadores, ou indexicalidades pressupostas, que encontrei quando cheguei a Arraial e indexam, ainda, Tempos-Espaços específicos, a saber: os cabistas teriam maior direito à territorialidade de pesca em Arraial, porque estavam naquele território há mais tempo do que os caringôs. Atualmente, essa distinção entre cabistas e caringôs já não é mais tão marcada nos discursos da pesca cabista. Todavia, uma vez que o universo da pesca é tradicionalmente pensado como sendo masculino, pergunto-me se a mulher pescadora não seria um “novo caringô”, ou uma indexicalidade emergente vinculada ao índice “caringô”, já que hoje elas disputam temporalidades e espacialidades na pesca em Arraial com os homens pescadores mais antigos.

Com essa breve incursão na pesca de Arraial do Cabo, quero salientar que os significados sobre cabistas e caringôs ou sobre pescadores e pescadoras são invenções sócio-históricas, mutuamente constitutivas, que podem ilustrar diferentes indexicalidades pressupostas ou emergentes. Todavia, o fato de serem ficções sócio-históricas que podem coexistir não significa que elas sejam igualmente valoradas. Em outras palavras, indexicalidades pressupostas e emergentes podem ser hierarquizadas de diferentes e provisórios modos nas práticas discursivas. Refletir sobre as diferentes possibilidades de hierarquização das indexicalidades nos remete ao conceito de ordem de indexicalidade (BLOMMAERT, 2006; 2010).

Inspiradas na ideia foucaultiana de ordem do discurso, que discute procedimentos de produção, controle, seleção, distribuição e organização de discursos e, portanto, estratégias

discursivas para legitimação e deslegitimação de discursos/sociabilidades (FOUCAULT, 1971/2003), as ordens de indexicalidade envolveriam uma estratificação hierárquica e valorativa, que visa explicar como alguns recursos semióticos são sistematicamente percebidos como válidos, outros, como menos válidos, havendo, ainda, aqueles que nem são citados no momento da interação (BLOMMAERT, 2010, p. 38). Por conseguinte, esse conceito está estreitamente relacionado a questões de poder, normatividade, acessibilidade e desigualdade, uma vez que diz respeito a “padrões de autoridade, controle e avaliação e, portanto, de inclusão e exclusão” (*id.*) de sociabilidades.

Vejamos um exemplo de hierarquização de indexicalidades (e sociabilidades) em Arraial do Cabo. Conforme anteriormente citado, nesse município, os pescadores cabistas seriam as sociabilidades mais valorizadas e legitimadas, os caringôs, considerados pescadores, mas não legitimados (porque não naturais do município) e as pescadoras nem sequer seriam citadas na maioria das narrativas. Ou seja, *uma* das ordens de indexicalidade existentes entre os/as pescadores/as de Arraial privilegia os performativos de gênero (e de naturalidade) como recurso para legitimação das performances narrativas.

Estou propondo que essa seria apenas *uma* das ordens de indexicalidade existentes em Arraial porque, assim como Blommaert (2010), acredito que as práticas discursivas sejam policêntricas, i.e., que não são orientadas por normatividades monolíticas, mas por múltiplos e descentrados centros normativos. Por esse motivo, inclusive, encontramos diferentes ordens de indexicalidade nos fenômenos sócio-discursivos. Nesse sentido, Blommaert (2010) propõe que “a policentricidade é uma característica central dos regimes interacionais” (*op. cit.*, p. 40), marcados por embates entre diferentes indexicalidades que podem ser pressupostas ou emergentes.

Vejamos outro exemplo relacionado ao contexto da presente pesquisa. Como já citado, uma das formas de legitimação das performances narrativas aqui investigadas envolve performances de masculinidade. Não obstante, em algumas narrativas emergiram uma série de expressões que compõem os saberes dos pescadores de Arraial do Cabo, como, por exemplo, “corricar”, “rabo de galo”, “quebra de vento”, “braça”, “malha”, “carnada”, “rede de forcada”, “fiar água”, “água ardida”, “lestada”, além dos nomes dos pesqueiros³², do conhecimento sobre os ventos e as marés.

³² Segundo Carneiro, Moraes e Vieira (2012, p. 31), “os pescadores de Arraial do Cabo delimitaram várias áreas de pesca ou pesqueiros costeiros, principalmente nos costões, onde são capturadas diferentes espécies de peixes

Esses termos podem ser associados à ideia de registro (AGHA, 2005) que envolveria formações sociais pertencentes a dado grupo, podendo servir como centro normativo desse coletivo³³. Por atuar como centro normativo de performances, “o registro é uma regularidade social. (...) [sendo] um modelo para alguém, ou seja, envolve um domínio social de pessoas que o reconhecem como modelo encenável através do discurso” (AGHA, 2005, p. 46). Em algumas das performances narrativas aqui analisadas, veremos que o registro e os saberes da pesca local seriam o modelo ou centro normativo para a performance de pescadorxs profissionais, e não necessariamente as performances de masculinidade.

Com efeito, como veremos na análise dos dados, a legitimação das performances aqui investigadas é feita com base em diferentes centros normativos, dependendo da sócio-história de cada pescadora, ilustrando, assim, a policentricidade inerente a essas narrativas, i.e., a coexistência simultânea de diferentes centros normativos. Isso ocorre porque os repertórios de contextualização que trazemos para as práticas discursivas são sempre variados e diferentes repertórios de contextualização têm, por sua vez, centros normativos distintos.

Desse modo, ainda que um centro normativo seja mais forte ou estável do que outro, sua estabilidade não impede a existência de outros centros e de práticas de resistência ou transgressão (LINDSTROM, 1992). Assim, por serem policêntricas, as performances narrativas aqui analisadas apontam para diferentes ordens de indexicalidade, com disputas entre indexicalidades mais estáveis e outras emergentes. Esta consciência é outra forma de reconhecer que todo signo é, ao mesmo tempo, singular e histórico ou (trans)local³⁴. Refletir

ao longo do ano, evitando, com isso, o acaso de suas pescarias”. Para conhecer alguns dos pesqueiros de Arraial do Cabo, ver anexo V.

³³ No período em que entrevistei pescadores de Arraial, antes da realização dessa pesquisa com mulheres pescadoras, em diversos momentos, Bonifácio parava suas narrativas para me explicar o significado de certas expressões, como quando me fala sobre o hábito do peixe “fiar a água” – “porque ali (...) tem a divisão de água também / (...) / água quente e água fria / então / qualquer peixe fica ali e ele fica / **na linguagem do pescador a gente trata fiando água / ele fica ali fiando água**”. Ao enunciar “na linguagem do pescador”, Bonifácio indexa uma consciência metapragmática do registro da pesca local e da necessidade de seu esclarecimento para mim, que não pertencço àquele grupo.

³⁴ Localidade e translocalidade são noções sugeridas por Pennycook (2010), para indicar respectivamente uma dimensão situada de dada interação e uma dimensão mais ampla que envolveria aspectos geográficos e históricos em escalas globais ou translocais. Embora Pennycook (2010) e Blommaert (2010) não façam referências um ao outro, acredito que suas discussões convirjam para a defesa da interpolação dos níveis micro e macrocontextuais de qualquer prática discursiva. Pennycook (2006/2014), inclusive, opta pelo termo “trans”, por crer que ele resguarde a ideia de movimento e a convergência paradoxal do micro e do macrocosmo social. Essa perspectiva encontra diálogo com a noção de escala Tempo-Espaço (Wallerstein, 1998; Blommaert, 2006a; 2010; no prelo) e com a dialética entre as indexicalidades pressupostas e as emergentes (Silverstein, 1998; 2003).

sobre o caráter situado e histórico de todo índice nos encaminha, por fim, ao conceito de escalas Tempo-Espaço (BLOMMAERT, 2010).

Apropriando-se da discussão sobre Tempo-Espaço (BAKHTIN, 1981; WALLERSTEIN, 1998), Blommaert (2006a; no prelo) propõe a metáfora de escala para teorizar sobre os processos de contextualização. Para Blommaert (2006a, p. 2), essa noção “aponta para o fato de que eventos e processos sociais se movem e se desenvolvem em um *continuum* de escalas em camadas (...) intermediárias” e que o elo entre essas camadas é indexical (BLOMMAERT, 2006a; 2010).

Ou seja, uma vez mais ecoando Bakhtin (1981), para quem o conceito de linguagem envolve tanto uma dimensão horizontal (variedades linguísticas) quanto uma vertical (estratificação), Blommaert (2006a; 2010) propõe que o *continuum* de escalas pode seguir uma orientação tanto vertical quanto horizontal. Assim, Blommaert (2006a) salienta que a análise do eixo vertical deve envolver uma reflexão “estratificada do espaço” (*op. cit.*, p. 4), considerando relações de poder socialmente produzidas entre diferentes sociabilidades. Em outras palavras, é necessário considerar como, onde e quando diferentes indexicalidades são hierarquizadas e localizadas (ou se localizam) nas práticas discursivas no contexto em questão.

Conforme já citado, no caso da presente tese, acredito ser possível reconhecer uma estratificação temporal-espacial entre cabistas, caringôs e pescadoras, que, ao ser associada a uma ordem de indexicalidade que valoriza os performativos de masculinidade e naturalidade, localiza os cabistas como os pescadores com maior prestígio e direito a territorialidades de pesca, os caringôs como pescadores ilegítimos e as mulheres no espaço de fragilidade, da complementaridade nas atividades em terra ou da invisibilidade na pesca em embarcações.

Assim, quando uma mulher sai para pescar em embarcações ela não somente rompe com uma matriz de inteligibilidade de gênero sobre o Tempo-Espaço feminino na pesca, como também encena um movimento entre escalas, por desafiar algumas ordens de indexicalidades, que, por exemplo, valorizam e legitimam exclusivamente as performances de masculinidade na pesca. Desse modo, embora reconheça que toda comunicação é permeada por escalas laminadas (BLOMMAERT, 2006a; SILVA, 2015) e que “operamos saltos escalares a todo momento” (SILVA, 2015, p. 76), na presente tese, quero chamar atenção para o movimento entre escalas que retiraria a mulher da dimensão de fragilidade, complementaridade, dependência na pesca e a relocalizaria em outra dimensão Tempo-Espaço

de maior agenciamento, seja pela transgressão da matriz de inteligibilidade de gênero, seja pela paródia subversiva.

Essa, contudo, não é a única estratificação que encontramos na pesca em Arraial do Cabo. Quero dizer, existe, ainda, outra estratificação que classifica xs pescadorxs em diferentes categorias, a saber: pescadrx profissional extrativista tradicional, pescadrx extrativista tradicional e pescadrx amadrx. Essa divisão foi proposta pela RESEXMAR-AC, que, no final de 2012, iniciou um processo de convocação e cadastramento de pescadorxs (ver folder no anexo II), ainda em processo, tem como critério distintivo o caráter de subsistência ou não da atividade de pesca. Ou seja, o cadastramento divide e classifica xs pescadorexs em 3 categorias, a saber:

- **Categoria A** – “pescador profissional extrativista tradicional que tem sua renda baseada exclusivamente na pesca, podendo, excepcionalmente, exercer atividades pontuais e temporárias” (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE/ICMBio, 2013, p. 2);
- **Categoria B** – “pescador extrativista tradicional que pesca rotineiramente e que tem outra fonte de renda fixa com carteira assinada, ou não, [e] tem na pesca um complemento de sua renda” (*op. cit.*, p. 6);
- **Categoria C** – “pescador amador, morador de Arraial do Cabo, que pesca por lazer, portanto não tem direito a comercializar o seu pescado. Tem seus petrechos de pesca limitados a linha, molinete, vara, tarrafa, caça submarina em apnéia. A quantidade de pescado será limitada e as áreas permitidas serão definidas pelo Plano de Utilização da RESEXMAR – AC” (*op. cit.*, p. 14)³⁵.

Essa tríplice classificação diz respeito axs pescadorxs que moram em Arraial do Cabo. Todavia, por ser uma cidade de grande apelo turístico, as atividades de pesca em Arraial também envolvem a chamada pesca esportiva, i.e., aquela que é realizada por turistas, de modo sazonal, e sem direito a quaisquer benefícios sociais e garantias (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE/ICMBio, 2013).

³⁵ A classificação foi feita por autodeclaração e, em dezembro de 2013, um impresso (de 20 páginas) com as fotografias dos/as pescadores/as foi amplamente divulgado, para que a população identificasse xs pescadorxs distribuídos pelas 3 categorias. Havia, ainda, ao final do impresso um formulário de consulta pública, para que a população questionasse a classificação proposta e, se necessário, ela fosse refeita. Até o presente momento, o cadastramento ainda não foi concluído.

A distinção entre a pesca amadora, a profissional e a esportiva é um assunto bastante controverso entre xs pescadorxs cabistas porque são consideradas, nessa divisão, questões de ordem econômica (subsistência exclusiva da pesca ou não), de ordem temporal-espacial (moradores ou turistas) e de ordem cultural (pescadorxs mais valorizados culturalmente ou não). Mesmo sabendo que se trata de um tema discutível e que tais classificações também são atos performativos (ver seção 3.1), chamo atenção para essa discussão, porque a distinção entre pescadorxs profissionais/tradicionais, pescadorxs amadorxs e pescadorxs esportivxs implica não somente uma legitimação cultural e autorização (ou não) para determinados espaços de pesca, como também uma estreita relação com as performances de gênero na região.

Marendino e Carvalho (2013) ilustram em parte este ponto, ao analisar um grupo de mulheres pescadoras que saem para pescar em embarcações no mar. Todavia, porque essas mulheres se declaram pescadoras por esporte, elas enfrentam outra fronteira cultural, a saber: uma redução maior dos espaços e das oportunidades de pesca. Em outras palavras, acredito que localizar a mulher/pescadora na escala Tempo-Espaço da pesca esportiva pode ser uma forma discursiva e cultural de deslegitimá-la e limitá-la nas suas possibilidades de ação, mesmo que essa localização não seja um discurso oficializado³⁶. Vale lembrar ainda que não é comum ouvir os homens pescadores serem categorizados como pescadores por esporte.

Com efeito, xs pescadorxs por esporte (ou turistas) têm menos direito ainda a territorialidades e oportunidades de pesca. Assim, além da estratificação já citada entre cabistas, caringôs e pescadoras, podemos citar a estratificação entre pescadores profissionais, tradicionais, amadores e por esporte. Finalmente, gostaria de dizer que é, no mínimo, curioso o fato de algumas mulheres entrevistadas se autodeclararem pescadoras por esporte, uma vez que são moradoras de Arraial do Cabo. De acordo com a classificação do ICMBio, acima explicitada, acredito que elas deveriam ser consideradas pescadoras amadoras (Categoria C) ou pescadoras tradicionais, mas com renda fixa (Categoria B), já que, quando caracterizadas como pescadoras por esporte, seus direitos à pesca são mais reduzidos ainda.

Embora nem todas as mulheres entrevistadas para essa tese tenham se declarado pescadoras por esporte, as performances aqui investigadas parecem carregar o movimento dialético entre indexicalidades macrossociais – as mulheres se profissionalizando e

³⁶ Faço essa ressalva, porque no impresso distribuído com a classificação dxs pescadorxs, vemos mulheres/pescadoras cadastradas nas 3 categorias de pescadorxs. Todavia, entre alguns moradores ou mesmo pescadoras, é comum ouvir esse discurso de que a mulher pescaria por esporte.

disputando espaços com os homens – e outras microssociais – a pesca ainda sendo desenvolvida no núcleo familiar heteronormativo (ver capítulo 4), que exalta os performativos de masculinidade, e a tradição de que fora do modelo de familiar nuclear a mulher estaria autorizada a pescar apenas na modalidade esportiva. Em outras palavras, como veremos nos dados, é possível identificar múltiplas indexicalidades e movimentos escalares nas narrativas aqui analisadas, ilustrando performances híbridas, paradoxais e intersticiais³⁷ (ver seção 3.1 e 3.2).

Frente a essa breve reflexão sobre as atividades de pesca em Arraial do Cabo, ressalto como as ordens de indexicalidade, a policentricidade e as escalas Tempo-Espaço são construtos complementares e interdependentes. Refletir sobre performances de gênero/pescadorxs a partir desses construtos implica trazer visibilidade às relações de poder e embates entre diferentes sociabilidades ou, ainda, entre indexicalidades pressupostas e emergentes (SILVERSTEIN, 2003).

Uma vez que entendo as indexicalidades pressupostas como efeitos de repetições históricas que sedimentaram certos significados, acredito que podemos compreendê-las como um efeito performativo de constantes repetições sócio-históricas (BUTLER, 1990; 1993). Tal perspectiva nos permite associar a discussão sobre indexicalidades ora proposta (SILVERSTEIN, 2003; BLOMMAERT, 2006a; 2010; no prelo) à teoria da performatividade (ver capítulo 3) e à visão performativa de linguagem de Austin (1962/1990), que é o cerne da próxima, e última, seção deste capítulo.

2.3. Sobre a visão performativa de linguagem

Em seu livro muito influente “como fazer coisas com as palavras”, Austin (1962/1990) teorizou que a vida social seria organizada com base em fenômenos pragmáticos por ele nomeados de *atos de fala*. Segundo Marcondes (2010, p. 115), a teoria dos atos de fala envolve a consciência “do uso da linguagem em contextos específicos para a realização de atos com objetivos determinados”. Ainda sobre os atos de fala, inicialmente, Austin propôs uma distinção entre atos performativos e constatativos. Tal distinção se sustentava na ideia de que os atos constatativos seriam declarativos e, como tal, classificados como falsos ou

³⁷ Collins e Slembrouk (2007) discutem a mobilidade escalar Tempo-Espaço em associação ao construto de *footing* (Goffman, 1979/2002). Essa associação será apresentada no capítulo 3.

verdadeiros. Já os performativos não poderiam ser considerados nem falsos, nem verdadeiros, mas entendidos como *ações* por fazerem aquilo que diziam fazer. Essa distinção, contudo, é desfeita ao longo da mesma obra, quando Austin propõe que todos os enunciados são performativos, porque estamos sempre agindo em nossas enunciações.

Com ênfase nos atos performativos, Austin afirmava, então, que, para que um *ato performativo fosse exitoso* não seria suficiente apenas o proferimento de palavras performativas, mas sim uma série de condições contextuais e textuais, conhecidas como *condições de felicidade*³⁸ (AUSTIN, 1962, p. 14-15). Assim, na visão austiniana, uma performance requereria não somente o proferimento das palavras adequadas, mas também o respeito às circunstâncias apropriadas e às pessoas autorizadas para tal (AUSTIN, 1962, p. 8), além do reconhecimento de uma intenção – aspecto problemático, segundo a visão aqui adotada.

Além de enfatizar a intencionalidade do falante, ao trazer destaque às circunstâncias e à convencionalidade de um ato performativo e aproximá-las dos atos cerimoniais, Austin sugere uma estreita ligação entre atos performativos e os ritualísticos, o que pode ser interpretado como uma delimitação de aspectos contextuais. Como proponho adiante, Derrida (1972) aponta algumas críticas a essa visão, problematizando as condições de felicidade, a intencionalidade e a noção de contexto de Austin.

No que diz respeito à intencionalidade, ao afirmar que os participantes devem ter intenção sincera para com seus atos, parece que Austin sugere que o controle da intenção pré-discursiva seria responsável pelo sucesso de um ato performativo. No entanto, acreditar que há uma intenção pré-discursiva é a mesma coisa que defender que haveria um significado, ou uma verdade, prévio e único a ser encontrado em dada enunciação (SILVA; ALENCAR; FERREIRA, 2014) – o que vai de encontro à argumentação que proponho. Frente a isso, alinho-me a Derrida (1972) nas críticas propostas a Austin.

Dentre essas críticas, destaco que, para Austin, a noção de contexto teria um valor “exaustivamente determinado”, “saturável” e “totalmente definível” e, portanto, ritualizado ou convencionalizado, o que poderia cercear as possibilidades de polissemia ou múltiplas indexicalidades, como defendido nesse trabalho. Ademais, quando Austin (1962, p. 26)

³⁸ Uma vez que não pretendo me aprofundar sobre as condições de felicidade na análise dos dados, destaco por hora que essas condições de felicidade envolvem a) a existência de um procedimento convencional com certas palavras, pessoas e circunstâncias obedecidas; b) as pessoas e circunstâncias devem ser adequadas ao procedimento; c) a completude do procedimento por todos os participantes que devem ter intenção sincera para com seus atos.

propõe que “deve haver um procedimento convencional aceito que produza certos efeitos convencionais e o pronunciamento de certas palavras, por certas pessoas em certas circunstâncias”, ele não parece considerar como dado procedimento foi convencionalizado e legitimado.

Em outras palavras, por enfatizar as circunstâncias, as pessoas e as enunciações de dado procedimento muito localmente, Austin acaba negligenciando os processos históricos responsáveis pela sedimentação e legitimação de dada prática discursiva, situando a força e o poder dos efeitos performativos exclusivamente nos enunciadores ou nas circunstâncias, o que aponta para uma visão determinista de poder e de linguagem. Ora, se, conforme já discutido, são múltiplas as indexicalidades de um signo, como explicar a estabilidade e a predominância de alguns significados sobre outros? Um dos caminhos para responder a essa questão é a discussão sobre iterabilidade proposta por Derrida (1972).

De acordo com Silva, Alencar e Ferreira (2014, p. 30), “Derrida interpreta os enunciados performativos de Austin a partir da noção de iterabilidade. Uma condição de possibilidade de uso dos signos é que sejamos capazes de extrair o signo de um contexto e levá-lo a outro”. Ao tematizar o signo e sua centralidade nos processos comunicativos, Derrida (1972) aponta que a possibilidade de iteração de um signo na ausência do sujeito que o proferiu e, portanto, a possibilidade de ruptura do signo com seu “contexto original” são elementos fundamentais para se pensar a historicidade de significados mais estáveis.

A possibilidade de um signo ou texto romper com limites contextuais e sua conseqüente realocação em novos processos de contextualização nos remete aos conceitos de entextualização e intertextualidade e para tal, novamente, ecoamos Bakhtin (1981). Ao tematizar o dialogismo inerente a todo discurso, Bakhtin (1981) discute o conceito de intertextualidade, que implica uma visão heteroglóssica sobre o signo e a linguagem, já que as palavras carregam consigo variadas histórias de usos (e abusos) (BLOMMAERT, 2006a). A intertextualidade trata, então, do reconhecimento de que os textos são citados e costurados uns nos outros em inúmeras tessituras e reiteraões.

A despeito dos inúmeros trabalhos com o termo intertextualidade, Bauman e Briggs (1990) utilizam, pela primeira vez, o termo entextualização, que, segundo esses antropólogos linguistas, traria maior visibilidade aos processos de descontextualização dos signos (discursos ou textos) e aos efeitos de sua recontextualização em novas práticas discursivas.

Segundo Bauman e Briggs (1990, p. 75), a entextualização envolveria, portanto, essa dupla face de todo signo ou de toda performance – sua descontextualização e recontextualização.

Vale dizer que ao serem descontextualizados, signos, textos e performances trazem consigo a história de seus usos, iterações e significados, mas, igualmente, quando recontextualizados, podem “se tornar discursos outros devido à maneira como são entextualizados dentro de uma dada matriz de significação social” (SILVA, 2015, p. 74). Ou seja, mais do que reconhecer que os textos e performances são continuamente citados, a noção de entextualização busca trazer visibilidade aos efeitos dessas citações ou ainda refletir sobre que índices estão sendo descontextualizados e recontextualizados e quais efeitos essas relocalizações trazem para o índice e para as práticas discursivas.

Ainda acerca desses pontos, gostaria de destacar uma breve reflexão sobre a ideia de descontextualização. Para Bauman e Briggs (1990, p. 73), a descontextualização envolve a ação de “tornar o discurso extraível, de fazer de uma sequência de produção linguística uma unidade – um texto – que pode ser levada para fora da sua situação interacional”. Em outras palavras, isso não quer dizer que o texto³⁹ seja autônomo, mas, na verdade, que o texto é iterável e, tal qual ocorre com a performance (ver capítulo 3), ele pode ser “recortado” de contextualizações anteriores e iterado em diferentes recontextualizações⁴⁰.

Vale lembrar, neste momento, que compreendo contextualização de maneira dinâmica e processual (ver seção 2.2) e não de forma fixa e física ou com limites previamente definidos⁴¹ (DERRIDA, 1972; BAUMAN; BRIGGS, 1990). Em outras palavras, o contexto não é uma instância pronta e acabada, à qual os sujeitos chegam e para qual fazem adaptações

³⁹ Nesse trabalho, texto é definido como parte, trecho ou fragmento do fluxo de discurso que pode ser “recortado”, descontextualizado e recontextualizado em novas práticas discursivas (Bauman; Briggs, 1990). Silverstein e Urban (1996, p. 3) referem-se a essa mesma ideia usando o termo “texto-artefato”.

⁴⁰ Se Bauman e Briggs (1990) citam o construto recontextualização, Pennycook (2010) usa o termo relocalização, por crer que o termo recontextualização poderia sugerir pouco mais do que fazer algo novamente em outro lugar. Para esse linguista aplicado, a ideia de relocalização “invoca um senso mais dinâmico de localidade e paisagem” (*op. cit.*, p. 236) e, por isso, propõe que enxerguemos a repetição “como ato de diferença, de relocalização e renovação” (*op. cit.*, p. 36). Embora esses autores não citem um ao outro, nem comentem semelhanças terminológicas, por entender que ambos destacam a dinamicidade dos processos de contextualização, por compreender a “a mesmidade que é diferença” (*op. cit.*, p. 37), e a confluência de elementos do micro e macrocosmo social, uso os termos recontextualização e relocalização de modo intercambiável na presente tese.

⁴¹ Bauman e Briggs (1990) sinalizam a mudança sufixal, de contexto para contextualização, como forma de marcar esse novo olhar mais processual sobre os processos de contextualização. Uma vez que cito diferentes autores/as, utilizo os termos contexto e contextualização de modo intercambiável nesta tese, compreendendo, contudo, ambos os termos de modo dinâmico e processual.

linguísticas. Como corolário, o contexto passa a ser entendido como prática social (SILVA; ALENCAR; FERREIRA, 2014), na qual os interactantes se engajam e da qual são parte (FABRÍCIO, 2006/2014; 2012). Por isso, como já apontado na Introdução, a noção de contexto nesta tese envolve diferentes escalas Tempo-Espaço (BLOMMAERT, no prelo), com suas múltiplas indexicalidades.

Dessa perspectiva, a iterabilidade de um signo sugere uma “lógica que une repetição e alteridade” (DERRIDA, 1972, p. 7). Essa dupla face da iteração⁴², além de nos permitir compreender o paradoxo do “mesmo-mas-diferente” (PENNYCOOK, 2010, p. 36), pode ser associada à discussão de Silverstein (2003) sobre o caráter pressuposto/emergente de todo índice. Ou seja, como lembra Butler (1997, p. 3), toda enunciação é “uma historicidade condensada: ela excede a si mesmo em direções para o passado e futuro, um efeito de invocações anteriores e futuras que constituem e escapam à instância da enunciação”. Se as invocações (ou indexicalidades) constituem, mas também escapam, a instância da enunciação, não há por que recuperar um referente único para o signo. De outro modo, o signo não representa uma realidade, mas “produz e transforma a situação” (DERRIDA, 1972, p. 13), por meio da capacidade de iterabilidade que lhe é inerente.

Assim, embora a repetição seja fundamental para que haja comunicação, ela também instaura a diferença, porque as possibilidades de contextualização nunca são saturadas e a iteração de qualquer enunciado sempre abre uma fissura essencial na negociação e interpretação dos significados (DERRIDA, 1972; BUTLER, 1990; 1993; 2010). Igualmente trazendo destaque para a dinamicidade dos processos de contextualização e do paradoxo repetição-diferença, Fabrício (2012, p. 5) cunha o termo transcontexto, para “capturar esse estado particular de fluxo, no qual estabilidade e evanescência se entrelaçam”.

Em diálogo com essa posição, Derrida (1972) e Pennycook (2007) apontam que a negligência da historicidade da força e estabilidade de um performativo poderia ser solucionada pela ideia que Austin chama de estiolamento. Segundo Austin (1962/1990, p. 36), estiolamento implica o enfraquecimento de um ato de fala, em virtude de suas repetições, quando ele é utilizado em um contexto de faz de conta, como o teatro. Assim, para Austin, o risco da repetição de um ato de fala deveria ser evitado.

⁴² Cabe lembrar, nesse momento, que para Derrida citacionabilidade e iterabilidade são ideias distintas (Threadgold, 2005, p. 266). Enquanto o primeiro termo diz respeito à citação de textos ou performances de modo geral, sem atentar para os diferentes processos de contextualização, considerando-os inalterados, o segundo traz maior destaque para os efeitos da repetição e invoca a diferença que reside nela.

Derrida (1972), no entanto, reconhecendo a iterabilidade dos signos, interpela-nos se “não seria esse risco [da citação/repetição] a própria condição interna e positiva da existência de um performativo?” (*op. cit.*, p. 17). Do contrário, “se a fórmula que pronuncio para abrir a sessão, batizar um barco ou declarar noivos como pessoas casadas não fosse identificável como seguindo a um modelo iterável, se, portanto, não fosse identificável (...) como ‘citação’” (DERRIDA, 1972, p. 18), como explicar o fato de um juiz ter a legitimidade para unir duas pessoas em casamento?

Dessa perspectiva, então, a linguagem é entendida como performativa e existe (e persiste!) porque envolve signos, que são repetidos, reconhecidos e cujos significados são estabilizados e reificados no processo de sua iteração. Assim, poderíamos dizer que todo performativo é impuro e híbrido, porque seu significado e sua força, aparentemente estáveis, são frutos de contínuas iterações e relocalizações sócio-históricas, tornando todo performativo heteroglóstico. Essas contínuas recontextualizações de um índice ou de uma performance não somente alteram os processos de contextualização, como também alteram o signo e a performance que foram entextualizados.

Semelhante reflexão pode ser proposta para os performativos de gênero que, seguindo o pensamento butleriano, são efeitos de contínuas iterações discursivas. A matriz de inteligibilidade de gênero (ver seção 3.2), por exemplo, é composta por alguns centros normativos e expectativas sociais sobre como as performances de feminilidade e de masculinidade devem ser encenadas. No entanto, a cada vez que essas normas são (re)citadas, elas são alteradas e uma fenda discursiva, com a possibilidade de mudança, é aberta no curso da história e das narrativas encenadas. Ou seja, é a própria repetição da norma que permite sua transgressão e alteração. Na presente narrativa, em que me debruço sobre performances de gênero/pescadorxs, esse olhar para a diferença na repetição e para o paradoxo das estabilidades convivendo com as rupturas é sustentado pela teoria da performatividade (BUTLER, 1990; 1993), que será discutida no próximo capítulo.

“Quando há um ciclone, veem-se sempre sinais no céu alguns dias antes, se estiver no mar, naturalmente. Em terra firme não os sabem prever porque não conhecem os sinais”

(Hemingway, 1952/2011, p. 64).



(Foto 3 – Pescadora de Arraial do Cabo – Foto de Paulo Barreto)

3. Sociabilidades como performances narrativas

*“Somos todos contadores de histórias e somos as histórias que contamos”
(McAdams, Josselom e Lieblich, 2006, p. 3)*

Ao longo das páginas traçadas até aqui, apresentei uma breve contextualização do momento sócio-histórico em que essa pesquisa se insere e algumas reflexões sobre a visão de linguagem que a sustenta, apresentando, ainda, informações espaçadas sobre como as sociabilidades de pescadores/as são organizadas e valoradas nas atividades de pesca em Arraial do Cabo. Volto minha atenção, neste momento, para o que pode ser considerado o ponto central da presente tese: as performances normativas de gênero no contexto da pesca.

Conforme apontado no capítulo anterior, nossas práticas discursivas são sempre orientadas por centros normativos que não necessariamente são harmônicos – o que torna todo evento discursivo policêntrico – e que podem ser valorados de diferentes modos – ilustrando ordens de indexicalidade distintas. Acerca dessas normatividades, Butler (2001) chama atenção, ainda, para seu caráter duplo: de um lado, orientar e guiar os modos como falamos-agimos uns com os outros, mas, de outro, normalizar ou padronizar que modos de falar-agir prevalecem sobre outros. A normatividade poderia ser pensada, então, tanto como regras sociais quanto como uma forma de coerção.

Apesar de a ideia de coerção ter um caráter repressivo e limitador, Butler (1990) nos mostra, com a teoria da performatividade, que mesmo o aspecto regrador da norma tem sua importância no paradoxo da “iterabilidade e heterogeneidade” (BUTLER, 2010, p. 17) e nas transformações históricas e sociais (SCOTT, 2000; BUTLER, 2001; 2011). No caso da presente tese, em que analiso performances narrativas de gênero/pescadorxs, essas normatividades compõem tanto no que diz respeito às performances de gênero, quanto às das culturas de pesca. Frente a isso, neste capítulo, proponho-me a discutir a *teoria da performatividade* (BUTLER, 1990; 1993) e como essa teoria pode ser relacionada com a teorização sobre *narrativas* e *performances narrativas* (THREADGOLD, 2005; THORNBORROW; COATES, 2005; GEORGAKOPOULOU, 2007; BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008; DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2008; MOITA LOPES, 2009; mimeo), com destaque para as transformações sociais nas relações de gênero na pesca em Arraial.

3.1. Sobre performances e performatividade

No capítulo anterior, com base em Derrida (1972), argumentei que é a iterabilidade de todo signo que lhe dá aparência de significado estável e que essa capacidade de ser iterado compõe todos os atos performativos. Essa mesma posição é aqui proposta para discutir as sociabilidades e corporeidades, por meio da teoria da performatividade. Segundo Butler (1993, p. XI), a “performatividade deve ser entendida não como um ‘ato’ deliberado ou singular, mas como a prática citacional e reiterativa pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia”, enquanto silencia os rastros da história da sua constituição “por meio da naturalização de sucessivas reelaborações” (OLIVEIRA, 2010, p. 236).

De acordo com Threadgold (2005, p. 266), o termo performatividade deriva da discussão austiniana sobre atos performativos, sendo, contudo, ressignificada pela leitura de Derrida (1972). Em outras palavras, Butler (1990; 1999) propõe que é a repetição de textos e performances que lhes dá a autoridade, a legitimidade e a estabilidade que podem lhes parecer natural. Ora, se são as iterações que dão estabilidade e aparência de substância⁴³ àquilo que precisa ser constantemente regulado e repetido (BUTLER, 1990; 1993; 2004), a performatividade pode ser considerada a teoria que explica como os discursos criam a ficção de efeitos ontológicos (BUTLER, 1993; 1996).

Sabedora de que essa iteração é feita com referência a centros normativos, que regulam e limitam nossas possibilidades de dizer-fazer, Butler sugere que

se sou alguém que não pode ser sem fazer, as condições do meu fazer são, em parte, as condições de minha existência. Se meu fazer é dependente do que me é feito ou, na verdade, de como sou feita pelas normas, então, a minha persistência como um "Eu" depende de eu fazer algo com o que é feito comigo. (...) Minha agência não consiste em negar essa condição de minha constituição. Se eu tenho qualquer possibilidade de agência, ela é aberta pelo fato de eu ser constituída por um mundo social que eu nunca escolhi. O fato de que minha agência está dividida com um paradoxo não significa que ela é impossível. Significa, apenas, que o paradoxo é a condição da sua possibilidade (BUTLER, 2004, p. 3).

Optei por entextualizar na íntegra essa longa citação, porque ela sintetiza as bases da teoria da performatividade. Ao sugerir que “sou alguém que não pode ser sem fazer” (*id*), a filósofa destaca a ideia de *existência* como *ação* e *performance* e, portanto, vai de encontro à

⁴³ De acordo com Butler (1999, p. 27), a metafísica da substância é uma ideia advinda do pensamento de Nietzsche, na crítica contemporânea, acerca das ontologias e crenças sobre a existência de um sujeito pronto, autônomo e anterior ao discurso e à performance.

crença de um sujeito ontológico anterior à performance (BUTLER, 1990; 1993). Além disso, ao afirmar que “meu fazer é dependente (...) de como sou feito pelas normas” (BUTLER, 2004, p. 3), a autora reconhece que a possibilidade de agência não significa ignorar a existência de normas reguladoras, nem tampouco fazer a defesa de uma ingênua visão volitiva do dizer-fazer.

Pelo contrário, para Butler (1990; 1993), é na iteração da norma que reside a diferença e a possibilidade da transgressão ou da transformação. Por isso, ela destaca o paradoxo da agência com a normatividade, como sendo fundamental para a resistência e a transformação sócio-histórica (SCOTT, 1988/1994; 2000; BUTLER, 2001; 2011), pois a mesma ação reguladora que limita as possibilidades de ação encontra, na sua iteração, “lacunas e fissuras [que] são abertas como instabilidades constitutivas de tais construções, como aquilo que escapa ou excede à norma” (BUTLER, 1993, p. xix).

As reflexões de Butler sobre a visão performativa de linguagem tiveram como ponto de partida as performances de gênero, que são o foco do presente trabalho. Assim, cabe lembrar que vivemos cercados/as por normas reguladoras de gênero, que nos orientam sobre os padrões de comportamento socialmente aceitos e sobre quais performances de gênero “deveríamos” repetir, reencenar e entextualizar. Essas normas e padrões de comportamento engendrado dizem respeito à matriz de inteligibilidade de gêneros (ver adiante) que seriam sedimentações performativas sobre o que significaria ser mulher ou homem em dado contexto sócio-histórico. Frente a isso, entextualizo a clássica citação butleriana, segundo a qual o gênero

prova ser performativo – ou seja, constituindo a identidade que ele pretende ser. Nesse sentido, o gênero é sempre um fazer, embora não seja um fazer por um sujeito que preexista ao feito. (...) o ‘fazedor’ é meramente uma ficção adicionada ao feito – o feito é tudo. (...) Não existe identidade de gênero por detrás da expressão de gênero. Essa identidade é performativamente constituída pelas expressões que parecem ser seus resultados (BUTLER, 1990, p. 25).

Quando afirma que o gênero é performativo, Butler chama atenção para o fato de que aquilo que categorizamos como performance masculina ou feminina é fruto da repetição estilizada de dizeres-fazer que, “de forma anônima e onipresente” (LOURO, 2010, p. 206), promovem a ilusão de estabilidade do que se entende por performativos de gênero. Em outras palavras, afirmar que o gênero é performativo significa que é na repetição das performances

estilizadas que nos constituímos como sujeitos generificados e que o gênero é um efeito dessas performances discursivas e não a causa delas.

Nessa visada, acredito ser possível, então, associar o conceito de performativo (BUTLER, 1990), e sua aparência de substância ou ilusão de estabilidade, com a discussão sobre as indexicalidades pressupostas (SILVERSTEIN, 1998), que permeiam nossas práticas sócio-discursivas, mas, igualmente, são alteradas a cada nova recontextualização (PENNYCOOK, 2010). Frente a tais pontos, destaco que, assim como não existe um fazedor “que preexista ao feito”, igualmente não há um “original”, nem referência extradiscursiva de gênero para essas reiterações, mas somente sua iterabilidade (DERRIDA, 1972; BUTLER, 1990). No tangente aos modos estilizados de dizer-fazer, cabe aqui uma reflexão sobre os construtos de performance e de estilização.

Segundo Goffman (2004), Pennycook (2007) e Threadgold (2005), a noção de performance é originária do teatro, mas, gradativamente, vem sendo incorporada por estudiosos/as de diferentes áreas. Para Thornborrow e Coates (2005), existem dois usos distintos para esse termo, a saber:

1) um uso relacionado aos estudos de performance como sociabilidades, como os trabalhos de Butler (1990; 1993) sobre gênero e sexualidade, alicerçados nas reflexões de Austin (1962) e Derrida (1972), sobre iterabilidade e linguagem;

2) e outro uso, vinculado aos trabalhos de antropólogos linguistas e etnógrafos, como Bauman (1986; 1992) e Bauman e Briggs (1990), mais voltados para performances ritualísticas e dramatúrgicas. Essas performances dramatúrgicas são consideradas intensificadas e, por vezes, associadas a encenações teatralizadas.

O que Bauman (1986) chama de performance e Bauman (1992), de performance cultural, seriam somente as performances intensificadas. Bauman (1992) propõe que as performances intensificadas são eventos agendados, programados e pré-anunciados, temporal e espacialmente limitados, sendo ainda ocasiões públicas coordenadas de grande valor reflexivo. Sobre o valor reflexivo, Bauman (1992) refere-se ao potencial reflexivo-cultural, ou de iconização, de uma performance. Concordo com a discussão sobre reflexividade cultural e potencialidade icônica das performances narrativas salientada por Bauman (1986; 1992), e Mishler (1999). Por esse motivo, uso, nesta tese, a ideia de performance cultural de pesca, como referência às encenações com algum tipo de estilização (ou iconização) cultural do universo da pesca. Todavia, não restrinjo meu olhar às performances intensificadas (Bauman,

1992), i.e., no presente estudo, compreendo como performance cultural (do universo da pesca), ou como uma iconização cultural, não somente a entextualização das performances de masculinidade, como também a entextualização do registro dxs pescadorxs (ver seção 2.2).

Assim, conquanto as performances de gênero também sejam culturais, históricas, estilizadas e, por vezes intensificadas, por reconhecer a entextualização do registro dos pescadorxs locais como uma outra possibilidade de legitimação de performances narrativas de pescadorxs, enfatizarei o registro da pesca quando me referir à ideia de iconização ou performance cultural. Desse modo, conquanto exista uma diferença entre as duas compreensões de performance citadas, uma vez que este estudo pretende analisar *performances narrativas de mulheres pescadoras*, considero centrais à discussão tanto as reflexões sobre gênero como performance (visão butleriana), quanto aquelas sobre performances culturais (visão baumaniana) de atividades de pesca.

No tangente à estilização, podemos dizer que há uma diferença maior de compreensão entre essas duas visões sobre performance. Com isso quero dizer que, enquanto a estilização na performance cultural (BAUMAN, 1986; 1992) diz respeito a encenações mais intensificadas e fabricadas, para Butler, estilização seria

uma nominalização do verbo *stylize* cuja melhor tradução seria *fazer conformar a um dado estilo* ou *tornar convencional*. Esse termo, portanto, tem menos a ver com estilo subjetivo (...) e muito mais com a repetição de normas sociais rígidas para convencionar práticas e comportamentos sociais (PINTO, 2007, p. 4).

Podemos dizer, então, que a repetição estilizada a que Butler se refere está relacionada à matriz de inteligibilidade de gêneros e aos seus enquadres regulatórios⁴⁴ (BUTLER, 1990). Assim, quando Butler sugere que a ficção de feminilidade (ou masculinidade) nada mais é do que “a repetição estilizada do corpo, um conjunto de atos repetidos dentro de um enquadre regulatório altamente rígido que congela através do tempo para produzir a aparência de substância ou de um tipo natural de ser” (BUTLER, 1990, p. 33), essa “aparência de substância” diz respeito aos performativos de gênero (ver seção 3.2) que podem atuar como centros normativos da performatividade de gênero. Por fim, vale lembrar que a repetição

⁴⁴ Apresento, na próxima seção, maiores reflexões sobre a matriz de inteligibilidade de gênero e suas estilizações, quando discuto os performativos de gênero.

dessas performances estilizadas são paródias⁴⁵ de idealizações para um suposto original de feminilidade e masculinidade, que seria mera ficção de uma prática performativa (BUTLER, 1990).

Frente a essas considerações, ressalto minha compreensão de *performance* como um modo de ação social e cultural, que é *aprendido e corporificado* a partir da *iteração e recontextualização* de performances legitimadas (BAUMAN, 1986; BAUMAN; BRIGGS, 1990; BUTLER, 1990; 1993). Saliento, ainda, que tanto as estilizações de performances de gênero (BUTLER, 1990), quando as de performance cultural (BAUMAN, 1986; 1992) relacionadas à pesca serão observadas na análise das performances narrativas de pescadoras aqui proposta. Ainda acerca da performance cultural, saliento que, para essa tese, entendo esse conceito envolvendo não somente performances intensificadas (como Bauman faz), mas também aquelas em que ocorre a entextualização do registro e dos discursos sobre a pesca local.

Convém lembrar, por fim, que existem dois aspectos comuns às duas visões de performance, a saber: a situacionalidade e o caráter público. Ao proporem que performances são eventos limitados temporal e espacialmente, Coupland, Garret e Williams (2005) destacam a situacionalidade e a provisoriedade das encenações e das interpretações propostas. Assim, ainda que existam normatividades e indexicalidades pressupostas, se toda repetição inaugura a diferença, em toda performance também haverá espaço para as indexicalidades emergentes e os significados provam *não* serem anteriores à performance.

Reconhecer a polissemia inerente à toda performance discursiva é uma forma de enfatizar a situacionalidade de cada encenação, destacando, ainda, seu aspecto relacional para com a audiência, i.e., seu caráter público. Isto porque a performance é sempre *pela* audiência e *para* a audiência (COUPLAND; GARRET; WILLIAMS, 2005, p. 69), o que nos direciona a uma ideia de *co-performance*, já que a alteridade é parte integrante do processo de contextualização. A audiência pode ser pensada tanto no estado de co-presença, quanto na

⁴⁵ O sentido de paródia aqui adotado está vinculado a Butler (1990). Para Butler (1990, p. 31), em diálogo com Derrida, paródia implica simplesmente a noção de cópia e iteração ininterrupta da qual nós, como sujeitos sociais e históricos, somos parte, assim como o argumento de que não haveria uma essência ou um original ao qual se referir. Salih (2013, p. 95) amplia tal discussão com a seguinte provocação: “qual é a diferença entre a paródia subversiva e o tipo ‘comum’ de paródia no qual, (...), todo mundo está de qualquer forma involuntariamente envolvido?”. Para encaminhar essa questão, recupero a discussão de Prins e Meijer (2002), quando, em entrevista, Butler deixa em aberto o que seria considerado uma paródia subversiva, porque os efeitos de uma performance não podem ser previstos. É nos processos de negociação e contextualização que os significados de subversão (ou não) poderão ser observados.

ideia de superdestinatários, que envolveriam, por exemplo, os centros normativos que orientam nossas performances.

No tangente à co-presença, uma importante associação pode ser feita entre os construtos de performance e o conceito goffmaniano de *footing* (GOFFMAN, 1979/2002; SILVA, 2015), ou seja, “como os interactantes são simultaneamente posicionados e se posicionam” (COLLINS; SLEMBROUK, 2007, p. 6) durante a interação. Por ser um construto teórico-analítico cambiante, os *footings* são compreendidos como “**alinhamentos** ou **posicionamentos**”⁴⁶ (SILVA, 2015, p. 117) que são projetados e negociados, indexando performances de sociabilidade, que podem ser tanto ratificadas quanto contestadas no curso da interação. Tais posicionamentos ou alinhamentos são feitos sempre em relação a três instâncias, a saber: à alteridade, a si mesmo e ao discurso⁴⁷.

Complexificando essa perspectiva, Collins e Slembrouk (2007) vão ressignificar esse conceito, associando-o aos movimentos escalares, apresentados na seção 2.2. Em outras palavras, esses autores também dialogam com Blommaert (2010; no prelo), quando propõem que a noção de escala é bastante útil para dar conta “da ação e do efeito recíproco entre características mais duráveis da ordem social, (...) e o tempo real interacional de comunicação face-a-face” (COLLINS; SLEMBROUK, 2007, p. 17). Convém destacar que a mudança de *footing* pode ser marcada ou com signos ou na prosódia, no tom da fala e até mesmo na orientação corporal.

Ainda no que diz respeito às mudanças de alinhamentos, Goffman (1979/2002) complexifica as noções de falante e ouvinte, ao discutir as estruturas de produção e formatos de participação⁴⁸ em uma interação social. No que tange, então, à estrutura de participação na interação face-a-face, para Goffman (1979/2002), falante e ouvinte são termos rudimentares que não dão conta da complexidade e dinamicidade que um encontro social abarca. Uma vez que a presente tese traz maior evidência aos efeitos da entextualização do registro dos pescadores ou das performances de gênero nas narrativas das pescadoras, penso ser necessária

⁴⁶ Grifos da autora.

⁴⁷ Uso o termo “discurso” marcado apenas com a minúscula, porque as reflexões goffmanianas se referem à esfera mais local e micro. Assim, embora me proponha a utilizar os construtos de Goffman porque trazem visibilidade a movimentos de entextualização que discuto nos dados, assim como Collins e Slembrouk (2007) pretendo fazê-lo de modo crítico e problematizando sua relação com a noção de discurso (Gee, 1999).

⁴⁸ Collins e Slembrouk (2007, p. 6) lembram que o “status de participação envolve mais do que uma percepção de condições de co-presença. (...) O status de participação implica ordenamentos político-geográficos, que de ‘forma escalonada’ muitas vezes são ignorados indexicalmente em encontros reais”.

uma breve reflexão sobre a noção de falante, que, para Goffman (1979/2002), é decomposta em animador, autor e responsável.

Quando uma pessoa enuncia um texto, ela é “um corpo envolvido numa atividade acústica, ou, se quiserem, um indivíduo engajado no papel de produzir elocuições” (*op. cit.* p. 133). Contudo, porque estamos constantemente participando de um fluxo discursivo e entextualizando textos de outrem em nossas enunciações e performances, sempre que enunciamos um texto, estamos animando vozes históricas e (trans)locais de outras pessoas em nossas performances.

Ainda de acordo com Goffman (*op. cit.* p. 134), a atividade de animar vozes e discursos alheios pode incluir uma noção de autoria, quando o falante sinaliza em seu discurso o processo de seleção de vozes que ele optou por recontextualizar ou a escolha de palavras específicas para tal processo. De forma semelhante, o animador pode ser considerado responsável (ou não) pela voz que anima, ao sinalizar se está “comprometido com o que as palavras expressam” (*id.*) ou não. Ao se responsabilizar pelo discurso, o indivíduo estaria falando “explícita ou implicitamente, em nome de um ‘nós’, não de um ‘eu’” (*id.*). Frente a tais considerações, as narradoras das performances aqui analisadas podem englobar (ou não) esses três papéis analíticos: animador/a, autor/a e responsável. Como a mudança de alinhamento é deveras dinâmica, Goffman sugere que esses papéis podem ser laminados na interação, o que certamente complexificará a análise das performances narrativas.

Costurando a discussão sobre mudanças de *footings* com os movimentos multiescalares, Collins e Slembrouk (2007) reconhecem a importância do aparato goffmaniano, mas sugerem que o remodelemos criticamente (*op. cit.*, p. 19). A costura entre o conceito goffmaniano de *footing* e a discussão sobre escalas Tempo-Espaço é mais uma maneira de ratificar o entrelaçamento das esferas micro e macro, entendendo todo fenômeno como (trans)local e reconhecendo que toda atividade pragmática é metapragmática (BLOMMAERT, 2010; no prelo). Com essa nova visada, é possível trazer visibilidade para a dialética entre as indexicalidades pressupostas e emergentes (SILVERSTEIN, 1998) ou para a repetição que é diferente (PENNYCOOK, 2010), assim como para as múltiplas escalas Tempo-Espaço envolvidas nos processos de contextualização e de encenação de performances. Feitas essas considerações e tendo esclarecido meu entendimento sobre a teoria da performatividade, sobre performativos e performances, na próxima seção, volto meu olhar para algumas reflexões sobre enquadres regulatórios e performativos de gênero.

3.2. Performativos de gênero

Conforme citado na seção anterior, a teoria da performatividade compreende a contínua (re)citação de normas e enquadres regulatórios que sedimentam ou substancializam um modo estilizado de ser. No que diz respeito à performatividade de gênero, para algumas vertentes de estudos de gênero, essas normas vêm sendo associadas à diferença sexual, que seria entendida como natural e imutável. Um exemplo dessa perspectiva seria os trabalhos de Beauvoir, que cria na distinção entre sexo e gênero, sendo o primeiro biológico/natural⁴⁹ e o segundo, cultural. Todavia, conforme já apontado na Introdução e capítulo 1, alinho-me a teóricos/as que findam com o binarismo natureza/cultura e compreendem que toda epistemologia (inclusive aquela sobre a natureza) é uma invenção discursiva, ou prática narrativa, sócio-historicamente situada.

Assim, em diálogo com Butler (1990; 1993), entendo que tanto o sexo quanto o gênero são construções discursivas e, portanto, não necessariamente fáceis de dissociar (SCOTT, 1986; 1988/1994; BUTLER, 1990; SALIH, 2012; PRECIADO, 2014). Nesse sentido, a filósofa estadunidense afirma que “o sexo, por definição, mostrará ter sido sempre gênero” (BUTLER, 1990, p. 8), não somente porque “o gênero não deveria ser concebido como a mera inscrição cultural de significado num sexo pré-dado” (*op. cit.* p. 7), mas também porque “o corpo não tem existência significável antes da marca de gênero” (*op. cit.* p. 8). Segundo Butler (1990, p. 66), “o próprio conceito de sexo-como-matéria (...) é uma formação discursiva que atua como fundação naturalizada da distinção natureza/cultura”.

Em diálogo com essa perspectiva, Preciado (2014, p. 25) vai propor que “o sexo, como órgão e prática, não é nem um lugar biológico preciso nem uma pulsão natural, (...) [mas] uma tecnologia de dominação heterossocial”. Assim, “a (hetero)sexualidade, longe de surgir de cada corpo recém-nascido, deve se reinscrever ou se reinstituir através de operações constantes de repetição e recitação dos códigos (masculino e feminino) socialmente investidos

⁴⁹ A distinção entre sexo e gênero de Beauvoir envolveria a manutenção do dualismo cartesiano, corpo vs. mente ou biológico vs. cultural, que implica a existência de um nível naturalizado e imutável acerca da discussão sobre sexo/gênero/sexualidade. Em entrevista concedida à Revista Cult, Butler (2013, p. 26) afirma que não tem “uma posição sobre Simone de Beauvoir, mas (...) que algumas de suas formulações são extremamente úteis. Então, (...) sua ideia de que alguém ‘se torna’ uma mulher é importante, abrindo a possibilidade de se tornar algo diferente de uma mulher, talvez um homem, ou talvez algo que exija outra forma de prática de nomeação”.

como naturais”⁵⁰ (PRECIADO, 2014, p. 26). Ainda segundo Preciado (2014), esses códigos recitados dizem respeito a “construções metonímicas do sistema heterossexual de produção e reprodução que autoriza a sujeição das mulheres como força de trabalho sexual e como meio de reprodução” (*id.*) e que indexam uma “dominação heterossocial”.

Acredito que essa ideia possa ser associada à “matriz heteronormativa” de Butler (1990), na qual “normas regulatórias materializam o ‘sexo’ e alcançam essa materialização através da reiteração forçada dessas normas” (BUTLER, 1993, p. XII). Essa posição não significa que há identidade entre sexo e gênero, mas sim que o corpo somente ganha existência social quando generificado, de modo que a matriz de relações de gênero é entendida como “anterior à emergência do humano” (BUTLER, 1993, p. XVII). Além disso, essa reiteração se desdobra contínua e indefinidamente, não somente porque estamos sempre reencenando performances de gênero, mas também porque a idealização de masculinidade e/ou feminilidade seria uma ficção nunca plenamente alcançável/finalizável (BUTLER, 1990; 1993).

Assim, esse infundável processo de materialização de um gênero “requer uma heterossexualidade tanto estável quanto oposicional” (BUTLER, 1990, p. 22), que seja reiterada e sustentada por uma oposição assimétrica entre possibilidades de performances para o feminino e para o masculino (BUTLER, 1993; PRECIADO, 2014). Em outras palavras, a matriz de inteligibilidade de gênero está estreitamente ligada à matriz heteronormativa, pois, quando a interpelação fundante afirma “é uma menina” ou “é um menino”, a nomeação generificada desse corpo inicia o processo de inculcação e materialização de um corpo generificado, estabelecendo suas fronteiras de ação e comportamento e localizações temporais-espaciais para esses corpos generificados. Para ilustrar algumas dessas expectativas e localizações, recorro a Preciado (2008, p. 91-92) que lista uma série de códigos para as ficções de feminilidade e masculinidade, que poderiam ser relacionados ao que Butler (1990; 1999) chama de performativos de gênero e suas respectivas estilizações.

Dentre os citados por Preciado (2008), destaco a preocupação com a beleza/aparência, o desejo da maternidade, a discrição e o silêncio tangendo a invisibilidade mesmo diante da

⁵⁰ Para Preciado (2014), mais do que performativo, o gênero é prostético e tecnológico. Ou seja, esse filósofo não discorda de Butler (1990), mas procura trazer ênfase à perspectiva tecnológica de gênero e sexualidade nas corporeidades. Encontro diálogo nessas duas perspectivas, porque acredito que, para Butler (1990), a corporeidade do gênero (com sua próstética e intervenção tecnológica) é parte da performatividade do gênero. Para a presente discussão, portanto, opto pela definição butleriana de gênero como performativo (Butler, 1990), por entender que ela é mais abrangente e pode incorporar as discussões também levantadas por Preciado (2014).

violência, ter as mãos pequenas, a elegância, não saber gritar, o medo de envelhecer, como sendo associadas às performances de feminilidades. Em contrapartida, haveria as características que realçariam a virilidade nas performances de masculinidades como o falar forte e saber levantar a voz, a agressividade, a força, o suor, a guerra, os meios de comunicação, a violência doméstica, as apostas e os jogos, ter as mãos sujas e com calosidades, saber beber e ganhar dinheiro, a inteligência, a direção da empresa e, finalmente, a caça e a pesca.

Optei por citar esses códigos não somente porque alguns deles serão recuperados na análise de dados, mas, principalmente, porque eles ilustram temporalidades-espacialidades performativas distintas para homens e mulheres – que diz respeito a uma das questões derivadas da pergunta de pesquisa (ver Introdução). Dito de outro modo, se para as mulheres caberia o espaço doméstico do cuidado com o lar, das questões privadas, da reprodução biológica e da fragilidade ou invisibilidade, comuns ao pensamento patriarcal já datado em muitas sociedades, para os homens haveria o espaço da vida pública, da comunicação social, de provedor e das atividades de caça e pesca com seu caráter dinâmico e imprevisível (LINSKER; TASSARA, 2005).

No caso específico da tradição de pesca em Arraial do Cabo, conforme aprofundo no capítulo 4, a mulher ocupou tradicionalmente um Tempo-Espaço centrado na vida doméstica e nas performances de fragilidade e dependência da figura masculina (FONTENELLE, 1960). Carvalho (2013, p. 94) aponta que “historicamente as mulheres de Arraial acompanharam a divisão sexual do trabalho pesqueiro, ficando restritas a tarefas consideradas leves, como a de limpar, salgar e pesar o pescado”. Ferreira e Fialho (2013), em outro trabalho também sobre as tradições de pesca em Arraial do Cabo, lembram que

as mulheres ajudavam em muita coisa. O peixe só era salgado pelas mulheres. Elas faziam renda, faziam uma porção de coisinhas em casa, buscavam água na cacimba, iam na restinga ou iam no morro e vinham com aquele cesto de lenha nas costas, lavavam roupa na mão ou no punho, ensaboava, rebatia, enxaguava e botava no sol pra secar [entrevista com Sr. Joaquim Torrada] (FERREIRA; FIALHO, 2013, p. 40).

Diante dessas citações, percebemos que, se, por um lado, na pesca, a mulher era localizada em uma escala Tempo-Espaço de maior fragilidade e menor vigor físico, em outras atividades, da sua vida doméstica, lhe era exigido grande vigor físico para buscar (e carregar) água e lenha, por exemplo, além de ação de lavar roupas nas pedras. Ou seja, é no mínimo

contraditório perceber a figura feminina sendo localizada em uma escala Tempo-Espaço de dependência e complementaridade na pesca em Arraial do Cabo, em função da sua “dita fragilidade”, sabendo de todas essas atividades realizadas pelas mulheres. Com as mudanças sociais e as novas necessidades econômicas, as mulheres de Arraial passaram a colaborar com o provimento da receita para a vida familiar, atuando, inclusive, na pesca. Essa colaboração, entretanto, também encontra alguns limites e fronteiras culturais (ver seção 2.2), ilustrando a convivência entre desestabilizações nas performances de gênero/pescadorxs com outras visões mais estáveis e preconceituosas sobre a atuação das mulheres nos barcos de pesca.

Vale lembrar, ainda, que essa reprodução ou a contestação da performatividade de gênero/pescadorxs encontra-se entrelaçada em outros traços performativos, como os de raça, etnia, sexualidade, idade e classe social (BUTLER, 2004) e mesmo aqueles que classificam a pesca como profissional, tradicional, amadora ou por esporte. Tal posição, bastante contemporânea, sugere que enfatizemos as pós-identidades e compreendamos as performances de modo cada vez mais provisório e envolvendo um amálgama de múltiplos performativos interseccionais.

Frente a isso, seria uma contradição isolar e estudar apenas “uma performance”, seja ela de gênero, raça ou sexualidade. No caso da presente investigação, a ênfase recai sobre performances de gênero/pescadorxs, porque é possível notar uma delimitação de escalas Tempo-Espaço generificadas na pesca (WOORTMAN, 1992; MOTTA-MAUES, 1999; LINSKER; TASSARA, 2005; CAVALCANTI, 2008). Desse modo, justifico o destaque que faço às performances de gênero nessa discussão, pelo posicionamento político que tal ênfase indexa nas culturas de pesca. No entanto, porque essas performances estão costuradas em outras, como as de heteronormatividade e de idade no caso do presente estudo, sempre que necessário, outros traços performativos inteseccionais também serão considerados na análise de dados.

Feitas essas considerações sobre as estilizações de performances de gênero e de performances culturais, associando-as, ainda, às atividades de pesca em Arraial do Cabo, na próxima seção, discuto minha compreensão sobre performances narrativas, vinculando-as aos construtos apresentados até então.

3.3. Performances narrativas

Semelhante ao que ocorre com outros construtos já discutidos, o conceito de narrativa não é de fácil definição (MISHLER, 1999; 2002; GEORGAKOPOULOU, 2007b). Todavia, em meio às diversas possibilidades de conceituação, um consenso pode ser observado: Labov é considerado o precursor dos estudos narrativos no campo dos estudos da linguagem (MISHLER, 1986; LINDE, 1993; SANTOS, 2007; 2013; THREADGOLD, 2005; OLIVEIRA, 2012). Por esse motivo, embora o presente estudo não adote a visão laboviana e prototípica de narrativa, destaco alguns de seus aspectos, para justificar as mudanças e escolhas teórico-analíticas realizadas.

Se para Labov, a narrativa seria “um método de recapitular experiências passadas por meio da correlação entre uma sequência verbal de orações e uma sequência de eventos, os quais (imagina-se) que realmente ocorreram” (LABOV, 1972 p. 359), estabelecendo uma relação especular entre o fato ocorrido e o fato narrado⁵¹ e uma linearidade causal entre passado e presente, conforme já apontado na Introdução, a narrativa é aqui tomada como uma invenção do passado realizada no presente (MISHLER, 2002; BAUMAN; BRIGGS, 2003).

Meu interesse não está relacionado à estrutura interna da narrativa, como fazem estudos de vertente laboviana⁵², mas sim nos efeitos corpóreos e discursivos das narrativas (MOITA LOPES, mimeo) encenadas por pescadoras e sobre a relação entre essas performances, a performatividade de gênero/pescadorxs e as ordens de indexicalidade vigentes entre xs pescadorxs de Arraial do Cabo. Refletir sobre esses efeitos demanda uma análise sobre *como* determinada narrativa foi contada (GUBRIUM; HOLSTEIN, 2003), ou mesmo, *por que* foi escolhida para ser narrada⁵³. Em outras palavras, os efeitos corpóreos e discursivos estão estreitamente relacionados à reportabilidade de uma narrativa. Dado à dimensão mais social e discursiva desse conceito laboviano (BASTOS, 2004; GEORGAKOPOULOU, 2007a; FABRÍCIO; BASTOS, 2009), embora não utilize o arcabouço teórico de Labov, faço, nesse momento, uma breve reflexão sobre a reportabilidade.

⁵¹ Críticas a essa conceituação laboviana serão pontuadas ao longo dessa seção (Mishler, 1986; 2002; Bamberg, 2007; Georgakopoulou, 2007a; Bamberg; Georgakopoulou, 2008; Fabrício; Bastos, 2009; entre outros).

⁵² O interesse de Labov estava na estrutura interna da narrativa. Para ele, a narrativa prototípica deveria conter *resumo, orientação, ação complicadora, avaliação, resolução e coda*.

⁵³ Semelhante reflexão pode ser feita sobre a performance do/a pesquisador/a ao se problematizar por que determinada performance narrativa foi escolhida para compor a análise de dados (Gubrium; Holstein, 2003; Briggs, 2007).

Para muitos/as estudiosos/as, a reportabilidade da narrativa está fortemente vinculada a questões culturais (BAUMAN, 1986; 1992; BAMBERG, 2004; BASTOS, 2004; THORNBORROW; COATES, 2005; FABRÍCIO; BASTOS, 2009). Assim, se para Labov a reportabilidade deveria envolver o extraordinário, outros autores trazem um olhar mais (trans)local e provisório, ressignificando o que pode ser considerado reportável (GEORGAKOPOULOU, 2007a; SANTOS, 2007; BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008). Em outras palavras, nessa nova visada, a reportabilidade pode ser aparentemente sobre nada importante (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008, p. 5), mas, ainda assim, indexar relações intersubjetivas e significados culturais para os participantes da interação ou de uma comunidade.

Esse novo olhar à reportabilidade vem associado a uma série de outras redefinições nos estudos da narrativa. Dentre essas redefinições, De Fina e Georgakopoulou (2008) chamam nossa atenção para o fato de que a narrativa deixa de ser vista “como um gênero bem definido e delimitado com uma estrutura identificável em direção à exploração da multiplicidade, fragmentação e situacionalidade irreduzível de suas formas e funções num amplo escopo de arenas sociais” (*op. cit.*, p. 275). Segundo essas autoras, essa mudança ficou conhecida como “um movimento da narrativa como texto (...) para narrativa como prática dentro da interação social”⁵⁴ (*id.*).

Essa transformação ocorreu por variados motivos, dentre os quais destaco a mudança, já citada, na definição de contexto para contextualização e a redefinição do que envolveria um recorte narrativo, uma vez que as fronteiras entre “análise narrativa e pesquisa narrativa foram borradas” (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2008, p. 276), transformando todo o processo de pesquisa em uma prática narrativa (GEORGAKOPOULOU, 2007b; DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2008). Frente a isso, destaco que compreender a escrita sobre uma pesquisa como uma performance narrativa implica trazer um sabor situado, implicado, provisório e inconcluso à toda produção epistêmica (ver Introdução).

Ainda no tangente ao recorte narrativo, De Fina e Georgakopoulou (2008, p. 275) discutem o “aumento da aceitação da narrativa como o falar em interação social” (*op. cit.*, p.

⁵⁴ Esse olhar para narrativa como prática interacional ficou conhecido, no mundo acadêmico, como a segunda virada narrativa e enceta uma nova maneira de entender não somente os estudos narrativos (Gubrium; Holstein, 2003; Bamberg, 2007; Georgakopoulou, 2007; Bamberg; Georgakopoulou, 2008; De Fina; Georgakopoulou, 2008), mas também a própria produção do conhecimento como uma prática narrativa (Venn, 2000; Mishler, 2002; Gubrium; Holstein, 2003). Em outras palavras, essa visada significa que, ao teorizarmos a vida social, estamos narrando ou inventando a vida social que teorizamos.

27). Em outras palavras, segundo Georgakopoulou (2007b), a narrativa não mais seria vista de modo destacado da prática interacional em que seria gerada, o que, no caso do presente estudo, implica reflexões sobre a narrativa gerada em entrevistas (ver capítulo 4). Acerca dessa compreensão da narrativa, como fala na interação, Georgakopoulou (2007b, p. 37) pondera que “abrir a categoria da narrativa para incluir tudo é um perigo grave”. Frente a isso, essa estudiosa se propõe a assumir um caminho intermediário que nem trabalhe com critérios fixos para definição de narrativa – o que manteria uma ortodoxia – nem tampouco abrir em demasia essa compreensão e considerar, *do ponto de vista analítico*, tudo como narrativa⁵⁵.

No processo de definir critérios para identificar a narrativa dentro das entrevistas, Georgakopoulou (2007b) sugere o termo “pequenas estórias”, que “de algum modo é uma formulação antidota para a tradição de longas estórias” (*op. cit.*, p. 36). Corroborando essa visão, Bamberg e Georgakopoulou (2008) apontam que a pequena narrativa⁵⁶ é, outrossim, uma nova maneira de conceber narrativas agrupando uma série de atividades discursivas antes não consideradas nos estudos narrativos tradicionais. Nessa nova visada somos convidados a considerar, como pequenas narrativas, o “contar eventos em andamento, futuros ou hipotéticos, eventos conhecidos e compartilhados, mas também alusão a narrativas prévias, adiamentos e recusas de narrativas” (*op. cit.*, p. 5).

Algumas das micronarrativas aqui analisadas foram elicitadas durante as entrevistas, quando solicitei que histórias fossem contadas ou explicadas (MISHLER, 1986; THORNBORROW; COATES, 2005; MOITA LOPES, 2010). Em outros momentos, contudo, também encontramos pequenas narrativas – ou com estilizações da performance cultural de pesca ou estilizações de masculinidade – emergindo do fluxo da entrevista sem que fossem necessariamente solicitadas. Acredito que essas performances narrativas⁵⁷ (de gênero ou da cultura da pesca) que “se levantam” do fluxo interacional (BAUMAN; BRIGGS, 1990)

⁵⁵ A ressalva que faço sobre o que considerar como narrativa, *do ponto de vista analítico*, é justificada em função da metodologia de pesquisa que adoto – estudo de narrativas (ver capítulo 4) e porque reconheço a necessidade de critérios para o recorte de dados que apresento no capítulo 5. Do contrário, a presente pesquisa poderia ser confundida com estudos da Análise da Conversa (Georgakopoulou, 2007b), o que não é o caso. No próximo capítulo, discuto com maior detalhamento a compreensão que tenho de entrevista como prática narrativa, mas também os critérios que adoto para o recorte das micronarrativas analisadas.

⁵⁶ Utilizarei os termos “pequena narrativa”, “pequena estória” e “(micro)narrativa” de modo intercambiável.

⁵⁷ Por ter como centro normativo convenções sociais e discursivas, na análise, discuto tanto a estilização de performances de gênero (Butler, 1990), quanto aquela que envolve o registro (Agha, 2005) da pesca local, atentando para pistas indexicais como tom de voz, entonação ascendente ou descendente, gesto físico, vocabulário, etc.

emergem “para ilustrar um argumento” (MOITA LOPES, mimeo) ou alinhamento, já que um dos efeitos da narrativa é indexar o narrador e sua posição ao contar dada narrativa (BAMBERG, 2007).

Frente às últimas considerações, ressalto que, além de compreender toda entrevista como uma prática/performance narrativa (GUBRIUM; HOLSTEIN, 2003; SANTOS, 2007; DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2008), para o recorte de dados que faço estou atenta às performances (micro)narrativas de gênero/pescadorxs – como unidade textual facilmente descontextualizável e entextualizável (BAUMAN, 1986; BAUMAN; BRIGGS, 1990) – que emergem durante a entrevista e que indexam diferentes modos de hierarquização e de legitimação das performances narrativas investigadas. Saliento, ainda, que os efeitos corpóreos e discursivos dessas performances narrativas são provisórios e situados e que “o significado final da narrativa é sempre adiado” (BUCHER, 2013, p. 139), porque a performance é sempre relacional, sendo marcada por um constante devir e processo de reiteração, movimento e recriação.

Feitas essas considerações, ressalto que, até o momento, contextualizei o presente estudo e discuti a visão performativa de linguagem que o norteia, com destaque para a compreensão indexical de significados. Apresentei também a compreensão de gênero como performativo e articulei essa visão ao conceito de performance narrativa, como base para a reflexão que proponho sobre performances narrativas de gênero/pescadorxs, atentando, principalmente, para as ambíguas indexicalidades e escalas Tempo-Espaço convocadas nessas performances. Argumentei, também, como o construto de narrativa é pervasivo e, nesse trabalho, engloba não somente o cerne da análise e a metodologia de pesquisa, como também a compreensão que tenho de toda produção epistêmica. No próximo capítulo, então, apresento algumas reflexões sobre o processo de geração dos dados e sobre a metodologia de pesquisa aqui adotada.

“Mas que grande peixe é ele e que fortuna deve valer no mercado, se tiver boa carne. Agarra na isca como um macho [uma fêmea] e puxa como um macho [uma fêmea], e na sua luta não há pânico”.

(Hemingway, 1952/2011, p. 53)



(Foto 4 – Pescadora de Arrial do Cabo – Foto de Paulo Barreto)

4. Contextualizando performances narrativas de pescadoras e pesquisadora: reflexões metodológicas

*“Respostas são como encruzilhadas nas quais múltiplos caminhos convergem com sinalizações para todas as direções”
(Briggs, 2003, p. 248)*

Neste capítulo, volto meu olhar para reflexões sobre narrativa no tangente à geração dos dados, uma vez que a presente pesquisa é um estudo de narrativas geradas em entrevistas (GUBRIUM; HOLSTEIN, 2003; 2012; SANTOS, 2007; 2013). Gubrium e Holstein (2012) nos convidam a compreender a entrevista em todo seu potencial de significados. Em diálogo com esses autores, destaco que entendo a entrevista como ato de fala (MISHLER, 1986) e como prática e performance narrativa (GUBRIUM; HOLSTEIN, 2003; 2012; DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2008; PENNYCOOK, 2010). Tal ressignificação da entrevista implica repensar como entendemos a participação dos sujeitos envolvidos e como os pesquisadores analisam/apresentam os dados nela gerados (BRIGGS, 2003; 2007a; GUBRIUM; HOLSTEIN, 2003; 2012).

Ou seja, passam a ser centrais reflexões como: quais repertórios, indexicalidades e centros normativos (ver seção 2.2) são engendrados na entrevista e entextualizados nas narrativas (ver seção 3.1), quais ordens de indexicalidade são sugeridas pela maneira como esses repertórios são hierarquizados (ver seção 2.2) e como os excertos da análise são escolhidos, descontextualizados, transcritos e recontextualizados pelo/a pesquisador/a na apresentação escrita de suas reflexões (BRIGGS, 2007a). O presente capítulo objetiva, assim, discutir algumas dessas questões inerentes à realização e à análise das entrevistas como prática narrativa, explicitar os critérios que utilizo para o recorte dos excertos analisados, assim como sugerir ganhos epistêmicos/éticos e possíveis limitações dessa perspectiva.

4.1. Entrevistas como práticas narrativas

Escolhas teórico-metodológicas são escolhas de ordem política (MOITA LOPES, 2006/2014; 2010; FABRÍCIO, 2006/2014). A opção pelo estudo de narrativas, ou de entrevistas como práticas narrativas (GUBRIUM; HOLSTEIN, 2003; 2012; SANTOS, 2007; DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2008), associada à perspectiva indexical de linguagem,

está alinhada às novas formas de produção epistêmica ou “paradigma emergente” (ver capítulo 1).

Assim, embora Klepper (2013, p. 2) nos alerte para o fato de que o século XX presenciou a crise da identidade e da narrativa⁵⁸, nas décadas de 80 e 90, houve um renascimento da pesquisa narrativa, agora sob uma perspectiva mais interdisciplinar. Mais do que interdisciplinar, acredito que um estudo de narrativas, costuradas nas performances de gênero e nas práticas de uma comunidade de pesca, ilustre o viés INdisciplinar dessa tese, percebido não somente na definição dos sujeitos de pesquisa – mulheres pescadoras – como também na perspectiva híbrida que trago para o debate, tanto de minha parte, como pesquisadora, quanto dxs sujeitxs de pesquisa.

Acerca da entrevista como instrumento para geração de dados, Mishler (1986) é considerado pioneiro no debate sobre as complexidades das entrevistas como prática discursiva. Em sua obra, “Research Interviewing”, ele aprofunda as reflexões sobre a prática de entrevista, sobre seus participantes, sobre as relações de poder inerentes a tal prática e, principalmente, critica alguns ideais da pesquisa positivista que acreditava que o entrevistado seria um “reservatório de respostas” prontas e acabadas, as quais seriam acionadas pela pergunta/estímulo adequado do pesquisador (GUBRIUM; HOLSTEIN, 2003; 2012).

Assim, criticando o ideal de “resposta pronta e acabada” ou da “verdade do entrevistado”, Gubrium e Holstein (2003; 2012) e Briggs (2003) problematizam o modo autônomo como a entrevista moderna era conduzida e investida de uma prática confessional, que buscava conhecer “a verdade” sobre um sujeito. Em contraposição a essa visão, entender a entrevista como prática discursiva e ato de fala performativo implica compreender a relação entre entrevistador e entrevistado como uma realização *in loco* sujeita a contínuas negociações-interpretações, que envolvem tanto atividades pragmáticas quanto metapragmáticas que compõem a contextualização dos processos de geração de dados⁵⁹ (MISHLER, 1986; 1999; GUBRIUM; HOLSTEIN, 2003; BRIGGS, 2007a).

⁵⁸ Segundo Klepper (2013, p. 2), essas crises ocorreram porque ao mesmo tempo em que o aumento da mobilidade social e da competição favoreceu a “deterioração de laços tradicionais” (*id.*) e a “diversificação e pluralização dos estilos de vida” (*id.*), “a validade da narrativa como categoria sólida” (*id.*) foi ameaçada.

⁵⁹ Briggs (2007a) amplia ainda mais o escopo de reflexões sobre a entrevista, ao nos convidar para examinar os processos de descontextualização e recontextualização de performances e textos presentes não somente durante a entrevista, mas também quando relatórios escritos (sobre as pesquisas) são elaborados pelo pesquisador.

Em diálogo com essas reflexões sobre a contextualização da/na entrevista, tanto Briggs (2007a) quanto Bastos e Santos (2013) lembram que há poucos estudos que discutem a entrevista como metodologia para geração de dados. Frente a isso, Briggs (2007a) pretende “reterorizar a entrevista” e trazer novas reflexões sobre os modos como as entrevistas “produzem sujeitos, textos, conhecimento e autoridade e suas relações com outras práticas contemporâneas” (*op. cit.*, p. 552). Articulando essas reflexões à presente pesquisa, destaco a complexidade das entrevistas ao considerar não somente as relações de saber-poder institucionalizadas (e corporificadas na minha performance de professora e pesquisadora), mas também as relações de saber-poder envolvendo performances de gênero e performances culturais onde encontro saberes da pesca local sendo entextualizados (FERREIRA; FIALHO, 2013).

Com isto quero dizer que, embora eu pudesse projetar em muitos momentos um *footing* mais empoderado e institucionalizado, de professora e pesquisadora de posse de um gravador, não podemos esquecer que eu desconhecia totalmente a cultura de pesca quando comecei a realizar as primeiras entrevistas. Vejamos um exemplo. Quando Bonifácio em uma das entrevistas me diz “a senhora é professora né? (.) com seus alunos a senhora tem a sua tarimba (...) a senhora tem toda experiência que eu num tenho!↑ eu sou analfabeto↑ (...) a senhora como diz os nativo dá carta e joga de mão na minha presença (.) por quê?↑ A senhora é uma professora formada e eu num sou agora (.) dentro do mar (.) da pescaria (.) eu sou formado (.) eu tenho minha experiência (...) e a senhora num tem!↑”⁶⁰, ele está indexando discursivamente diferentes autoridades sobre Tempo-Espaços distintos e sobre as performances de pesquisadora e pescador.

Sandra, em algumas entrevistas, também pergunta se eu conheço determinadas espécies de peixe, que, normalmente, eram-me desconhecidas. Outras vezes, citava nomes de apetrechos utilizados na pesca que demandavam explicações para que eu compreendesse sua narrativa. De algum modo, podemos dizer que ela também estaria sugerindo uma relação de poder comigo e sinalizando meu desconhecimento sobre as culturas da pesca local.

Diante desses pontos, destaco minha compreensão de entrevista como prática narrativa (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2008) porque, ao longo de cada uma das entrevistas, eu e as pescadoras encenamos diversas, e por vezes conflitantes, performances narrativas,

⁶⁰ Entrevista realizada em 01 / 02 / 2012, na casa de Bonifácio, antes de ser iniciada a geração de dados para a presente pesquisa (ver Introdução).

negociamos relações de poder e interpretação de repertórios culturais e projetamos *footings* umas para as outras, animando, autorando ou nos responsabilizando por diferentes vozes sociais. Por isso, junto de Mishler (1986; 1999) e Gubrium e Holstein (2003), entendo a entrevista como ato de fala que engendra e entretece as sociabilidades narrativas que encenamos (trans)localmente, durante a entrevista.

Reflexões sobre as performances narrativas encenadas, contudo, não devem se restringir ao momento da entrevista, posto que, como apontado, a escrita dessa tese também é compreendida como prática narrativa. Desse modo, vale salientar que, embora durante as entrevistas nem sempre eu estivesse em posição de “maior controle” sobre o tópico⁶¹, ou sobre os conhecimentos que surgiam, Briggs (2007a) chama atenção para as atividades *a posteriori* da entrevista, nas quais o/a pesquisador/a estaria em posição de maior controle discursivo, uma vez que a relação de poder “não reside apenas no controle sobre como o discurso é manifestado no contexto de sua produção, mas em ganhar controle na sua *recontextualização*” (*op. cit.*, p. 562).

Frente a isso, considero essencial chamar atenção tanto para as reflexões propostas por Briggs (2007a) – sobre o perigo de ratificarmos, em nossas pesquisas, modelos metapragmáticos que reificam relações de poder – quanto para as discussões foucaultianas sobre a microfísica do poder (1979/2011), que reconhecem as (micro)resistências, na capilaridade das práticas discursivas e os pequenos abalos e desestabilizações que ocorrem na repetição que é diferente (ver seções 3.1 e 3.2).

Desse modo, entendo que tanto os processos de contextualização quanto os de recontextualização dos dados aqui nesta tese são complexos e passíveis de contínuas negociações sobre os significados engendrados, podendo reificar (ou não) as relações de poder já conhecidas, assim como imaginar outras. Além disso, acredito que essas reflexões dependam de como recortamos os dados analisados e do nosso olhar sobre eles. Em outras palavras, se olharmos para a diferença na repetição ou se apenas buscaremos ressaltar a mesmidade nas práticas analisadas.

⁶¹ Segundo Brown e Yule (1987), tópico é um construto utilizado por analistas do discurso, que, assim como outros tantos desta tese, não seria de fácil definição e delimitação. Os autores sugerem, então, a expressão “arcabouço topical”, que envolveria uma reflexão sobre “quais características do contexto são relevantes na interpretação de um fragmento particular do discurso” (*op. cit.*, p. 75). Ou seja, para delimitar um tópico, ou um “arcabouço topical”, devemos atentar para o “arcabouço contextual” (*id.*) do fenômeno estudado e como esse arcabouço é indexado no/pelo excerto recortado.

Nesse sentido, destaco que a interpretação ora apresentada é apenas uma perspectiva dos eventos em questão, fruto de recorte que eu, como pesquisadora faço, no intuito de responder às questões apresentadas na Introdução. Em outras palavras, as interpretações aqui apontadas são entendidas como provisórias e imbricadas no *encontro* das *minhas perspectivas sócio-teórico-analíticas* de pesquisadora com *as perspectiva sócio-culturais dos/das pescadores/as*, com quem muito aprendi. Inclusive, a própria seleção de excertos para análise foi sendo remodelada ao longo do processo, conforme novas reflexões e interpretações emergiam.

No que diz respeito à seleção dos dados, recortei micronarrativas que se destacavam do fluxo discursivo da entrevista e nas quais encontrei performances de gênero ou performances da cultura da pesca local, como a dx pescadrx profissional com destaque para as indexicalidades do registro dx pescadrx (BRITTO, 1999; AGHA, 2005; MARENDINO; CARVALHO, 2013; FERREIRA; FIALHO, 2013), na disputa por territorialidades e pela participação nas atividades de pesca.

Além disso, vale dizer, conforme discutido na seção 3.3, que alguns cuidados são necessários para não incluirmos o evento interacional como um todo na redefinição do entendimento de (micro)narrativas. Nesse processo de reflexão sobre quais critérios seriam utilizados na redefinição de uma (micro)narrativa, Georgakopoulou (2007b) se propõe a usar a ideia de narrativa mínima, que envolveria:

1) temporalidade: um critério inescapável que envolve a ordenação temporal de eventos narrativos. Georgakopoulou (2007b), todavia, lembra a necessidade de também se considerar a dimensão espacial, como venho fazendo nessa tese em que lido com as dimensões Tempo-Espaço de modo inseparável;

2) ruptura: para a autora, a ruptura pode ser relacionada à ideia de “ordenação temporal e transição de um estado de coisas para outro” (GEORGAKOPOULOU, 2007b, p. 38). Ou ainda, essa ruptura pode ser pensada nos moldes de uma ação complicadora que rompe com um possível equilíbrio anterior (*id.*). A meu ver, a ruptura pode ser entendida tanto em relação a “um possível equilíbrio anterior”, quanto se aproximar da discussão baumaniana sobre como as performances narrativas “se levantam” e se “destacam” do fluxo interacional, provocando, também, uma ruptura no fluxo do discurso, com suas consequentes entextualizações e recontextualizações (ver seção 2.3), que indexam relações sociais e sociabilidades;

3) consciência: esse seria o mais difícil dos critérios, porque diz respeito a uma espécie de “filtro de consciência que faz sentido dos eventos, interpreta os eventos, é emocionalmente e psicologicamente afetado por eles e desenvolve repostas mais ou menos estratégicas” (*id.*)

Acredito na utilidade dos critérios acima listados, porque eles consideram tanto uma dimensão mais textual quanto uma dimensão mais êmica e metapragmática. Isto é, por um lado, temos as marcas textuais se pensarmos nos índices e marcadores discursivos que podem demarcar o início de uma micronarrativa ou se considerarmos a ruptura do fluxo interacional. Por outro lado, temos a consciência que pode ser vista como uma dimensão mais êmica e metapragmática, reconhecendo a narrativa como prática cultural e social. Ou seja, porque pude conhecer com os homens/pescadores o que é valorizado nas performances narrativas de pescad⁶², associo o critério “consciência” (GEORGAKOPOULOU, 2007b) à noção de metapragmática (BLOMMAERT, 2014; no prelo).

Por conseguinte, Georgakopoulou (2007b) adota uma postura intermediária para redefinição da ideia de narrativa, na qual ela busca considerar tanto a perspectiva do/da pesquisador/a, que no caso da presente tese envolve demandas que justifiquem textualmente a seleção de dados, quanto a perspectiva êmica dos sujeitos de pesquisa, que na presente tese implica compreender quais práticas e performances narrativas são valorizadas entre xs pescadorxs. Essa postura intermediária não somente corrobora toda postura liminar que venho defendendo ao longo da tese, como também complexifica o olhar analítico lançado sobre os dados.

Frente a isso, uma vez discutido as dimensões textuais e culturais que serão utilizadas na seleção e análise de dados, na próxima seção, apresento algumas considerações sobre as práticas de pesca em Arraial do Cabo e sobre as histórias tecidas na geração e análise de dados.

4.2. Pescadoras e pesquisadora: malhas narrativas e discursivas

Conforme já apontado, as práticas de pesca em Arraial constituem um sistema de (re)produção social-cultural e constituição de sociabilidades. De acordo com Britto (1999),

⁶² As performances narrativas valorizadas entre xs pescadorxs de Arraial do Cabo envolvem tanto a exaltação de performances de masculinidade, quanto a entextualização do registro e *ethos* local (nas performances culturais de pescad⁶²) (Ferreira, 2012; Ferreira; Fialho, 2013).

nessa (re)produção de sociabilidades, existem duas características fundamentais da atividade pesqueira: 1) o “caráter móvel e [a] impossibilidade de controle direto do objeto de trabalho com que lidam os pescadores[as]” (*op. cit.*, p. 38) e 2) “a condição de domínio público dos espaços onde essa atividade se realiza” (*id.*).

Sobre essas características, vale dizer que se a primeira significa uma maior exposição a situações de perigo e imprevistos por parte dxs pescadorxs, a segunda sugere que a prática de pesca muitas vezes é atrelada a disputas por territorialidades, uso de estratégias como o segredo ou a mentira⁶³ (MALDONADO 1986; 1993; COLAÇO, VOGEL; VALPASSOS, 2007; NETO, 2012) ou de acordos feitos entre pescadorxs para garantir o monopólio de dado pesqueiro. Todavia, Britto (1999) não cita questões de gênero na pesca, porque, como ocorre com boa parte da literatura sobre as comunidades pesqueiras, é possível que ela esteja partindo da premissa de que a pesca seja uma atividade eminentemente masculina. Outro exemplo de pesquisa, agora sobre as relações generificadas na pesca em Arraial do Cabo, é o estudo realizado por Fontenelle (1960), com foco nas “atividades de um grupo doméstico – especialmente aquelas referentes ao segmento feminino” (*op. cit.*, p. 8).

Segundo esse antropólogo, a vida doméstica, a família e a união heterossexual seriam os pilares da cultura do município entre 1953 e 1955. Homens e mulheres possuiriam áreas de atuação muito específicas na vida doméstica e na vida pública (COLLING; TEDESCHI, 2015). O homem seria o “chefe e cabeça de um grupo que o respeita, obedece e mesmo teme, reforçando seu prestígio no âmbito da comunidade” (FONTENELLE, 1960, p. 10). Desse modo, ser um “chefe de família” seria uma “meta ambicionada por toda a seção masculina da população; a mulher passa a ser ‘dona de casa’, ‘senhora’, (...), abandonando o estágio de menina, de moça, que só se preocupam com a vaidade, e cuja posição na família era ancilar” (*id.*).

Ainda no tangente à matriz de inteligibilidade de gênero em Arraial, Fontenelle (1960) lembra que a vida da mulher costumava ser marcada por uma austeridade pouco reconhecida pela comunidade. Além disso, se por um lado, o homem seria uma sociabilidade exaltada e valorizada, especialmente quando se tornava “chefe de família”, “a posição da mulher na

⁶³ Conforme já explicado, esse trabalho não se sustenta na dicotomia verdade e mentira sobre histórias de pescadorxs. Assim, a estratégia da mentira é aqui citada porque, durante a geração de dados, as pescadoras disseram que por vezes elas (e os pescadores) mentem uns para os outros sobre a espécie de peixe que está sendo pescada porque, como cada espécie requererá instrumentos e táticas específicas de pesca, informar a espécie errada significa que xs pescadorxs, que chegarem depois, fracassarão na pesca, o que poderá garantir maior lucro àquele que mentiu e chegou ao pesqueiro primeiro. Da mesma forma, a estratégia do sigilo sobre um bom local de pesca é citada nas narrativas como uma forma de garantir o monopólio da pesca.

cultura da comunidade não é invejável” (*op. cit.*, p. 14). Desde cedo, ela é iniciada nas atividades domésticas, como “fazer compras na venda, (...) levar recados, (...) carregar água, observando e imitando a mãe” (*id.*). Conflitos e desacordos não eram bem vistos, nem desejados. Essa postura ensinava as mulheres a encenarem performances de contínua dependência de seus maridos e a necessidade de “prestar ao homem, simbolizado na figura do companheiro e ‘dono da casa’, a mesma obediência dispensada aos pais e aos irmãos” (*id.*).

Ou seja, a figura feminina nessa comunidade tinha como objetivo primeiro satisfazer às necessidades sexuais dos homens e, por vezes, contribuir com seu trabalho no ganho de dinheiro para garantir a estabilidade na economia doméstica, mas de forma complementar e secundária. A esfera de atuação feminina envolvia, assim, a casa e suas redondezas. Saídas à restinga, por exemplo, que é uma área muito associada à mulher, por se tratar de local em terra onde poderiam ser encontradas plantas medicinais ou para recolher lenha para casa, eram raras e requeriam preparativos, assim como ajustes prévios com seus maridos (FONTENELLE, 1960).

Preocupação com a vaidade, ser “dona de casa”, imitar a mãe e dispensar obediência ao marido ou pais e irmãos são, assim, alguns dos performativos e dos Tempos-Espaços projetados para as mulheres na matriz de inteligibilidade de gênero de Arraial do Cabo, que lembra expectativas associadas às mulheres do século XIX. Podemos perceber, então, a centralidade da heteronormatividade, do discurso patriarcal e do casamento heterossexual (ver seções 2.2 e 3.2) na cultura cabista. Vale lembrar que, apesar dessas informações serem da década de 60, ainda é possível ouvir ecos desses discursos nas práticas contemporâneas⁶⁴. Ou seja, apesar de ter transcorrido mais de meio século desde o estudo de Fontenelle (1960), percebemos que práticas heterocentradas e a instituição do casamento ainda persistem como um discurso que “autoriza” a atuação das pescadoras nessa região.

Em publicação mais recente sobre as atividades de pesca em Arraial do Cabo, Marendino e Carvalho (2013) discutem a presença de algumas mulheres na pesca em embarcações de Arraial, ilustrando conquistas feministas importantes no referido município. Acredito, no entanto, que esse estudo, de algum modo, ainda estaria ratificando a primazia

⁶⁴ O exemplo de Zulmira é ilustrativo aqui. Zulmira não é pescadora atualmente, mas é filha de pescador, é cabista e já foi pescadora no passado. Ela foi entrevistada uma única vez para me ajudar a compreender algumas das relações generificadas em Arraial do Cabo. Sua pontual contribuição foi bastante valiosa para essa pesquisa, ao me informar, por exemplo, que as mulheres de Arraial começaram a pescar inicialmente pela necessidade econômica de complementar a renda em casa e, somente mais tarde, passaram a pescar por prazer e de forma mais independente. Hoje, ela atua ativamente no reconhecimento e na legitimação das mulheres pescadoras e na formação de uma cooperativa de pesca para as mesmas.

masculina no universo da pesca, porque as pescadoras entrevistadas, que pescam com linha ou zangarejo, se autodeclaram pescadoras por esporte e os pesquisadores não problematizam, nem discutem essa autodefinição. Em outras palavras, Marendino e Carvalho parecem ratificar a associação dos performativos de força e resistência física masculina (ver seção 3.2) à pesca profissional e localizam as mulheres no Tempo-Espaço da pesca esportiva, com suas restrições territoriais e econômicas (ver seção 2.2).

Ainda sobre a pesca no referido município, o Ministério do Meio Ambiente/ ICMBio (no prelo) e Carneiro, Moraes e Vieira (2012) listam diversas modalidades de pesca ilustrando a heterogeneidade da cultura de pesca local (BRITTO, 1999). É possível dizer, então, que em Arraial haveria um predomínio das modalidades consideradas tradicionais, como pesca de arrasto de praia com canoa (grande) de rede, pesca de linha com canoa e com canoa pequena para redinha de lula⁶⁵. Existe também a pesca nos botes motorizados de boca aberta⁶⁶, nos caícos e pesca de cerco com traineiras. Além dessas modalidades, existe a mariscagem, a maricultura, a pesca de lula com zangarejo⁶⁷, a pesca de linha nas pedras e a pesca com espinhel, entre outras.

Gostaria de destacar que Britto (1999), Carneiro, Moraes e Vieira (2012) e Ministério do Meio Ambiente/ ICMBio (no prelo) citam homens pescadores utilizando esses variados instrumentos – rede, espinhel, linha e zangarejo – sem, necessariamente, sugerir que um seria mais valorizado do que o outro, por estar associado a performances de força e masculinidade. No entanto, como veremos na análise, entre as mulheres pescadoras, esses apetrechos apontam para diferentes escalas Tempo-Espaço, sendo valorizados e hierarquizados em diferentes ordens de indexicalidade.

Ainda sobre as diferentes indexicalidades sugeridas para os apetrechos da pesca, vale dizer que, igualmente, encontramos variados significados e valores atribuídos às diferentes práticas das culturas de pesca. Em outras palavras, podemos observar uma diferença no modo como as performances de gênero e as performances de pescadrx profissional são narradas e

⁶⁵ No anexo IV, podem ser encontradas fotografias de algumas dessas embarcações.

⁶⁶ De acordo com Britto (1999), a pesca no bote de boca aberta é a pesca no bote motorizado que permite um maior afastamento do litoral e entrada no mar. É considerada uma modalidade de pesca mais comum aos caringôs (ver seção 2.2) e passa a ser praticada junto com o processo de modernização de Arraial, na ocasião da instalação da Álcalis (Ministério do Meio Ambiente/ICMBio, no prelo).

⁶⁷ Zangarejo é um instrumento mais moderno utilizado na pesca de lula. Acredita-se que seu colorido, junto da fonte de luz artificial dos holofotes, atraia a lula. Ele e outros apetrechos são ilustrados no anexo IV.

valoradas. Feitas essas breves considerações sobre alguns dos repertórios culturais que constituem os processos de contextualização da presente pesquisa, na próxima seção, trago informações sobre os processos de geração dos dados.

4.3. Sobre o processo de geração de dados

Para compreender as ordens de indexicalidade sugeridas nas narrativas, assim como a convivência entre indexicalidades pressupostas e emergentes, foram necessários alguns meses de estudos, leituras e entrevistas com os homens/pescadores locais antes que eu começasse a gerar dados. Conforme citado na Introdução, em 2011 e 2012, tive um primeiro contato com a cultura de pesca da região, quando realizei entrevistas com homens que compunham uma das gerações mais antigas de pescadores de Arraial do Cabo.

Nessa ocasião, foram realizadas entrevistas com 4 pescadores (entre 80 e 92 anos), sendo que houve um pescador – Bonifácio (cabista, casado e com 82 anos) – que foi entrevistado 5 vezes, por ser um pescador que entextualizava com maior desenvoltura os saberes e registro da comunidade local. Apesar do foco da presente pesquisa não ser sobre narrativas de homens pescadores, esse primeiro contato foi muito importante para que eu conhecesse um pouco das culturas da pesca local, com seus valores e hierarquias (FERREIRA, 2012; FERREIRA; FIALHO, 2013). Nesse processo, aprendi não somente alguns repertórios culturais da pesca em Arraial do Cabo, como também o que perguntar nas entrevistas, uma vez que minhas primeiras tentativas de entrevista foram infrutíferas, dado ao meu desconhecimento sobre a cultura local.

Em dezembro de 2012, dei início às entrevistas com as mulheres pescadoras e entrevistei 4 mulheres pescadoras – Sandra⁶⁸ (nordestina, viúva e com 69 anos), Vanda (cabista, casada e com 61 anos), Helena (cabista, casada e com 27 anos) e Antonia (cabista, divorciada e com 37 anos). Sobre as modalidades de pesca, ressalto que Sandra pesca lula e peixes no mar, usando linha ou zangarejo, enquanto que Vanda, Helena e Antonia pescam peixes na lagoa de Araruama, usando rede de pesca. No tangente ao número de entrevistas

⁶⁸ Os nomes aqui adotados são fictícios por questões éticas de pesquisa (GARCEZ, 2002). Embora os capítulos da tese sejam emoldurados por fotos de pescadoras de Arraial do Cabo, essas mulheres não são identificadas nas imagens.

realizadas, houve uma pequena variabilidade, de modo que Sandra foi entrevistada 4 vezes, Vanda e Antonia, 2 vezes⁶⁹, e Helena uma única vez.

Essa diferença entre o número de entrevistas realizadas se deve tanto ao fato de Sandra residir mais próximo ao meu local de trabalho e moradia, quanto ao fato de que com ela percebi a emergência de narrativas com maior desestabilização dos centros normativos que envolvem performances de gênero. Dessas quatro pescadoras, analiso performances narrativas de Sandra, Antonia e Vanda. As performances narrativas de Helena não foram aproveitadas para análise, porque essa pescadora foi uma das primeiras a ser entrevistada. Nessa ocasião, meus objetivos ainda estavam pouco definidos, o que repercutiu nas interações da entrevista⁷⁰. Além disso, como essa entrevista foi realizada no entreposto de pesca em um dia em que ventava muito, o vento comprometeu a qualidade do áudio da gravação.

Destaco, ainda, que as pescadoras entrevistadas foram indicadas pelo meu aluno bolsista Robson (cabista, casado e com 45 anos), por serem consideradas, por ele, como pescadoras profissionais. Ao longo do processo de geração de dados, também ratifiquei essas pescadoras como sendo profissionais, porque reconheci nelas a entextualização metapragmática do registro da pesca local ou a estilização de performances de gênero que compunham o repertório cultural da pesca de Arraial. Robson indicou-me essas pescadoras, porque sabia dos meus interesses de pesquisa e era meu bolsista de Iniciação Científica, participando, inclusive, de algumas entrevistas. Cabe destacar, ainda, que Robson entextualiza regularmente os saberes locais e discursos da cultura da pesca em suas performances de cabista, exaltando continuamente a figura do pescador.

Algumas entrevistas foram realizadas na casa das pescadoras, onde geralmente nos reuníamos eu, a pescadora e, algumas vezes, Robson. Outras, foram realizadas em um entreposto de pesca da localidade – um local aberto pelo qual circulavam diversas pessoas e em que ventava bastante. Na análise dos dados, sinalizo em que local estávamos no excerto recortado, assim como a presença ou não de Robson.

Para a realização das entrevistas, eu levava um roteiro com algumas perguntas e reflexões “pré-definidas” (ver anexo VI), mas esse roteiro não era rígido e favorecia a inserção de novas questões ou comentários tanto por parte das pescadoras, quanto por parte de

⁶⁹ Em uma dessas duas entrevistas, Vanda e Antonia estavam juntas.

⁷⁰ Nessa entrevista, eu ainda buscava observar a manutenção dos repertórios culturais masculinos de pesca, exaltando, apenas, a figura do pescador.

Robson, quando presente. Destaco, por fim, que as entrevistas foram gravadas em áudio e que cada entrevista durou em média 2h ou 2h30min, totalizando uma compilação de 8h35min de áudio. A seguir, apresento algumas considerações sobre a transcrição dos dados.

4.4. Considerações acerca da transcrição dos dados

Segundo Mishler (1986, p. 48), existem diferentes formas de transcrever os dados de uma pesquisa e cada transcrição é uma forma de transformação dos mesmos, porque “cada transcrição inclui algumas e exclui outras características do discurso”. Com esse ponto, chamo atenção para o comprometimento teórico-metodológico do pesquisador não somente ao recortar os dados do seu “contexto original” e os recontextualizar em novas tessituras (BRIGGS, 2007a), mas também para a maneira como esses dados serão transcritos e apresentados nas publicações (MISHLER, 1999; BRIGGS, 2007a).

No tangente à recontextualização dos dados, Briggs (2007, p. 562) destaca que “a reprodução de textos [em outros contextos] envolve transformações na forma, contexto e significado o que impede a replicação exata”. Por esse motivo, esse autor lembra que as entrevistas são apenas um momento dentre vários “processos mais amplos que envolvem minimamente as transformações discursivas realizadas entre a proposição de uma questão de pesquisa e a publicação de seus resultados” (*id.*). Diante dessas considerações, destaco que as transcrições ora apresentadas não pretendem ser um reflexo do ocorrido (GARCEZ, 2002; BLOMMAERT, 2005; SCHNACK, PISONI e OSTERMANN, 2005; BRIGGS, 2007a), mas um recorte de dados no qual já é possível identificar o processo de análise (MISHLER, 1986; GARCEZ, 2002).

Em virtude da ênfase sobre performances narrativas de gênero, optei por utilizar nomes próprios na transcrição. As participantes da pesquisa foram esclarecidas antes das entrevistas sobre os objetivos do estudo e assinavam um termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com as Normas da Resolução nº 196, do Conselho Nacional de Saúde (ver anexo II). Saliento, por fim, que as convenções utilizadas na transcrição são adaptadas de Schnack, Pisoni e Ostermann (2005) e se encontram nas primeiras páginas da presente tese.

“Não precisava de uma bússola para lhe indicar o sudoeste. Só precisava sentir os ventos alísios e o enfundar da vela. Seria bom lançar uma linha pequena na água com um anzol giratório para pescar qualquer coisa para comer” (Hemingway, 1952/2011, p. 99).



(Foto 5 – Pescadora de Arraiial do Cabo – Foto de Paulo Barreto)

5. Redes discursivas no mar e na lagoa: pescadoras em ação

Conforme apresentado na Introdução, esta tese tem por objetivo responder à seguinte pergunta de pesquisa: *como diferentes mulheres negociam relações de gênero, encenando e legitimando performances narrativas de pescadoras profissionais⁷¹ em Arraial do Cabo?* Para responder a essa pergunta, proponho outras três questões orientadas por objetivos e categorias analíticas mais específicas:

1. *Como as performances narrativas de gênero/pescadorxs são hierarquizadas em diferentes ordens de indexicalidade entre as pescadoras?*
2. *Como performativos de gênero/pescadorxs são ratificados ou desestabilizados em diferentes ordens de indexicalidade?*
3. *Como as ordens de indexicalidade percebidas nas performances de gênero/pescadorxs localizam as pescadoras em distintas escalas Tempo-Espaço?*

Antes de iniciar a discussão dos dados, é importante lembrar que o recorte de excertos que faço é sustentado na possibilidade de trazer visibilidade tanto aos performativos de gênero, quanto à entextualização do registro e dos saberes da pesca local. Assim, as reflexões que realizo, evidenciando ora uma performance ora outra, são fruto de minha posição analítica, que visa ilustrar diferentes modos de legitimação das performances narrativas das pescadoras. Todavia, compreendo essas performances de modo amalgamado e interseccionado, como proponho, inclusive, nas subperguntas de pesquisa, com a ideia de performances de *gênero/pescadorxs*.

Os recursos teórico-analíticos para análise das performances são: pistas de contextualização (GUMPERZ, 1972/2002), com destaque para o registro (AGHA, 2005), *footing* (GOFFMAN, 1979/2002), assim como escalas Tempo-Espaço e ordens de indexicalidade (BLOMMAERT, 2010; no prelo). A recorrência dessas categorias nos excertos poderá variar, porque alguns trazem maior visibilidade para uma categoria do que para outra.

⁷¹ Gostaria de recuperar, neste momento, minha compreensão de “performance de pescadora profissional”, já citada na seção 2.2, página 56. Assim, defino essa performance não por critérios econômicos, como o viver exclusivamente da venda do peixe, mas sim por parâmetros performativo-discursivos que envolvem ou performances de gênero ou performances da cultura de pesca local.

A primeira sequência analisada é um excerto de uma entrevista conjunta com Antonia e Vanda em um entreposto de pesca à beira da lagoa de Araruama. A título de contextualização, vale lembrar que Antonia e Vanda são cabistas e têm, respectivamente, 37 e 61 anos de idade. Início a análise de dados com esse excerto, porque nele posso discutir questões que associam a matriz de inteligibilidade de gênero e aquela da heteronormatividade (BUTLER, 1990) à cultura da pesca em Arraial do Cabo.

A pesca na lagoa de Araruama é realizada em botes de boca aberta motorizados, geralmente com duas pessoas por embarcação, e é caracterizada, normalmente, como pesca de rede. O excerto recortado é exatamente o início da entrevista, quando eu recuperava os objetivos da pesquisa e perguntava se as pescadoras enfrentavam algum tipo de discriminação na pesca, por serem mulheres, ou se sentiam algum tratamento desigual em função disso. Como veremos abaixo, Vanda e Antonia me apresentam diferentes respostas e perspectivas frente a essa pergunta.

Antes de iniciar a análise, gostaria, apenas, de alertar que apresento o excerto a ser analisado na íntegra e, em seguida, para facilitar o trabalho do/a leitor/a, faço pequenos recortes da mesma sequência, onde proponho a análise das performances (micro)narrativas.

Excerto 1 – “ela continua (pescando) porque é casada”

01	Cida	fico me perguntando se não terá alguns preconceitos, porque é um
02		espaço muito dos dos rapazes, dos homens na verdade, né? ↑então assim
03		eu fico com essas curiosidades, será que tem, será que não tem, será que
04		tem desafio, será que não tem desafio (.) como é que acontecem essas
05		coisas? e a D. Vanda já ta fazendo que “não” com a cabeça=
06	Vanda	=graças a Deus, não, né↑ Antonia↑
07]
08	Antonia	não↑ às vezes preconceito rola com a gente e tudo né, mas↓
09]
10	Vanda	(inaud) pra mim, nunca tive
11]
12	Antonia	por exemplo↑ ela vai com o marido dela↑ eu já não vou, IA com marido,
13		hoje eu não vou, então (.)
14]
15	Vanda	pra mim nunca teve preconceito
16]
17	Antonia	sei lá, vou levá (.)
18		(0.2)
19	Cida	mas não se preocupa↑ a gente vai conversando aqui (.) mas aí eu na vez
20		que conversei com Antonia, eu nem tive chance de conversar com

21		muitos detalhes, porque você tava trabalhando, não sei se você lembra
22		disso, então, assim, se tanto a Antonia como a D. Vanda puderem me
23		falar assim, o nome de vocês completo, a idade de vocês hoje, e com
24		quantos anos vocês começaram a aprender a pescar
25	Antonia	hu:::m↑ (inaud)
26]
27	Vanda	(risos) ai meu Deus↑ eu comecei com, eu comecei com 30 anos (.) hoje
28		eu já tô com 60, vou fazer 61, vou fazer 62
29	Cida	uhum
30	Vanda	continuo (inaud) ativa na pesca, pra mim só vou parar quando puder,
31		quando não puder mais andar, se Deus quiser, eu paro, mas enquanto eu
32		tiver andando, eu continuo na minha pescaria
33	Cida	entendi
34]
35	Vanda	entendeu? (inaud) pra mim não tem nada a ver não↓
36	Cida	e Antonia?
37	Antonia	eu↑ comecei desde cedo, devia ter uns 8 anos, com meu pai e minha
38		mãe, mas a gente:: ia lá e ficava tipo uma bóia, não puxava a rede, mas
39		aí depois eu fui já com meu ex-marido, aí eu já comecei a puxar rede,
40		soltar rede, me ensinou tudo, né, porque antigamente a gente ia e ficava
41		tipo uma bóia, né, eles que cercavam, eles que puxavam (inaud) do
42		peso, mas hoje eu sei fazer isso tudo, mas hoje eu não tô porque é muito
43		pesa::do (.) também pessoal não gosta de levar muito, né, nem quer
44		levar porque mulher, às vezes a pessoa é casada, aí vai ficar meio chato
45		pra pessoa levar (uma mulher)
46	Cida	uhum
47	Antonia	mas aí, quando dá pra mim ir assim, eu vou, quando eles querem levar
48		né? igual o ano retrasado eu fui com Z. co::m R., Z. até era casado, mas
49		R. não, fui lá pesquei, voltei (inaud) nada, mas eu fui com eles (inaud)
50	Cida	você falou no seu ex-marido, então você hoje você é solteira de novo,
51		você é separada?
52	Antonia	graças a Deus↑
53	Cida	a D. Vanda?
54	Vanda	continuo casada
55	Antonia	ela continua (pescando) porque é casada↑ é diferente, o marido leva,
56		agora, quem não é:: fica meio chato, né? até falei com os menino que eu
57		ia pescar com eles de dia, né? porque de noite já é muito cansativo, mas
58		aí, como um casou, o outro tava casado, aí um não tava, um outro casou
59		e o outro descasou, aí eu acabei nem indo, porque ia ficar chato a
60		mulher saber que eu (.) uma mulher (.) né? fui com o marido dela pescar
61		fica chato né? (inaud)
62	Cida	mas ali vocês não estão só pescando?
63	Antonia	é::: mas e a maldade↑ que fica na cabeça↑ será que tá pescando memo?
64		será que não tá fazendo outra coisa↓
65	Cida	entendi (.) e tem barco só de mulheres? aqui?
66	Vanda	não?

(Entrevista com Vanda e Antonia em 24. 01. 15)

Logo nos primeiros segundos dessa entrevista, tematizo a desigualdade de gênero na cultura da pesca e pergunto às pescadoras se elas percebem isso em seu cotidiano. É curioso notar que, embora o marcador discursivo “se” e o recurso semiótico “não”, implicando negação, na minha enunciação interrogativa, possam sugerir alguma dúvida ou incerteza em meu enunciado, em seguida, o marcador discursivo “porque”, com significado explicativo, e o recurso semiótico “né? ↑”, em tom ascendente, indexam não somente o reconhecimento de uma norma, mas também o fato de eu estar animando os discursos dessa normatividade, a saber: que a pesca seria “um espaço muito dos dos rapazes, dos homens na verdade, né? ↑” (linha 2). Mais do que isso, tanto o marcador discursivo “porque”, quanto o recurso semiótico “né?↑” indicam que eu espero uma resposta afirmativa das pescadoras e, portanto, que eu estaria concordando e me responsabilizando por esses discursos sexistas.

Em outras palavras, embora valorize e estude as mulheres pescadoras, naquele momento, minha compreensão era a de que a performances de pescadora seria uma transgressão do centro normativo vigente, i.e., pesca seria uma atividade “dos homens de verdade” (ver capítulo 2 e 3). Ou seja, por mais que estivesse interessada na transgressão dos centros normativos de masculinidade, os índices “espaço muito dos dos rapazes, dos homens na verdade”, ainda indexam performances de gênero, em que a força e resistência física, associadas à masculinidade, seriam a norma reguladora, em uma escala espaço-temporal.

Qual não foi minha surpresa e desconforto, sinalizados pelo silêncio na linha 18, quando as respostas de Vanda e Antonia, nas linhas 06 e 08, apontaram para diferentes direções. Fiquei surpresa porque, embora tivesse entextualizado o discurso normativo e senso comum de que pesca seria uma atividade masculina, eu as reconhecia como pescadoras profissionais (ver adiante) e imaginava que ambas seriam legitimadas pelos pescadores com quem trabalhavam. No entanto, as falas sobrepostas entre as linhas 06 e 17 apontam que Vanda e Antonia traziam, para os processos de contextualização, diferentes compreensões e repertórios culturais sobre as performances de pescadora, que, juntos dos meus repertórios expectativas e culturais, configuravam um rico exemplo de policentricidade.

Ou seja, se Vanda, na linha 06, sugere uma relação amistosa entre pescadores/as, dizendo que não há preconceitos e chega a pedir a ratificação de Antonia – “né? Antonia? – essa última pescadora, na linha 07, não ratifica essa interpretação proposta por Vanda, ao dizer em tom de voz ascendente e assertivo “não↑” e propor uma relação de conflito, ao enunciar que “às vezes preconceito rola com a gente e tudo né, mas↓”. O marcador discursivo

“mas↓”, em tom de voz descendente, ao final de sua enunciação, sugere que, apesar dos preconceitos, Antonia atua na pesca. Dito de outro modo, temos aqui um exemplo de diferentes *footings* projetados em relação aos pescadores, a si mesma e às relações de gênero na pesca: enquanto para Vanda, não haveria preconceitos nem problemas de gênero; para Antonia, essas questões já seriam mais visíveis.

Os diferentes repertórios de contextualização trazidos por essas duas pescadoras continuam conflitando entre as linhas seguintes (linhas 10 a 17) e Antonia já traz o ponto central dessa sequência ao propor, na linha 12, também em tom ascendente, que “ela vai com o marido dela↑ eu já num vou”. Os dêiticos “ela” e “eu”, nesse momento, indexam respectivamente Vanda e Antonia e os diferentes Tempos-Espaços para performances narrativas de Vanda e Antonia e suas relações com o universo da pesca. Essa relação diferente é indexada pela pista de contextualização “já”, que, neste caso, por anteceder uma negativa, tem sentido de interrupção ou cessação de uma atividade.

A diferença entre continuar ou interromper as atividades de pesca estaria atrelada ao estado marital de cada uma e à matriz heteronormativa (BUTLER, 1990) e sua assimetria heterossocial (PRECIADO, 2014). Em outras palavras, Vanda, porque é casada, estaria autorizada e legitimada a encenar performances narrativas de pescadora na lagoa, como vemos, na linha 15, em “pra mim nunca teve preconceito”. Ou ainda, Vanda também estaria autorizada a transgredir alguns performativos de feminilidade na cultura local, como a ideia de fragilidade e de localização na vida doméstica (ver adiante) sugerindo uma localização Temporal-Espacial mais contemporânea e agentiva.

Antonia, porque divorciada, não seria legitimada a fazer o mesmo, como indexam as pistas de contextualização “IA com marido, hoje eu num vou, então (.)”, com destaque para a ênfase no índice “IA” sinalizando a cessação da atividade de pesca que estava atrelada à figura do marido. É importante destacar também que considero a transgressão de Vanda como sendo aparente, porque convive com a sujeição dela mesma à matriz de união heteronormativa e com a necessidade da autorização (e da presença) dos maridos/pescadores nas embarcações. Não obstante, Vanda parece não ver nisso uma questão a ser problematizada, ao propor, na linha 35, “pra mim não tem nada a ver não↓”.

Podemos perceber pelo operador adversativo “mas” e pela enunciação “mas não se preocupa↑ a gente vai conversando aqui (.)” que, entre as linhas 20 e 25, eu tento não somente mediar o conflito entre esses diferentes repertórios de contextualização, como realinho o

tópico da entrevista, ao pedir que elas me contem suas histórias sobre como se tornaram pescadoras. Esse realinhamento proposto se deu não somente em função de eu querer conhecer as histórias de como elas se tornaram pescadoras – esse era um dos pontos do meu roteiro de entrevista – mas também porque, conforme já dito, ao perceber o conflito de repertórios, fiquei desconfortável diante do breve silêncio das pescadoras, marcados pelos dois segundos na linha 18. Diante dessa poliocentricidade e do desconforto que ela me gerou, o marcador discursivo “mas” na linha 19, sinalizando oposição, seguido do enunciado “não se preocupa↑” em tom de voz ascendente, sugerem um realinhamento, por mim proposto, para o curso da entrevista.

Vale destacar que essa minha performance pode ser considerada um exercício de poder no curso da entrevista (MISHLER, 1986; BRIGGS, 2007a), já que na posição de pesquisadora, eu poderia delimitar, nesse momento⁷², o curso dos discursos e das performances que serão encenadas. Na linha 27, como recortado abaixo, Vanda toma a iniciativa em responder a minha pergunta.

27	Vanda	(risos) ai meu Deus↑ eu comecei com, eu comecei com 30 anos (.) hoje
28		eu já tô com 60, vou fazer 61, vou fazer 62
29	Cida	uhum
30	Vanda	continuo (inaud) ativa na pesca, pra mim só vou parar quando puder,
31		quando não puder mais andar, se Deus quiser, eu paro, mas enquanto eu
32		tiver andando, eu continuo na minha pescaria
33	Cida	entendi
34]
35	Vanda	entendeu? (inaud) pra mim não tem nada a ver não↓

Podemos perceber que a performance (micro)narrativa de Vanda é bastante breve e nela Vanda se resume a responder o que pedi – sua idade atual e com quanto anos começou a pescar. Ao enunciar “eu comecei com, eu comecei com 30 anos (.)”, Vanda inicia uma estrutura narrativa mínima, com uma sequência temporal-espacial, ao propor o início de sua história/vida de pescadora e uma localização Temporal-Espacial que sugere alguma autonomia na sua atuação. Ou seja, nessa performance, ganham evidência o tempo de atuação na pesca, aproximadamente 32 anos, e o fato de que para Vanda não haveria impeditivos (de

⁷² Faço essa ressalva porque, como veremos adiante, os discursos e repertórios de contextualização levantados por Antonia voltam a emergir adiante, o que, a meu ver, ilustra que eu não estava em “posição de total controle” do curso da entrevista. Inclusive, na linha 25, a interjeição de Antonia – “hu:::m (inaud)” – parece indexar sua possível desaprovação frente a meu realinhamento.

performances de gênero) para a atividade, pois ela me informa que “enquanto eu tiver andando, eu continuo na minha pescaria” (linhas 31-32) e “entendeu? (inaud) pra mim não tem nada a ver não↓” (linha 35). Vale chamar atenção ainda para o índice “minha” com significado de posse, muito comum nas performances narrativas de pescadores (FERREIRA; FIALHO, 2013), autorizando e legitimando a atividade de Vanda na pesca, assim como os itens “continuo (...) ativa”, que sugerem a inexistência de problemas que viessem a interromper suas performances de pescadora e a participação frequente nas atividades de pesca em embarcações.

Nessa performance (micro)narrativa, é possível afirmar, ainda, que Vanda está animando e se responsabilizando por um discurso típico do pescador tradicional, a saber: o de não querer parar as atividades de pesca até que a velhice o impeça de continuar atuando (FERREIRA; FIALHO, 2013). Essa garantia de continuidade das atividades de pesca só é possível porque tais pescadores são legitimados na comunidade a exercerem tal performance, independentemente de quaisquer outros pré-requisitos sociais. Como venho discutindo nesta tese, o mesmo nem sempre vale para a performance de pescadora.

Desse modo, ao animar os discursos de perenidade nas atividades de pesca, Vanda projeta para si um *footing* de pescadora reconhecida e legitimada pelos homens/pescadores, propondo um alinhamento de paridade entre ela e os pescadores e se localizando em uma escala Tempo-Espaço de maior agenciamento. Em seguida, os recursos lexicais “só”, com sentido de condição exclusiva, e “se Deus quiser” indexam a ideia de que a interrupção das performances de pescadora não estaria relacionada a questões de gênero ou às questões sociais, mas relacionada à vontade divina ou à idade avançada, como vemos em “pra mim só vou parar quando puder, quando não puder mais andar, se Deus quiser, eu paro” (linhas 30-31).

Neste momento, vale refletir sobre o título dessa sequência – “ela continua [pescando] porque é casada” (linha 54). A performance narrativa de Vanda negando possíveis problemas e conflitos de gênero pode ser justificada nos discursos da união heteronormativa e do pensamento patriarcal (ver adiante), que alicerçam a prática de pesca nessa localidade de Arraial. Em outras palavras, é possível dizer que a afirmação de Vanda – “pra mim não tem nada a ver não↓” (linha 35) – é justificada no fato de ela ser casada e, por isso, estar autorizada/legitimada a pescar com seu marido. Essa perspectiva fica mais evidente, quando, na linha 36, convoco Antonia a me responder essa mesma pergunta, e ela, por sua vez, encena

performances narrativas, nas quais emergem, de modo mais evidente, as relações entre gênero/sexualidade e as atividades de pesca.

36	Cida	e Antonia?
37	Antonia	eu↑ comecei desde cedo, devia ter uns 8 anos, com meu pai e minha
38		mãe, mas a gente:: ia lá e ficava tipo uma boia, não puxava a rede, mas
39		aí depois eu fui já com meu ex-marido, aí eu já comecei a puxar rede,
40		soltar rede, me ensinou tudo, né, porque antigamente a gente ia e ficava
41		tipo uma boia, né, eles que cercavam, eles que puxavam, (inaud) do
42		peso, mas hoje eu sei fazer isso tudo, mas hoje eu não tô porque é muito
43		pesa::do (.) também pessoal não gosta de levar muito, né, nem quer
44		levar porque mulher, às vezes a pessoa é casada, aí vai ficar meio chato
45		pra pessoa levar (uma mulher)
46	Cida	uhum
47	Antonia	mas aí, quando dá pra mim ir assim, eu vou, quando eles querem levar
48		né? igual o ano retrasado eu fui com Z. co::m R., Z. até era casado, mas
49		R. não, fui lá pesquei, voltei (inaud) nada, mas eu fui com eles (inaud)
50	Cida	you falou no seu ex-marido, então you hoje you é solteira de novo,
51		you é separada?
52	Antonia	graças a Deus↑
53	Cida	a D. Vanda?
54	Vanda	continuo casada
55	Antonia	ela continua (pescando) porque é casada↑ é diferente, o marido leva,
56		agora, quem não é:: fica meio chato, né? até falei com os menino que eu
57		ia pescar com eles de dia, né? porque de noite já é muito cansativo, mas
58		aí, como um casou, o outro tava casado, aí um não tava, um outro casou
59		e o outro descasou, aí eu acabei nem indo porque ia ficar chato a mulher
60		saber que eu (.) uma mulher (.) né? fui com o marido dela pescar fica
61		chato né? (inaud)
62	Cida	mas ali vocês não estão só pescando?
63	Antonia	é::: mas e a maldade↑ que fica na cabeça↑ será que tá pescando memo?
64		será que não tá fazendo outra coisa↓
65	Cida	entendi (.) e tem barco só de mulheres? aqui?
66	Vanda	não↑

Diferentemente de Vanda, Antonia não somente me diz quando e como começou a pescar, mas também narra (micro)narrativas com cenas de sua atuação na pesca. É importante destacar que as múltiplas e seguidas micronarrativas de Antonia são outros importantes exemplos de policentricidade durante a entrevista. Antonia, que na ocasião da entrevista tinha 37 anos, ao dizer que pesca desde os 8 anos, sugere ter o mesmo tempo que Vanda tem de experiência na pesca, aproximadamente 30 anos. Na linha 37, temos o início de uma de suas performance (micro)narrativa de pescadora, ao enunciar “eu↑ comecei desde cedo, com meu pai e minha mãe”, quando ela indica que começou a pescar no núcleo familiar, ilustrando a

força do discurso da chamada família nuclear na cultura da pesca em Arraial (FONTENELLE, 1960).

Nas linhas 37 e 38, quando ela diz “mas a gente:: ia lá e ficava tipo uma boia, não puxava a rede”, o operador adversativo “mas” indexa uma oposição de ideias. Nesse caso, a oposição marcada por Antonia é que, apesar de sair para pescar, ela e sua mãe atuavam como boias⁷³, uma vez que a pista de contextualização “a gente::” sugere mais de uma pessoa atuando como boia no ato de pescar. É importante frisar que, ao atuar como boia, Antonia projeta para si mesma, e em relação aos discursos da pesca, um *footing* de objeto inerte e passivo nessa performance, em contraposição a quem puxa a rede de pesca – tanto é assim que ao final desse enunciado ela propõe que “[a gente] não puxava a rede”. Vale dizer, ainda, que, nesse *footing*, Antonia está animando vozes do discurso mais tradicional da pesca cabista que, conforme capítulo 4, localizam a mulher no Tempo-Espaço da subalternidade e complementaridade.

A seguir, nova oposição é proposta, por meio do operador adversativo “mas”, quando Antonia narra o Tempo-Espaço em que começou a desfrutar de maior agentividade na pesca, a saber: quando foi pescar com seu ex-marido. Nas linhas 39 e 40, os índices “aí, depois” sinalizam uma ruptura com a performance anterior e a emergência de uma nova pequena narrativa, na qual Antonia ocupa outro Tempo-Espaço nas atividades de pesca, ao puxar e a soltar redes. Essa nova escala Temporal-Espacial pode ser relacionada à projeção de um *footing* mais agentivo e não mais tão objetificado (ou passivo) para si mesma, em relação aos discursos da pesca. Ela propõe, inclusive, que o ex-marido lhe “ensinou tudo” (linha 40). Com essa assertiva, todavia, podemos perceber que Antonia anima os discursos heterocentrados e falocêntricos da pesca em Arraial, nos quais o centro normativo é a figura masculina, seja como pai, seja como marido.

Continuando essa reflexão, a contraposição entre os índices “antigamente” e “hoje”, no trecho “antigamente a gente ia e ficava tipo uma bóia, né, eles que cercavam, eles que puxavam (inaud) do peso, mas hoje eu sei fazer isso tudo” (linhas 40-42), indexa duas escalas Tempo-Espaço de participação na pesca para Antonia: como já proposto, no passado, uma performance mais inerte e reificada, localizada na água, em “antigamente a gente ia e ficava

⁷³ Posteriormente, na mesma entrevista, Antonia diz que “a minha mãe↑ pescava com meu pai, pescava com ele↓, e a gente ia de boia (...) pescar memo eu já fui pescar com meu ex-marido, porque aí eu cercava, tirava peixe”. Esse breve trecho ilustra a ideia de que “pescar mesmo” implica atividade de jogar a rede, cercar o peixe e puxar a rede e que por isso, no passado, Antonia não se considerava pescadora “mesmo”.

tipo uma boia”; no presente, uma performance com maior agenciamento, dentro do barco junto do marido. As pistas indexicais “isso tudo”, em “mas hoje eu sei fazer isso tudo” indexam a performance de pescadora de Antonia, jogando e puxando a rede de pesca. Com essa última assertiva, Antonia, então, projeta para si mesma, para mim e Vanda um novo *footing* de pescadora experiente, versada no assunto e legitimada pelo ex-marido.

Curiosamente, em seguida, Antonia encena nova oposição de ideias, quando propõe que, apesar de saber “fazer tudo isso”, hoje ela não está mais pescando. A justificativa para essa inatividade segue em duas direções:

a) ao dizer que a pesca de rede é muito pesada (“hoje eu num tô porque é muito pesa::do”, na linha 42), o índice “pesa::do” sinaliza a caracterização da pesca com rede como imprópria para ela. O alongamento da vogal em “pesa::do” indica ênfase nessa ideia e atua como pista de contextualização que ecoa os performativos de força e resistência física, tradicionalmente, associados à performance de masculinidade, como requisitos necessários à atividade de pesca. Com isso, Antonia estaria animando e se responsabilizando pelos discursos que localizam as mulheres em escalas temporais-espaciais de fragilidade e dependência física, típicas das performances tradicionais de gênero e de feminilidade (ver capítulo 3);

b) em seguida, quando diz que “também pessoal não gosta de levar muito, né, nem quer levar porque mulher, às vezes a pessoa é casada” (linhas 43-44), o recurso lexical “também” sugere a adição de mais um motivo que seria a união heteronormativa e o núcleo familiar como condições para que a mulher possa ir pescar na lagoa e ser legitimada como pescadora. O índice “pessoal”, aqui, refere-se aos pescadores que poderiam se recusar a levar no barco outras mulheres que não fossem suas esposas. O marcador discursivo “porque”, com sentido explicativo, significa que essa recusa envolveria tanto performances de gênero – “porque mulher” – quanto performances de sexualidade “às vezes a pessoa é casada” (ver adiante). Ou seja, nessa escala Tempo-Espaço, a mulher ainda ocuparia um lugar de dependência da autorização alheia e subserviência à figura masculina, podendo pescar apenas com seu marido ou seu pai.

Essa dependência da autorização da figura masculina fica mais evidente, nas linhas 47 e 48, quando ela enuncia “mas aí, quando dá pra mim ir assim, eu vou, quando eles querem levar né?”. O dêitico “quando”, sugerindo uma temporalidade definida, indica a ocasião em

que Antonia consegue pescar na atualidade, a saber: quando os pescadores querem levá-la. Ou seja, Antonia, porque divorciada, é dependente da vontade dos pescadores para poder pescar⁷⁴. A explicação para essa situação emerge, nas linhas 55 e 56, quando Antonia enuncia “ela (Vanda) continua (pescando) porque é casada↑ é diferente, o marido leva, agora, quem não é:: fica meio chato, né?”.

Ao propor que a mulher não casada não seria autorizada a pescar, “porque ia ficar chato a mulher saber que eu (.) uma mulher (.) né? fui com o marido dela pescar fica chato né?”, nas linhas 59 a 61, Antonia projeta para si um *footing* de mulher/pescadora dependente do e submissa a um homem/pescador que seja seu marido. É importante salientar, ainda, que nesse enunciado existem duas performances de gênero para as mulheres: a da mulher do pescador que ficou em casa e a da mulher pescadora, mas que não é casada.

Embora estejam localizadas em Tempos-Espaços distintos – uma na vida doméstica e a outra no mundo do trabalho – ambas ainda se encontram submissas à autoridade ou à autorização do homem/pescador. Ou seja, Antonia, embora encene performances com alguma agentividade, está animando e se responsabilizando por discursos associados ao pensamento patriarcal. Por fim, podemos dizer que, nessa ordem de indexicalidade, a legitimação das performances de pescadora é feita, então, com base nos discursos heteronormativos, patriarcais e na instituição social do casamento.

Em seguida, quando na linha 62, pergunto se pescador e pescadora não estariam “somente” pescando no barco, Antonia me responde, nas linhas 63 e 64, “é::: mas e a maldade↑ que fica na cabeça↑ será que tá pescando memo? será que não tá fazendo outra coisa↓”. Desse trecho, destaco o alongamento da resposta afirmativa à minha pergunta em “é:::”, sugerindo uma dubiedade se pescador e pescadora estariam “apenas” pescando. O operador adversativo “mas”, em seguida, ratifica essa incerteza, especialmente quando associado à pista indexical “maldade↑”, em tom ascendente, indexando pensamentos maliciosos e uma escala Tempo-Espaço, que localiza a mulher/pescadora em uma interseccionalidade que leva em consideração o repertório cultural da pesca, os discursos

⁷⁴ É importante destacar que, segundo Antonia, os pescadores de Arraial do Cabo passaram a convocar as mulheres para pescar, em consequência da falta de homens para ir atuar com eles. Nessa mesma entrevista, ela afirma que as mulheres eram chamadas para pescar “às vezes memo por falta de pescador, (...) aí (.) acaba levando a esposa, e aí acaba aprendendo↓ (.) por falta de não ter ninguém pra ir né? aí acaba indo↓ e aprendendo↓”. Essa performance de Antonia sugere que, nesse caso, foi a necessidade de mão de obra na pesca que favoreceu a inserção das mulheres nessa atividade, e não por uma iniciativa feminina ou pelo reconhecimento de igual possibilidade de oportunidades, o que, a meu ver, novamente aponta para indexicalidades de complementaridade para as performances de pescadoras.

heteronormativos, o status marital dessas mulheres, além de performances de gênero e de sexualidade.

Vale notar que as pistas linguísticas “será que” também ratificam essa hipótese duvidosa sobre o que um homem e uma mulher estariam fazendo dentro de um barco no meio da lagoa. E por fim, as pistas indexicais “outra coisa?↓” em tom de voz descendente, indiciariam práticas sexuais heterossexuais extraconjugais que poderiam ocorrer na embarcação, como sendo algo reprovável ou escuso. É preciso lembrar que essa hipótese da atividade sexual somente surge quando, no barco, estão um homem e uma mulher. Em outras palavras, essa suposição não surge quando dois homens estão pescando na lagoa, o que ratificaria a heterossexualidade compulsória (BUTLER, 1990), o pensamento heterossocial (PRECIADO, 2014) e a assimetria entre homens e mulheres na pesca. Ou seja, essa performance narrativa de Antonia ilustra duas crenças centrais na ordem de indexicalidade observada nessa cena, a saber:

a) a pesca está vinculada ao núcleo familiar heteronormativo e, por isso, a mulher somente poderia pescar na companhia do marido ou do pai/irmão;

b) a mulher, mesmo quando na embarcação e não mais atuando como boia, continua localizada em uma escala Tempo-Espaço de subalternidade frente à masculinidade, sendo ainda, objetificada, porém, agora, na condição de objeto sexual.

Acredito que outras importantes reflexões merecem ser feitas acerca dessa visão sexualmente objetificada da mulher. Como apontado nos capítulos anteriores, performances de gênero não se encontram isoladas de outros traços performativos interseccionais (ver seção 3.2). No caso da presente pesquisa, convém lembrar a diferença de idade entre Antonia (37 anos) e Vanda (62 anos), que a meu ver pode sugerir um contato com diferentes discursos sócio-históricos e reflexões sobre performances de gênero.

Em outras palavras, por ser de uma geração mais antiga, Vanda talvez não tenha sido exposta aos discursos de igualdade entre os gêneros que as gerações mais contemporâneas foram. Assim, imagino que Vanda talvez pudesse ter mais dificuldade de reconhecer ou contestar algumas relações desiguais de gênero. Antonia, em contrapartida, não somente nasceu em um momento sócio-histórico em que essas questões são discutidas continuamente na mídia, como também, por ser mais nova e divorciada, pode se considerar mais sexualmente livre e, portanto, objeto de desejo dos homens/pescadores. Levanto essas considerações não somente por entender que as performances de gênero são interseccionais, mas também

porque, ao contrário de Vanda, Antonia faz menção a performances de sexualidade relacionadas à pesca. Frente a isso, entendo que essas reflexões também deveriam compor a presente análise.

Feitas essas considerações, recupero as subquestões de pesquisa para responder que, no excerto 1, estar casada em uma união heterossexual seria uma condição necessária para legitimação das performances narrativas de pescadora, apontando, portanto, para performances interseccionadas. Ou seja, trata-se de uma ordem de indexicalidade que exalta a união heteronormativa e o status marital como prerrogativas para que a mulher possa pescar em embarcações e encenar performances de pescadora. Nessa ordem de indexicalidade, a mulher pescadora estaria localizada em escalas Tempo-Espaço ambíguas, pois ao mesmo tempo em que existe a possibilidade de agenciamento e atuação para além do ambiente doméstico, a performance de pescadora, nessa ordem de indexicalidade, ainda está atrelada ao pensamento heteronormativo ou à vontade/autoridade masculina.

Temos, desse modo, o paradoxo de performances que transgridem, mas também ratificam os centros normativos de masculinidade em questão, ilustrando a convivência de destabilizações de performativos de gênero/pescadorxs com performances mais estáveis e indexicalidades pressupostas. Em outras palavras, temos importantes transgressões das performances de gênero/pescadorxs, mas não ainda possíveis subversões.

No excerto 2, abaixo destacado, temos a continuação dessa entrevista com Antonia e Vanda, no momento em que começamos a negociar o que significaria ser pescadrx profissional. Vale lembrar que, consoante a discussão que fiz na seção 2.2, como performance de pescadrx profissional, compreendo aquela em que encontro os saberes, as práticas e o registro da pesca sendo entextualizados. Uma vez mais, no entanto, a policentricidade se faz presente porque diferentes indexicalidades, *footings* e alinhamentos são propostos para as performances, assim como distintos repertórios de contextualização são negociados.

Excerto 2 – “aqui é pescadora memo (.) lá é mais ou menos”

01	Cida	então assim (.) você::s se consideram pescadoras profissionais↑ ou pescadoras (.) por esporte↓ porque foi uma exp- uma:: uma maneira de falar que eu aprendi com algumas pescadoras com as quais eu conversei também né (.) como é que vocês se consideram?
02		
03		
04		
05	Antonia	olha (.) eu nem sei (.) porque hoje eu não tô NEM NA ATIVA LÁ
06		

07	Vanda	eu me sinto UMA PROFISSIONAL
08]
09	Antônia	eu nem vou (.) nem lá
10]
11	Vanda	eu me sinto uma profissional=
12	Antônia	=sei lá=
13	Vanda	=porque eu joga a rede (.) eu que embarco (.) eu que tiro o peixe (.)
14		eu limpo o peixe (.) eu vendo o pe- (.) então eu me sinto uma
15		profissional (.)
16	Antonia	não se::i=
17	Vanda	Antônia (.) a mesma coisa ué↑
18	Antonia	é:: (suspiro) eu quase não vou mais lá dentro né? ↓
19	Cida	mas não porque↓ você não quei↑ra
20	Antonia	é::↓
21	Cida	na verdade (.) né talvez seja a falta de oportunidade (.) de
22		possibilidade
23	Antônia	mas eu gos↑to de ir (.) até de isopor (.) esses dias eu tava chamando
24		(inaud) pra ir de isopor pra ir lá e::m lá nas beiras (.) por causa que
25		aqui tem muita onda mas pra lá dá pra pescar (.) aí (.) ele não pôde ir
26		e eu num fui (.) mas eu gos↑to de ir (.) gosto de tá lá dentro (.) de
27		VER (.) ainda mais de dia (.) você vê o peixe vindo na malha assim
28		(.) vê as tainha (.) preto por cima (.) vindo na malha (.) é gostoso de
29		ver↓ (.)
30	Cida	e como é que é um dia de pesca (.) assim (.) como é que vocês se
31		organizam↓ assim, HOJE TÁ BOM PRA PESCA? como é que vocês
32		sabem que hoje tá bom pra PESca? como é que vocês se organizam
33		pra sair (.) como é que é isso?
34	Vanda	isso é uma beleza (risos)
35	Antônia	o vento↑ tem que tá ↑ca::lmo
36]
37	Vanda	o vento↑ tem que tá ↑ca::lmo
38]
39	Antônia	não (inaud)
40]
41	Vanda	se não↑ a gente quebra o barco, a gente vê o peixe pular, vê onde o
42		peixe está, aí meu marido diz “vamo jogar a rede aqui↑”, aí eu joga a
43		rede, a gente cerca, só de cercar e ver o peixe, já pulando no centro
44		da rede, é uma maravilha↑ pra gente, a gente fica feliz da vida↑
45		Aparecida, não tem coisa melhor do que pescar (risos altos)
46	Antonia	↓é um prazer ↓
47	Vanda	é o maior prazer, a gente ama pescaria, eu amo pescaria, gosto
48		muito↓
49	Cida	e aí, puxar a rede é difícil↑ na hora de puxar é mais o marido? é mais
50		o::
51	Antônia	eu acho que é muito pesa::do↑=
52	Vanda	=eu puxo sozinha=
53	Antônia	=eu acho muito pesado pra uma mulher fazer mas faz↑
54	Vanda	eu puxo↓ puxo sozinha↓ num acho pesado não↓

55	Antônia	é cansativo, cansa os braço
56	Vanda	tenho calos nos dedos
57]
58	Antônia	é::
59]
60	Vanda	os dedos são cheio de calo de pegar a rede assim, eu agarro na malha
61]
62	Antônia	é a rede↑ você pensa assim “isso não vai acabar, não vai acabar”
63		você vê a boia lá, mas você puxa puxa puxa, e a boia tá lá, a bóia tá
64		lá, puxa puxa puxa
65]
66	Vanda	é mil e quinhentos metros a dois mil metros, tem vez que é dois mil e
67		pouco metro de rede
68]
69	Antônia	e meu Deus↓ você parece que nunca vai acabar↓
70	Cida	(risos)
71	Vanda	isso tudo FAZ PARTE da pescaria↑
72]
73	Antonia	depende da pescaria↓ é verdade↓
74]
75	Vanda	FAZ PARTE DA PESCARIA↑
76	Cida	mas aí na hora de puxar é todo mundo junto?
77	Vanda	não↑ não ↑
78]
79	Antonia	é só↑ uma
80]
81	Cida	é só uma pessoa que puxa?↑
82]
83	Vanda	é só uma↑ é só eu que puxo e meu marido guia o barco (.)
84	Antonia	facilita no remo né↑ pra você puxar
85	Cida	porque na verdade vão poucas pessoas ↓ vão quantas pessoas?= =só duas
86	Antonia	
87]
88	Cida	só duas pessoas? entendi↓ (.)
89	Vanda	ele rema o barco, o barco vai andando, vai seguindo a rede e eu vou
90		puxando (.) vou puxando, aí vai fazendo aquela (.) trouxa de rede, vai
91		apertando pra poder caber (inaud), mas é gostoso ↓= =é gostoso↓ mas é bem cansativo↓
92	Antonia	
93	Vanda	é cansativo você chega cansada
94	Antonia	porque lá no Arraial↑ o pessoal, a maioria das mulheres, é de linha
95		né?= =é↑ isso tá até nas outras perguntas que eu ia fazer
96	Cida	
97]
98	Antonia	aqui↑ / é::
99]
100	Cida	eu queria saber se aqui era de linha / se era de zangarejo / se era de
101		re::de
102	Antônia	não↑ de rede ↑ aqui é mais rede↑ então é BEM mais cansativo aqui é

103		pescadora memo (.) lá é mais ou menos (...) porque de linha é mais
104		fácil você joga uma linha e é mais fácil agora PUXa a rede (.) com
105		peixe ainda (.)
106	Cida	sim porque o peixe vai pesar naturalmente né ?
107	Antonia	e tem que tirar também da malha né? (Entrevista com Antonia e Vanda em 24. 01. 15)

Início esse excerto pedindo que Vanda e Antonia se definam enquanto pescadoras pela autodeclaração, i.e., se elas se reconhecem como pescadoras profissionais ou por esporte. Conforme discussão feita na seção 2.2, essa diferenciação implica uma estratificação e valoração cultural entre pescadorxs cabistas. Essa diferença de valoração pode ser inclusive percebida no meu enunciado, como indexam o tom de voz ascendente em “profissionais↑” e o descendente em “por esporte↓”. Ou seja, de algum modo, eu animei e me responsabilizei pelos discursos e repertórios culturais dos pescadores profissionais tradicionais do Cabo que estabelecem essa diferenciação.

Nas respostas das pescadoras, o critério básico para tal definição seria a atuação física nas atividades de pesca. Entre as linhas 05 e 17, Vanda e Antonia apresentam falas sobrepostas que oscilam entre maior ou menor grau de certeza sobre essa autodefinição. Quero dizer, Antonia apresenta uma resposta reticente, indexada pela modalização epistêmica em “olha (.) eu nem sei” (linha 05), seguida da justificativa indiciada pelo marcador discursivo “porque”, com sentido de explicação, em “porque hoje eu não tô NEM NA ATIVA LÁ”. O tom de voz aumentado em “NEM NA ATIVA LÁ” atua como pista de contextualização de que ser “pescadora profissional” é “estar na ativa lá”. Vale destacar que o dêitico “lá” se refere ao espaço da lagoa que, assim como o mar, seria um espaço marcado pela presença masculina (MARENDINO; CARVALHO, 2013). Além dessa referência local, não podemos nos esquecer dos significados translocais e das indexicalidades pressupostas indexados pelo dêitico “lá” sugerindo um Tempo-Espaço distante de onde Antonia, hoje, se localizaria, a saber: não tão presente nas atividades de pesca e não se considerando “pescadora profissional”.

Essa associação entre ser “pescadora profissional” é “estar na ativa lá” pode ser, inclusive, confirmada no paralelismo de prosódias aumentadas em “NEM NA ATIVA LÁ” (linha 05, enunciação de Antonia) e “UMA PROFISSIONAL” (linha 07, enunciação de Vanda). Ou seja, enquanto Antonia se encontra em dúvida, Vanda, por outro lado, projeta para si mesma e em relação aos discursos sobre a pesca um *footing* de pescadora profissional,

ao responder categoricamente “eu me sinto UMA PROFISSIONAL”, cuja prosódia exaltada atua como pista de contextualização para a exaltação e valoração dessa performance.

As falas sobrepostas das pescadoras se mantêm nas linhas seguintes, até o momento em que Vanda encena uma micronarrativa, entre as linhas 13 e 15, na qual ela apresenta as justificativas para o *footing* projetado. É importante lembrar aqui que, conforme discutido na seção 3.3, uma das funções de uma narrativa é ilustrar um argumento ou indexar o narrador. Assim, o marcador discursivo “porque” (linha 13), com sentido explicativo, demarca o início desta micronarrativa, que rompe com o fluxo interacional marcado pela oscilação entre “ser ou não ser” pescadora profissional e explica por que Vanda se considera uma pescadora profissional.

Em outras palavras, é como se Vanda quisesse delimitar um ponto final para essa tensão entre “ser ou não ser” pescadora profissional e, a partir da linha 13, narra uma série de ações que justificam sua autodeclaração como pescadora profissional, a saber: “=eu jogo a rede (.) eu que embarco (.) eu que tiro o peixe (.) eu limpo o peixe (.) eu vendo o pe- (.) então eu me sinto uma profissional (.)”. Vanda, aqui, não somente narra ações realizadas, mas também anima vozes e se responsabiliza por elas e pelas práticas discursivas dos pescadores profissionais tradicionais experientes (FERREIRA; FIALHO, 2013).

Nessa micronarrativa, creio ser relevante destacar o paralelismo de ações e a repetição do dêitico “eu”, indexando a pescadora-narradora, enfatizando a performance dessa mulher, que realiza uma série de atividades físicas, e muitas vezes pesadas, do universo da pesca, a saber: jogar a rede, embarcar (a rede com peixes), tirar o peixe (da malha da rede), limpar e vender o peixe. De todas essas ações, a venda do peixe parece ser a de menor importância, tanto que é a última a ser citada e nem sequer é enunciada integralmente. De outro modo, em “eu vendo o pe-”, Vanda interrompe sua própria enunciação, e, em seguida, introduz uma conclusão, sinalizada pelo marcador discursivo “então”, que finaliza sua performance narrativa de pescadora profissional.

Ou seja, apesar de ser considerada como critério definidor do pescador profissional para alguns grupos (ver discussão na seção 2.2), a comercialização do peixe, nessa performance, não parece ser uma atividade valorizada. É igualmente importante observar que, nessa micronarrativa, Vanda não menciona a figura do marido atuando com ela. Assim, nesse primeiro momento, Vanda projeta para si um *footing* de pescadora profissional e independente

da ação física e da autorização cultural do homem/pescador, para encenar sua performance narrativa de pescadora profissional.

Existe, todavia, um paradoxo aqui, pois Vanda está animando discursos e vozes dos pescadores profissionais e tradicionais do município, que exaltam a prática profissional da pesca em associação às performances de gênero. Não obstante, esses mesmos discursos e tradições costumam não legitimar a performance da mulher/pescadora como sendo profissional (FERREIRA; FIALHO, 2013; MARENDINO; CARVALHO, 2013). Como proposto na análise do excerto 1, acredito que esse paradoxo da performatividade seja possível porque temos aqui performances interseccionadas, nas quais Vanda é uma mulher casada (status marital) em uma união heteronormativa (performances de sexualidade), mas suas performances de gênero (performances de masculinidade, envolvendo força física) não ratificam a localização Temporal-Espacial da mulher/pescadora na complementaridade das atividades de pesca.

Antonia, por sua vez, mantém uma postura reticente, que não lhe assegura essa autodefinição como pescadora profissional, como podemos notar pelas pistas indexicais “se::i=” (linha 16), na qual o alongamento da vogal em “se::i”, associado ao termo negativo “não”, sugerem essa dúvida. O mesmo pode ser dito sobre o alongamento da pronúncia em “é::” (na linha 18), seguido de um suspiro, indicando alguma frustração por não se autodeclarar (ou encenar performances de) pescadora profissional.

Para Antonia, essa impossibilidade se deve ao fato de ela não estar frequentando o espaço da lagoa, sinalizado pela pista linguística “lá dentro”, com a mesma regularidade de tempos passados, como vemos em “eu quase não vou mais lá dentro né?↓” (linha 18). Vale lembrar que, no excerto 1, Antonia já citara alguns impeditivos para essa impossibilidade de ir pescar na lagoa, a saber: por ser divorciada (status marital) e porque considerava o ato de puxar a rede uma atividade penosa para a mulher (performance de gênero). Curiosamente, ao longo dessa sequência, Antonia oscila nas performances de gênero, ao ratificar, mais à frente, que seria exatamente a força física necessária para puxada de rede que classificaria uma pescadora como profissional (linhas 102 a 105). Em outras palavras, talvez para se distinguir das pescadoras de linha, Antonia se realinhe nas suas performances de gênero, para se definir como pescadora profissional, ainda que, neste momento, ela não seja “plenamente autorizada” a pescar, porque divorciada.

Assim, apesar desses possíveis impeditivos, entre as linhas 23 e 29, Antonia encena nova micronarrativa, que ilustra seu desejo de pescar. O marcador discursivo “mas”, com valor adversativo, sugere a ênfase dada ao fato de que ela aprecia as atividades de pesca, como também podemos ver no tom de voz ascendente em “eu gos↑to de ir”. Podemos dizer que, neste momento, Antonia projeta para si um *footing* de pescadora transgressora. Isto é, apesar de todas as contrariedades, partiu dela (mulher divorciada) a iniciativa do convite para pescar, como fica sinalizado pelo dêitico “eu” e pelas pistas de contextualização “tava chamando”, na linha 23.

Ou seja, nessa nova micronarrativa, iniciada pelas pistas indexicais “esses dias” (linha 23), Antonia, apesar de não se considerar pescadora profissional, transgride alguns repertórios culturais locais, porque é ela quem chama o pescador, sinalizado pelo dêitico “ele” (linha 25), para as atividades de pesca. Todavia, o fato de o pescador não ter podido ir impediu também que Antonia fosse pescar, como é possível ver no trecho “ele não pôde ir e eu não fui”, onde o marcador discursivo “e” sugere sentido de consequência.

Desse modo, conforme já discutido no excerto 1, para Vanda e Antonia, as performances de pescadora profissional estariam, necessariamente, vinculadas à e dependentes da presença de algum homem/pescador. Além disso, é possível notar aqui uma ordem de indexicalidade, na qual temos 1) a exaltação dos Tempo-Espaço aquático (mar ou lagoa), como locais que caracterizariam a pesca profissional⁷⁵ e 2) a encenação de performances de gênero, cujos signos indexam força e resistência física.

A discussão e a diferenciação entre performances de pescadora profissional e de pescadora por esporte será aprofundada na segunda parte da análise. No entanto, uma vez que Vanda aqui se autodeclara pescadora profissional e, no excerto anterior, vimos que ela continua pescando (profissionalmente) porque é casada, eu diria que, nesse universo de contextualização, ser casada em união heteronormativa é a condição que viabiliza as performances de pescadora profissional para as mulheres. Em outras palavras, apesar de Vanda ter narrado uma série de dizeres-fazeres da pesca – “eu joga a rede (.) eu que embarco (.) eu que tiro o peixe (.) eu limpo o peixe (.)” – para que ela possa encenar essas performances, ela precisa estar casada, ilustrando, portanto, performances interseccionais.

⁷⁵ Faço essa ressalva porque, como discutido no capítulo 4, não podemos nos esquecer de que existem, ainda, a pesca nas pedras e a maricultura, que também podem ser consideradas modalidades de pesca profissional, embora menos valorizadas em algumas ordens de indexicalidade (trans)locais em Arraial.

Assim, podemos dizer que, quando Vanda anima e se responsabiliza por vozes e performances dos pescadores profissionais e tradicionais, é uma repetição-diferença, porque se trata de uma mulher repetindo discursos e encenando performances, antes exclusivamente masculinos. Todavia, essa diferença, apesar de indexar alguma desestabilização, ainda mantém certos centros normativos tradicionais, a saber: a instituição do casamento heteronormativo como condição para que performances de pescadora profissionais sejam encenadas.

A partir da linha 30, novos repertórios de contextualização são trazidos à cena, evidenciando, novamente, a policentricidade do fenômeno em questão, quando pergunto sobre a caracterização de um bom dia de pesca. Isto é, porque já tinha ouvido os homens/pescadores profissionais e tradicionais entextualizando os saberes e o registro da pesca local em inúmeras narrativas, neste momento, minha pergunta indexa a expectativa de que elas animassem e recontextualizassem o registro e os saberes locais.

30	Cida	e como é que é um dia de pesca (.) assim (.) como é que vocês se
31		organizam↓ assim, HOJE TÁ BOM PRA PESCA? como é que vocês
32		sabem que hoje tá bom pra PESca? como é que vocês se organizam
33		pra sair (.) como é que é isso?
34	Vanda	isso é uma beleza (risos)
35	Antônia	o vento↑ tem que tá ↑ca::lmo
36]
37	Vanda	o vento↑ tem que tá ↑ca::lmo
38]
39	Antônia	não (inaud)
40]
41	Vanda	se não↑ a gente quebra o barco, a gente vê o peixe pular, vê onde o
42		peixe está, aí meu marido diz “vamo jogar a rede aqui↑”, aí eu jogo a
43		rede, a gente cerca, só de cercar e ver o peixe, já pulando no centro
44		da rede, é uma maravilha↑ pra gente, a gente fica feliz da vida↑
45		Aparecida, não tem coisa melhor do que pescar (risos altos)
46	Antonia	↓é um prazer ↓
47	Vanda	é o maior prazer, a gente ama pescaria, eu amo pescaria, gosto
48		muito↓

Nessa sequência, Vanda toma a frente para responder minha pergunta, na linha 34. Neste momento, ela inicia uma sequência de performances (micro)narrativas, propondo, inclusive, um sentido mais afetivo e de entretenimento à pesca, como podemos perceber pela predicação “beleza” proposta ao dêitico “isso”. Ainda aqui, o riso atua como pista de contextualização indexando significados outros, para além do humor, sugerindo prazer e

satisfação para as atividades de pesca. Vale dizer, ainda, que essa resposta inicial de Vanda sugere para ela, mulher/pescadora, um *footing* de pescadora por lazer (ou esporte?), ao invés de uma escolha profissional⁷⁶.

Antonia, por outro lado, na linha 35, convoca outro repertório cultural para responder a minha pergunta e começa a entextualizar um dos saberes necessários à pesca (FERREIRA; FIALHO, 2013), a saber: “↑o vento tem que tá ↑ca::lmo”. Com essa breve resposta, ao contrário de Vanda, Antonia não somente inicia outra (micro)narrativa, contextualizando temporal e espacialmente a cena de pesca, como também projeta para si um *footing* de pescadora profissional, versada nos saberes relacionados às condições dos ventos. Vale destacar que ela encena essa performance em tom de voz ascendente, tanto no início da enunciação como quando enuncia o signo “↑ca::lmo”, sugerindo ênfase para o modo como o vento deve estar e, desse modo, assinalando um grau de conhecimento sobre os repertórios culturais e saberes da pesca local.

Após essa assertiva, Vanda, na linha 37, ecoa Antonia, quase em um paralelismo de idêntica entonação, predicando a pesca não mais como “lazer e entretenimento”, mas, agora, como uma profissão que demanda saberes específicos. Com seu realinhamento, Vanda passa a projetar para si um *footing* de pescadora profissional, disputando com Antonia o direito à voz, como podemos ver nas falas sobrepostas e no tom de voz ascendente em “↑se não a gente quebra o barco” (linha 41). Prosseguindo com seu realinhamento, Vanda inicia outra micronarrativa, a partir do índice “aí” (linha 42), com função dêitica sobre o lugar-momento dessa nova micronarrativa de pesca, agora, com seu marido.

Acredito que a figura masculina nessa narrativa ratifique as interpretações sugeridas no excerto 1. Isto é, como podemos perceber, Vanda descontextualiza e recontextualiza a voz do marido em tom de voz ascendente, sugerindo uma indexicalidade pressuposta de autoridade imperativa para os homens, em “vamo jogar a rede aqui↑” (linha 42). Ou seja, é o homem/marido/pescador quem decide o lugar onde a rede será jogada e dá essa ordem, que é executada pela mulher. Acredito que essa interpretação seja sustentada pelo dêitico de referência espacial “aqui↑” em tom de voz ascendente, mas, principalmente, pelas pistas linguísticas “aí eu jogo a rede”, na qual o dêitico de referência temporal “aí” indexa o

⁷⁶ Considero relevante essa reflexão, porque, como já citado, existe entre xs pescadorxs de Arraial do Cabo uma distinção e hierarquização entre pescadorxs profissionais, amatorxs e, por fim, esportistas. Assim, quando predica a atividade de pesca como uma forma de prazer e entretenimento, Vanda, a princípio, poderia ser compreendida como se estivesse se desvalorizando nessa hierarquização.

momento em que a pescadora começa a atuar dentro do barco, i.e., depois da ordem masculina.

A pista indexical “a gente”, em “a gente cerca” (linha 43), por outro lado, indicia uma performance conjunta e de simetria na pesca. Dito de outro modo, embora Vanda projete para o homem/pescador um *footing* de autoridade, pelo tom imperativo acima destacado, o recurso “a gente” indexa certa paridade na ação, sinalizando que pescador e pescadora atuariam conjuntamente na pesca. Cabe lembrar, todavia, que mais do que pescador e pescadora, trata-se, neste caso, de marido e mulher, o que, mais uma vez, ilustra a força do núcleo familiar e da matriz heteronormativa na cultura da pesca em Arraial. Recorto, abaixo, um trecho da sequência, a partir da linha 49, para maior aprofundamento da análise.

49	Cida	e aí, puxar a rede é difícil↑ na hora de puxar é mais o marido? é mais
50		o::
51	Antônia	eu acho que é muito pesa::do↑=
52	Vanda	=eu puxo sozinha=
53	Antônia	=eu acho muito pesado pra uma mulher fazer mas faz↑
54	Vanda	eu puxo↓ puxo sozinha↓ num acho pesado não↓
55	Antônia	é cansativo, cansa os braço
56	Vanda	tenho calos nos dedos
57]
58	Antônia	é::
59]
60	Vanda	os dedos são cheio de calo de pegar a rede assim, eu agarro na malha
61]
62	Antônia	é a rede↑ você pensa assim “isso não vai acabar, não vai acabar”
63		você vê a boia lá, mas você puxa puxa puxa, e a boia tá lá, a bóia tá
64		lá, puxa puxa puxa
65]
66	Vanda	é mil e quinhentos metros a dois mil metros, tem vez que é dois mil e
67		pouco metro de rede
68]
69	Antônia	e meu Deus↓ você parece que nunca vai acabar↓
70	Cida	(risos)
71	Vanda	isso tudo FAZ PARTE da pescaria↑
72]
73	Antonia	depende da pescaria↓ é verdade↓
74]
75	Vanda	FAZ PARTE DA PESCARIA↑

Acerca do recorte acima, gostaria de iniciar problematizando a pergunta que proponho, nas linhas 49 e 50. Ao perguntar “e aí, puxar a rede é difícil↑ na hora de puxar é mais o

marido? é mais o::”, ironicamente, estou convocando a performance de masculinidade e propondo o performativo de resistência física e agentividade, comuns à pesca, para o homem e aquele de fragilidade e complementaridade para mulher. Essa interpretação pode ser ratificada pelo índice “difícil” qualificando a “puxada de rede”, em minha performance.

Ou seja, ainda que o alongamento da pronúncia no índice “o::” possa sugerir uma incerteza à procura de confirmação, não podemos desconsiderar que, neste momento, eu associava a força física à performance de masculinidade. Em outras palavras, apesar de toda a discussão que proponho sobre performances transgressivas e híbridas de gênero/pescadorxs, involuntariamente, neste momento, animo vozes associadas ao pensamento patriarcal e heteronormativo, que localizam a mulher em uma escala Tempo-Espaço de debilidade e secundariedade nas atividades de pesca.

Em resposta à minha pergunta, surge, entre as linhas 51 e 54, uma interação diádica entre Antonia e Vanda marcada por falas engatadas, ilustrando, novamente, uma disputa entre diferentes repertórios de contextualização. Aqui, o que estaria em questão seria a capacidade física de uma mulher/pescadora puxar a rede de pesca sozinha com peixes. Nesse conflito de repertórios, podemos ver Antonia se realinhando com Vanda, exemplificando, assim, a mobilidade de *footings* e entre escalas Tempo-Espaço. Vejamos como isso se dá pelas pistas de contextualização.

Na linha 51, o alongamento da pronúncia em “muito pesa::do↑” sinaliza a ênfase que Antonia sugere para a força física necessária para puxar a rede. Vemos, assim, que Antonia estaria ratificando o *footing* por mim projetado de maior força física para o homem e de menor resistência para a mulher. Vanda, no entanto, não ratifica o posicionamento de Antonia e encena uma performance em que podem ser observados os performativos de masculinidade referentes à força física. Em outras palavras, quando Vanda enuncia, em tom exclamativo, sinalizado pelo tom de voz ascendente, “eu puxo sozinha↑” (linha 52), ela projeta para si um *footing* de uma mulher forte, ao enfatizar sua força física e se localiza em uma escala Tempo-Espaço de agentividade e não de complementaridade na pesca.

Frente a essa performance de masculinidade, Antonia se realinha, na linha 53, e enuncia “eu acho muito pesado pra uma mulher fazer mas faz↑”. Aqui, podemos notar a dinamicidade e negociação de *footings* e convivência de indexicalidades pressupostas e emergentes. Dito de

outro modo, por meio da modalização epistêmica⁷⁷ sinalizada pelo índice “acho”, Antonia ratifica seu argumento inicial e uma indexicalidade pressuposta – de que puxar a rede não seria uma atividade para mulheres – porém, com operador adversativo “mas” e um tom de voz ascendente, ela em seguida projeta um novo *footing* para si mesma e para as mulheres pescadoras – de resistência física – sugerindo uma indexicalidade emergente, i.e., a despeito do peso da rede, as mulheres têm força para puxá-la.

Esse realinhamento de Antonia pode ser visto, ainda, como um exemplo de mobilidade escalar, pois, se inicialmente, a mulher pescadora encenada por Antonia estava sendo localizada em uma escala Tempo-Espaço de fragilidade e precariedade física, com o novo *footing*, a mulher pescadora passa a ser localizada em uma escala Tempo-Espaço de robustez e agenciamento. Destaco, ainda, que as falas engatadas entre as linhas 51 a 54 indiciam a disputa pelos performativos de masculinidade (e agentividade) e de feminilidade (e complementaridade) associados à pesca.

Essa oscilação entre diferentes repertórios de contextualização também pode ser observada no alinhamento mais lamentoso sugerido por Antonia e aquele mais enérgico e vigoroso, proposto por Vanda, no tangente às atividades de pesca. Essa interpretação é sustentada pelo item “cansativo” que predica a atividade de pesca na performance de Antonia em oposição ao tom de voz firme de Vanda. A assertiva de Vanda não somente é firme, mas também sugere uma ação corriqueira, com o tom de voz descendente, em “eu puxo sozinha↓ num acho pesado não↓”, indexando uma predicação banal para essa atividade.

Ou seja, Vanda não somente enuncia que puxa a rede de pesca, mas vai além ao narrar que o faz sem qualquer ajuda, destacando, inclusive, as marcas corpóreas dessa atividade. Vemos, portanto, nas linhas 56 e 60, pistas indexicais referenciais e predicativas – “calos nos dedos” – que indiciam performativos de masculinidade (ver seção 3.2) e a convivência de indexicalidades pressupostas com outras emergentes nessa cena. Quero dizer, se para Antonia a puxada de rede, com seu respectivo performativo de masculinidade, seria predicada como um sacrifício para as mulheres (e apontando para uma indexicalidade pressuposta), para

⁷⁷ Segundo Wortham (2001), a modalização epistêmica confere validade e legitimidade a um enunciado. Ela diz respeito ao grau de certeza, ou de profundidade de conhecimento, que o enunciador tem sobre o enunciado proferido ou, no caso da narrativa, sobre o evento narrado.

Vanda, essa mesma atividade seria predicada como rotineira e comum (e sugerindo uma indexicalidade emergente para as performances de gênero/pescadrx)⁷⁸.

Antonia, em contrapartida, mantém um alinhamento reticente e pouco entusiasmado, como é possível notar pelo alongamento da pronúncia em “é::”, na linha 58. Esse posicionamento é ratificado na nova micronarrativa que se levanta do fluxo interacional (entre as linhas 62 e 64), na qual encontramos performances de gênero, mas com ênfase, não no vigor e disposição física, mas no sacrifício físico encenado pela pescadora. Nessa micronarrativa, iniciada pela pista de contextualização que se refere ao objeto de pesca, que demanda a força física, i.e., “é a rede↑”, acredito que o sacrifício físico da pescadora seja indiciado tanto pelas pistas linguísticas “isso não vai acabar (.) não vai acabar”, quanto como pela repetição do índice “puxa”, indexando a iteração do movimento e a força de braço, necessárias, para colocar a rede com peixes dentro da embarcação.

Na linha 69, as pistas linguísticas “e meu Deus↓” em tom de voz descendente, seguidas da repetição das pistas “parece que nunca vai acabar↓”, sinalizam que, diferentemente do que Vanda diz-faz, a estilização de gênero de Antonia localiza a atividade de pesca em uma atmosfera de sacrifício e penosidade para a mulher. Ou seja, uma vez mais, encontramos diferentes repertórios de contextualização, quando Vanda, diante desse alinhamento lamurioso de Antonia, exorta em tom de voz mais alto que todo esse sacrifício, sinalizado pelos dêiticos “isso tudo”, “FAZ PARTE da pescaria” (linha 71). Com essa performance, Vanda novamente ratifica seu *footing* de vigor e resistência física, mesmo diante de quaisquer sacrifícios impostos pela atividade de pesca. Nesse momento, entre as linhas 71 e 75, temos falas justapostas de Vanda e Antonia disputando diferentes significados para as atividades de puxar a rede de pesca⁷⁹, a saber: se de exaltação e valorização ou se de sacrifício e penosidade.

Em outras palavras, ainda que, na linha 73, Antonia parcialmente esboce uma concordância com Vanda, indicada pelas pistas linguísticas “é verdade↓” em tom de voz descendente, porque também sugere que tudo “depende da pescaria↓” (linha 73), Vanda, na linha 75, volta a repetir em tom de voz alteado que isso tudo “FAZ PARTE DA PESCARIA”. É possível perceber, neste momento, que o repertório de contextualização de Vanda se

⁷⁸ Considero pertinente fazer uma pequena ressalva aqui porque a mesma indexicalidade emergente encontrada no tom corriqueiro e banal que Vanda atribui as suas atividades de pesca convive com outras indexicalidades pressupostas, já discutidas, de que, em algumas ordens de indexicalidade, a mulher cabista somente estaria autorizada e legitimada a pescar na companhia de seu pai ou marido.

⁷⁹ No anexo V, é possível encontrar uma foto ilustrando o tamanho da rede de pesca.

sobrepõe ao de Antonia, sugerindo um tom enobrecedor para a puxada de rede e o reconhecimento de que isso seria inquestionável aos/às pescadorxs, porque “FAZ PARTE DA PESCARIA”. Além disso, encontramos nessa performance de Vanda outro salto escalar, a saber: do enunciado individual para o coletivo. Dito de outro modo, se num primeiro momento, Vanda, na linha 52, enunciara “eu puxo sozinha↑”, aqui, ao enunciar “isso tudo FAZ PARTE da pescaria↑” (na linha 71) e animar os discursos dos pescadores, ela se localiza em uma escala Temporal-Espacial mais coletiva, falando em nome de um grupo que a reconhece e legitima.

Embora os repertórios de contextualização sugeridos para a atividade de puxar a rede de pesca sejam distintos, acredito que em ambos encontramos estilizações de gênero, com performativos de masculinidade como força, sacrifício e resistência física, para legitimar as narrativas dessas pescadoras. Podemos, ainda, identificar nessas micronarrativa a convivência de algumas indexicalidades pressupostas (performativo de feminilidade associado à fragilidade e complementaridade) com outras emergentes (performances de feminilidade associadas à força física) para as performances de gênero/pescadorxs em Arraial.

Recorto, abaixo, a terceira e última parte da sequência 2, na qual interessantes performances de gênero também emergem, a partir da linha 76.

76	Cida	mas aí na hora de puxar é todo mundo junto?
77	Vanda	não↑ não ↑
78]
79	Antônia	é só↑ uma
80]
81	Cida	é só uma pessoa que puxa?↑
82]
83	Vanda	é só uma↑ é só eu que puxo e meu marido guia o barco (.)
84	Antonia	facilita no remo né↑ pra você puxar
85	Cida	porque na verdade vão poucas pessoas ↓ vão quantas pessoas?= =só duas
86	Antônia	
87]
88	Cida	só duas pessoas? entendi↓ (.)
89	Vanda	ele rema o barco, o barco vai andando, vai seguindo a rede e eu vou puxando (.) vou puxando, aí vai fazendo aquela (.) trouxa de rede, vai apertando pra poder caber (inaud), mas é gostoso ↓= =é gostoso↓ mas é bem cansativo↓
90		
91		
92	Antônia	
93	Vanda	é cansativo você chega cansada
94	Antônia	porque lá no Arraial↑ o pessoal, a maioria das mulheres, é de linha né?= =é↑ isso tá até nas outras perguntas que eu ia fazer
95		
96	Cida	

97]
98	Antonia	aqui↑ / é::
99]
100	Cida	eu queria saber se aqui era de linha / se era de zangarejo / se era de
101		re::de
102	Antônia	não↑ de rede ↑ aqui é mais rede↑ então é BEM mais cansativo aqui é
103		pescadora memo lá é mais ou menos (...) porque de linha é mais fácil
104		you joga uma linha e é mais fácil agora PUXa a rede (.) com peixe
105		ainda (.)
106	Cida	sim porque o peixe vai pesar naturalmente né ?
107	Antonia	e tem que tirar também da malha né?

Na linha 76, pareço ignorar ou não ratificar as performances de gênero encenadas por Vanda, nas linhas 52 e 54, quando ela enuncia puxar a rede sozinha. Uma vez mais, projeto o *footing* de complementaridade para a performance de pescadora, ao perguntar, então, “mas aí na hora de puxar é todo mundo junto?”. Em outras palavras, essa minha pergunta soa como se eu não tivesse legitimado ou mesmo reconhecido/atentado para a entextualização da performance de masculinidade, encenada por Vanda, para legitimar sua performance de pescadora. Nesse momento, então, Vanda e Antonia se arvoram em responder de forma sobreposta, nas linhas 77 e 79, que somente uma pessoa puxa a rede e que essa pessoa é a pescadora. Ao encenarem essa performance, Vanda e Antonia estão animando vozes e discursos de resistência física e austeridade muito comuns nas histórias de pescador (FERREIRA; FIALHO, 2013) e projetando para si mesmas *footings* de pescadoras profissionais, aqui legitimadas pelas performances de masculinidade.

Vale salientar o tom ascendente da negativa de Vanda, na linha 77, assim como a ênfase sugerida por Antonia, na linha 79, sinalizada pelo índice “só↑”, com significado de exclusividade, informando que a atividade é realizada apenas por uma pessoa, no caso, a pescadora. Na linha 81, minha pergunta “é só uma pessoa que puxa?↑”, em tom de voz ascendente, parece ainda indexar uma surpresa e descrença frente a esse dado. Na linha 83, Vanda responde minha pergunta incrédula, afirmando “é só eu que puxo [a rede] e meu marido guia o barco”, onde destaco, novamente, o índice “só”, que indexa a exclusão de qualquer ajuda na puxada de rede. Saliento, ainda, que as falas sobrepostas entre as linhas 76 e 83 também exemplificam um embate de repertórios de contextualização, que, neste caso, seriam o meu (de que homem e mulher puxariam a rede em colaboração) e o das pescadoras (de que somente as mulheres puxam a rede).

Ainda acerca desse trecho, é importante notar que os dois dizeres-fazerem citados – puxar a rede e guiar o barco – demandam força e resistência física⁸⁰. No entanto, não podemos esquecer que o barco usado nessa modalidade de pesca é motorizado. Assim, apesar de Vanda dizer que o marido rema, como apontam as pistas de contextualização em “ele rema o barco” (linha 89), a performance de Antonia, na linha 84 “facilita no remo né↑ pra você puxar”, sugere um paralelismo entre as atividades.

Nesse paralelismo, a atividade com o remo vem acompanhada do termo “facilita” que, a meu ver, guarda uma ambiguidade, a saber: o ato de remar, realizado pelo homem, pode tanto facilitar a puxada de rede da mulher/pescadora, quanto ser menos penoso do que o ato de puxar a rede⁸¹, realizado pela mulher. Em outras palavras, a mulher/pescadora aqui estiliza performances de masculinidade envolvendo grande força e resistência física, antes não consideradas possíveis. Vale lembrar que essa mesma performance de “puxar a rede” sozinha pode ser associada às outras anteriormente citadas, entre as linhas 13 e 15, quando Vanda também encena a performance de pescadora profissional atuando sem a colaboração física do marido.

No entanto, frente a esse par de dizeres-fazerem (puxar a rede e guiar o barco), não posso deixar de notar uma hierarquia nas ações, pois o signo “guiar”, em “guiar um barco”, pode indexar sentidos de superioridade de alguém que sabe o caminho e o mostra a outrem, menos preparado ou capacitado onde e o que fazer. Se no lugar de Vanda estivesse um homem/pescador, essa hierarquia também poderia existir, porque entre os homens/pescadores também existem hierarquias entre os que são mais experientes e os considerados aprendizes (FERREIRA; FIALHO, 2013).

Todavia, uma vez que, segundo a literatura (LINSKER; TASSARA; 2005; CAVALCANTI, 2008), a mulher é desautorizada a pescar em função de uma fragilidade e debilidade física, é no mínimo curioso que, nessa performance, reste à mulher a atividade que exige maior vigor, mas que seria também uma de menor valor frente às práticas e culturas da pesca cabista (FERREIRA; FIALHO, 2013).

Ora, se no excerto 1, o centro normativo e regulador para as performances de mulher pescadora era a instituição do casamento heteronormativo, nessas micronarrativas, temos uma

⁸⁰ Como vemos ainda nessa sequência, a ação de guiar o barco significa colocá-lo em movimento.

⁸¹ Na continuação da análise desse excerto, vemos Antonia enfatizando o sacrifício demandado no ato de puxar a rede cheia de peixes.

ordem de indexicalidade que valoriza os performativos de sacrifício, vigor, resistência física e austeridade, tipicamente associados à figura do homem/pescador e, portanto, a performances de gênero (MALDONADO, 1986; 1993; BRITTO, 1999; CASCUDO, 2002; LINSKER; TASSARA, 2005).

É a partir da linha 94, no entanto, que essas estilizações de gênero ficam mais evidenciadas e sendo utilizadas como critério de comparação e legitimação de performances entre as pescadoras. Entre as linhas 94 e 107, Antonia propõe uma comparação entre as pescadoras da lagoa e aquelas de Arraial (que pescam no mar) e afirma que as pescadoras da lagoa seriam mais profissionais e legítimas do que as que pescam de linha, porque a pesca com rede envolve maior vigor e esforço físico.

Ou seja, nessa ordem de indexicalidade sugerida por Antonia (e corroborada por Vanda), o que é altamente valorizado como critério de legitimação de performances de pescadora é a força física e o sacrifício/cansaço do ato de puxar a rede cheia de peixes. Essa interpretação pode ser respaldada com a ênfase no alteamento de voz na pista linguística “BEM”, indexando a intensidade do cansaço e do sacrifício corporal. Assim, quando Antonia enuncia “aqui é pescadora memo lá é mais ou menos” (linhas 102-103), “aqui” e “lá” são dêiticos que indiciam a pesca na lagoa e no mar da costa de Arraial respectivamente e que, segundo Antonia, distinguiriam a pesca profissional daquela por esporte (sic) ou “não profissional”.

A comparação entre essas duas modalidades de pesca – de rede e de linha – pode ser encontrada logo em seguida, indexada pelo operador discursivo explicativo “porque”, na proposição “porque de linha é mais fácil você joga uma linha e é mais fácil agora PUxa a rede (.) com peixe ainda (.)”. Aqui, a pista de contextualização “fácil” predica a pesca de linha e é contraposta a “cansativo” que qualifica a pesca de rede. O índice “agora”, com valor adversativo, sinaliza a comparação opositiva entre essas duas modalidades de pesca e os diferentes graus de dificuldade e de valoração para essas performances. Chamo atenção para o dizer-fazer “PUxa a rede (.) com peixe ainda (.)”, com a pronúncia enfatizada em “PUxa a rede”, indexando o esforço necessário para puxar a rede e, assim, ilustrando uma estilização de performance de masculinidade e de pesca profissional, em contraposição à pesca de

linha⁸². Essa relação alteritária e comparativa é fulcral na ordem de indexicalidade proposta nessa sequência.

Desse modo, no tangente às subquestões de pesquisa, vale dizer que, nessa sequência, encontramos uma ordem de indexicalidade, que exalta a entextualização das performances de masculinidade com suas ficções de força e resistência física como centro normativo, a partir de uma consciência metapragmática que valoriza os performativos de masculinidade. Tanto é assim que Vanda e Antonia acreditam ser pescadoras “de verdade” porque pescam com rede, o que as diferenciaria das pescadoras de linha que não fariam tanto esforço ou sacrifício para pescar. Segundo essa ordem de indexicalidade, Vanda e Antonia estariam localizadas em uma escala Tempo-Espaço de pescadora profissional e de mulher contemporânea que busca paridade com as oportunidades oferecidas aos homens e com performances de gênero mais flexíveis. Todavia, para essas duas pescadoras, o mesmo não poderia ser dito sobre as pescadoras de linha.

Frente a essas considerações, ressalto que as narrativas de Vanda e Antonia ilustram algumas desestabilizações da matriz de inteligibilidade de gênero na cultura da pesca em Arraial, porque engendram indexicalidades emergentes nas performances de gênero/pescadorxs. Ou seja, é possível reconhecer a performatividade nessas narrativas, uma vez que a repetição do centro normativo dessa cultura ocorre simultaneamente com a instauração da diferença, já que agora são mulheres que estilizam performances de masculinidade/pescador.

Todavia, porque essas performances ainda estão ratificando indexicalidades pressupostas, neste caso os performativos de masculinidade e a união heteronormativa, ao mesmo tempo em que contestam os limites para performances de gênero/pescadorxs, essas narrativas reproduzem esses mesmos limites (JENKS, 2003). Frente a isso, não considero essas performances como sendo liminares, porque elas indexam a transgressão e o paradoxo da repetição-diferença, mas não indiciam a instabilidade e incerteza dos “entre-lugares”.

Em outras palavras, ao projetarem para si mesmas e em relação às redes de discursos da pesca o *footing* de pescadoras “de verdade” ou “pescadoras profissionais”, porque encenam

⁸² Cabe dizer que a literatura sobre a pesca em Arraial não sugere que a pesca de linha seria uma modalidade mais fácil ou leve, especialmente porque ela envolve também uma série de saberes e práticas (Britto, 1999; Ferreira; Fialho, 2013) e muitas vezes força física. Em Ferreira e Fialho (2013), temos uma narrativa de pescador que demandou muita força física na pesca de linha de um anequim. A pesca de linha é, portanto, realizada tanto por mulheres quanto por homens (Marendino; Carvalho, 2013; Ministério do Meio Ambiente/ICMBio, no prelo) e essa distinção e valoração seria um critério estabelecido para a ordem de indexicalidade proposta por Antonia e Vanda, nessa performance narrativa.

performances de gênero (masculinidade) e de sexualidade (união heteronormativa), elas se localizam do outro lado da fronteira das performances de gênero/pescadorxs, mas não de forma fronteira ou opaca. Isso fica especialmente perceptível, no excerto 2, no qual a ordem de indexicalidade exalta os performativos de masculinidade como forma de legitimação de performances narrativas de pescadora profissionais.

Com isto, quero chamar atenção para o fato de que, conquanto sejam transgressivas, as performances de Vanda e Antonia aparentemente, apenas, ilustram a inversão da localização feminina na cultura da pesca em Arraial, a saber: da complementaridade para agentividade, sem, com isso, desestabilizar os centros normativos, porque, nessas micronarrativas, as sociabilidades de pescadrx implicariam a encenação de performances de masculinidade e o ato de animar discursos (e práticas) heteronormativos. A partir da próxima cena, em que analiso performances narrativas de outra pescadora, acredito que as performances intersticiais ganham maior visibilidade, com, inclusive, a possibilidade de subversão dos centros normativos.

Nas sequências analisadas de agora em diante, quem estará em evidência é a pescadora Sandra, que tem 69 anos e pesca há 30 anos na costa litorânea de Arraial. O excerto 3, abaixo destacado, foi recortado da primeira entrevista que realizei com essa pescadora, em sua própria casa. Nessa ocasião, pude conhecer um pouco da sua história. Sandra é de origem nordestina e veio para Arraial do Cabo há 50 anos, quando seu marido, também nordestino, veio trabalhar na CNA. Diferentemente do que foi narrado por Vanda e Antonia, Sandra começou a pescar por intermédio de uma amiga, mergulhadora e pescadora cabista, que lhe ensinou a atividade. Inicialmente, pescava nas pedras na modalidade de pesca de linha, mas com o avanço da idade preferiu começar a pescar de barco, porque essa modalidade não sobrecarregaria tanto sua coluna.

Há aproximadamente quatro anos, ela pesca em um barco alugado, na companhia de outras seis ou oito mulheres e conta ainda com um barqueiro, que é dono do barco e guia a embarcação. Ela me diz que pesca com linha e anzol, quando se trata de peixe, ou com zangarejo, quando é pesca de lula. Nessa entrevista, Robson também estava presente e, na sequência abaixo recortada, eu entextualizo algumas reflexões sobre performances de gênero na pesca de Arraial. Esse excerto foi selecionado porque nele pude reconhecer a entextualização metapragmática do registro do pescador de Arraial do Cabo, que vejo como uma estilização de performance cultural de pescadorxs profissionais.

Excerto 3 – “você sabe como é que é pescador? é danado”

01	Sandra	mas ali eu só pescava lula, a gente pescava às vezes eu chegava mais
02		cedo e jogava uma linha pra peixe inclusive uma:: uma tarde (.)
03		porque pescador, você sabe como é que é pescador? é danado tinha
04		um pescador, aí tinha uma manta de peixe lá (.) e a gente falava
05		assim “que peixe é esse?” (.) pra botar a linha né aí ele dizia assim “é
06		bonito” mentira↑ não era bonito não↑ era anchova
07	Cida	(risos)
08	Sandra	anchoveta aí ele aí eu a gente viu ele pegar né aí jogamos a linha
09		nesse dia eu peguei seis (...) aí ele mentiu pra gente pra gente não
10		pescar pra gente não pegar o peixe, só ele que queria pegar, aí a gente
11		pegou (...)
12	Cida	mas por exemplo quando a senhora falou que o pescador disse “é
13		bonito” mas era anchova o tipo de linha ou o tipo de anzol seria
14		diferente?
15	Sandra	era diferente=
16	Cida	=pra um e pra outro
17	Sandra	o tipo de linha era linha 60 ou seja 80 pra anchova
18	Cida	hã tá:::
19	Sandra	que é um peixe mais forte mais pesado (...) e a linha da da lula é
20		número 35 até 40 ainda dá né:: 35 30 que ela quanto a linha mais fina
21		mais ela gosta (...) o peixe tem peixe que não gosta de linha grossa o
22		peix- é pescaria tem um macete né Robson? tem um macete muito
23		grande você tem que entender e conhecer os macetes dele também
24	Cida	do peixe↑
25	Sandra	do peixe (...)
26	Robson	até pra cortar (.) a isca, né, a carnada
27]
28	Sandra	você tem que ter, você tem que saber
29]
30	Robson	você tem que saber cortar
31]
32	Sandra	não pode colocar a isca redonda né↑ tem que ser assim=
33	Robson	=enviesado=
34	Sandra	=isso
35	Robson	cortar o filé do peixe enviado
36	Sandra	não pode deixar a pontinha do anzol descoberto, porque o peixe (.)
37		percebe ele é sabido tem que saber escrever minha filha não é
38		brincadeira não↑
39	Cida	(risos)

(Entrevista com Sandra em 24. 11. 12)

Nesse excerto, Sandra já inicia uma micronarrativa com o marcador discursivo “mas” (linha 01), sugerindo oposição e quebra do fluxo interacional, e com o dêitico “ali”, indicando

uma localização espacial da narrativa, na qual ela me contava sobre os nove anos em que pescou em um pesqueiro de lula com outros pescadores de Arraial. Essa interpretação é sustentada pela pista linguística “só” (linha 01) que sugere uma única modalidade de pesca. Em seguida, ainda na linha 01, ela começa a falar de outra modalidade de pesca, a saber: a pesca de peixe com linha. É curioso notar, entretanto, que ao narrar a pesca com linha, ela traz uma contextualização temporal-espacial, sinalizada pelas pistas indexicais “às vezes eu chegava mais cedo e jogava uma linha pra peixe”, indicando a temporalidade e espacialidade da ação.

Existe um *ethos* entre os pescadores de Arraial do Cabo que propõe que quem chega primeiro a um pesqueiro teria direito de ali permanecer e ter exclusividade sobre a pesca. Quem chegasse depois, teria que “saber chegar” sem atrapalhar a pesca de quem já ali estivesse⁸³. Frente a isso, ao narrar que “chegava mais cedo”, Sandra anima as vozes das práticas de pesca local e projeta para si um *footing* de pescadora profissional, conhecedora dos costumes locais. Logo a seguir, ela estiliza, entre as linhas 02 e 10, uma performance cultural da pesca cabista, que envolve essas práticas locais na disputa, em uma micronarrativa que se levanta do fluxo interacional da entrevista, como indicam as pistas indexicais “inclusive, uma:: uma tarde”, que indexam a ruptura com o fluxo discursivo anterior e a ideia de inclusão de alguma informação ou dado de contextualização da micronarrativa.

Considero essa micronarrativa como uma estilização de performance cultural da pesca por diferentes motivos. De início, destaco o conhecimento que Sandra tem sobre as práticas e disputas de pesca, ao enunciar nas linhas 02 e 03 “porque pescador você sabe como é que é pescador? é danado”. Ou seja, o operador explicativo “porque” indicia a explicação sobre um repertório cultural da pesca local. Além disso, a pista linguística “sabe”, em “você sabe como é que é pescador?”, sinaliza uma modalização epistêmica de um saber que ela detém sobre a predicação do pescador – “é danado”.

Em seguida, entre as linhas 04 e 10, ela me explica o que quer dizer com essa afirmativa com uma performance micronarrativa, na qual um pescador mente para ela e suas amigas

⁸³ Ferreira e Fialho (2013, p. 67) fornecem uma amostra deste *ethos* ao citarem a voz de um pescador dizendo “os pescadores de hoje vêm às cegas, porque a maioria dos pescadores hoje em dia não é do lugar. (...). Mas nós que somos do lugar é que sabemos o ritmo da nossa pescaria. Na pescaria da nossa época, no nosso nível e na nossa classe, tinha muito respeito. Era tudo feito com muito respeito. A gente sabia, por exemplo, entrar no mar com a canoa deles fundeada ali. Ou então, quando a gente estava com o barco lá fora pescando, a gente sabia a posição que o pescador, que já estava lá, ia pescar, o corte que ele ia fazer e eu não ia puxar a rede perto dele, pra não atrapalhar ele, porque respeitava ele”. Vale dizer que quando esse pescador diz “a maioria dos pescadores hoje em dia não é do lugar” ele está fazendo referência aos caringôs, citados na seção 2.2.

pescadoras sobre o que ele pescava, para impedir que o grupo de pescadoras tivesse êxito na pesca. Essa prática da mentira é indexada e justificada, nas linhas 09 e 10, quando ela narra “aí ele mentiu pra gente pra gente não pescar pra gente não pegar o peixe, só ele que queria pegar, aí a gente pegou” e temos o dêitico “aí” indexando uma contextualização temporal-espacial para a narrativa e operador discursivo “pra” sugerindo a finalidade da mentira, como sendo parte do *ethos* da pesca local⁸⁴.

Essa estratégia da mentira fica mais compreensível, entre as linhas 12 e 24, quando Sandra enuncia que cada espécie de peixe (bonito ou anchova, no caso) requer um número de linha específico, um tipo de anzol e até mesmo iscas específicas. Assim, entre as linhas 16 e 22, ela encena uma performance de pescadora profissional em que anima os discursos e os saberes da pesca local (FERREIRA; FIALHO, 2013), ao citar o tipo de linha usado na pesca do peixe bonito (número 60), a linha usada na pesca da anchova (número 80) e a linha usada na pesca da lula (número 35 ou 40). Essa performance é ratificada ainda pela expressão “manta de peixe” (linha 04) típica do registro de pesca local e pela consciência de que é preciso conhecer “os macetes” do peixe (linhas 22 e 23) para realizar uma boa pescaria.

Vale salientar que quando Sandra diz-faz “você tem que entender e conhecer os macetes dele também” (linha 23), a pista de contextualização “também” indica o acréscimo de mais dados ou informações. Isto é, nessa performance de pescadora profissional, Sandra chama atenção para o fato de que é necessário saber tanto os “macetes” do peixe, como aqueles do pescador, neste caso, a prática da mentira. Ao narrar “aí ele mentiu pra gente, pra gente não pescar pra gente não pegar o peixe, só ele que queria pegar, aí a gente pegou”, o dêitico “ele” aponta para o pescador sagaz que mente para as pescadoras – indexadas pela expressão dêitica “a gente” – a fim de ter exclusividade na pesca, como notamos pelas pistas linguísticas “só ele”, que indiciam a exclusão de outras pessoas.

Todavia, por conhecer os “macetes” da pescaria, Sandra e suas amigas pescadoras conseguem reverter esse quadro e obter sucesso na pescaria, como apontam as pistas indexicais “aí (...) a gente viu ele pegar né aí jogamo a linha nesse dia eu peguei seis” (linhas

⁸⁴ Conforme já explicado, a mentira aqui faz parte da prática do segredo sobre bons lugares de pesca. Essa prática é bastante comum entre xs pescadorxs. Sandra, em entrevista, me explica essa prática e informa que a aprendeu com os pescadores, como vemos a seguir: “as meninas falam (...) “não fala nada não (.) porque se a gente falar (.) eles vão vir pra aqui amanhã” (.) aí ninguém fala nada que pescou (.) como eles também não falam pra gente “ah, ontem deu umas anchova? ↑” (...), mas não fala o lugar certo pra gente também (.) não (.) porque eles sabem que a gente vai lá, aonde eles vão, a gente vai também (.) só que eles não falam (.) “ah pegou peixe ontem?” “peguei” “aonde?” “a::h deu umas lulinha aí (.) deu umas anchoveta aí” (.) mas não fala o lugar (.) mas a gente já sabe que eles não falam direito (.) a gente aprendeu com eles (.) de não falar a verdade pro outro (risos) a ter segredo com eles (.)” (trecho de entrevista com Sandra em 24. 11. 12).

08 e 09). A meu ver, com estas pistas de contextualização, Sandra projeta para si mesma, e em relação aos discursos da pesca e eu como sua interlocutora, um *footing* de pescadora profissional e experiente que não somente autora, anima e se responsabiliza pela entextualização do registro da pesca local, mas também anima os discursos que constituem as práticas de disputa pelo peixe entre xs pescadorxs cabistas. Frente a essa micronarrativa e performance cultural da pesca, acredito que Sandra se localize numa escala Tempo-Espaço de maior agenciamento e disputa por oportunidades na pesca, diferentemente de Vanda e Antonia, que legitimavam suas narrativas, exclusivamente, nas performances de masculinidade.

Esse *footing* de pescadora profissional é ratificado por Robson, como podemos ver entre as linhas 26 e 38. Nesse momento, Sandra e Robson estabelecem uma interação diádica, na qual Robson ratifica os conhecimentos apresentados por Sandra e entextualiza o registro local indexado pelo item “carnada”, que é explicado e comentado por Sandra, como vemos no trecho “você tem que ter, você tem que saber (...) não pode colocar a isca redonda né↑ tem que ser assim=” (linhas 28 e 32).

Nesse momento, inclusive, as pistas indexicais “você tem que saber” (linha 28) sinalizam uma autoridade e uma modalização deontica⁸⁵ sobre um conhecimento que se deve ter quando se vai pescar. Assim, nas linhas 32 e 36, ela entextualiza outros desses saberes de pesca, indiciados pelas negativas do que não se pode fazer em “não pode colocar a isca redonda” e “não pode deixar a pontinha do anzol descoberto” corroborando essa performance de pescadora profissional. Ainda acerca das modalizações, gostaria de destacar, na linha 37, as pistas indexicais “tem que saber escrever”, nas quais as pistas “tem que” sinalizam uma modalização deontica de autoridade e “saber”, assim como uma modalização epistêmica que legitimam a performance de Sandra como de pescadora profissional. Finalmente, as falas engatadas e sobrepostas de Robson e Sandra, entre as linhas 26 e 38, sinalizam a construção conjunta da performance de pescadora profissional de Sandra e sua legitimação por Robson e por mim, que reconheço a entextualização metapragmática dos saberes e do registro da pesca local (FERREIRA, 2012; FERREIRA; FIALHO, 2013).

Voltando meu olhar para as subquestões propostas, é importante considerar que a ordem de indexicalidade sugerida na micronarrativa de Sandra exalta os saberes e registro da pesca

⁸⁵ Segundo Brockart (1999), a modalização deontica diz respeito ao grau de obrigatoriedade, permissibilidade ou conformidade de uma ação em relação a certas normas e padrões.

como centro normativo para legitimação das performances de pescadora. Em outras palavras, aqui, as performances de gênero parecem não ter tanta importância, pois o que conta são as performances culturais do universo da pescaria. Acredito que essa ordem de indexicalidade localize Sandra em uma escala Tempo-Espaço de maior agenciamento e autonomia, disputando, inclusive, oportunidades de pesca com outros homens/pescadores.

Finalmente, é importante frisar o paradoxo da repetição-diferença também presente aqui porque, se por um lado Sandra repete e entextualiza o registro dos homens/pescadores, ela igualmente o recontextualiza e lhe atribui indexicalidades emergentes e novos efeitos, uma vez que é uma mulher e, como já citado, a performance da mulher pescadora em embarcações nem sempre costuma ser vista como uma atuação profissional em Arraial do Cabo (MARENDINO; CARVALHO, 2013). Em outras palavras, vemos também aqui a performatividade atuando na cultura da pesca, pois Sandra ratifica o registro do homem/pescador local como um centro normativo, indexando a pesca profissional, mas o recontextualiza e o altera por ser uma mulher e encenar performances de pescadora com maior agenciamento.

Frente a isso, acredito que nessa micronarrativa encontramos indexicalidades pressupostas – o registro do pescador como centro normativo – convivendo com outras emergentes – a performance narrativa de pescadora. Essa convivência fica muito bem ilustrada no próximo excerto, no qual encontramos também a convivência ambígua da performance de pescadora profissional, com aquela considerada por esporte. No recorte abaixo, depois de citar diferentes exemplos de saberes da pesca local e ratificar o registro do homem/pescador como um centro normativo, começo a propor, na entrevista com Sandra, reflexões sobre as performances de gênero e as atividades de pesca.

Excerto 4 – “porque eles acham que como a gente somos mulheres que a gente pesca por esporte”

01	Cida	e aí vocês aprendem isso↓ porque alguém ensinou pra senhora?
02	Sandra	sim↑ os pescadores antigos de Arraial do Cabo eu aprendi mu::ita
03		coisa com eles eu conheço o tempo, quando vira o tempo, quando é
04		nordeste, quando é sudoeste, quando a água tá fria, quando a água tá
05		quente, quando a água tá a leste, quando a água tá ardendo, ardendo é
06		uma maneira que a gente tem de falar aqui, é quando você coloca
07		uma isca, assim pequenininha e ela apresenta muito grande dentro
08		d´água fica aquela água assim brilhosa, prateada, ardida, não presta

09		pra pescar (...)
10	Cida	mas a senhora em algum momento a senhora achou que de repente
11		porque a senhora é mulher pescadora que:: al- alguém não recebeu a
12		senhora direitinho ou fic- ou tentou enganar como a senhora falou né
13		mentiu assim pra tentar ter vantagem e de repente atrapalhar a
14		senhora (.) a senhora↓ acha isso?
15	Sandra	sim, sim, não todos né?
16	Cida	uhum
17	Sandra	tem muitos que são nossos amiguinhos
18	Cida	(risos)
19	Sandra	eles brincam muito conosco eh:: assim dentro do mar a gente dá vaia
20		neles
21	Cida	(risos)
22	Sandra	é entendeu? alguns conhecidos é uma diversão linda, maravilhosa,
23		que eu gosto né? mas tem uns que:: quando a gente vamos chegando
24		eles falam assim “Ó ESTÁ CHEGANDO A VELHARADA↑ VÃO
25		PRA CA::SA VELHARADA↑ VÃO PRA CASA DORMIR↑” (risos)
26		eles ficam brincando né↑ e tem outros que não gosta não eles acham
27		que a genti:: eh:: acha que a gente atrapalha a pescaria deles
28		entendeu? assim coloc- por exemplo quando ele tá pegando a lula
29		(0.2) e a gente vê que ele tá pegando a gente chega no barco↑ não em
30		cima porque o:: o barqueiro também ele não gosta de jogar o barco
31		em cima deles
32	Cida	uhum
33	Sandra	mas a gente vê onde tá pegando também né?
34	Cida	uhum
35	Sandra	ái eles acham que a gente atrapa::lha e tal aí as vezes ele:: um senhor
36		nesse dia tinha um ele tava matando muita lula né? no ano passado
37		(0.1) aí a gente chegou (0.1) parou o barco e ficamos pescando
38		também aí ele parou e ficou de braços cruzados assim ó
39		(Sandra cruza os braços com o tronco ereto e rosto fechado)
40	Cida	o pescador? ↑
41	Sandra	o pescador ficou de braços cruzados assim↓ (...) e o pescador estava
42		injurado aí o barqueiro falou “olha ele não tá gostando não vamos
43		sair daqui” aí nós saímos e se afastamos mais pra fo::ra (0.2)
44	Cida	mas:: que que curioso né? porque:: assi::m tudo é atividade de pesca
45		né então por que não te- haver eh mais mais amizade né?
46	Sandra	é tem uns tem tem alguns não são to::dos não sabe? mas tem uns que
47		não gosta não que a gente chegue chegue (.) não porque eles acham
48		que como a gente somos mulheres que a gente pesca por esPORte (.)
49		na realidade entendeu? nós pescamos por esporte não por
50		necessidade (.) assim mas a lula (.) a gente vende porque é muita
51		quantidade a gente não dá vazão trazer pra casa 20 quilos 30 quilos
52		de lula todos os dias
53	Cida	uhum
54	Sandra	não dá pra trazer (.) então a lula a gente vende (.) então nós (.) e eles
55		pescam pra valer né? a gente não (.) a gente pesca por por esporte
56		ma::s eles têm vez que eles não gosta não (.) eles botam o barco e já

57		ficam com o barco já pra botar aquela rede deles lá né e eles acham
58		que a gente espanta a lula
(Entrevista com Sandra em 24. 11. 12)		

Embora tenha sido iniciada na pesca por uma pescadora cabista, Sandra afirma que os saberes e registro da pesca foram aprendidos com os pescadores tradicionais. Quando ela enuncia “eu aprendi mu::ita coisa com eles”, o índice “mu::ita” com pronúncia alongada traz ênfase e legitimidade a esses saberes aprendidos com os pescadores, sinalizando que os pescadores, seu registro e suas performances seriam um centro normativo nessa ordem de indexicalidade. As pistas indexicais “eu conheço”, em “eu conheço o tempo, quando vira o tempo, quando é nordeste, quando é sudoeste” (linhas 03 e 04) ilustra outro exemplo de modalização epistêmica que corrobora a performance de pescadora experiente e profissional de Sandra.

Dito de outro modo, além de entextualizar e animar as vozes dos pescadores locais, citando a influência dos ventos (nordeste e sudoeste) e sobre os diferentes tipos de água (fria, quente, à leste, ardendo), nas linhas 03 a 05, Sandra está envolvida em uma atividade específica de reflexividade metapragmática ao me explicar o significado da expressão “água ardida” – “ardendo é uma maneira que a gente tem de falar aqui” (linhas 05 e 06).

É importante frisar que essa reflexividade metapragmática ocorria diversas vezes nas entrevistas que fiz com os pescadores, entre 2011 e 2012, e também ilustra a performance do pescador profissional, que conhece o registro da pesca, mas sabe que esse registro não é de domínio público. Essas reflexões sobre o registro do pescador de Arraial do Cabo são importantes porque a ordem de indexicalidade nessa performance narrativa valoriza o registro e as práticas dxs pescadorxs local. Em outras palavras, o que indexa a performance dxs pescadorxs profissional, nesse momento, é a performance cultural de pesca indexada pelo registro e não pela performance de gênero.

De certo modo, isso também ocorre porque até esse momento da entrevista⁸⁶, eu ainda não havia entextualizado discursos sobre questões de gênero na pesca como ponto de reflexão. É no trecho que recorto abaixo, a partir da linha 10, que abordo tal questão e pergunto sobre possíveis preconceitos que Sandra possa ter vivenciado, por ser mulher/pescadora.

⁸⁶ Havia transcorrido, aproximadamente, 19 minutos de entrevista.

10	Cida	mas a senhora em algum momento a senhora achou que de repente
11		porque a senhora é mulher pescadora que:: al- alguém não recebeu a
12		senhora direitinho ou fic- ou tentou enganar como a senhora falou né
13		mentiu assim pra tentar ter vantagem e de repente atrapalhar a
14		senhora (.) a senhora↓ acha isso?
15	Sandra	sim, sim, não todos né?
16	Cida	uhum
17	Sandra	tem muitos que são nossos amiguinhos
18	Cida	(risos)
19	Sandra	eles brincam muito conosco eh:: assim dentro do mar a gente dá vaia
20		neles
21	Cida	(risos)
22	Sandra	é entendeu? alguns conhecidos é uma diversão linda, maravilhosa,
23		que eu gosto né? mas tem uns que:: quando a gente vamos chegando
24		eles falam assim “Ó ESTÁ CHEGANDO A VELHARADA↑ VÃO
25		PRA CA::SA VELHARADA↑ VÃO PRA CASA DORMIR↑” (risos)
26		eles ficam brincando né↑ e tem outros que não gosta não eles acham
27		que a genti:: eh:: acha que a gente atrapalha a pescaria deles
28		entendeu? assim coloc- por exemplo quando ele tá pegando a lula
29		(0.2) e a gente vê que ele tá pegando a gente chega no barco↑ não em
30		cima porque o:: o barqueiro também ele não gosta de jogar o barco
31		em cima deles

Podemos perceber que proponho essa reflexão de maneira cautelosa, com algumas modalizações epistêmicas e tom de dúvida sinalizadas pela pista indexical “achou” e pela expressão “de repente”, que indexam meu desconforto possivelmente por tocar em um ponto sabidamente polêmico. Não obstante esse desconforto, recontextualizo uma reflexão sobre a performance narrativa da mentira, já analisada, quando enuncio “ou tentou enganar como a senhora falou né mentiu assim pra tentar ter vantagem e de repente atrapalhar a senhora (.)” (linhas 12-14). Ou seja, diferentemente do ocorrido na entrevista com Vanda e Antonia, em que algumas vezes eu ratifiquei a norma de masculinidade e não legitimei as performances daquelas pescadoras, neste momento, o *footing* que projeto para Sandra é de uma pescadora profissional que disputa territórios de pesca com homens/pescadores.

Na linha 14, Sandra responde afirmativamente a minha pergunta, mas depois sugere, em tom de voz ascendente, que “não [são] todos né↑”. Acredito que o tom ascendente nesse trecho indexe uma ênfase sobre o fato de que seria reduzido o número de pescadores que não legitimariam as performances da mulher/pescadora. Em seguida, Sandra sugere uma relação amistosa, ou quase infantil, com os pescadores, a partir da expressão no diminutivo “nossos amiguinhos” e da pista linguística “brincar” quando propõe “tem muitos que são nossos amiguinhos (...) eles brincam muito conosco eh:: assim dentro do mar a gente dá vaia neles”.

Essa boa relação é igualmente confirmada com o índice – “muitos” – sinalizando a existência de diversos pescadores que legitimam a atividade de pesca pelas mulheres em embarcações.

Já na linha 23, Sandra muda a contextualização dessa performance ao trazer o operador adversativo “mas” e iniciar uma micronarrativa sinalizada temporalmente pelo item “quando”, no trecho “mas tem uns que:: quando a gente vamos chegando eles falam assim “Ó ESTÁ CHEGANDO A VELHARADA↑ VÃO PRA CA::SA VELHARADA↑ VÃO PRA CASA DORMIR↑” (risos)”. Nesse momento, apesar do tom reticente indexado pelo alongamento da pronúncia em “tem uns que::”, Sandra recontextualiza as vozes dos pescadores locais, estilizando uma performance cultural de pescador em atividade. Na estilização nessa micronarrativa, alguns dêiticos localizam espacial e temporalmente os pescadores e as pescadoras, no sentido de definir a prioridade do espaço para quem chegou primeiro.

Em outras palavras, quando enuncia “quando a gente vamos chegando eles falam assim”, a expressão “a gente” indexa Sandra e suas companheiras chegando a um dado pesqueiro quando os pescadores já estariam por lá, recebendo-as, inclusive, com falas exaltadas. Essas falas podem ser vistas nas linhas 24 e 25, quando Sandra estiliza a performance cultural do pescador, aumentando o tom de voz e citando os discursos dos personagens-pescadores da sua performance estilizada, em “Ó ESTÁ CHEGANDO A VELHARADA↑ VÃO PRA CA::SA VELHARADA↑ VÃO PRA CASA DORMIR↑” (risos). Ainda acerca desse trecho, podemos dizer que Sandra está animando as vozes dos homens/pescadores, mas não se responsabilizando por elas, uma vez que os risos, ao final, sinalizam certa leveza diante dessa situação, que não deveria ser considerada como um conflito.

Assim, nessa narrativa, encontramos indexicalidades pressupostas e emergentes para as mulheres pescadoras em Arraial. A indexicalidade pressuposta sugere que mulheres com idade deveriam ficar localizadas no ambiente doméstico para dormir, como sugere a pista de contextualização “VELHARADA”, indexando a idade dessas mulheres, seguida do imperativo em tom de voz exaltada “VÃO PRA CASA DORMIR” (linha 25). Ressalto, ainda, que o índice “CA::SA” é enfatizado pelo alongamento da pronúncia da primeira sílaba, corroborando o tom imperativo que estaria expulsando as mulheres daquele Tempo-Espaço de pesca.

Ou seja, além dos *footings* de desocupada e de idade avançada projetados para essas mulheres, temos a localização da figura feminina em uma escala Tempo-Espaço de domínio

privado e numa temporalidade tradicional de séculos passados⁸⁷. Paradoxalmente, podemos dizer que a indexicalidade emergente está presente na própria interpelação feita pelos pescadores – “VELHARADA” – que indexa a presença das mulheres/pescadoras que, mesmo com possível idade avançada, disputam territórios de pesca com os homens/pescadores.

Desse modo, nessa micronarrativa, começam a emergir questões de gênero nas performances de Sandra. Todavia, essa pescadora parece não se incomodar com esses discursos, seja porque ri dessa interpelação (linha 25), seja porque o índice “brincando”, em “eles ficam brincando”, indexa um tom infantil para a contextualização dessa micronarrativa.

A partir da linha 26, quando Sandra enuncia “tem outros que não gosta não”, a pescadora recontextualiza a voz de outros pescadores locais, que não legitimariam as suas performances de mulher/pescadora, mas, vale dizer, o faz com uma modalização epistêmica. Isto é, a pista indexical “acham”, em “eles acham que a gente:: eh:: acha que a gente atrapalha a pescaria deles” sinaliza que esse poderia ser o repertório cultural dos pescadores, mas não o dela (linhas 26 e 27). Em outras palavras, Sandra anima as vozes dos pescadores locais, mas parece não se responsabilizar por tais discursos, porque ela entextualiza o discurso, mas não corrobora a crença de que as pescadoras atrapalhariam a atividade dos pescadores.

A seguir, Sandra explica o prejuízo que, nessa performance, os pescadores atribuiriam às mulheres pescadoras. Conforme já apontado, a crença sobre o respeito (ou desrespeito) ao pescador que chegara primeiro a um pesqueiro é muito comum na diferenciação entre os pescadores cabistas e os pescadores caringôs. Frente a isso, conforme pergunto na seção 2.2., vale considerar se a mulher/pescadora não seria, aos olhos do pescador cabista, um “novo caringô” ou uma indexicalidade emergente desse signo, uma vez que, segundo Sandra, os pescadores mais antigos acreditariam que as mulheres atrapalhariam a pesca considerada primordialmente como sendo deles. Ou seja, parece existir aqui um paralelo entre caringôs e pescadoras, já que ambas são sociabilidades deslegitimadas pelos pescadores profissionais e tradicionais locais.

Todavia, cabe aqui uma importante ambiguidade ou paradoxo, no tangente a esse paralelo que proponho. Isto é, se por um lado o pescador caringô seria deslegitimado porque desrespeitaria o *ethos* da pesca local, disputando de forma afrontosa os espaços de pesca, a performance de Sandra indexa a ação de uma pescadora profissional, que observa e acata as

⁸⁷ Sobre essa escala Tempo-Espaço, gostaria de citar uma breve performance da pescadora Vanda, que, ecoando esses discursos de Arraial do Cabo, também localiza a mulher no espaço doméstico, quando afirma que “serviço de mulher é ser dona de casa↑, ser dona de casa” (entrevista com Vanda e Antonia em 24.01.15).

práticas locais, como podemos ver na micronarrativa, entre as linhas 26 e 29. Vejamos como isso é sinalizado pelas pistas indexicais.

No trecho “quando ele tá pegando a lula (0.2) e a gente vê que ele tá pegando a gente chega no barco↑ não em cima porque o:: o barqueiro também ele não gosta de jogar o barco em cima deles”, temos uma micronarrativa iniciada pelo operador discursivo “quando” sinalizando temporalidade. Em seguida, o dêitico “ele” indicia o pescador já em ação na pesca de lula, como sugere a pista de contextualização “pegando”, com sentido de atividade em progresso. A expressão “a gente”, por outro lado, indexa Sandra e suas colegas pescadoras, que chegam ao pesqueiro, mas ressaltando que essa chegada seria respeitando o *ethos* local, como aponta o índice negativo “não” e as pistas de contextualização “em cima”, sugerindo uma chegada cuidadosa. Sandra, inclusive, cita o barqueiro corroborando essa atitude (linha 30 e 31), ilustrando, assim, um “código de conduta” entre os pescadores profissionais⁸⁸.

Assim, embora mulher e nordestina, Sandra demonstra pleno conhecimento não somente das práticas locais de pesca no tangente às espécies de peixe e aos instrumentos utilizados, como também no que tange o respeito aos e o *ethos* dos pescadores locais, encenando, portanto, uma performance de pescadora profissional e experiente. Não obstante essas observações, a partir da linha 35, a pescadora estiliza nova performance cultural, em uma outra micronarrativa, na qual as questões de gênero parecem emergir de maneira mais forte, como possível elemento deslegitimador.

35	Sandra	ái eles acham que a gente atrapa::lha e tal aí as vezes ele:: um senhor
36		nesse dia tinha um ele tava matando muita lula né? no ano passado
37		(0.1) aí a gente chegou (0.1) parou o barco e ficamos pescando
38		também aí ele parou e ficou de braços cruzados assim ó
39		(Sandra cruza os braços com o tronco ereto e rosto fechado)
40	Cida	o pescador?
41	Sandra	o pescador ficou de braços cruzados assim↓ (...) e o pescador estava
42		injuriado aí o barqueiro falou “olha ele não tá gostando não vamos
43		sair daqui” aí nós saímos e se afastamos mais pra fo::ra (0.2)
44	Cida	mas:: que que curioso né? porque:: assi::m tudo é atividade de pesca
45		né? então por que não te- haver eh mais mais amizade né?
46	Sandra	é tem uns tem tem alguns não são to::dos não sabe? mas tem uns que
47		não gosta não que a gente chegue chegue (.) não porque eles acham
48		que como a gente somos mulheres que a gente pesca por esPORte (.)
49		na realidade entendeu? nós pescamos por esporte não por

⁸⁸ Outro cuidado fundamental por parte dx pescadxr profissional que chega *a posteriori* diz respeito ao lançar da âncora ou da sua rede/linha, para igualmente não atralhar x pescadxr que ali já estaria.

50		necessidade (.) assim mas a lula (.) a gente vende porque é muita
51		quantidade a gente não dá vazão trazer pra casa 20 quilos 30 quilos
52		de lula todos os dias
53	Cida	uhum
54	Sandra	não dá pra trazer (.) então a lula a gente vende (.) então nós (.) e eles
55		pescam pra valer né? a gente não (.) a gente pesca por por esporte
56		ma::s eles têm vez que eles não gosta não (.) eles botam o barco e já
57		ficam com o barco já pra botar aquela rede deles lá né e eles acham
58		que a gente espanta a lula

Embora tenha encenado com maestria performances de pescadora profissional, recontextualizando e animando vozes e registro dos pescadores profissionais, a partir da linha 35, Sandra estiliza um pescador incomodado com sua atividade de pesca. Os índices “um senhor nesse dia” (linhas 35 e 36) sinalizam o início da micronarrativa que se levanta do fluxo interacional da entrevista, rompendo, inclusive, com o caráter amistoso projetado até então, para a relação entre pescadores e pescadoras, e dando vez a um tom de rivalidade.

Nessa micronarrativa, é possível identificar um pescador, indexado pelo dêitico “ele”, que havia chegado primeiro ao pesqueiro de lulas e que estava tendo bastante sucesso em sua pescaria, como indexam as pistas de contextualização “matando muita lula”. Em seguida, Sandra narra sua chegada com outras pescadoras, conforme indiciam os dêiticos “aí”, com sentido de temporalidade, e “a gente” sinalizando as pescadoras. A pescadora narra que as duas pescarias (de pescadores e pescadoras) aconteceram em paralelo por algum tempo, como pode ser observado pelas pistas indexicais “pescando”, sugerindo progresso, e “também”, indicando concomitância. Ou seja, nessa micronarrativa, Sandra está novamente projetando um *footing* de pescadora profissional para si mesma.

No entanto, segundo a pescadora/narradora, o pescador em questão não estaria disposto a dividir o território da pesca. Dito de outro modo, ela estiliza fisicamente a performance masculinizada e incomodada do referido pescador, quando diz “aí ele parou e ficou de braços cruzados assim ó (Sandra cruza os braços com o tronco ereto e rosto fechado)”. As pistas indexicais “ficou assim ó” e a linguagem corporal de Sandra indexam a desaprovação do pescador acerca da presença de outro barco de pesca – o de Sandra. Por conseguinte, Sandra e suas amigas pescadoras cedem à pressão do pescador e, também por sugestão do barqueiro, retiram-se, conforme vemos na linha 43, “aí nós saímos e se afastamos mais pra fo::ra”.

Ainda não fica muito perceptível, nesse momento, se a desaprovação que Sandra sofreu foi por ela ser considerada uma pescadora profissional que ameaça o êxito alheio ou se foi

simplesmente por ela ser uma mulher/pescadora e, portanto, não estar autorizada a encenar performances de pescadora profissional. Todavia, essa última possibilidade merece destaque porque, se na lagoa a mulher “apenas” estaria autorizada a pescar na companhia do marido ou do pai, na costa litorânea de Arraial, existe outro tipo de discurso limitador, a saber: a mulher “só seria permitida a pescar” na modalidade esportiva (ver seção 2.2 e 4.2).

Frente a isso, teríamos aqui outro repertório de contextualização, que, embora não envolva as práticas de submissão do discurso patriarcal e dependência de instituições heteronormativas observadas nas performances de Vanda e Antonia, igualmente, pode controlar e reduzir as possibilidades de performances das mulheres/pescadoras. No caso específico de Sandra, é relevante lembrar que, apesar de ela dizer que pesca por esporte, se considerarmos a classificação da RESEXMAR-AC (ver seção 2.2), acredito que seria mais adequado localizá-la na Classe B, porque ela é moradora de Arraial, tem consciência do e respeita o *ethos* da pesca local, pesca regularmente, apesar de ter outra fonte de renda⁸⁹. Todavia, ao se classificar como pescadora por esporte, ela reduz as possibilidades de encenação de performances de pescadora e de disputa por territórios com os pescadores tradicionais e profissionais.

O mais curioso, contudo, é que essa classificação pode estar relacionada às questões de gênero, como vemos a seguir. Na performance de Sandra, as pistas linguísticas “tem alguns não são to::dos não sabe?”, inclusive, com o alongamento da pronúncia em “to::dos”, indiciam que essa reprovação do pescador poderia ser uma exceção. Todavia, não podemos desconsiderar que essa advertência ocorre e, a partir da linha 45, encontramos uma possível justificativa, indexada pelo operador discursivo com valor explicativo “porque”, para essa reprovação, a saber: o fato de serem mulheres pescando profissionalmente.

Essa interpretação é sustentada pela enunciação seguinte, quando temos, entre as linhas 47 e 48, o dêitico “eles” e a pista indexical “acham” indexando uma modalização epistêmica, que justificaria a repreensão que Sandra recebeu. Vale dizer que essa modalização epistêmica, inicialmente, sugere alguma dúvida ou não credibilidade atribuída a esse repertório de contextualização. Ou seja, Sandra anima o discurso dos pescadores locais – “como a gente somos mulheres que a gente pesca por esPORte” (linha 48) – enfatizando, inclusive, a

⁸⁹ Na entrevista do dia 22.06.13, Sandra me explica que tem duas aposentadorias e que trabalhou por 15 anos como inspetora de uma escola. Quando se aposentou e ficou sem a pensão do marido, ela começou a fazer salgados pra vender nas escolas e, mais tarde, começou a pescar. No início, ela disse que só pescava peixe e que, posteriormente, passou a pescar lula. Nessa mesma entrevista, ela ainda informa que distribui os peixes pelo caminho de volta para casa, após uma pescaria, e que vende a lula logo que chega ao porto.

pronúncia de “esPORte”, mas ela o faz por meio de uma modalização epistêmica que parece indexar sua discordância com tal discurso. Em outras palavras, a modalização epistêmica sugere que Sandra estaria animando as vozes dos pescadores, mas não se responsabilizando por esses discursos. Ou ainda, é como se ela repetisse o discurso dos pescadores profissionais locais, mas sinalizasse que se trata de uma crença deles e não dela.

Curiosamente, entretanto, a seguir, Sandra oscila em sua performance, quando enuncia “na realidade entendeu? nós pescamos por esporte não por necessidade”. Aqui, a pista linguística “na realidade” indexa uma mudança de *footing* que sugere que agora sim ela estaria falando “a verdade”, i.e., que as mulheres – indexadas pelo dêitico “nós” – pescam por esporte e não profissionalmente. Ainda a esse respeito, é interessante destacar também que, embora se defina como pescadora por esporte, Sandra diz que vende a lula que pesca.

Ou seja, o operador adversativo “mas”, em “mas a lula (.) a gente vende” sugere que Sandra sabe que isso não é o esperado para os/as pescadores/as amadores/as (ou por esporte, como ela se define). Inclusive, esse enunciado é seguido de outro, em tom explicativo, como indexa o marcador discursivo “porque”, em “porque é muita quantidade a gente não dá vazão trazer pra casa 20 quilos 30 quilos de lula todos os dias”. Esse último enunciado explicativo parece emergir como uma justificativa para uma ação que Sandra reconhece não ser a esperada ou desejada.

Nesse sentido, a pescadora me explica que transportar a lula para casa seria complicado, porque essa espécie libera uma tinta, como forma de defesa, que sujaria o carro de qualquer um que lhes oferecesse carona. Todavia, apesar de não se considerar pescadora profissional e sentir necessidade de justificar sua performance de vendedora, Sandra vende as lulas de forma rotineira⁹⁰, como podemos perceber pelas pistas de contextualização “todos os dias”.

Mais à frente, entre as linhas 53 e 55, Sandra também traz outro dado relevante e que sugere um profundo conhecimento das práticas de pesca locais, a saber: o monopólio de alguns pesqueiros por alguns pescadores. Ao dizer “ma::s eles têm vez que eles não gosta não (.) eles botam o barco e já ficam com o barco já pra botar aquela rede deles lá né”, o dêitico “eles” está indiciando os pescadores que já estariam no pesqueiro de lula e as pistas de

⁹⁰ Essa venda rotineira, na verdade, ocorre durante a temporada da pesca de lula que se dá nos meses do verão (de novembro a março). Desse modo, não é uma pesca contínua, mas sazonal e, por tal motivo, costuma ter um valor de cotação mais atraente do que outras espécies de peixe, por exemplo, que podem ser encontradas durante o ano todo.

contextualização “botam o barco e já ficam” sugerem um tom de reclamação por parte da pescadora como se os pescadores agissem para ter o monopólio da pesca de lula.

A disputa pela primazia e pelo monopólio de pesqueiros é outro aspecto importante a ser considerado no *ethos* da pesca em Arraial. Segundo Robson, alguns pescadores ficam “guardando” ou monopolizando um bom pesqueiro por meses, fazendo uma prática de revezamento⁹¹. Quando Sandra cita esse dado em tom queixoso, ela projeta para si um *footing* de pescadora profissional, que disputa as territorialidades de pesca na região. Ou seja, apesar de se autodefinir como pescadora por esporte, Sandra anima e recontextualiza o registro e os saberes do pescador local, estilizando, ainda, performances de pescadora profissional disputando espaços de pesca. Assim, já começa a emergir aqui a performance que venho chamando de fronteira e que comentarei melhor a seguir.

Sandra ratifica o alinhamento queixoso ao enunciar “eles acham que a gente espanta a lula”. Nessa performance, temos novamente uma modalização epistêmica – “eles acham” – na qual, outra vez, Sandra parece animar as vozes dos pescadores locais, mas não corroborá-las. Vale dizer, ainda, que o ato de “espantar a lula”, aqui citado, não deveria ser entendido como uma ação de pescadora inexperiente, que atrapalharia a pescaria alheia. Justifico essa interpretação no fato de que, em outra entrevista, Sandra me diz que a lula é pescada à noite e que é necessária uma fonte de luz que atraia as lulas para perto do barco. Nessa entrevista, ela me esclarece que, no barco das mulheres, são utilizados bateria, gerador e lâmpada fluorescente, o que favoreceria a pesca das mulheres e, por conseguinte, poderia diminuir o sucesso e o lucro de outros pescadores que não usariam esses recursos.

Vale lembrar, nesse momento, que na linha 35, Sandra propõe que “eles acham que a gente atrapa::lha” e que o alongamento na pronúncia em “atrapa::lha” pode indexar tanto sua discordância do ponto de vista dos pescadores, como uma dubiedade sobre o que significaria “atrapalhar”, i.e., atrapalha porque as mulheres “não saberiam chegar e pescar” e espantariam as lulas, gerando um fracasso coletivo ou atrapalha porque compete com os pescadores e diminui o monopólio deles sobre a pesca e o lucro. Frente a isso, acredito que as pistas de

⁹¹ De acordo com Robson, em outra entrevista em que tematizávamos o mesmo assunto, há pescadores que se organizam de modo que “um vai lá (.) num dia pra pescar né (.) aí entra 5h da manhã (.) aí bota o barco na marra (.) faz a amarra do barco (.) e só vai pescar 5h 6h da tarde (...) aí (.) chega um barco assim vamos dizer (.) matou 600kg de peixe (.) ele naquela noite (.) ele já combina com pescador (.) com outro barco (.) pra quando ele sair 5h da manhã (.) ficar no lugar dele (.) aí aquele que ficou no lugar (.) pesca aquela noite (.) e ele vem trazer o pescado né? (...) aí eles ficam revezando”. Essa prática de revezamento pode ser considerada um elemento complicador, quando se pensa em disputa por territorialidades de pesca.

contextualização “atrapalha” e “espanta a lula” possam indiciar a competição entre pescadores/as e, portanto, performances de pescadora profissional para Sandra.

Não obstante, a oscilação de Sandra entre performances de pescadora profissional e de pescadora por esporte (sic) também aponta para uma mobilidade entre escalas Tempo-Espaço. Em outras palavras, Sandra que, inicialmente, estava localizada em uma escala Tempo-Espaço mais contemporânea de agenciamento feminino e disputa na área profissional, quando se autodesigna pescadora por esporte passa a se localizar em uma escala de menor valor no *ethos* local, ou na ordem de indexicalidade tradicional dos pescadores, ou ainda de complementaridade e impossibilidade de disputa por espaços de pesca. Destaco aqui, portanto, não somente uma ambiguidade na performance narrativa de Sandra, como também uma outra possível análise interseccional, já que no *ethos* de pesca local, a performance de pesca por esporte, e todos os seus efeitos corpóreos e de localização Temporal-Espacial, estaria associada às performances de feminilidade.

Todavia, conforme já citado, mesmo se localizando nessa escala Tempo-Espaço de menor valor, ela narra que não somente vende a lula, como sai para pescar todos os dias (durante a temporada de lula). Assim, da perspectiva que analiso os dados, Sandra encena e não encena performances de pescadora profissional – o que seria um exemplo da performance liminar que venho tematizando. De outro modo, recuperando o trecho em que Sandra enuncia “eles acham que como a gente somos mulheres que a gente pesca por esPORte na realidade entendeu? nós pescamos por esporte não por necessidade”, nós encontramos o paradoxo repetição-diferença da performatividade, porque é ao recontextualizar o discurso local, de que mulher só estaria autorizada a “pescar por esporte”, que, curiosamente, Sandra “é autorizada” a pescar e encenar performances de pescadora profissional.

Em outras palavras, nos termos butlerianos, eu diria que a ininteligibilidade de Sandra, pela dubiedade de suas performances entre ser e não ser pescadora profissional, é o que paradoxalmente permite que ela o seja. Acredito, assim, que Sandra esteja subvertendo e ressignificando alguns discursos sexistas da cultura de pesca de Arraial, sem que precise, necessariamente, encenar performances de masculinidade. Frente a isso, acredito que esse quarto excerto seja bastante rico, porque nele encontramos performances interseccionais de gênero e cultura de pesca local, nas quais Sandra ora assume um *footing* de pescadora por esporte (sic), ora assume um *footing* de pescadora profissional.

Desse modo, recuperando as subquestões de pesquisa, percebemos nas micronarrativas analisadas uma ordem de indexicalidade que exalta o registro do pescador local, assim como seus saberes, propondo como centro normativo as performances culturais da pesca local. Assim, nessa ordem de indexicalidade, a performance cultural de pescadora profissional, indexada tanto pelo registro quanto pelo conhecimento do *ethos* e das práticas de segredo entre pescadorxs, é mais bem valorada do que as performances de masculinidade.

Conforme citado acima, acredito que, nas micronarrativas em questão, a pescadora oscile entre performances de pescadora profissional e por esporte (sic), ilustrando não somente a dinamicidade de *footings* projetados, como também a mobilidade entre escalas Tempo-Espaço, já que o *footing* de pescadora por esporte ecoaria discursos mais tradicionais, enquanto que o *footing* de pescadora profissional apontaria para uma escala mais contemporânea e transgressiva. Isto é, a mulher não precisaria nem encenar performances de masculinidade, nem, principalmente, estar em uma união heteronormativa para ser “autorizada” a pescar.

Entendo, assim, que Sandra se localize em uma escala Tempo-Espaço de maior agenciamento do que os de Antonia e Vanda, porque, apesar de ainda ceder às pressões pela disputa de territorialidades de pesca, ela, pelo menos, já está nessa disputa, em barco composto apenas por mulheres e fazendo valer uma ordem de indexicalidade que valoriza não as performances de masculinidade, mas aquelas culturais-profissionais.

Ou seja, mesmo quando Sandra entextualiza e anima discursos e crenças como o de que a mulher não poderia atuar como pescadora profissional, ela os ressignifica e os subverte, por ser mulher, encenar performances de pescadora profissional e atuar na disputa por territórios de pesca, ilustrando, assim, a coexistência de indexicalidades emergentes com outras pressupostas.

Na próxima sequência analisada, temos um trecho de outra entrevista realizada com Sandra, também em sua casa e também contando com a presença de Robson. No excerto que recorto, havia passado 17 minutos do início da entrevista e eu recontextualizava a performance narrativa, anteriormente analisada, em que Sandra comenta ter sido mal recebida em um pesqueiro, chegando, inclusive, a se retirar do local. Reconhecendo as indexicalidades ambíguas da performance liminar de Sandra, eu buscava aprofundar esses significados. Justifico a escolha desse excerto porque nele encontro, mais uma vez, performances e paródias subversivas das relações de gênero entre pescadores e pescadoras.

Excerto 5 – “vai embora você↑ Olha o padeiro↑”

01	Sandra	é:: por exemplo a gente (.) quando vai de barco tipo os pescadores
02		MESmo né profissional eles não GOS↑tam que a gente fique perto
03		deles
04	Cida	u-hum
05	Sandra	entendeu? e até porque eles (0.3) eu eu creio que essa mudança que
06		teve aí a respeito assim de barco só pro pescador mesmo é:: (.) foi até
07		porque muitas mulheres agora tão pescando não só a nossa equipe (.)
08		mas tem muitas pescando também (.) então eles acha que a gente vai
09		atrapalhar eles entendeu e é por isso que eles não gostam (.)
10	Cida	então a senhora acha que talvez eles não gostem porque vocês são
11		mulheres?↓
12	Sandra	é e atrapalha eles (.)
13	Cida	atrapalha (inaud)=
14	Sandra	=mas pelo contrário a gente não fica nem perto deles (.) a gente não
15		fica
16		(telefone da casa de Sandra toca e ela vai atender)
17	Cida	mas aí a senhora tava dizendo que aumentou o número de pescadoras
18		mulheres↑
19	Sandra	aumentou↓ (.) aumentou o número de muitas muitas mulheres
20		pescando tanto nas pedras como de barco (.)
21	Cida	e aí o Robson tava até comentando a coisa da da linha né Robson=
22	Robson	=é (.) olha só
23]
24	Cida	(inaud)
25]
26	Robson	quando o pescador ele não gosta que que aproxime-se o barco pra
27		outro pescar né no caso (.) o barco da senhora eh não é porque (.) que
28		quando ele tá lá pescando matando o peixe dele e vocês vão chegar
29		depois vai jogar o FERro pra poder se amarrar não há espanto de
30		PEIXe o o a corda também não espanta o peixe né? será que (.) não
31		sei=
32	Sandra	=pode ser por isso também pode ser né? porque às vezes os cara até
33		agarra uma na outra fica um pouco mais distante um pouco mais
34		distante
35	Robson	os barcos ficam muito em cima aCAba espantando o peixe
36	Sandra	é é
37	Robson	por isso que eles talvez=
38	Sandra	=é e eles ficam “VAI EMBORA PRA CA::SA” “VÃO PROCURAR
39		COISA PRA FAZER” (risos)
40	Robson	(risos)
41	Cida	mas esses aí eles são os anTIgos daqui?↑
42	Sandra	é eles conhecem a gente esses pescadores são conhecidos
43	Cida	mas também são os antigos daqui de Arraial?
44	Sandra	são (.) aí eu grito assim “OLHA↑ (.) VAI VOCÊ↑ OLHA O
45		PADE::RO↑”

46	Cida	o padeiro?
47	Sandra	(risos)
48	Robson	é:: o padeiro
49	Cida	por que o padeiro?
50	Robson	porque a esposa dele (pescador) tá em casa↑
51	Cida	(risos)
52		(Sandra bate palmas de satisfação e ri)
53	Sandra	é “vai embora↑ Olha o pade::ro!”↑ e todo mundo grita aí com eles
54		“vai embora você↑ Olha o padeiro”↑ “tá hora rapaz↑ Vai embora!”↑
55	Cida	(risos)

(Entrevista com Sandra em 22. 06. 13)

Logo nas primeiras linhas do excerto acima recortado, Sandra comenta a desaprovação sofrida quando ela vai pescar de barco e disputa territorialidades com pescadores profissionais. Vale salientar que se trata da desaprovação realizada por um pescador legitimado na comunidade e, inclusive, por Sandra, quando ela enuncia “os pescadores MESmo né profissional”. A ênfase na pronúncia do item “MESmo” indexa a valoração e legitimação desse pescador por Sandra, sugerindo o respeito que a pescadora tem em relação ao *ethos* da pesca local, que propõe uma distinção entre um “pescador de verdade”⁹² e outros tipos de pescadores/as

Ou seja, nessa micronarrativa, iniciada pelas pistas de contextualização “a gente (.) quando vai de barco”, Sandra anima o discurso típico do pescador cabista que não legitima a performance profissional das mulheres pescadoras. Isso pode ser percebido quando ela narra “eles não GOS↑tam que a gente fique perto deles”, cuja pronúncia enfatizada no recurso semiótico “GOS↑tam” associada ao item “não”, com sentido negativo, indexa a consciência dessa desaprovação.

Essa censura, todavia, pode apontar para um dos paradoxos aqui analisados. Quero dizer, ao mesmo tempo em que a censura atua como norma coercitiva sobre a atuação da pescadora, ela sugere o reconhecimento de Sandra como uma mulher/pescadora profissional frente aos homens/pescadores. Em outras palavras, se Sandra não fosse reconhecida como uma pescadora profissional talvez não sofresse qualquer reprimenda. Esse mesmo reconhecimento e legitimação, todavia, são cerceados, por se tratar de uma mulher atuando em uma modalidade considerada masculina – a pesca profissional.

⁹² Vale lembrar que Vanda e Antonia também usaram essa expressão “pescadora memo”, no excerto 2.

Essa interpretação fica mais evidente, entre as linhas 05 e 08, quando Sandra comenta mudanças recentes⁹³ para organizar e delimitar a pesca amadora e a profissional (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE / ICMBio, 2012), e associa essas mudanças ao aumento de pescadores e, inclusive, de mulheres/pescadoras. Ou seja, as pistas de contextualização “mudança” e “só pra pescador mesmo” indicam as novas regras que privilegiam o pescador profissional. Além disso, o operador discursivo “porque”, com sentido explicativo, aponta a justificativa para essa mudança, na perspectiva de Sandra, a saber: “porque muitas mulheres agora tão pescando não só a nossa equipe (.) mas tem muitas pescando também” (linhas 07 e 08).

Os discursos sobre territorialidades generificadas na pesca começam a emergir quando Sandra narra que “então eles acha que a gente vai atrapalhar eles entendeu e é por isso que eles não gostam (.)” (linhas 08 e 09). Nessa performance, o dêitico “eles” indexa os pescadores e os índices “a gente” indexam as pescadoras que, segundo Sandra, por serem mulheres, estariam atrapalhando a atividade dos homens/pescadores.

Nessa performance, Sandra estaria animando os discursos sexistas da pesca em Arraial do Cabo, mas, novamente, não se responsabilizando por eles, como sugere a modalização epistêmica em “eles acha”. Discutirei, nas próximas linhas, diferentes possibilidades de significados para a ideia de “atrapalhar a pesca”. Por ora, quero apenas salientar o repertório de contextualização de Sandra que aponta para reflexões sobre questões de gênero na pesca em Arraial.

Essa interpretação é corroborada quando pergunto, nas linhas 10 e 11, “então a senhora acha que talvez eles não gostem porque vocês são mulheres?↓”. Nesse momento, apesar de eu animar os discursos do pescador local (de que mulher não estaria autorizada a pescar profissionalmente), eu projeto um sentido de incerteza ao enunciado, que pode ser sinalizado pela modalização epistêmica em “a senhora acha”, pela pista linguística “talvez” e pelo tom de voz descendente ao final da minha fala.

Vale notar, neste momento, que, diferentemente do ocorrido com Vanda e Antonia, em que eu animei, e de certo modo ratifiquei, discursos sexistas sobre a normatividade da performance masculina na pesca, aqui, eu animo discursos que podem deslegitimar as performances de mulheres/pescadoras, mas não os corroboro. Ou seja, minhas performances de pesquisadora também são igualmente híbridas e ambíguas. Analisando esse hibridismo em

⁹³ Segundo a pescadora, barcos utilizados nas atividades de turismo não poderiam ser utilizados para pesca.

minhas performances, imagino que essa oscilação ocorra porque com Sandra encontro outros discursos e recursos, que não exclusivamente as performances de masculinidade, que legitimem as suas performances de pescadora profissional.

Sandra, então, ao enunciar afirmativamente “é e atrapalha eles (.)”, na linha 12, corrobora o repertório de contextualização, segundo o qual performances de gênero seriam cruciais para diferenciação entre pescadores profissionais e amadores/por esporte e para delimitação de suas respectivas territorialidades de pesca. A pescadora, no entanto, rechaça essa suposição ao narrar, em seguida, “=mas pelo contrário a gente não fica nem perto deles (.) a gente não fica” (linhas 14 e 15). Em outras palavras, se para alguns pescadores Sandra seria categorizada como pescadora por esporte (sic), por ser mulher, e, por conseguinte, inapta a pescar e disputar territorialidades, aqui novamente ela encena uma performance de pescadora profissional.

Em outras palavras, o operador adversativo “mas” e as pistas linguísticas “pelo contrário” indexam oposição em relação à ideia de que as mulheres não saberiam pescar profissionalmente e atrapalhariam a pesca dos homens, sugerindo, ainda, que o gênero aqui é o que menos importaria, porque, como pescadora profissional, ela conhece o *ethos* de pesca local – “a gente não fica nem perto deles”. Voltarei a tematizar sobre o *ethos* de pesca local mais adiante, mas por ora, destaco a recontextualização que faço, nas linhas 17 e 18, sobre o aumento do número de mulheres pescadoras em Arraial do Cabo.

17	Cida	mas aí a senhora tava dizendo que aumentou o número de pescadoras
18		mulheres↑
19	Sandra	aumentou↓ (.) aumentou o número de muitas muitas mulheres
20		pescando tanto nas pedras como de barco (.)
21	Cida	e aí o Robson tava até comentando a coisa da da linha né Robson=
22	Robson	=é (.) olha só
23]
24	Cida	(inaud)
25]
26	Robson	quando o pescador ele não gosta que que aproxime-se o barco pra
27		outro pescar né no caso (.) o barco da senhora eh não é porque (.) que
28		quando ele tá lá pescando matando o peixe dele e vocês vão chegar
29		depois vai jogar o FERro pra poder se amarrar não há espanto de
30		PEIxe o o a corda também não espanta o peixe né? será que (.) não
31		sei=
32	Sandra	=pode ser por isso também pode ser né? porque às vezes os cara até
33		agarra uma na outra fica um pouco mais distante um pouco mais
34		distante

O tom de voz ascendente em meu enunciado, nas linhas 17 e 18, indexa uma satisfação com a notícia sobre o aumento do número de pescadoras em Arraial. Sandra, nas linhas 19 e 20, corrobora esse dado e a pista linguística “muitas”, repetida duas vezes, sinaliza uma ênfase nesse aumento no número de mulheres pescadoras. Além disso, Sandra sugere que essas mulheres estariam atuando tanto nas pedras, quanto nos barcos. Vale lembrar, conforme citado na Introdução, que na cultura de pesca as mulheres estariam autorizadas a pescar em algumas modalidades – como a pesca nas pedras – que as localizariam em terra (LINSKER; TASSARA, 2005; CAVALCANTI, 2008).

Em Arraial, isso não seria diferente e, tradicionalmente, a mulher atuaria como pescadora nas pedras ou na mariscagem (Ministério do Meio Ambiente / ICMBIO, no prelo). Todavia, quando Sandra enuncia a existência de muitas mulheres pescando “tanto nas pedras como de barco”, o operador discursivo “tanto (...) como”, com sentido comparativo de igualdade, indicia o aumento do número de mulheres atuando igualmente nas duas localizações: na terra e no mar. Esse dado se relaciona com minha entextualização seguinte, na linha 21, quando recontextualizo a voz de Robson sobre a “coisa da linha”. Nesse momento, a pista de contextualização “coisa” se refere aos comentários que Robson fazia sobre a disputa entre homens/pescadores quando um jogava a linha de pesca sobre a linha ou rede do outro, atrapalhando a pesca alheia. Ou seja, referia-se ao *ethos* da pesca local.

Sobre essa minha entextualização, novamente, é possível dizer que existe aqui um exercício de poder sobre o curso das narrativas encenadas na entrevista (BRIGGS, 2007a; BRIGGS, 2007b), já que eu escolhera as informações que estavam sendo entextualizadas, porque buscava aprofundar minhas reflexões. Todavia, ao longo desse mesmo excerto, emergem micronarrativas com indexicalidades nem sequer imaginadas por mim, sinalizando, a meu ver, que, no momento da entrevista, eu não estaria em situação de “total controle” sobre os significados gerados e entextualizados.

Em outras palavras, acredito que o exercício de poder como parte do controle sobre o arcabouço topical na entrevista era fluido, assim como eram descentradas as performances encenadas e indexicalidades propostas. Isso porque, apesar de toda amistosidade e generosidade inerentes às entrevistas, coexistiam ali, diferentes repertórios de contextualização e ordens de indexicalidade, a saber: de um lado, o universo da pesca, corporificado nas performances dxs pescadorxs, mas ainda em processo de descoberta por

mim, e de outro, o universo institucional, materializado na minha performance de pesquisadora, mas que, por vezes, era deslegitimado ou desacreditado entre os pescadores⁹⁴.

Após essa breve reflexão sobre os processos de contextualização da entrevista, volto meu olhar para a recontextualização que proponho, na linha 21, convocando a participação de Robson para explicar problemas com a linha na disputa pela pesca. Robson, ao tematizar essa desaprovação enfatizando questões que envolvem as linhas de pesca, parece estar desconsiderando a possibilidade de preconceitos de gênero na pesca.

As pistas linguísticas “é (.) olha só” (linha 21) sugerem o início de uma micronarrativa e um realinhamento de perspectivas e repertórios de contextualização, proposto por Robson. Nesse momento, as pistas indexicais “quando o pescador ele não gosta que que aproxime-se o barco pra outro pescar né” (linha 26 e 27) recontextualizam a micronarrativa já analisada no excerto anterior, na qual a presença de Sandra no pesqueiro teria sido censurada. Nesse momento, todavia, temos a perspectiva de Robson, segundo a qual a censura que Sandra sofreu não teria sido motivada por performances de gênero.

Quero dizer, a proposição de um enunciado negativo, junto de marcadores discursivos que indexam explicação “não é porque (.) que” (linha 26), sugerem que Robson estaria contestando as justificativas apresentadas por Sandra, nas linhas 07 e 08 “porque muitas mulheres agora tão pescando não só a nossa equipe (.) mas tem muitas pescando também”. Para contrapor o argumento de Sandra, Robson anima discursos do *ethos* e da prática de pesca local em uma performance cultural, quando propõe que a chegada de um pescador *a posteriori* poderia atrapalhar a pesca de quem já estivesse pescando.

Nesse sentido, é importante destacar as pistas de contextualização no trecho “quando ele tá lá pescando matando o peixe dele e vocês vão chegar depois” (linhas 28 e 29), onde temos os itens “pescando” e “matando” sugerindo uma ação já em progresso e o dêitico “dele” predicando o peixe, como já sendo propriedade do pescador. Ainda acerca das escalas Tempo-Espaço, temos os dêiticos “vocês” e “depois” indiciando a chegada das mulheres posteriormente à chegada dos pescadores, em associação ao dêitico “lá” sinalizando o território do mar comumente associado aos homens.

⁹⁴ Além do exemplo já citado na seção 4.1, com o pescador Bonifácio, vale trazer, a título de mais uma exemplificação, outra interessante narrativa em que o pescador afirma “por isso que eu digo que a experiência vale muito! O pescador tem aquela consciência viva e a certeza de que vai dar certo ou não, porque aquilo ali é uma coisa que nasceu dele e do aprendizado dele. Ele meteu a mão pra saber o que é e o que não é! Por causa do meu aprendizado no dia a dia do mar, se eu disser que aqui é pedra, é porque é pedra. Se eu disser que é pau, é porque é pau. Não foi por meio do estudo, mas na própria natureza que eu aprendi. (...) Por isso que eu digo que a experiência é quase muito mais que a teoria” (Ferreira; Fialho, 2013, p. 73-74).

Em outras palavras, o que vemos aqui é o repertório cultural que propõe primazia de direito à pesca àquele que chegar primeiro ao pesqueiro. É interessante salientar, contudo, que se, aparentemente, teríamos uma simples disputa de territorialidades definida por “quem chegou primeiro”, em uma escala Tempo-Espaço mais local, acredito também ser possível reconhecer aqui outras indexicalidades e escalas Tempo-Espaço transhistóricas.

Quero dizer, as pistas de contextualização que ilustram a chegada ulterior das pescadoras podem tanto indexar o momento da narrativa em que Sandra chega ao pesqueiro (escala Tempo-Espaço mais local), como também podem indexar a entrada recente da mulher no universo da pesca em embarcações (uma escala Tempo-Espaço mais translocal), já que tradicionalmente as masculinidades seriam uma indexicalidade pressuposta e estável nas culturas de pesca em embarcações. Ou seja, encontramos na performance de Robson indexicalidades (trans)locais, onde convergem os repertórios culturais de pesca que dão maior direito à espacialidade para quem chega primeiro ao pesqueiro, mas também, de algum modo, os repertórios transhistóricos e culturais de gênero que definem a pesca como atividade masculina⁹⁵.

Ainda no tangente à chegada ulterior das mulheres, as pistas de contextualização “FERro” (linha 29), com a pronúncia enfatizada, indexa o destaque dado ao ato de jogar a âncora no mar como possível fator disruptivo da pesca alheia. Essa interpretação é também sustentada por outras pistas linguísticas. Isto é, quando Robson enuncia “não há espanto de PEIxe o o a corda também não espanta o peixe né? será que (.) não sei=” (linhas 29 e 20), podemos perceber um paralelismo de ênfase prosódica entre “FERro” e “PEIxe”, sugerindo uma relação de consequência, na qual o ato de jogar o ferro (a âncora) espantaria os peixes do pescador já em ação. Ao final dessa micronarrativa, Robson sugere um tom hipotético para essas possibilidades, como indiciam as pistas indexicais “será que (.) não sei=”.

Esse alinhamento de Robson é interessante, porque, de algum modo, ele não estaria impondo sua perspectiva de significados sobre as narrativas encenadas, mas negociando-os.

Todavia, cabe aqui outra importante reflexão sobre essa mesma performance de Robson, pois, se por um lado ele não traz visibilidade a questões de gênero na pesca, por outro, não podemos ignorar que, com sua explicação para a censura do pescador, ele estaria projetando para Sandra um *footing* de pescadora inexperiente ou não profissional,

⁹⁵ Acerca dessa possível interpretação, recupero a breve reflexão que propus, na seção 2.2, sobre o fato de a mulher ser considerada “um novo caringô” entre os homens/pescadores cabistas.

desconhecedora do *ethos* de pesca local, porque não saberia chegar ao pesqueiro sem perturbar a pesca alheia. Ora, tendo em vista que Sandra é uma mulher, encontramos na performance narrativa de Robson outro exemplo de interseccionalidade, no qual as performances de gênero, mesmo que de modo inconsciente, podem estar sendo associadas à inexperiência na pesca.

É importante lembrar que, no excerto anterior, Sandra anima e se responsabiliza por alguns discursos que indexam o seu conhecimento sobre como chegar com o barco, sem atrapalhar outros pescadores, encenando performances de pescadora profissional e mostrando ser conhecedora dessa cultura local. Além disso, no excerto 3, Robson projetara um *footing* de pescadora profissional para Sandra e a legitimara como tal, quando encenam co-performances em que entextualizam os saberes, o registro e os “macetes” da pesca. Desse modo, a performance de Robson também é ambígua, instável e liminar, porque, ao mesmo tempo em que ele reconhece e legitima Sandra como pescadora profissional, ele aqui insinua que ela poderia não saber chegar ao pesqueiro e, assim, atrapalhar a pescaria dos homens/pescadores.

É interessante destacar, aqui, que Sandra, nas linhas 32 e 33, parece ratificar o *footing* proposto por Robson, mas o faz com modalizações epistêmicas, indexadas pelas pistas indexicais “pode ser”, que sugerem dubiedade se seria essa a justificativa para o conflito em questão, ao enunciar “=pode ser por isso também pode ser né?” (linha 32). As falas engatadas, entre as linhas 31 e 32, parecem sugerir uma urgência por parte de Sandra para trazer uma outra perspectiva dos fatos e um novo alinhamento frente à narrativa. Vale apontar, ainda, que o índice “também” (linha 32) sinaliza ideia de acréscimo, de modo que, mesmo que ela não desconsidere o repertório de contextualização e justificativa de Robson, ela não abre mão da sua interpretação e do seu repertório de contextualização para essa cena, a saber: a censura teria sido motivada por questões de gênero. Essa policentricidade continua nas linhas seguintes, abaixo destacadas, sendo que, em dado momento, o repertório de contextualização de Sandra se sobrepõe ao de Robson.

36	Sandra	é é
37	Robson	por isso que eles talvez=
38	Sandra	=é e eles ficam “VAI EMBORA PRA CA::SA” “VÃO PROCURAR
39		COISA PRA FAZER” (risos)
40	Robson	(risos)
41	Cida	mas esses aí eles são os anTIgos daqui? ↑
42	Sandra	é eles conhecem a gente esses pescadores são conhecidos
43	Cida	mas também são os antigos daqui de Arraial?

44	Sandra	são (.) aí eu grito assim “OLHA↑ (.) VAI VOCÊ↑ OLHA O
45		PADE::RO↑”
46	Cida	o padeiro?
47	Sandra	(risos)
48	Robson	é:: o padeiro
49	Cida	por que o padeiro?
50	Robson	porque a esposa dele (pescador) tá em casa↑
51	Cida	(risos)
52		(Sandra bate palmas de satisfação e ri)
53	Sandra	é “vai embora↑ Olha o pade::ro!”↑ e todo mundo grita aí com eles
54		“vai embora você↑ Olha o padeiro”↑ “tá hora rapaz↑ Vai embora!”↑
55	Cida	(risos)

Ou seja, ainda que Sandra não descarte totalmente o alinhamento que Robson lhe propôs, ela o faz laconicamente como indexam as pistas linguísticas “é é” (linha 36). E, em seguida, uma micronarrativa se levanta quando ela encena performances de pescadora profissional, que disputa territorialidades, hibridizando, ainda, essa performance cultural com aquelas de gênero/sexualidade, ilustrando outro exemplo de performance interseccional. Essa estilização de gênero emerge, quando Sandra anima as vozes de pescadores em ação, ao narrar “eles ficam ‘VAI EMBORA PRA CA::SA’ ‘VÃO PROCURAR COISA PRA FAZER’ (risos)”. A prosódia acentuada para as vozes dos pescadores indicia o tom de voz exaltado dos pescadores tradicionais – indexados pelo dêitico “eles”.

Uma vez que o ato de gritar estaria associado aos performativos de masculinidade (ver seção 3.3), Sandra aqui estiliza uma performance de masculinidade ao ventrilocar os gritos dos homens para que a pescadora voltasse para casa – espaço culturalmente associado à mulher – ou para que ela procurasse o que fazer, sugerindo, ainda, um *footing* de pessoa desocupada para a mulher, como mostram os índices “VÃO PROCURAR COISA PRA FAZER” (linhas 38 e 39). Ainda sobre esse trecho, é importante salientar que as pistas de contextualização “VÃO PROCURAR”, com tom de voz exaltado, indexam um tom imperativo de uma autoridade masculina sobre o corpo feminino, que decidiria, ainda, o Tempo-Espaço que esse corpo poderia ocupar.

Vale, igualmente, destacar neste momento os risos de Sandra sinalizados ao final dessa performance. Nesse primeiro momento, acredito que os risos signifiquem apenas a atmosfera amistosa e espirituosa entre pescadores e pescadoras. Todavia, o fato de existir uma relação amistosa entre pescadores e pescadoras, não significa que não haja disputa por peixes ou por vantagens na pesca.

Assim, podemos dizer que temos aqui outro exemplo de policentricidade com diferentes repertórios culturais, pois, embora os pescadores estejam localizando Sandra em uma escala Tempo-Espaço tradicional, onde a mulher deveria ficar restrita ao ambiente doméstico, o fato de ela estar em uma embarcação no mar, disputando territorialidades de pesca, localiza-a em uma escala Temporal-Espacial mais contemporânea, na qual a mulher atua ativamente no espaço público e pode encenar performances de pescadora profissional. Dito de outro modo, temos, nessas performances narrativas, a convivência de indexicalidades pressupostas com outras emergentes na cultura da pesca em Arraial do Cabo, ilustrando, uma vez mais, a interseccionalidade das performances analisadas. Convém salientar, ainda, que conflitam aqui duas ordens de indexicalidade, a saber:

a) a dos homens/pescadores, que corrobora alguns dos discursos também convocados por Vanda e Antonia, privilegiando as performances de masculinidade e a união heteronormativa como centros normatizadores para as performances de gênero/pescadorxs, que localizariam Sandra na pesca esportiva (sic);

b) a de Sandra e suas amigas pescadoras, que privilegia o conhecimento do *ethos* de pesca local, com seu registro e saberes, e propõe como centro normativo as performances culturais de pescadorxs profissionais.

Diferentemente do ocorrido no quarto excerto analisado, no qual Sandra apenas anima as vozes dos pescadores tradicionais censurando sua presença e se retira do pesqueiro, aqui, Sandra não apenas contesta o *footing* de mulher desocupada, projetado para ela pelos personagens-pescadores, como ainda, na linha 44, propõe para si mesma um *footing* de pescadora profissional, que disputa o território de pesca. Ao iniciar nova micronarrativa com o dêitico “aí”, com referência temporal-espacial, e enunciar “aí eu grito assim “OLHA↑ (.) VAI VOCÊ↑ OLHA O PADE::RO↑”, Sandra subverte a hierarquia de performances de gênero/pescadorxs e engendra uma mudança escalar, na qual o recurso semiótico “OLHA↑”, em tom de voz exaltado e ascendente, indexa um alinhamento de desaprovação em relação ao que o pescador lhe falou/ordenou.

Além disso, o imperativo “VAI VOCÊ↑”, indexado pelo tom de voz exaltado de uma imposição, realocaliza-a como mulher/pescadora que não aceita ordens dos homens e que rebate os imperativos que lhe são apresentados, sugerindo que quem tem que sair daquele espaço seria o pescador. Em outras palavras, Sandra encena uma repetição-diferença porque repete a mesma ordem que recebeu, mas engendra a diferença não somente por ser uma

mulher, em um universo masculinizado, mas também porque, neste momento, subverte a hierarquia generificada entre quem dá e quem recebe a ordem.

Vale lembrar também que o índice “grito”, em “aí eu grito assim”, funcionando como um descritor metapragmático⁹⁶, aponta para alguns dos performativos de masculinidade, como gritar e falar alto (ver seção 3.3). Ou seja, Sandra se realocaliza numa escala Tempo-Espaço mais contemporânea, de maior mobilidade e agenciamento e menor submissão ou dependência. Podemos dizer assim que Sandra está estilizando performances de gênero (de masculinidade) e de cultura da pesca (na disputa por territórios), de modo interseccional, e projetando para si mesma o *footing* de pescadora profissional.

Minha pergunta, na linha 41, “mas esses aí eles são os anTIgos daqui?↑” se justifica na necessidade que eu tinha de compreender quem estaria censurando a presença das mulheres pescadoras: os pescadores mais antigos e tradicionais ou os mais contemporâneos. Minha curiosidade é tanta que insisto na mesma pergunta na linha 43 – “mas também são os antigos daqui de Arraial?” – como se somente os pescadores antigos e mais tradicionais fizessem esse tipo de censura. Essa minha reflexão ou preocupação, contudo, não é corroborada por Sandra que, na linha 44, logo após responder afirmativa e brevemente a minha pergunta – “são (.)” (linha 44), encena nova micronarrativa. Ou seja, conforme já discutido, não tenho controle pleno sobre os discursos e as performances que emergem durante a entrevista.

Quando na linha 44, Sandra enuncia “aí eu grito assim”, o dêitico “aí” demarca o início da micronarrativa, que rompe com o tópico em curso e nos transporta para a cena a ser narrada por Sandra. Nessa micronarrativa, Sandra introduz, na sua performance de pescadora profissional, a figura do padeiro, em “OLHA O PADE::RO↑”, que indexaria uma ameaça à noção de mulher-propriedade do pescador, que ficara em casa, assim como ao ideal de fidelidade no casamento⁹⁷. Em outras palavras, ela desarticula uma das premissas cruciais das relações heteronormativas, i.e., a fidelidade no casamento. O alongamento na pronúncia no item “PADE::RO” sinaliza a ênfase dada a essa figura e à ameaça por ela representada. Essa

⁹⁶ Segundo Wortham (2001), descritores metapragmáticos são recursos utilizados para descrever como determinada enunciação foi proferida e, por conseguinte, indicam posicionamentos axiológicos para seus enunciadores.

⁹⁷ A partir de conversas informais com moradores locais, soube que a figura do padeiro era muitas vezes associada a relações extraconjugais, porque, no passado, a visita desse sujeito, aos domicílios, ocorria frequentemente após a saída do marido para o trabalho (ou pescaria).

ameaça é uma estratégia que Sandra usa para disputar territórios de pesca e afastar os homens/pescadores.

É válido lembrar que com Vanda e Antonia o ideal de fidelidade no casamento também aparecia como ameaça. No entanto, com aquelas pescadoras, a figura ameaçada era a mulher do pescador, que não pescava com o marido, e estava sujeita à traição do marido. E a sociabilidade prejudicada seria também a da mulher pescadora não casada que se via impossibilitada de pescar. Aqui, por outro lado, acredito que o alinhamento ameaçador de Sandra possa ser considerado inovador, não somente porque é encenado por uma mulher, mas também porque envolve performances de gênero/sexualidade que ameaçam e limitam, agora, a figura masculina na tradição heteronormativa e, ao contrário do ocorrido com Vanda e Antonia, liberam Sandra para pescar. Ou seja, vemos outras interessantes indexicalidades emergentes, a saber: a valorização da mulher não casada e a iminência do homem traído.

Não obstante, Sandra, além de inovar nas práticas de disputa por pesqueiros, propõe um duplo efeito no que diz respeito às performances de gênero. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que ratifica seu *footing* de mulher/pescadora profissional, desafiando performativos locais de gênero/pescadorxs, ela localiza outras mulheres – as dos pescadores – na vida doméstica e como “propriedade sexual” de seus maridos, mas que poderiam estar envolvidas em práticas sexuais extraconjugais. Frente a isso, ainda que Sandra, de algum modo, também ratifique a união heteronormativa⁹⁸, é curioso salientar que, no mar, enquanto o pescador vive sob a ameaça de ser traído, Sandra, na condição de mulher viúva, estaria em situação de maior vantagem nessa micronarrativa. Além disso, as performances narrativas de Sandra uma vez mais ratificam a interseccionalidade entre performances de gênero, de sexualidade, de status marital e de cultura de pesca.

Todavia, temos nesse excerto outra ordem de indexicalidade, na qual não somente a performance cultural de pescadorxs e o *ethos* local são mais valorizados como centro normativo, mas também uma ordem, na qual a mulher não casada ocuparia uma escala Tempo-Espaço de maior privilégio⁹⁹ na pesca. Não obstante, podemos dizer, ainda, que essa

⁹⁸ Acredito que ela esteja ratificando esse ideal, porque sugere que o pescador é casado e com uma mulher, que pode lhe trair. Ou seja, semelhante à reflexão proposta na análise das performances narrativas de Vanda e Antonia, não é vislumbrada aqui a possibilidade de uniões homoafetivas nos repertórios culturais da pesca em Arraial do Cabo.

⁹⁹ É possível dizer que homens/pescadores não casados pudessem desfrutar de igual situação de privilégio. Todavia, como nessa narrativa somente encontramos a performance de Sandra e como, nas micronarrativas de

performance cultural ilustra diferentes escalas Tempo-Espaço coexistindo na mesma performance. Isto é, ao mesmo tempo em que projeta para si o *footing* de pescadora profissional no mar e recusa aquele de mulher casada e doméstica, Sandra projeta esse último *footing* para outras mulheres – as esposas dos pescadores.

Acerca desse outro posicionamento para as mulheres, nas linhas 42 e 45, vemos minha participação buscando entender por que a figura do padeiro apareceu naquele momento. Minha incompreensão é sinalizada pelo tom de voz ascendente, em “o padeiro?↑”, seguida da pergunta direta “por que o padeiro?” (linha 49). É possível dizer, então, que temos aqui outro exemplo de policentricidade com diferentes repertórios de contextualização sendo negociados. Dito de outro modo, meu desconhecimento acerca da cultura popular local e minha preocupação exacerbada com as performances de pescadrx envolvendo o registro e os saberes da pesca local não favorecem que eu identificasse e reconhecesse, nessa performance de gênero/sexualidade, uma inovadora estratégia de disputa por territorialidades.

Nas linhas 47 e 51, o riso de Sandra indexa sua satisfação e alegria ao ameaçar a segurança dos homens/pescadores e usar essa performance de gênero/sexualidade como recurso na disputa por territorialidade. Ou seja, Sandra usa do humor e da ironia/troça, indexados pelo riso para realizar o que acredito ser uma paródia subversiva. Faço essa interpretação, não somente pela compreensão seguida nesta tese de que toda performance de gênero é uma cópia parodiada (ver seção 3.1), mas também porque, nessa micronarrativa, Sandra anima a voz, repetindo a ordem de expulsão, dada imediatamente antes pelo pescador, e a recontextualiza com significados subversivos, porque inverte a hierarquia de gênero estabelecida no universo da pesca. O tom de voz ascendente no discurso imperativo “Vai embora↑” e as pistas linguísticas “tá na hora rapaz↑” indexam, ainda, um Tempo-Espaço de ameaça para o homem/pescador e a premência de abandonar a pesca para pegar o flagrante da traição.

Em outras palavras, novamente, Sandra abala centros normativos da cultura da pesca local, pois, se a união heteronormativa e as performances de masculinidade seriam as práticas mais valorizadas para Vanda e Antônia, as performances de pescadora profissional de Sandra não somente transgridem os performativos de gênero e desestabilizam as visões essencialistas de que a pesca exigiria força e resistência física, como também invertem a relação hierárquica

Vanda e Antônia, a condição de estar solteira era elemento restritivo das performances de pescadora, restrinjo minhas interpretações às performances de mulheres/pescadoras.

entre pescadoras e pescadores e sugerem um sabor inovador à interseccionalidade aqui em questão. Isto é, nessas performances e ordem de indexicalidade, ser homem/pescador casado em união heteronormativa significa estar em desvantagem, tanto por deixar a mulher sozinha em casa quanto por ter a “honra matrimonial” ameaçada em todas as ocasiões que saísse para pescar.

Retornando, por fim, às subquestões de pesquisa, nessa estilização de pescadora profissional de Sandra, acredito que as performances de gênero se hibridizem com as performances culturais do mundo da pesca, de modo que, na disputa por territorialidades, ser mulher/pescadora viúva passa a ser vantagem para Sandra. Isso porque, conforme já sinalizado, nessa ordem de indexicalidade são valorizadas as performances culturais, envolvendo os discursos sobre saberes e práticas de pesca e, no caso específico de Sandra, o fato de ela ser viúva.

Por conseguinte, diferentemente do ocorrido com Vanda e Antonia, nessa ordem de indexicalidade, Sandra se localiza em uma escala Tempo-Espaço de maior agenciamento em espaço público e com uma mobilidade escalar, característica típica da contemporaneidade. Em outras palavras, Sandra desestabiliza alguns performativos de gênero da ordem cultural local, desafiando a primazia do homem nessa atividade. Não podemos desconsiderar, no entanto, que essa mesma performance, parece, ainda, ratificar algumas indexicalidades pressupostas para homens e mulheres, como a que envolve o discurso da heteronormatividade e aquele que sugeriria que o lugar da mulher casada seria dentro de casa.

Ou seja, é porque Sandra entextualiza esses discursos e normatividades que, paradoxalmente, ela legitima sua performance de pescadora profissional e busca espantar os homens/pescadores concorrentes na atividade. Assim, como sugere a teoria da performatividade, é pela própria repetição de normas reguladoras que a diferença, a resistência e a subversão de centros normativos emergem e ganham visibilidade. Ou ainda, poderíamos dizer que, mais uma vez, Sandra encena performances liminares, porque, ainda que ratifique algumas normatividades da pesca em Arraial, ela igualmente inverte a hierarquia heterossocial e subverte práticas aparentemente estáveis na pesca de Arraial do Cabo. Traçadas essas reflexões, no próximo capítulo, proponho-me a recolher algumas das redes discursivas aqui utilizadas e propor minhas considerações sobre a presente pesquisa.

“Mas você não matou o peixe apenas para conservar-se vivo e o vender para alimento”, pensou ele [ela]. “Matou-o por orgulho e porque é um [uma] pescador [pescadora]” (Hemingway, 1952/2011, p. 106)



(Foto 6 – Pescadoras de Arraial do Cabo – Foto de Paulo Barreto)

6. Algumas considerações

“o enunciado realiza significados que não são precisamente aqueles que são declarados”
(Butler, 1997, p. 10).

Chegar a este capítulo faz todo percurso narrado e navegado até aqui ganhar sentido. Como Mishler (2002) propõe, a narrativa de uma pesquisa é construída do seu fim para o seu começo, porque vamos selecionando dados que entrelacem nossas narrativas e respondam nossas questões. E semelhante ao pescador que busca sinais nas nuvens e nos ventos ou que joga a sonda no mar para descobrir quão longe está do pesqueiro pretendido (FERREIRA; FIALHO, 2013), o/a pesquisador/a vai buscando nos dados pistas que iluminem as interpretações que propõe. Ouso dizer, então, que navegamos por diferentes performances narrativas e ordens de indexicalidade na pesca em Arraial do Cabo, localizando as pescadoras em variadas escalas Tempo-Espaço, ora legitimando, ora deslegitimando as performances analisadas. Entretanto, uma vez que não entendo este capítulo como uma conclusão, com significados reificados, esboço aqui algumas considerações que considero, igualmente, ambíguas, paradoxais e liminares, como foi todo o processo.

Quando me propus a analisar performances narrativas de mulheres/pescadoras, que atuam em embarcações, em diferentes momentos, fiquei me perguntando se com essa proposta de pesquisa não estaria ratificando os performativos de masculinidade (PRECIADO, 2008) na pesca, uma vez que, tradicionalmente, o mar ou a lagoa, seriam Tempos-Espaços masculinos (FONTENELLE, 1960; LINSKER; TASSARA, 2005; MARENDINO; CARVALHO, 2013). Acredito que foi por esse motivo, inclusive, que minha compreensão sobre performance de pescadrx profissional privilegiou a entextualização do registro (BAUMAN; BRIGGS, 1990; AGHA, 2005) e dos saberes (ou *ethos*) da pesca local. Em outras palavras, eu também propus ao longo dessa tese-narrativa uma ordem de indexicalidade, a saber: a que privilegia as performances culturais dx pescadrx local.

Ter ciência dessa ordem de indexicalidade que eu trazia para as entrevistas contribui agora, ao final do processo, para que eu compreenda o hibridismo em minhas performances de pesquisadora, não somente nos aspectos teórico-metodológicos, mas também naquelas oscilações entre o reconhecimento (ou não reconhecimento) da performance narrativa de mulher/pescadora profissional. Isso fica mais perceptível com Vanda e Antonia, quando eu

pareci ter dificuldades em reconhecer a mulher pescadora encenando performances de masculinidade, como forma de legitimar as performances de pescadora profissional.

As ordens de indexicalidade (BLOMMAERT, 2010) aqui identificadas, com suas respectivas performances de gênero ou culturais da pesca, contudo, não são tão distintas, separáveis ou claras, como se poderia pensar em um primeiro momento. Em outras palavras, ao longo do percurso e, principalmente, na análise de dados que proponho, enfatizando a interseccionalidade das performances, encontramos sociabilidades paradoxais, como as de Vanda e Antonia que encenam performances de masculinidade e ratificam uma ordem de indexicalidade que privilegia as performances de gênero, mas que também indexam a desestabilização desses centros normativos, uma vez que, nessa repetição-diferença, vemos mulheres encenando performances de masculinidade, antes sequer consideradas possíveis.

Nas performances de Vanda e Antonia, observamos, então, alguns dos paradoxos (SCOTT, 2000; BUTLER, 2011) tematizados nesta tese e de paródias de gênero (BUTLER, 1990). Todavia, não considero essas paródias subversivas, porque, apesar de Vanda e Antonia transgredirem limites das performances de gênero, em suas paródias, elas ainda ratificam os performativos de masculinidade e o ideal de heteronormatividade como único caminho para atuação na pesca em embarcações. Assim, elas ilustram a tensão entre os performativos (ou indexicalidades pressupostas) e a performatividade (com as indexicalidades emergentes), mas não subvertem os centros normativos.

Faço esta ressalva porque, apesar dessa tensão por si só já indicar pequenos abalos nos significados estáveis, nas performances narrativas de Sandra, encontramos mais do que tal tensão: encontramos a paródia subversiva das performances de gênero e micronarrativas que considero mais ambíguas e liminares (MINH-HÁ; PARMAR, 1990; MINH-HÁ, 1992; BHABHA, 1998). Ou seja, nas entrevistas com Sandra, encontrei performances narrativas que, não somente indexavam os saberes e os discursos do *ethos* da pesca local (FERREIRA, 2012; FERREIRA; FIALHO, 2013), mas também subvertiam ordens de indexicalidade, que exaltavam as performances de masculinidade ou a união heteronormativa como centros reguladores.

Assim, Sandra não somente ilustra a repetição-diferença (DERRIDA, 1977; BUTLER, 1990; 1993; PENNYCOOK, 2010), por ser mulher e encenar performances de pescadora entextualizando e recontextualizando o registro e os discursos com saberes da pesca local, mas também desestabiliza os centros normativos de masculinidade e de união

heteronormativa. Dito de outro modo, Sandra itera o discurso de que “mulher somente pesca por esporte” (sic), mas o recontextualiza e encena performances de pescadora profissional¹⁰⁰.

Desse modo, encontramos aqui a opacidade das performances liminares (MINH-HÁ; PARMAR, 1990; MINH-HÁ, 1992), posto que Sandra repetia o discurso de que mulher pesca por esporte, mas engendrava a diferença por encenar performances de pescadora profissional. Frente a isso, destaco a subversão que ela promove não somente nas relações de gênero na pesca, mas também no dualismo existente entre pesca esportiva e pesca profissional, imbricado em relações de gênero, ilustrando, novamente, práticas narrativas interseccionais. Nessas performances ambíguas, Sandra ora contesta os performativos de feminilidade que localizam a mulher no ambiente doméstico ou na pesca esportiva, ora os ratifica. Ou seja, ela repete e parodia os centros normativos, mas também os subverte, quando passa a dar ordens aos homens/pescadores para que saiam do pesqueiro. Acredito que a beleza dessa imprecisão ou dessa ininteligibilidade somente seja possível a partir do percurso teórico-analítico que realizei até aqui.

Isto é, por mais que existam indexicalidades pressupostas (SILVERSTEIN, 1998) e normatividades que nos regulem, o reconhecimento de que vivemos em tempos líquidos (BAUMAN, 1987/2010), de que as fronteiras, mais do que porosas, podem ser tornar lugares de ação-contestação (BHABHA, 1998; MOITA LOPES; BASTOS, 2010) e de que toda repetição é diferente (DERRIDA, 1977; PENNYCOOK, 2010), favorece uma melhor compreensão da teoria da performatividade (BUTLER, 1993). Dito de outro modo, implica perceber como, a partir da repetição de normatividades, é possível engendrar as novidades e reconhecer indexicalidades emergentes.

O que desejo salientar, então, é não somente a percepção da teoria da performatividade em relação à cultura de pesca em Arraial do Cabo, mas também, e principalmente, a opacidade das performances narrativas de Sandra. Pois, ao mesmo tempo em que Sandra encena performance de pescadora profissional, suas narrativas estão enredadas no discurso de pescadora por esporte e associadas, ainda, às performances de gênero, ilustrando não somente a rica interseccionalidade dos dados, como também a impossibilidade de delimitação clara dessas performances. Com esse percurso teórico-analítico, conseguimos encontrar, então, a convivência paradoxal de diferentes indexicalidades (pressupostas e emergentes) e diferentes

¹⁰⁰ Gostaria de lembrar que estou entendendo pesca profissional como a atividade que envolve o conhecimento do *ethos* da pesca local, o registro dos pescadores e a capacidade de entextualizar performances de pescador, e não somente as performances de masculinidade.

escalas Tempo-Espaço, para a figura feminina no universo da pesca. Assim sendo, creio que a fenda discursiva que a teoria da performatividade abre para a diferença na repetição ganha, neste estudo, contornos muito mais amplos e complexos quando focamos os “entre-lugares”.

Além disso, vale dizer que, embora eu reconheça e legitime Sandra como pescadora profissional, o fato de ela se autodeclarar pescadora por esporte, possa também, e talvez, indexar uma irrelevância dessa definição para sua atuação como pescadora em Arraial do Cabo. Em outras palavras, mais uma vez, estamos lidando com diferentes ordens de indexicalidade e experimentando a policentricidade inerente a todo fenômeno sócio-discursivo, o que ratifica a provisoriedade e, quiçá a infinitude, dos significados para toda e qualquer performance analisada (BUTLER, 1997; BUCHEL, 2013; KLEPPER, 2013).

Diante dessas performances paradoxais, interseccionais e difusas, pude não somente melhor compreender como as performances de pescadorxs e relações de gênero são construídas e costuradas em diferentes práticas culturais, como também compreendi que subverter centros normativos não implica descartá-los totalmente, mas, como sugere a teoria da performatividade, compreender que é pela repetição das próprias normas reguladoras que a diferença pode ser instaurada.

Assim, chegando ao final da pesquisa, percebo que a questão central aqui não seria somente analisar diferentes modos de legitimação de performances narrativas de mulheres/pescadoras, mas também refletir se essa legitimação estaria ratificando os performativos de masculinidade como centro normativo, ou não, como essas performances estariam interseccionadas em outras práticas culturais e performances, e principalmente, a consciência de que as performances de gênero/pescadorxs, tal qual ocorre com as performances de gênero, seriam paródias sem um original.

Acredito, ainda, que as fotos das pescadoras em conjunto com as citações de Hemingway, que emolduram os capítulos desta tese, ilustram essa visão de gênero como paródia, porque exemplificam mulheres em ação, parodiando performances antes pensadas como exclusivamente masculinas. Nas citações que faço do livro “O velho e o mar”, propus a ambiguidade masculino[feminino] para enfatizar essa paródia e dubiedade, com fotos de pescadoras com mais de 60 anos. Ou seja, são mulheres, que podem ser consideradas idosas por alguns, mas que estão em plena atividade, o que também pode ser outra forma de também parodiar as performances do pescador da obra “O velho e o mar”.

Finalmente, gostaria de relacionar alguns dos ganhos epistêmicos, éticos e políticos desta pesquisa, assim como seu caráter inovador. Começando pelas inovações, um dos primeiros pontos a ser destacado aqui é a escolha pelas participantes de pesquisa. Conforme apontado na Introdução, não é comum na literatura sobre comunidades pesqueiras, estudos que tragam visibilidade às mulheres pescadoras (WOORTMANN, 1992; MOTTA-MAUES, 1999). Mais do que trazer evidência às mulheres na cultura pesqueira, este trabalho teve como figura central as mulheres que atuam em embarcações de modo profissional.

Por saber que, tradicionalmente, a pesca envolve um universo cultural hegemonicamente masculino, estudar mulheres/pescadoras em embarcações não somente exacerba o caráter paródico dessas performances, como também qualifica esta pesquisa como transgressiva e INdisciplinar (PENNYCOOK, 2006/2104; MOITA LOPES, 2006/2014), assim como indica seu alinhamento ao novo paradigma de produção de conhecimento (SANTOS, 1987/2010). Isto é, ao focalizar o que normalmente não é tematizado, colabora, dessa forma, para pensar diferente.

Outra inovação que entendo que deva ser destacada é o fato de que a análise sobre essas performances narrativas de gênero/pescadorxs não se restringe a olhar apenas para os performativos de feminilidade (e de masculinidade). Isto é, embora as participantes da pesquisa sejam mulheres/pescadoras e toda a discussão seja costurada por performances de gênero, minha análise não se restringe a discutir apenas essas performances. Assim, encontram-se interseccionadas, na análise, performances culturais do universo da pesca e outros marcadores sociais como sexualidade, status marital e idade, complexificando reflexões e evitando análises mais simplistas sobre estudos de gênero no universo da pesca.

Essas reflexões são possíveis porque adoto uma perspectiva teórico-analítica híbrida e INdisciplinar e também porque, diferentemente de outros estudos da antropologia ou da sociologia, proponho-me a realizar uma análise discursiva – que também é uma inovação nos estudos sobre comunidades pesqueiras – dos fenômenos estudados, com destaque para os significados indexicais. Com essa visada, rechaço significados monolíticos, sociabilidades polarizadas e claramente definidas, para dar vez àqueles ininteligíveis, ambíguos e difusos, com suas múltiplas indexicalidades, sejam pressupostas, sejam emergentes, nas performances encenadas.

Acredito, assim, que esse estudo sobre mulheres/pescadoras tenha como ganho epistêmico as inovações e possibilidade de reflexões mais profundas sobre as sociabilidades

de pescadorxs, de modo menos dicotomizado, alinhando-se, ainda, às críticas propostas por Scott (2000), Butler (2011) e Weed (2011) sobre os estudos de gênero. Em outras palavras, esta pesquisa não reifica performances de gênero, nem posicionamentos de mulheres, apenas, como sendo subalternizadas, mas as trata de modo histórico, relacional, interseccionado e, principalmente, híbrido e ambíguo.

Essa visão, certamente, vai de encontro a toda uma produção acadêmica que insiste em reificar a performance feminina, nas comunidades de pesca, como sendo complementar, secundária, quando não invisível, ou, no caso de Arraial do Cabo, como parte da modalidade de pesca esportiva (MARENDINO; CARVALHO, 2013) – o que, na maioria das ordens de indexicalidade analisadas, é bastante desvalorizado. A grande maioria desses estudos – de cunho antropológico ou sociológico (FONTENELLE, 1960; CASCUDO; 2002; LINSKER; TASSARA, 2005; CALLOU, 2010) – mantém essa reificação, porque ainda opera com uma noção de gênero como “papel social” (sic), entendido como originário de uma anatomia sexual e natural pré-estabelecida. Em outras palavras, o construto gênero não é historicizado, nem problematizado, e sim entendido como pronto e fixo.

Frente a essas considerações, se para os defensores das políticas de identidade, as performances liminares aqui analisadas poderiam parecer problemáticas, por dificultarem a “clareza” da análise e da delimitação de contornos identitários (sic), a meu ver, elas apontam, de fato, para as complexidades e ambiguidades de qualquer fenômeno social. Dito de outro modo, uma vez que adoto uma compreensão descentrada e policêntrica dos fenômenos sociais e uma visão provisória sobre os significados negociados, essas performances narrativas emergiram para mim como o que de mais precioso poderia ser encenado ao longo do processo investigativo.

É nesse sentido que direciono a reflexão para os ganhos éticos e políticos dessa pesquisa, de modo entrelaçado aos ganhos epistêmicos. Além de ser inovadora na escolha das participantes de pesquisa (VENN, 2000), porque busquei elaborar uma narrativa-epistêmica com participantes até então invisíveis para academia, essa produção desessencializa a sociabilidade do pescadrx, antes tida como eminentemente masculina. Ao discutir as performances de gênero/pescadrx de modo relacional, interseccional e híbrido, proponho uma análise descentrada, onde considero as escalas Tempo-Espaço em que essas sociabilidades são localizadas, atentando, ainda, para as mudanças escalares.

Outro ganho ético desta pesquisa é o reconhecimento de que ela responde a uma demanda em crescimento, i.e., o número de mulheres/pescadoras vem aumentando consideravelmente e, com isso, a necessidade de se estudar e desessencializar as sociabilidades de pescadxs. Ou seja, esta discussão, mais do que necessária, se apresenta como fundamental, por abalar a vinculação das atividades de pesca em embarcações exclusivamente às performances de masculinidade e por responder a questões sociais emergentes.

Todas essas perspectivas e reflexões estão em consonância com os fluxos e mobilidades da contemporaneidade, demandando, ainda, um olhar que considere tanto a situacionalidade dos dados, quanto as escalas translocais e transhistóricas. É reconhecendo, portanto, essas múltiplas contingências que destaco os ganhos políticos da pesquisa, no sentido em que compreendo os ganhos e os posicionamentos políticos como sendo provisórios e muitas vezes híbridos.

No caso específico das performances de gênero/pescadorxs, considero relevante atentar não somente para as flexibilizações e ressignificações das fronteiras das performances de gênero, como também propor semelhante movimento analítico e reflexivo sobre as performances culturais de pesca. Acredito, assim, ser fundamental repensar a existência da categoria social “pescadoras por esporte” – especialmente porque não se tem notícia, na literatura nem nas conversas cotidianas, de homens que se consideram pescadores por esporte – ou mesmo ressignificá-la na cultura cabista. Dito de outro modo, ouvi de Zulmira, uma colaboradora da presente pesquisa, que a “pesca por esporte” poderia ser considerada o ápice da liberdade feminina, e quiçá da transgressão, porque oferecia às mulheres a possibilidade não somente de sair do espaço doméstico, mas também de ir pescar quando bem desejassem, e não para fins de subsistência.

Frente a essa reflexão, poderíamos, inclusive, compreender por que a pesca esportiva ainda estaria exclusivamente associada às performances femininas, i.e., porque envolveria uma liberdade dos afazeres e vida doméstica, muitas vezes, ainda vinculados apenas às mulheres. Todavia, entender a “pesca por esporte” como espaço de liberdade para a mulher do Cabo significa dizer que ela, de modo geral, ainda estaria “presa” no ambiente doméstico e que algumas poucas conseguiriam transpor essa fronteira.

Desse modo, entendo ser fundamental repensar essa classificação ou mesmo os significados a ela atribuídos, que nem sempre bem valorados na cultura da pesca cabista. Ou

ainda, por que não reconhecer a possibilidade da “pesca por esporte” existir no discurso oficial – que hoje abarca apenas 3 categorias de pescadorxs A, B e C (ver seção 2.2) – envolvendo homens e mulheres pescadorxs, moradores do Cabo, que desejassem pescar sem a finalidade da venda ou da subsistência. Acredito, assim que refletir sobre as indexicalidades atribuídas às performances de “pescadora por esporte” em intersecção com as performances de gênero, propondo sua desestabilização, seja um movimento bastante inovador na literatura já existente sobre as atividades de pesca.

Feitas essas considerações, encaminho-me para finalização do presente capítulo, destacando três ações que me proponho a desenvolver, ainda, nos próximos meses. A primeira delas envolve uma conversa com as pescadoras participantes sobre reflexões às quais esta pesquisa me levou. Entendo esse movimento como uma resposta à colaboração por elas oferecida. Em um segundo momento, pretendo incorporar essas discussões nas aulas que leciono na cidade de Arraial do Cabo, assim como nas ações promovidas pelo Núcleo de Gênero e Diversidade do *campus*, a fim de que essas reflexões, envolvendo os saberes e discursos (trans)locais, possam compor com regularidade as atividades curriculares e aquelas de extensão. E, finalmente, ensejo buscar auxílio financeiro que permita a publicação, em livro, deste trabalho sobre as performances narrativas de mulheres/pescadoras, de modo análogo ao que já realizei com os pescadores tradicionais do município (FERREIRA; FIALHO, 2013).

Por fim, ressaltaria que, no início dessa jornada em 2012, eu não fazia ideia dos mares, dos ventos e das condições, por vezes tempestuosas, que iria encontrar ao longo da pesquisa. Mas tal qual muitxs pescadorxs, propus-me a navegar nos textos e contextos e lançar minhas redes discursivas. Algumas vezes, inicialmente, detive-me a ficar na superfície das águas, buscando apenas contornos delimitáveis e legitimações de performances. Outras vezes, achava que tinha descoberto o caminho até um bom pesqueiro, até ser surpreendida por uma nova reflexão, ou uma lestada, que mudava completamente a direção da navegação pelos dados gerados.

Precisei submergir muitas vezes nos textos teóricos e nas águas navegadas e narradas pelas pescadoras até reconhecer a riqueza e a profundidade analítica de suas performances. Somente então, pude, junto com elas, puxar minhas/nossas redes para dentro do barco. Chegado a esse Tempo-Espaço da minha narrativa-epistêmica, percebo a transformação ocorrida tanto no meu olhar de pesquisadora e de sujeito social, quanto na maneira como

passsei a compreender e valorar os dados. Junto com essas mulheres/pescadoras, então, passei a reconhecer a beleza da provisoriedade e das ambiguidades da Vida e não mais temer os ventos das incertezas e das contingências que nos circundam, nem tampouco a possibilidade de mudança de prumo no meio da navegação, pois “um homem [uma mulher] nunca se perde no mar e minha ilha é grande” (HEMINGWAY, 1952/2011, p. 90).

*“No mar alto, nunca se está completamente só”
(Hemingway, 1952/2011, p. 64).*



(Foto 7 – Pescadoras de Arraial do Cabo – Foto de Paulo Barreto)

Referências Bibliográficas

- AGHA, A. Voice, footing and enregisterment. In.: **Journal of Linguistic Anthropology**, Vol. 15, Issue 1, 2005. pp. 38–59.
- AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. Oxford. Oxford University Press. 1962.
- _____. Conferência 2. In.: **Quando dizer é fazer. Palavras e Ação**. Trad. Danilo Marcondes. Porto Alegre: Artes Médicas. 1962/1990.
- BAGNO, M. Do galego ao brasileiro, passando pelo português: crioulização e ideologias linguísticas. In.: MOITA LOPES, L. P. da (Org.). **Português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico**. São Paulo: Parábola Editorial. 2013. p. 319-338.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Versão utilizada: tradução. Hucitec. 1929/1992.
- BAKHTIN, M. Forms of Time and the Chronotope in the Novel. In.: ---. **The dialogic Imagination**. Austin. University of Texas Press. 1981. p. 84-258.
- _____. Introdução: apresentação do problema. In.: ---. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC. Editora da Universidade de Brasília. 1987. p. 1-50.
- BAMBERG, M. Form and Functions of “Slut Bashing” in Male Identity Constructions in 15-Years-old. In.: **Human Development**, 249. 2004a. Disponível em: <http://www.clarku.edu/~mbamberg/Papers/HD-Article2004.pdf> Acessado em maio de 2014.
- _____. Talk, small stories and adolescent identities. In.: **Human Development**, 254. 2004b. Disponível em: <http://www.clarku.edu/~mbamberg/Papers/HD-Reply2004.pdf> Acessado em maio de 2014.
- BAMBERG, M. Stories: Big or Small? Why do we care? In.: BAMBERG, M. **Narrative – state of the art**. Benjamins Current Topics (Book 6). John Benjamins Publishing Company. 2007. p. 165-174.
- BAMBERG, M. e GEORGAKOPOULOU, A. Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis. **Text and Talk**, 28 – 3, 2008. p. 377-396.
- BASTOS, L. C. Narrativa e vida cotidiana. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, 2004. p. 118-127, 1º sem.

- BASTOS, L. C. e SANTOS, W. S. dos. Entrevista, narrativa e pesquisa. In.: ---. **A entrevista na pesquisa qualitativa: perspectivas em análise da narrativa e da interação**. Rio de Janeiro: Quartet. FAPERJ, 2013. p. 9-20.
- BAUMAN, R. Introduction: Story, performance and event. In.: ---. **Story, performance and event: contextual studies of oral narrative**. Cambridge: CUP, 1986.
- _____. Performance. In.: Bauman, R. (Ed.) **Folklore, Cultural Performance and Popular Entertainment. A communications-centered handbook**. Pennsylvania: OUP, 1992, p. 41-49.
- BAUMAN, Z. Prefácio: ser leve e líquido. In.: ---. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. Introduction: The re-enchantment of the world, or, how can one narrate postmodernity? In.: ---. **Intimations of postmodernity**. Londres: Routledge. 1992/2007, p. vii-xxviii.
- BAUMAN, R. e BRIGGS, C. L. Poetics and performance as critical perspectives on language and social life. In.: **Annual Review of Anthropology**. 19: 59-88. 1990.
- _____. Introduction; Making language an making it safe for science and society. From Francis Bacon to John Locke. In.: ---. **Voices of modernity. Language ideologies and the politics of inequality**. CUP, 2003. p. 1-69.
- BHABHA, H. K. Introdução: Locais da Cultura. In.: ---. **O local da cultura**. UFMG. 1998. p. 19-42.
- BLOMMAERT, J. Critical Discourse Analysis; Text and context; Language and Inequality. In.: ---. **Discourse: key topics in Sociolinguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 21-97.
- _____. Sociolinguistic scales. In.: **Working Papers in Urban Language and Literacies**. Paper 37. King's College London. 2006a, p. 1-15.
- _____. Language and Ideology. In: BROWN, K. **Encyclopedia of Language & Linguistics. Second Edition**. Volume 6. Oxford: Elsevier. 2006b p. 510-522.
- _____. A messy new market place. In: ---. **The sociolinguistics of globalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 28-62.

- ____. Ideologias Linguísticas e Poder. In.: SILVA, D. N. e, FERREIRA, D. M. M. e ALENCAR, C. N. de (Orgs.) **Nova Pragmática: modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014. p. 67-77.
- ____. Chronotopes, scales and complexity in the study of language in society. *Annual Review of Anthropology* 2015, no prelo.
- BRIGGS, C. L. Introduction. In.: Briggs. C. L. (Ed.). **Disorderly discourse. Narrative, conflict and inequality**. Oxford University Press. 1996. p. 3-40.
- ____. Interviewing, power/knowledge and social inequality. In.: GUBRIUM, J. F e HOLSTEIN, J. A. **Postmodern Interviewing**. SAGE Publications. 2003. p. 243-254.
- ____. Anthropology, Interviewing, and Communicability in Contemporary Society. **Current Anthropology**. Volume 48, No. 4, 2007a, p. 551-579.
- ____. Mediating infanticide: Theorizing relations between Narrative and Violence. In.: **Cultural Anthropology**, Vol. 22, Issue 3, 2007b . p. 315–356.
- BRITTO, R. C. de C. **Modernidade e Tradição – construção da identidade social dos pescadores de Arraial do Cabo/ RJ**. Niterói: EdUFF, 1999.
- BRONCKART, J. P. A expressão das modalizações. In.: **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. Tradução de Anna Raquel Machado e Péricles Cunha. 2. ed. São Paulo: EDUC, 1999, p. 330-335.
- BROWN, G.; YULE, G. Topic and the representation of discourse content. In.: ---. **Discourse Analysis**. New York. CUP, 1983. p. 68-124.
- BUCHER, N. F. “Indefinite, sketchy, but not entirely obliterated”: Narrative identity in Jeffrey Eugenides’s *Middlesex*. In.: HOLLER, C. e KLEPPER, M. **Rethinking narrative identity: persona and perspective**. John Benjamins Publishing Company, 2013. p. 129-146.
- BUTLER, J. Performative acts and gender constitution: An essay in phenomenology and feminist theory. In.: **Theatre Journal** Vol. 40, nº 4, 1988. p. 519-531.
- ____. Prefácio. *Sujeitos do sexo/gênero/desejo*. In.: ---. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990/2003.
- ____. **Bodies that matter. On the discursive limits of sex**. London: Routledge, 1993.

- ____. Gender as Performance. In.: OSBORNE, P. **A critical sense. Interviews with Intellectuals**. London: Routledge, 1996.
- ____. **Excitable Speech. A politics of performative**. Routledge. New York & London, 1997.
- ____. Preface (1999). In.: ---. **Gender Trouble: Feminism and the subversion of identity**. 2nd Edition. London: Routledge, 1999.
- ____. The question of social transformation; Transformative Encounters. In.: Butler, J. [et.al.] **Women & Social Transformation (Counterpoints, vol. 242)** 2001.
- ____. Critically queer. In.: STRIFF, E. (Org.) **Performance Studies**. Nova York: Palgrave, 2003.
- ____. **Undoing Gender**. New York: Routledge, 2004.
- ____. Foucaultian Subjects. In.: ---. **Giving an account of oneself**. USA: Fordham University Press, 2005, p. 22-26.
- ____. The I and the You. In.: ---. **Giving an account of oneself**. USA: Fordham University Press, 2005, p. 65-83.
- ____. Introducción. Vida precaria, vida digna de duelo. In.: ---. **Marcos de guerra. Las vidas lloradas**. Buenos Aires: Paidós, 2010. p. 13-56.
- ____. Reading Joan Wallach Scott. Speaking up, Talking back: Joan Scott's Critical Feminism. In.: BUTLER, J. e WEED, E. **The question of gender. Joan Scott's Critical Feminism**. Indiana University Press, 2011. p. 11-31.
- CALLOU, A. B. F. Povos do mar: herança sociocultural e perspectivas no Brasil. **Ciência e Cultura**. [online]. 2010, vol.62, n.3, , 2010. p. 45-48. Disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252010000300018 Acessado em fevereiro de 2012.
- CARNEIRO, A. M. M., MORAES, E. A. de e VIEIRA, L. F. S. **Conhecimentos tradicionais da pesca artesanal para conservação sustentável do mar: valores patrimoniais do espaço marítimo na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo - RJ**. Rio de Janeiro: Editora COPPE/UFRJ, 2012. [epub. livro eletrônico]
- CARVALHO, J. G. da S. Programa Mulheres Mil em Arraial do Cabo: extensão e inclusão com base na sustentabilidade. In.: **Extramuros**. Revista da Extensão da Univasf. Vol. 1. Nº 2, 2013. p. 92-99.

- CASCUDO, L. da C. **Jangada. Uma pesquisa etnográfica.** Editora Global, 2002.
- CAVALCANTI, D. R. M. Entre a casa e a pesca: discutindo gênero e pesca feminina no litoral Paraibano. In.: **Fazendo gênero 8: corpo, violência e poder.** Florianópolis, 2008. Disponível em http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST64/Diego_Rocha_Medeiros_Cavalcanti_64.pdf Acessado em abril de 2012.
- CHANTER, T. **Gênero: conceitos-chave em filosofia.** Porto Alegre: Artmed, 2006.
- COLAÇO, J.; VOGEL, A.; VALPASSOS, C. História de pescador: O direito do ponto de vista nativo. **Revista Arquivos de Direito**, v.1, n. 9, 2007. p. 57-78, jan.
- COLLING, A. M. e TEDESCHI, L. A. (Orgs.) Trabalho Feminino/Profissões femininas. In.: --. **Dicionário Crítico de gênero.** Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015. p. 644-647.
- COLLINS, J. e SLEMBROUK, S. Goffman & globalisation: Participation frames and the spatial & temporal scaling of migration-connected multilingualism. In.: **Urban Language and Literacies**, nº 46. 2007, p. 1-24.
- COUPLAND, N. High performance and identity stylization. In.: ---. **Style. Language variation and identity.** Cambridge: CUP, 2007, p.146-176.
- COUPLAND, N., GARRETT, P. e WILLIAMS, A. Narrative demands, cultural performances and evaluation: teenage boys' stories for their peers. In.: THORNBORROW, J. e COATES, J. **The sociolinguistics of narrative.** Amsterdam: John Benjamins, 2005.
- COUTO, M. **E se Obama fosse Africano? E outras interinvenções.** Companhia das Letras, 2009.
- DE FINA, A. & GEORGAKOPOULOU, A. Analysing narratives as practices. **Qualitative Research.** SAGE Publications. Vol. 8(3), 2008. p. 379-387.
- DERRIDA, J. Signature Event Context. In.: ---. **Limited Inc.** Evanston, Northwestern University Press, 1977. p. 1-23.
- DURANTI, A. **Linguistic Anthropology.** New York: CUP, 1997.

FABRICIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In.: MOITA LOPES, L.P. da (org). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo. Parábola, 2006/2014.

_____. Trajectories of socialization in school *transcontexts*: discourse journeys on gender and sexuality. In: **Urban Language and Literacies**. Paper 94, 2012. p. 1-24. Disponível em <http://www.kcl.ac.uk/sspp/departments/education/research/ldc/publications/workingpapers/Full-WP94-Fabricio-2012-Trajectories-of-socialization.pdf>

FABRÍCIO, B. F. e BASTOS, L. C. Narrativas e identidade de grupo: a memória como garantia de “nós” perante o “outro”. In.: PEREIRA, M. G. D. BASTOS, C. R. P. e PEREIRA, T. C. (orgs.) **Discursos socioculturais em interação**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2009.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FERREIRA, M. A. G. “Eu tirava conclusão de uma nuvem pra outra”: uma reflexão sobre histórias, saberes e culturas da pesca artesanal em Arraial do Cabo. **Revista História Oral – Dossiê: “História, Natureza, Cultura e Oralidade”**. Vol. 1, n. 15, p. 9-34. jan-jun. 2012. Disponível em <http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=240&path%5B%5D=275>

FERREIRA, M. A. G. e FIALHO, R. M. **Nas redes de saberes e histórias**. Rio de Janeiro: União Nacional de Autores, 2013.

FONTANA, A. Postmodern trends in interviewing. In.: GUBRIUM, J. F e HOLSTEIN, J. A. **Postmodern Interviewing**. SAGE Publications. 2003, p. 51-66.

FONTENELLE, L. F. R. **A dinâmica dos grupos domésticos no Arraial do Cabo**. Brasil. Rio de Janeiro, 1960.

FONSECA-KRUEL, V. S. e PEIXOTO, A. L. Etnobotânica na reserva extrativista marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**. 18(1): 177-190, 2004.

_____. (et. al.) **Plantas úteis da restinga: o saber dos pescadores artesanais de Arraial do Cabo, Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2006.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Edições Loyola, 1971/2003.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979/2011.

- GARCEZ, P. M. Transcrição como teoria: a identificação dos falantes como atividade analítica plena. In.: MOITA LOPES, L.P e BASTOS, L.C. (Orgs.) **Recortes multi e interdisciplinares**. Campinas: Mercado de Letras, 2002, p. 83-95.
- GEE, J. P. Introduction. In.: ---. **An introduction to discourse analysis. Theory and Method**. London and New York. Routledge. 1999, p. 1-10.
- GEORGAKOPOULOU, A. Thinking big with small stories in narrative and identity analysis. In.: BAMBERG, M. **Narrative – state of the art**. 2007a, p. 145-154.
- _____. From narrative/text to small stories/practice; Beyond the narrative Canon: small stories in action. In.: ---. **Small stories, interaction and identities**. Studies in narrative, vol. 8. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2007b, p. 1-60.
- GIDDENS, A. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In.: BECK, U. LASH, S. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997. p. 73-134.
- GOFFMAN, E. Footing. In.: RIBEIRO, B. T. e GARCEZ, P. M. **Sociolinguística Interacional**. São Paulo. Ed. Loyola, 1979/2002, p. 107-148.
- _____. Performances: belief in the par tone is playing. In.: BIAL, H. (Org.) **The performance studies reader**. Nova York: Routledge, 2004.
- GONÇALVES, A. L. **História e Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- GUBRIUM, J. F e HOLSTEIN, J. A. Postmodern sensibilities. In.: ---. **Postmodern Interviewing**. SAGE Publications, 2003. p. 3-20.
- _____. From the individual interview to the interview society. In.: ---. **Postmodern Interviewing**. SAGE Publications, 2003. p. 21-50.
- _____. Afterword: Stories without borders? In.: ---. **Analyzing narrative reality**. SAGE Publications, 2009, p. 225-228.
- _____. Narrative practice and the transformation of interview subjectivity. In.: GUBRIUM, J. F e HOLSTEIN, J. A., MARVASTI, A. B., e MCKINNEY, K. D. **The SAGE Handbook of interview research: the complexity of the craft**. SAGE Publications, 2012. p. 27-43.

- GUMPERZ, J. J. Convenções de contextualização. In.: RIBEIRO, B. T. e GARCEZ, P. M. **Sociolinguística Interacional**. São Paulo. Ed. Loyola, 1982/2002. p. 107-148.
- HEMINGWAY, E. **O velho e o mar**. Tradução de Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1952/2011.
- HOLSTEIN, J. A. e GUBRIUM, J. F. Active Interviewing. In.: GUBRIUM, J. F e HOLSTEIN, J. A. **Postmodern Interviewing**. SAGE Publications, 2003. p. 67-80.
- JAGOSE, A. Afterword. In.: ---. **Queer Theory. An Introduction**. New York University Press, 1996. p. 127-132.
- JENKS, C. Whither transgression? In: ---. **Transgression**. Routledge, 2003. p. 1-14.
- KILIAN, E. The queer self and the snares of heteronormativity: Quentin Crisp's life story – a successful failure. In.: HOLLER, C. e KLEPPER, M. **Rethinking narrative identity: persona and perspective**. John Benjamins Publishing Company, 2013. p. 171-186.
- KLEPPER, M. Introduction. Rethinking narrative identity: persona and perspective. In.: HOLLER, C. e KLEPPER, M. **Rethinking narrative identity: persona and perspective**. John Benjamins Publishing Company, 2013. p. 1-32.
- KRAUS, W. The quest for a third space: heterotopic self-positioning and narrative identity. In.: HOLLER, C. e KLEPPER, M. **Rethinking narrative identity: persona and perspective**. John Benjamins Publishing Company, 2013. p. 69-84.
- LABOV, W. The transformation of experience in Narrative Syntax. In.: ---. **Language in the inner city. Studies in the Black English Vernacular**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972, p. 354-396.
- LATOUR, B. Crise; Constituição. In.: ---. **Jamais fomos modernos. Ensaio de antropologia simétrica**. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1994. p. 7-51.
- _____. Entrevista: Por uma antropologia do centro. In.: **MANA** 10(2): 397-414, 2004.
- LINDE, C. **Life stories: the creation of coherence**. OUP, 1993.
- LINDSTROM, L. Context contests: debatable truth statements on Tanna (Vanuatu). In: DURANTI, A. & GOODWIN, C. (eds.) **Rethinking context**. Cambridge: Cambridge University Press. 1992. p. 101-124.

LINSKER, R. e TASSARA, H. **O mar é uma outra terra**. São Paulo. Terra Virgem, 2005.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. Viajantes pós-modernos II. In.: MOITA LOPES, L. P. da e BASTOS, L. C. (Orgs.) **Para além da identidade: fluxos, movimentos e trânsitos**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

MAKONI, S. e PENNYCOOK, A. (eds.) Disinventing and reconstituting languages. After disinvention: possibilities for communication, community and competence. In.: ---. **Disinventing and reconstituting languages**. Clevedon: Multilingual Matters LTD, 2007.

MALDONADO, S. C. **Pescadores do mar**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **Mestres e Mares: espaço e indivisão na pesca marítima**. SP: AnnaBlume, 1993.

MARCONDES, D. Os filósofos pré-socráticos. Em.: ---. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 2ª ed. Versão Ampliada. Rio de Janeiro: Zahar, 1997/2007.

_____. **Textos básicos de linguagem: de Platão a Foucault**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

MARENDINO, R.B. e CARVALHO, J. G. da S. Mulheres pescadoras de Arraial do Cabo: imaginário, representações e gênero. In.: **Emblemas**, v. 10, n. 2, 59-76, jul-dez, 2013.

MIGNOLO, W. D. **Histórias Locais/Projetos Globais: Colonialidade, Pensamento Liminar e Saberes Subalternos**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003 (2000).

MINH-HÁ, T. From a Hybrid Place. In.: ---. **Framer Framed**. Routledge, 1992. p. 137-148.

MINH-HÁ, T. e PARMAR, P. Woman, Native, Other. In.: **Feminist Review**, No. 36 (Autumn, 1990), p. 65-74.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE / ICMBIO. Panfleto de convocação para o Cadastro de famílias beneficiárias. RESEXMAR – AC, 2012.

_____. **Jornal do Cadastro. – RESEXMAR ARRAIAL DO CABO – Cadastro de famílias beneficiárias**. 20 fls. 2013.

_____. **Relatório de Trabalho – Acordo de Gestão. RESEXMAR – AC**. 124 fls. no prelo.

MISHLER, E. G. **Research Interviewing. Context and Narrative.** Harvard University Press. USA, 1986.

____. **Storylines. Craftartists' narratives of identity.** London Harvard University Press, 1999.

____. Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo. In.: MOITA LOPES, L. P. da e BASTOS, L. C. (Orgs.) **Identidades: recortes multi e interdisciplinares.** Campinas/São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

MOITA LOPES, L. P. da. **Identidades fragmentadas. A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade na escola.** Campinas: Mercado de Letras, 2002.

____. **Discursos de Identidade: Discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família.** Campinas: SP: Mercado de Letras, 2003.

____. Introdução: construindo uma Linguística Aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In.: MOITA LOPES, L. P. da (org). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo. Parábola, 2006/2014.

____. A performance narrativa do jogador Ronaldo como fenômeno sexual em um jornal carioca: multimodalidade, posicionamento e iconicidade. **Revista da ANPOLL**, 27, 2009a, p. 129-157.

____. Linguística Aplicada como lugar de construir verdades contingentes: sexualidades, ética e política. In.: **Gragoatá.** Publicação dos Programas de Pós- Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense. Niterói: EdUFF, 2009b.

____. Os espaços da narrativa como construto teórico-metodológico na investigação em Linguística Aplicada. Mimeo. Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada. Faculdade de Letras / UFRJ.

____. **Português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico.** São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

MOITA LOPES, L. P. da e BASTOS, L. C. A experiência identitária na lógica dos fluxos: uma lente para se compreender a vida social. In.: ---. (Orgs.) **Para além da identidade: fluxos, movimentos e trânsitos.** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

- MONTROSE, L. The work of gender in the discourse of discovery. In.: **Representations**, No. 33, Special Issue: The New World (Winter, 1991), p. 1-41.
- MOTTA-MAUES, M. A. Pesca de homem/peixe de mulher (?): repensando gênero na literatura acadêmica sobre comunidades pesqueiras no Brasil. In.: **Etnográfica**, Vol. III (2), 1999, p. 377-399.
- NARAYAN, K. e GEORGE, K. M. Personal and Folk Narrative as Cultural Representation. In.: GUBRIUM, J. F e HOLSTEIN, J. A. **Postmodern Interviewing**. SAGE Publications, 2003.
- NETO, J. C. D. Segredos, pescadores e etnógrafos. In.: **Vivência: revista de antropologia**. Nº 40, 2012. p. 121-129.
- OLIVEIRA, L. de Entre discursos, jeitos e gestos. In.: MOITA LOPES, L. P. da e BASTOS, L. C. (Orgs.) **Para além da identidade: fluxos, movimentos e trânsitos**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- OLIVEIRA, T. de. **Educação e ascensão social: performances narrativas de alunos da rede pública federal na Baixada Fluminense**. Tese de Doutorado. Orientadora: Prof. Liliana Cabral Bastos. 279 fl, 2012.
- PENNYCOOK, A. Performativity and language studies. In.: **Critical inquiry in language studies: an international journal**. 1(1), 2004, p. 1-19.
- _____. Para uma Linguística Aplicada transgressiva. In.: MOITA LOPES, L.P. da (org). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo. Parábola, 2006/2014.
- _____. Performance and performativity. In.: ---. **Global Englishes and Transcultural Flows**. Nova York: Routledge, 2007.
- _____. The Reverend on Ice again: similarity, difference and relocalization. In.: ---. **Language as a local Practice**. London: Routledge, 2010.
- PEREIRA, W. L. C. de M. Vagas da modernidade: a Companhia Nacional de Álcalis em Arraial do Cabo (1943-964). In: **Estudos História, Rio de Janeiro**, vol. 23, nº 46, 2010, p. 321-343.
- PINTO, J. P. Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades. In.: **D.E.L.T.A.** 23:1, 2007, p. 1-26.

- _____. Prefiguração identitária e hierarquias linguísticas na invenção do português. In.: MOITA LOPES, L. P. da (Org.). **Português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- PRECIADO, B. **Testo Yonqui**. Madrid: Editorial Espasa Calpe. S. A, 2008.
- _____. **Manifesto Contrassexual: Práticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.
- PRINS, B. e MEIJER, I. C. Como os corpos se tornam matéria: Entrevista com Judith Butler. In: **Ponto de Vista. Estudos Feministas**. Ano 10. 1º semestre de 2002. p. 155-167.
- RAJAGOPALAN, K. **Nova Pragmática: fases e feições de um fazer**. São Paulo. Parábola editorial, 2010.
- RAJAGOPALAN, K. A pesquisa política e socialmente compromissada em pragmática. In.: SILVA, D. N. e, FERREIRA, D. M. M. e ALENCAR, C. N. de (Orgs.) **Nova Pragmática: modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014, p. 101-128.
- RAMPTON, B. Continuidade e mudança nas visões de sociedade em linguística aplicada. In.: MOITA LOPES, L.P. da (org). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo. Parábola. 2006/2014, p. 109-128.
- RIBEIRO, B. T. e GARCEZ, P. M. (Orgs.) **Sociolinguística Interacional**. São Paulo. Edições Loyola, 2002.
- ROCHA, L. L. **Teoria queer e a sala de aula de inglês na escola pública: performatividade, indexicalidade e estilização**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PIPGLA), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2013, 255fls.
- RODRIGUES, R. L. de A. A arte de construir um menino ao contar histórias em família. In.: MOITA LOPES, L. P. da. **Discursos de Identidade: Discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas: SP: Mercado de Letras, 2003.
- RODRIGUES, C. Entrevista: a filósofa que rejeita classificações. **Revista Cult**. Nº 185, ano 16, novembro de 2013. São Paulo.
- ROLLEMBERG, A. T. V. M. Entrevistas de pesquisa: oportunidades de coconstrução dos significados. In.: BASTOS, L. C. e SANTOS, W. S. dos (Orgs.). **A entrevista na pesquisa qualitativa: perspectivas em análise da narrativa e da interação**. Rio de Janeiro: Quartet. FAPERJ, 2013, p. 37-48.

SALIH, S. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SANTOS, B. de S. **Um discurso sobre as Ciências Sociais**. 7ª ed. – São Paulo: Cortez, 1987/2010.

SANTOS, W. S. **O longo caminho até Damasco: rede de mudança e fluxo de mudança em Narrativas de Conversão religiosa**. Tese de Doutorado. PUC-Rio, 2007, 210pp.

_____. Níveis de interpretação na entrevista de pesquisa de natureza interpretativa com narrativas. In.: BASTOS, L. C. e SANTOS, W. S. **A entrevista na pesquisa qualitativa: perspectivas em análise da narrativa e da interação**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2013.

SANTOS, K. C. dos. Implicações da noção de sujeito na discussão da responsabilidade de fala. SILVA, D. N. e, FERREIRA, D. M. M. e ALENCAR, C. N. de (Orgs.) **Nova Pragmática: modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014, p. 287-307.

SILVA, D. N.; FERREIRA, D. M. M. e ALENCAR, C. N. de. Uma nova pragmática para antigos problemas. In.: SILVA, D. N. e, FERREIRA, D. M. M. e ALENCAR, C. N. de (Orgs.) **Nova Pragmática: modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014, p. 15-42.

SILVA, L. L. da. **Letramentos queer e trajetórias de socialização na “sala de aula de inglês” do Ensino Fundamental I**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PIPGLA), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015, 276 fls.

SCHNACK, C. M.; PISONI, T. D.; OSTERMAN, A. C. Transcrição da fala: do evento real à representação da escrita. **Revista Entrelinhas**, Ano II, no. 2, maio/agosto, 2005. <http://www.entrelinhas.unisinos.br/index.php?e=2&s=9&a=12>

SCOTT, J. W. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. In.: **The American Historical Review**, Vol. 91, No. 5. (Dec., 1986), p. 1053-1075.

_____. Prefácio a Gender and politics of history. In.: **Cadernos Pagu** (3) 1988/1994: p. 11-27.

_____. Preface to the Revised Edition. In.: **Gender and politics of history**. New York. CUP. 2000, p. ix-xiv.

SEDGWICK, E. K. **Epistemology of the Closet**. Londres: Penguin, 1990.

- SILVERSTEIN, M. The uses and utility of ideology: a commentary. In.:SCHIEFFELIN, B. B.,WOOLARD,K. A. & KROSKRITY, P. V. **Language Ideologies.: Practice and theory**. Oxford. OUP, 1998, p. 123-148.
- _____. Indexical Order and the dialectics of sociolinguistic life. **Language and Communication**. Nº 23. 2003, p. 193-229.
- SILVERSTEIN, M.; URBAN, G. The natural history of discourse. In.: ---. (eds.) **Natural Histories of Discourse**. Chicago: The University of Chicago Press, 1996, p. 1-17.
- SULLIVAN, N. **A critical Introduction to queer theory**. New York: New York University Press, 2003.
- THREADGOLD, T. Performing theories of narrative: theorizing narrative performance. In.: THORNBORROW, J. e COATES, J. **The sociolinguistics of narrative**. Amsterdam: John Benjamins, 2005.
- THORNBORROW, J. & COATES, J. The Sociolinguistics of narrative: identity, performance, culture. In.: ---. **The sociolinguistics of narrative**. Amsterdam: John Benjamins, 2005.
- VENN, C. **Occidentalism. Modernity and Subjectivity**. Londres. SAGE, 2000.
- WALLERSTEIN, I. The time of space and the space of time: the future of social science. **Political Geography**. Vol. 17, nº 1. 1998, p. 71-82.
- WEED, E. From the “useful” to the “impossible” in the work of Joan W. Scott. BUTLER, J. e WEED, E. **The question of gender. Joan Scott’s Critical Feminism**. Indiana University Press, 2011, p. 287-311.
- WOOLARD, K. A. Introduction: Language Ideology as a Field of Inquiry. In.: SCHIEFFELIN, B., WOOLARD, K. A., KROSKRITY, P. V. (Eds.). **Language Ideologies. Practice and theory**. New York. OUP, 1998.
- WOORTMANN, E. F. **Da Complementaridade à Dependência: a mulher e o ambiente em comunidades “pesqueiras” do nordeste**. Brasília. Universidade de Brasília. Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Antropologia. (Série Antropologia, nº. 111), 1992.
- WORTHAM, S. **Narratives in action. A strategy for research and analysis**. Teachers College, Columbia University, 2001.

ANEXO I



CARTA DO IV ENCONTRO DA ARTICULAÇÃO NACIONAL DAS PESCADORAS

Nós, mulheres pescadoras, vindas de 14 Estados do Brasil, contando com a presença de companheiras de outras organizações apoiadoras, estivemos reunidas nos dias 25 a 29 de Agosto de 2014, em Pontal do Paraná-PR, onde, fraternalmente acolhidas pelas companheiras deste lugar, pudemos avaliar a nossa caminhada, discutir as problemáticas consequentes do sistema capitalista e patriarcal atual que atormentam as nossas vidas. Mas, também pudemos construir estratégias e projetar perspectivas para a continuidade de nossa caminhada conjunta. Vivenciamos a experiência de comercialização e resistência das comunidades pesqueiras de Pontal do Paraná e Matinhos.

Expericiamos a força de nossa organização, como mulheres, no contexto de ameaça à vida provocada pelo atual modelo de desenvolvimento econômico no Brasil e reafirmamos nossa identidade de mulheres pescadoras e nosso compromisso na luta em defesa dos nossos territórios com os nossos direitos fundamentais garantidos, tais como: saúde das trabalhadoras da pesca e política integral de saúde da população do campo, das florestas e das águas; direitos trabalhistas e previdenciários.

Vendo-nos, agora, ainda mais fortes e comprometidas com as causas do povo lutador, solidárias com as mulheres do campo e da cidade, vítimas do sistema político e econômico, degradador da vida, sobretudo das populações empobrecidas, aqui tornamos público os desafios, perspectivas e repúdios diante do que aprofundamos e vivenciamos juntas nestes dias.

Entre os nossos principais **desafios**, destacamos:

- Regularização dos territórios das comunidades tradicionais pesqueiras;
- Efetivação dos direitos trabalhistas conquistados;
- Identificação, reconhecimento e tratamento das doenças ocupacionais da trabalhadora da pesca;
- Legítimo atendimento do SUS às mulheres pescadoras, garantindo-lhes o direito constitucional à saúde;
- Eliminação da discriminação-racismo institucional presente nos órgãos governamentais, como: INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) e MPA (Ministério da Pesca e Aquicultura);

- Respeito ao direito à livre associação, conforme garantido na Constituição Federal;

Tais desafios nos encorajam a continuar com a nossa articulação para superarmos os obstáculos que estão sendo colocados em nossa caminhada de mulheres pescadoras merecedoras do digno respeito à vida.

Diante disto repudiamos a política desenvolvimentista do governo que promove os grandes empreendimentos em detrimento da vida, cultura e trabalho de nossas comunidades. REPUDIAMOS e DENUNCIAMOS, em particular, a **política pesqueira atual** que trabalha de modo a extinguir a pesca artesanal e concede apoio privilegiado a pesca e aquicultura empresariais e industriais que acabam com os recursos pesqueiros e privatizam nossos territórios.

REPUDIAMOS, também, a forma como o governo respondeu ao convite de se fazer presente em nosso encontro, sendo que solicitamos o comparecimento de representantes dos Ministérios da Pesca e Aquicultura e da previdência Social que pudessem discutir conosco questões de nível nacional e nos foram enviados representantes de nível local e estadual que não deram conta de cumprir com a função demandada.

Somos uma organização nacional de mulheres que estamos questionando a política nacional e propondo soluções, a exemplo da Regularização dos Territórios das Comunidades Tradicionais pesqueiras. O cúmulo deste descaso foi o fato do representante do MPA, que desconhecendo a nossa organização e o assunto a ser abordado, chegou ao ponto de trazer de brinde aventais e bíblias, como se isto fosse de nosso interesse ou necessidade.

Como perspectivas na continuidade de nossa luta, ERGUAMOS as seguintes bandeiras de luta:

- Defesa de nossos territórios tradicionais pesqueiros;
- Efetivação dos Direitos trabalhistas e Previdenciários;
- Reconhecimento das doenças ocupacionais das trabalhadoras da pesca artesanal;
- Criação do defeso para as espécies pesqueiras trabalhadas pelas mulheres e garantia do seguro defeso para as mesmas.

Em memória de Chandrika Sharma, importante defensora dos direitos das mulheres da pesca artesanal, e dos nossos ancestrais, continuemos em frente, até que todas mulheres pescadoras artesanais tenham seus direitos garantidos e efetivados e a pesca artesanal seja livre das imposições do agro e hidro negócios.

NO RIO E NO MAR – PESCADORAS NA LUTA

NOS AÇUDES E BARRAGENS – PESCANDO LIBERDADE

HIDRONEGOCIO – RESISTIR

CERCAS NAS ÁGUAS - DERRUBAR

ANEXO II

Onde posso tirar dúvidas ?

Venha com sua família às reuniões públicas:

Dia 22 novembro

9:30h na Colônia dos Pescadores/Arraial do Cabo

Dia 23 novembro

9:30h no Entreposto de Figueira/Figueira

Onde posso me cadastrar?

1) Os cadastradores estarão em pontos fixos e pontos móveis perto de sua casa.

2) Se preferir, você e sua família podem se cadastrar, levando xerox e originais de todos os documentos listados, indo diretamente a um dos pontos fixos, nas sedes das associações abaixo, nas datas que forem divulgadas pelos "carros de som". Também podem pedir orientação aos coordenadores da comunidade da pesca de sua localidade.

Pontos fixos de cadastramento :

- AREMAC
- ABTEPAC
- APAC
- COLÔNIA DE PESCADORES Z-05
- PRAINHA/PONTAL
- TRINEIRAS – Marinha dos Pescadores
- MONTE ALTO
- FIGUEIRA

Coordenadores

Eraldo (AREMAC)
Jara (Praia dos Anjos)
Kiko (Praia dos Anjos)
Raimundinho (Praia Grande)
Hamilton (Praia Grande/ Marinha/Colônia)
Melão (Colônia/Marina)
Zé Maria (Trineiras)
Marlon (Praia - canoa/ pescador de Pedra)
Fernando Biló (Praia - caicos/marisqueiros)
Totonho (Pontal)
Nido (Monte Alto e Maricuteiros)
Laércio/Eliseu (M.A, Figueira, Pernambuco, Sabid e Caiçara)

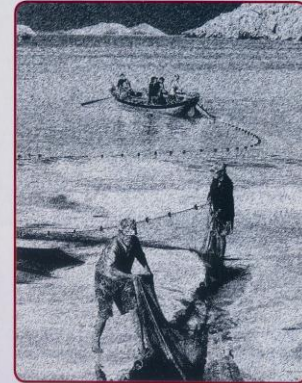


Fundamentos legais:

As famílias beneficiárias, que constituem a população tradicional da RESERVA EXTRATIVISTA MARINHA DE ARRAIAL DO CABO, serão aquelas identificadas por cadastro, elaborado pelo ICMBio, com apoio da AREMAC, aprovado pelo Conselho Deliberativo da RESEXMAR – AC. A área de 50.815,55 ha (cinquenta mil e oitocentos e quinze hectares e cinco ares), compreende um cinturão pesqueiro nos limites da RESERVA EXTRATIVISTA MARINHA DE ARRAIAL DO CABO, entre a Praia da Massambaba, na localidade de Pernambuco e a praia do Pontal, na divisa com Cabo Frio. Fundamenta-se no art. 23, do §10 e 20 item I, II e III da lei nº. 9985, de 18 de julho de 2000, e no artigo 40 do Decreto nº. 4340, de 22 de agosto de 2002 e no Decreto 6.040 de fevereiro de 2007, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

RESERVA EXTRATIVISTA MARINHA DE ARRAIAL DO CABO RESEXMAR- AC

Cadastro de Famílias Beneficiárias



Como faço para me cadastrar?



CONSELHO DELIBERATIVO RESEXMAR-AC - COLÔNIA DE PESCADORES Z-05/AC - APAC - ACRIMAC/RJ - APESCARPA - AVPTBA/AC - AMAREC - APATAC - APAPP - UEPARU - APESCAC - ABTEPAC - RCPF

Por que é obrigatório me cadastrar?

1) A RESEXMAR- AC foi criada em função do pescador artesanal de Arraial do Cabo, sendo permitido somente a ele pescar dentro da reserva. Para saber quem são esses pescadores tradicionais é que realizaremos o cadastramento das famílias beneficiárias da RESERVA EXTRATIVISTA MARINHA DE ARRAIAL DO CABO. Desta forma, o ICMBio, nas ações de fiscalização que fizer no mar, poderá identificar quem são os pescadores autorizados a desenvolver suas atividades na RESEXMAR- AC.

2) Para direcionamento dos programas de benefícios para comunidades tradicionais, que existem no Governo Federal, os órgãos públicos precisam saber quem é você.

Quem pode se cadastrar como beneficiário da RESERVA EXTRATIVISTA MARINHA DE ARRAIAL DO CABO?

O pescador ou pescadora, seu cônjuge ou companheiro (a) e outros integrantes da unidade familiar, que se enquadrem nas seguintes situações:

- 1) dependam unicamente da pesca para se sustentar.
- 2) pesquem para aumentar sua renda, mas também trabalhem em outra atividade por conta própria (exemplos: pedreiros, vendedores ambulantes, empregados domésticos, turismo e outros).
- 3) pesquem para aumentar sua renda, mas também trabalhem empregados com carteira assinada (exemplos: funcionários das prefeituras, de empresas e outros).

IMPORTANTE: O cadastro será por família e não individual. O casal tem que apresentar documentos e assinar juntos o cadastramento.

Que documentos preciso apresentar em xerox e original?

- CPF
- Identidade ou carteira de trabalho
- Carteira de pescador profissional (quem tiver)
- Comprovante de residência, mesmo que não esteja em seu nome

Se eu não tiver CPF ?

O CPF é indispensável. Se você não tiver CPF, antes de fazer seu cadastramento, corra a uma agência dos Correios ou do Banco do Brasil levando sua identidade e comprovante de residência. Você tira seu CPF em 24 hs.

Atenção: Para evitar erros na sua identificação, o cadastrador copiará seu nome exatamente como está escrito nos documentos pessoais que você apresentar. Nunca dê esta informação apenas de boca. Se você tiver um apelido, também informe isto ao cadastrador.

Quem assina o formulário de cadastramento?

Se você é casado ou vive junto, não importa. Se vocês formam um casal, uma família, vocês dois tem que assinar juntos o formulário de cadastramento.

Por que tenho que ser fotografado?

Como este cadastramento vai garantir o seu direito de pescar dentro da RESEXMAR-AC e você ainda poderá receber benefícios do Governo Federal, é importante que tudo seja feito de forma transparente.

Como será feita a minha fotografia?

No ato do cadastramento você poderá ser fotografado ou receber uma senha pessoal e intransferível para ser fotografado em um ponto fixo, perto de sua casa, a ser divulgado pelos "carros de som", durante o período de cadastramento. Quando for fotografado você assinará uma autorização para que sua fotografia seja publicada no impresso que trará o relatório final do cadastramento.

Como posso saber se meu cadastro foi aprovado?

Quando terminar o cadastramento, de posse de todas as informações - em reunião pública, as lideranças de todas as Associações de Pesca, o ICMBio, a AREMAC e o Conselho da RESEXMAR-AC, vão examinar todos os cadastros realizados, conferir nomes, apelidos e fotografias. Finalizados os trabalhos será publicado em impresso especial, todo o histórico do processo de cadastramento e as fotografias de todos os beneficiários da Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo.

Que benefícios poderei receber do Governo Federal?

Segundo os critérios de cada programa de benefícios do Governo Federal, você poderá estar habilitado a receber o Bolsa Verde, financiamento especial para Casa Própria, auxílio para compra de aparelhos de pesca e outros benefícios que serão amplamente divulgados.



ANEXO III



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e
Tecnológica
Instituto Federal do Rio de Janeiro - IFRJ

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(de acordo com as Normas da Resolução nº 196, do Conselho Nacional de Saúde de 10 de outubro de 1996)

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “**Redes de discursos e redes de pescadoras: uma reflexão sobre saberes e histórias de vida em Arraial do Cabo**”. Você foi selecionado(a) para participar de entrevistas e conversas e sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo para sua relação com o(a) pesquisador(a), nem como a Instituição.

O objetivo dessa pesquisa é analisar e entender *os discursos e saberes que formam as identidades sociais de pescadoras de Arraial do Cabo e como são construídas e organizadas as relações sociais entre as pescadoras e os pescadores, a partir de suas histórias de vida e saberes sobre a pesca*.

Não há riscos relacionados com sua participação nessa pesquisa.

As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o anonimato sobre sua participação, por meio da adoção de nomes fictícios para os envolvidos, sempre que os resultados e discussões se tornarem públicos.

Os resultados serão divulgados em apresentações ou publicações com fins científicos ou educativos.

Participar dessa pesquisa **não** implicará nenhum custo para você e, como **voluntário(a)**, você também não receberá qualquer valor em dinheiro como compensação pela sua colaboração e participação.

Você receberá uma cópia deste termo com o email de contato dos pesquisadores envolvidos na pesquisa, caso queira ter maiores esclarecimentos.

Assinatura do(a) pesquisador(a)

IFRJ – Campus Arraial do Cabo
Pesquisador: Maria Aparecida Ferreira
Tel.: 2622-3042
Email: maria.ferreira@ifrj.edu.br

Nome do participante voluntário: _____

Forma de contato: _____

Declaro que entendi os objetivos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em participar,

(Assinatura do participante)

Arraial do Cabo, ____ / ____ / ____.

ANEXO IV



(Zangarejos da pescadora Sandra utilizados na pesca de lula)



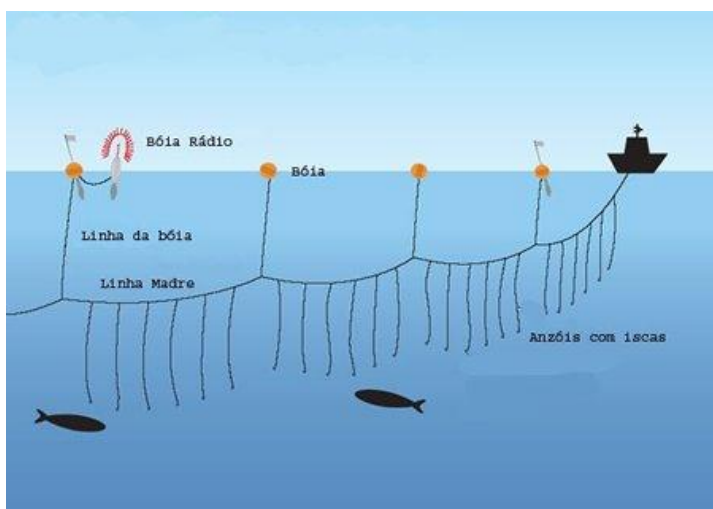
(Canoa grande e pequena – Banco de imagens RESEXMar – AC)



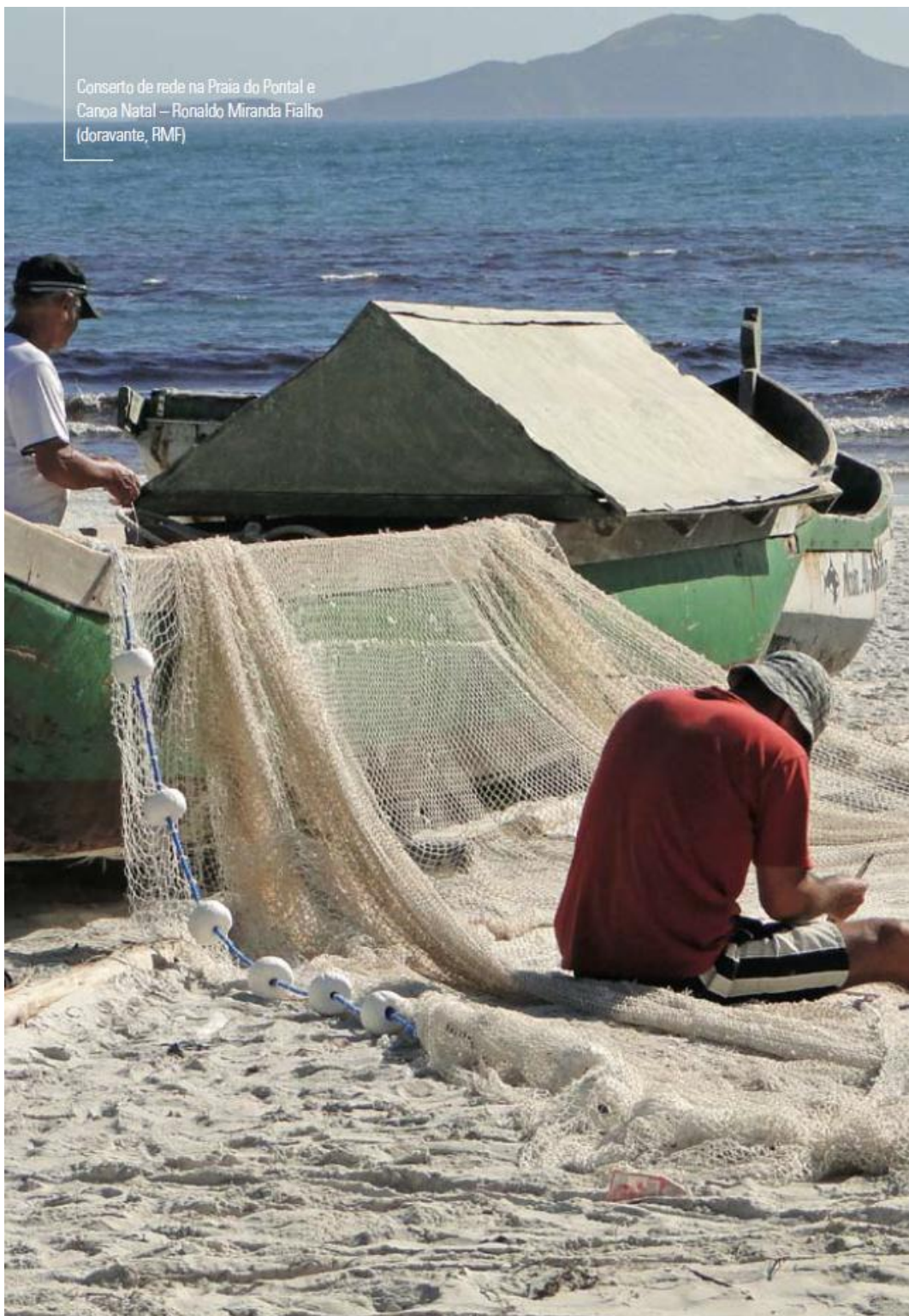
(Bote Boca Aberta, sem casario – Banco de imagens RESEXMar – AC)



(Traineira – Banco de imagens RESEXMar – AC)



(Ilustração de espinhel – um dos instrumentos também utilizado na pesca em Arraial)



(Bote Boca Aberta, com casario e pescadores consertando rede de pesca)

Foto retirada de Ferreira e Fialho (2013)

Anexo V



Costão do Morro do Atalaia		
1. Canto da Praia Grande	8. Furna Grande	15. Radar da Marinha
2. Pesqueiro de Lula	9. Laje do Cavalo	16. Pedra dos Ar Lins
3. Ponta da Cabeça	10. Ponta dos Olhos de Boi	17. Furna das Mulheres
4. Saquinho	11. Pedra Preta	18. Pedra do Raio
5. Tabuleiro	12. Pedrão do Capim	19. Furna do Soldado
6. Furna Pequena	13. Praia Brava	20. Boqueirão
7. Os Praiados da Roça Velha	14. Buraco da Foca	

Costão da Ilha do Farol (Do Boqueirão do Sul em direção à Ponta do Focinho)		
21. Ponta de Deus	27. Quirica	34. Gedió
22. Racha de Nossa Senhora	28. Cachorrinha	35. Ponta da Carinha
23. Valente	29. Bufador Pequeno	36. Saco das Camarinhas
24. Saco do Valente	30. Saco do Inglês	37. Pedra do Urubu
25. Saco das Gaivotas	31. Gruta Azul	38. Pinga – Pinga
26. Pedra das Gaivotas	32. Tambaquista	39. 1º, 2º e 3º Poita da Ponta do Focinho
	33. Bufador	

Da Ponta do Focinho em direção ao Ilhote		
40. Parede de Fora	44. Ponta da Barriquinha	48. Saco da Pedra Miúda
41. Saco do Neve	45. Saco do Capanema	49. Oratório
42. Laje do Neve	46. Arrependido	50. Ilhote
43. Ponta do Anselmo	47. Ponta do Furo	

Do Ilhote em direção à Ponta de Leste		
51. Buraco do Boi	54. Ponta do Meio	
52. Saco Grande	55. Saco da Cachorrinha	
53. Saco Preto ou da Cisterna	56. Saco do Ferreira	
	57. Ponta de Leste	

Ponta de Leste em direção à Ponta do Guriri		
58. Ponta do Anequim	61. Pedra do Chapéu	64. Saco das Abóboras
59. Escadinha	62. Pedra do Raio	65. Ponta do Guriri
60. Pedra da Ferrugem – Pedra Vermelha	63. Maramutá	

Ponta do Guriri em direção ao Boqueirão do Sul (dentro)		
66. Canto da Figueira	69. Pedra Lisa	71. Cavalo
67. Cais da Ilha	70. Bem-Te-Vi	72. Ponta do Sargo
68. Saltador		

Boqueirão do Sul em direção à Praia dos Anjos (Morro do Atalaia)		
73. Lajinha do Boqueirão (Estouro)	76. Saco do Veado (Saco do Gato)	79. Pedra Lisa (Pedra do Vígia)
74. As Prainhas (Canto Grande e Canto Pequeno)	77. Ponta do Caramuru	80. Canto das Cavalas (Canto da Baleia)
75. Buraco do Robalo	78. Os Correios	

Praia dos Anjos em direção à Ponta d'Água		
81. Fortaleza	83. Saco das Graçainhas	
82. Praia do Forno	84. Ponta d'Água	

Ponta d'Água em direção à Ponta Prainha		
85. Saco dos Cardeiros	86. Saco Cheme	87. Ponta da Prainha

Ponta da Prainha em direção à Ponta do Gabriel		
88. Saco da Cotia	91. Prainha	94. Ponta do Meio
89. Praia da Graçainha	92. Canto Grande	95. Ponta do Gabriel
90. Canto Pequeno	93. Ponta do Sururu	

Ponta do Gabriel em direção à Lagoa de Beber		
96. Saco da Baleia	97. Ponta da Baleia	98. Lagoa de Beber

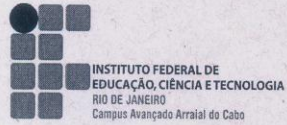
Adaptado de Ferreira e Fialho (2013, p. 31-35).

ANEXO VI

Roteiro para as entrevistas:

1. Nome e idade
2. Quando e por que começou a pescar?
3. O que fazia antes de pescar?
4. Quem lhe ensinou a pescar?
5. A senhora teve que enfrentar alguém (pai, marido, filhos, mãe, vizinhos) para se tornar pescadora?
6. Quais benefícios que a pesca lhe traz (lazer, autonomia financeira liberdade)?
7. A senhora pesca profissionalmente ou por lazer / esporte?
8. O que é preciso saber / conhecer para ser pescadora?
9. A senhora pesca com homens ou mulheres?
10. Já ensinou outras mulheres a pescar? Ou incentivou?
11. Já sofreu algum preconceito ou discriminação por ser mulher na pesca?
12. O pescador as vezes tem segredos sobre os pesqueiros. Você tem histórias de segredo?
13. Quantas vezes por mês costuma ir pescar?
14. Qual peixe é mais fácil de pescar? Por que?
15. Quais instrumentos (rede, linha, zangarejo) a senhora usa para pescar?
16. A senhora conhece muitas pescadoras?
17. A presidente da colônia é uma mulher. A senhora acha que a mulher está sendo mais valorizada na pesca?
18. Os homens lhe respeitam como pescadora?
19. A senhora participou (fez) o cadastramento? Por que?
20. Qual a sua opinião sobre o cadastramento?
21. Tem filhos? Eles pescam?
22. Pescador tem muita história para contar. E a pescadora?

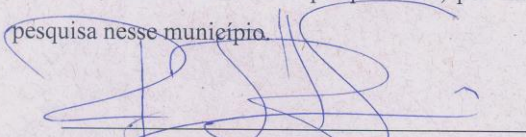
ANEXO VII



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e
Tecnológica
Instituto Federal do Rio de Janeiro - IFRJ

Autorização para uso de imagens

Pelo presente instrumento, autorizo a pesquisadora **Maria Aparecida Gomes Ferreira**, a divulgar, utilizar e dispor, na íntegra ou em parte, para todos os fins cabíveis, inclusive fins institucionais, educativos, informativos, técnicos e culturais, as fotografias de pescadoras de Arraial do Cabo, cedidas à referida pesquisadora, por mim feitas durante minha pesquisa nesse município.


Sociólogo e Pesquisador – Prof. Paulo Barreto

Arraial do Cabo, 12 / 01 / 2015

